



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA – PGEDA
ASSOCIAÇÃO EM REDE CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO NA
AMAZÔNIA – POLO PALMAS**

MARIANA DA SILVA NETA

**INSTITUIÇÃO EDUCATIVA E MEMÓRIAS DO INTERNATO: A HISTÓRIA DA
ESCOLA-FAZENDA CANUANÃ E SUA INFLUÊNCIA NA REGIÃO
AMAZÔNICA (1973-1993)**



**Palmas-TO
2025**

MARIANA DA SILVA NETA



**INSTITUIÇÃO EDUCATIVA E MEMÓRIAS DO INTERNATO: A HISTÓRIA DA
ESCOLA-FAZENDA CANUANÃ E SUA INFLUÊNCIA NA REGIÃO
AMAZÔNICA (1973-1993)**

Tese apresentada à Linha de Pesquisa: Educação na Amazônia: Formação do Educador, Práxis Pedagógica e Currículo, do Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA), Universidade Federal do Tocantins - Polo Palmas, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação na Amazônia.

Orientadora: Dr.^a Jocyléia Santana dos Santos

**Palmas-TO
2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

D229i da Silva Neta, Mariana.

INSTITUIÇÃO EDUCATIVA E MEMÓRIAS DO INTERNATO: A HISTÓRIA DA ESCOLA-FAZENDA CANUANÃ E SUA INFLUÊNCIA NA REGIÃO AMAZÔNICA (1973-1993). / Mariana da Silva Neta. – Palmas, TO, 2025.

226 f.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Doutorado) em Educação na Amazônia - PGEDA, 2025.

Orientador: Jocyléia Santana dos Santos

1. História da Educação. 2. Instituições Educativas. 3. Escola Fazenda Canuanã. 4. Tocantins. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.


Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO
MARIANA DA SILVA NETA


INSTITUIÇÃO EDUCATIVA E MEMÓRIAS DO INTERNATO: A HISTÓRIA
DA ESCOLA-FAZENDA CANUANÁ E SUA INFLUÊNCIA NA REGIÃO
AMAZÔNICA (1973-1993)

Data de Aprovação: 12 / 11 / 2025


Banca Examinadora:

 Documento assinado digitalmente
JOCYLÉIA SANTANA DOS SANTOS
CPF: 2.711.9025-10-03-0000
Verifique em <https://br.gov.br/brgovbr>

Prof.ª Dr.ª Jocyliéia Santana dos Santos – PGEDA/UFT
Orientadora/Presidente

 Documento assinado digitalmente
IVANILDE APOLUCENO DE OLIVEIRA
CPF: 000.000.000-00-0000
Verifique em <https://br.gov.br/brgovbr>

Prof.ª Dr.ª Ivanilde Apoluceno de Oliveira – UEPA/PPGE
Membro Externo

 Documento assinado digitalmente
MARIA DO ESPIRITO SANTO ROSA CAVALCANTE
CPF: 000.000.000-00-0000
Verifique em <https://br.gov.br/brgovbr>

Prof.ª Dr.ª Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro –
PUCGO/PPGHIST
Membro Externo

Prof.ª Dr.ª Elizabeth Figueredo de Sá – UFMT/PPGE
Membro Externo

 Documento assinado digitalmente
NEILA BARBOSA OSÓRIO
CPF: 000.000.000-00-0000
Verifique em <https://br.gov.br/brgovbr>

Prof.ª Dr.ª Neila Barbosa Osório – UFT/PGEDA
Membro Interno

Prof. Dr. Rhuena Kelber Abrão – UFT/PGEDA
Membro Interno

Aos meninos e meninas que tiveram suas infâncias moldadas pelos internatos e marcadas pela pobreza, mas que, mesmo assim, souberam transformar a disciplina em horizonte, o silêncio em memória e a ausência em força. Dedico a esta travessia que também é minha, que me possibilitou entender que a resistência e a sensibilidade podem florescer onde parecia haver somente dureza. Este trabalho é, assim, um gesto de gratidão: à história que me formou, às memórias que me habitam e a todos que, comigo, fizeram da Escola-Fazenda Canuanã um território de sobrevivência, esperança e vida

AGRADECIMENTOS

A *Deus*, origem e destino de todos os caminhos, minha fortaleza nos momentos de incerteza e minha luz quando as sombras tentaram se impor.

À *minha família*, raiz profunda e alicerce da minha existência. Ao meu esposo Dyone, companheiro de jornada, pela paciência e pelo amor que se renova a cada dia. Aos meus filhos, Poliana e Leon, que são flores raras no jardim da minha vida, razão maior da esperança e inspiração constante para seguir. Aos meus pais, João Batista e Eva, que me ensinaram a plantar valores de honestidade, simplicidade e perseverança, sementes que brotam em cada conquista. Aos meus irmãos, irmãs, sobrinho(as), cunhado(a)s, padrasto, madrasta e sogra pela presença amorosa que colore minha trajetória com afeto e cumplicidade.

À minha orientadora, professora *Dr.^a Jocyleia Santana*, expressei minha mais profunda gratidão. Sua sensibilidade, rigor acadêmico e firmeza foram a bússola segura desta travessia. Com sabedoria, generosidade e olhar atento, soube transformar dúvidas em aprendizados, desafios em oportunidades de crescimento e orientações em caminhos fecundos. Sua presença foi decisiva para que esta pesquisa alcançasse consistência teórica e densidade analítica, sem perder de vista a humanidade e o compromisso com a educação.

Ao professor *César Bressanin*, agradeço as reflexões partilhadas e pelo incentivo constante, que se converteram em fios de sustentação para a construção desta tese.

Às *Cajazeiras*, amigas que, com lealdade e ternura, estiveram sempre presentes, oferecendo suporte e companheirismo inabaláveis.

Aos *colegas do doutorado*, destaco as guerreiras do Grupo de Pesquisa HHFPE, Malu, Darlene, Graciene, Kely e Isabella, companheiras de travessia, com quem dividi inquietudes e descobertas, tornando esta caminhada menos solitária e mais esperançosa.

À *amiga-irmã* Aldizia Araújo, por ser presença de ternura e firmeza, sempre ao meu lado; à *amiga* Marildes Coelho, pela parceria fiel nas entrevistas, que se transformou também em encontros de vida e à minha cunhada querida Maria Celeste, pela disponibilidade em “pegar a estrada” comigo durante as entrevistas.

Às minhas *revisoras* prediletas: amiga Silvéria Basniak e a querida sobrinha Marynne Juliate, revisoras cuidadosas e afetuosas, que bordaram cada palavra com paciência e dedicação.

Aos *colegas da SEDUC/TO*, cuja colaboração na busca e organização de documentos foi essencial para dar solidez a esta obra.

Aos *Egressos de 1985*, meus companheiros de jornada e de lembranças, agradeço por abrirem suas memórias e cederem materiais preciosos, que se tornaram pilares para a construção desta pesquisa e para a preservação da história da Escola-Fazenda Canuanã.

À *Universidade Estadual do Tocantins*, que me acolheu e incentivou, permitindo que este sonho ganhasse corpo e voz. Aos amigos da UAB/Unitins, pela compreensão e parceria diária.

À *Fundação Bradesco*, pela disponibilidade em abrir seus arquivos e permitir o acesso aos documentos da *Escola-Fazenda Canuanã*, tornando possível dar voz à memória e à história.

Aos *docentes do Programa de Pós-Graduação Doutorado em Educação na Amazônia*, que semearam conhecimento com dedicação, abrindo horizontes e fortalecendo a coragem de seguir adiante.

E, de modo muito especial, a *todos os participantes da pesquisa* – ex-alunos, professores, gestores, pais e comunidade – que, ao compartilharem suas memórias, me ofereceram dados e pedaços de vida, além de sentimentos e histórias que se entrelaçam com a minha. A cada um e a cada uma, minha gratidão eterna, pois este trabalho é, sobretudo, uma mistura de vozes, lembranças e afetos.

RESUMO

A tese vincula-se à Linha de Pesquisa *Educação na Amazônia: Formação do Educador, Práxis Pedagógica e Currículo*, do Programa de Pós-Graduação em Educação – Doutorado em Educação na Amazônia (PGEDA), Associação em Rede, Polo Palmas, Universidade Federal do Tocantins. Insere-se no campo da História da Educação e contribui para os estudos sobre instituições educativas, cultura escolar e experiências de internato. O objeto de investigação é a Escola-Fazenda Canuanã, criada e mantida pela Fundação Bradesco em regime de internato, localizada no município de Formoso do Araguaia, então norte de Goiás, atual estado do Tocantins. O recorte temporal abrange o período de 1973 a 1993, correspondente à fase de implantação e consolidação da escola. A pesquisa, de natureza qualitativa, situa-se no âmbito da História das Instituições Educativas, fundamenta-se na História Oral Temática e adota como referência analítica a História Cultural de Roger Chartier. O problema central que orienta o estudo é: como a Escola-Fazenda Canuanã contribuiu para a formação de sujeitos e para o desenvolvimento regional de Formoso do Araguaia entre 1973 e 1993, ao mesmo tempo em que se configurou como parte de um projeto de intervenção territorial, isto é, uma iniciativa que ultrapassou os limites do campo educacional e visou reorganizar o espaço social, cultural e econômico da região, disciplinando sujeitos e incorporando práticas de trabalho vinculadas à lógica do agronegócio e às políticas estatais de ocupação da Amazônia? O objetivo geral foi investigar a história da Escola-Fazenda Canuanã e suas motivações na formação dos sujeitos e no desenvolvimento da região de Formoso do Araguaia, antigo norte de Goiás, atual sudoeste do Tocantins, no período de 1973 a 1993. Os objetivos específicos foram os seguintes: contextualizar o cenário histórico, político, social, econômico, educacional e cultural que possibilitou a criação da Escola-Fazenda Canuanã pela Fundação Bradesco, em 1973, no antigo norte de Goiás; analisar os elementos da cultura escolar da Escola-Fazenda Canuanã, manifestados em práticas, valores, normas, símbolos, relações sociais, objetos, espaços e rituais que constituem suas dimensões material e imaterial; reconstituir a trajetória da Escola-Fazenda Canuanã, no período de 1973 a 1993, com base nas experiências dos sujeitos envolvidos e nas fontes documentais. Como referencial teórico fundamentamos em Alberti (2005), Certeau (1994, 2020), Chartier (1990), Frago (1995, 2001), Gatti Júnior (2002, 2007), Julia (2001), Santos (2005), Vidal (2005). O percurso metodológico envolveu: (i) mapeamento de teses e dissertações nos Programas de Pós-Graduação da região Norte; (ii) produção de um estado do conhecimento a partir dos descritores *Fundação Bradesco, Escola-Fazenda Canuanã, internato, cultura escolar e instituição educativa*; (iii) organização do corpus da pesquisa, incluindo fontes documentais oficiais, iconográficas e orais, constituídas por sujeitos que vivenciaram a história da instituição e compartilharam suas memórias. Os resultados evidenciam que a Escola-Fazenda Canuanã se configurou como experiência singular de internato na Amazônia. Articulado práticas educativas e disciplinares, formou sujeitos e consolidou padrões de comportamento e trabalho. Ao mesmo tempo em que contribuiu para o desenvolvimento social, econômico e cultural da região, revelou-se parte de um projeto mais amplo de intervenção territorial, no qual emergem tensões significativas entre povos originários, educação e interesses socioeconômicos.

Palavras-chave: História da Educação. Internato. Instituições educativas. Escola-Fazenda Canuanã. História Oral. Tocantins

ABSTRACT

This thesis is linked to the Research Line Education in the Amazon: Teacher Training, Pedagogical Praxis and Curriculum, of the Postgraduate Program in Education – Doctorate in Education in the Amazon (PGEDA), Network Association, Palmas Campus, Federal University of Tocantins. It falls within the field of History of Education and contributes to studies on educational institutions, school culture, and boarding school experiences. The object of investigation is the Canuanã Farm-School, created and maintained by the Bradesco Foundation as a boarding school, located in the municipality of Formoso do Araguaia, then northern Goiás, now the state of Tocantins. The time frame covers the period from 1973 to 1993, corresponding to the implementation and consolidation phase of the school. The research, of a qualitative nature, is situated within the scope of the History of Educational Institutions, is based on Thematic Oral History, and adopts Roger Chartier's Cultural History as an analytical framework. The central problem guiding this study is: how did the Canuanã Farm-School contribute to the formation of individuals and the regional development of Formoso do Araguaia between 1973 and 1993, while simultaneously being part of a territorial intervention project—that is, an initiative that went beyond the limits of the educational field and aimed to reorganize the social, cultural, and economic space of the region, disciplining individuals and incorporating work practices linked to the logic of agribusiness and state policies for the occupation of the Amazon? The general objective was to investigate the history of the Canuanã Farm-School and its motivations in the formation of individuals and the development of the Formoso do Araguaia region, formerly northern Goiás, now southwestern Tocantins, during the period from 1973 to 1993. The specific objectives were as follows: to contextualize the historical, political, social, economic, educational, and cultural scenario that enabled the creation of the Canuanã Farm-School by the Bradesco Foundation in 1973, in the former northern region of Goiás; to analyze the elements of the school culture of the Canuanã Farm-School, manifested in practices, values, norms, symbols, social relations, objects, spaces, and rituals that constitute its material and immaterial dimensions; to reconstruct the trajectory of the Canuanã Farm-School, from 1973 to 1993, based on the experiences of the subjects involved and on documentary sources. Our theoretical framework was based on Alberti (2005), Certeau (1994, 2020), Chartier (1990), Frago (1995, 2001), Gatti Júnior (2002, 2007), Julia (2001), Santos (2005), and Vidal (2005). The methodological approach involved: (i) mapping theses and dissertations in Postgraduate Programs in the Northern region; (ii) producing a state-of-the-art review based on the descriptors Fundação Bradesco, Escola-Fazenda Canuanã, boarding school, school culture, and educational institution; (iii) organizing the research corpus, including official documentary, iconographic, and oral sources, constituted by subjects who experienced the history of the institution and shared their memories. The results show that Escola-Fazenda Canuanã was a unique boarding school experience in the Amazon. Articulating educational and disciplinary practices, it shaped individuals and consolidated patterns of behavior and work. While contributing to the social, economic, and cultural development of the region, it also revealed itself as part of a broader project of territorial intervention, in which significant tensions emerge between indigenous peoples, education, and socioeconomic interests.

Keywords: History of Education; Boarding school; Educational institutions; Canuanã Farm-School; Oral History; Tocantins.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 – Onde tudo começou: o verbo moldado em ferro e silêncio
- Figura 2 – Triângulo dialógico: quando os dados conversam entre si
- Figura 3 – Fragmentos em diálogo: escutar, observar e decifrar o vivido
- Figura 4 – Silêncios preservados: um museu entre origens e continuidades
- Figura 5 – Entre paredes e histórias: o encontro da investigação com a lembrança
- Figura 6 – Entre papéis e fotografias: reconstruindo histórias silenciadas
- Figura 7 – Rostos que fazem a história da Escola-Fazenda Canuanã
- Figura 8 – Localização da Escola-Fazenda Canuanã
- Figura 9 – Mapa do estado do Tocantins com a localização de Formoso do Araguaia - TO
- Figura 10 – Rostos marcados pelo silêncio: memória e violência no encontro de mundos
- Figura 11 – Entre o espetáculo e o silêncio: corpos e histórias à mercê do olhar alheio
- Figura 12 – O marco inaugural: nascimento de um projeto no papel e na história
- Figura 13 – Declaração de Princípios de Amador Aguiar: as palavras que projetam o futuro
- Figura 14 – Reflexos públicos: a escola-modelo sob o olhar da imprensa
- Figura 15 – Quando a norma desenha o caminho: diretrizes para um projeto educacional
- Figura 16 – Entre notas e memórias: o fechamento da etapa inaugural
- Figura 17 – Entre fugas e retornos: nomes que resistem ao tempo (1982)
- Figura 18 – Mapa e lugar: a configuração do ambiente que abriga histórias
- Figura 19 – Entre cliques e caminhos: o mapa que revela novas perspectivas
- Figura 20 – Sombras, histórias e infância: as malocas e a memória viva

Figura 21 – Brincar à sombra das malocas: infâncias que giram onde o tempo repousa

Figura 22 – Morada dos Pássaros - 2023: cores que anunciam outros voos no território

Figura 23 – Onde o corpo descansa e a disciplina vigia: retrato íntimo dos alojamentos

Figura 24 – Morada das Meninas: cotidiano tecido entre flores, gestos e silêncios (2023)

Figura 25 – Entre o abrigo e a rotina: a intimidade silenciosa das moradas escolares

Figura 26 – Primeiras fileiras da história: o 3º ano e os rostos de 1974

Figura 27 – Depois do começo, o caminhar: os passos firmes do 4º ano em 1975

Figura 28 – Entre o azul da ordem e o branco da pureza: os significados que vestem o corpo

Figura 29 – Uniformes que dançam: roda de cores e movimentos coloridos

Figura 30 – Entre regras e brincadeiras: o uniforme como palco da liberdade infantil

Figura 31 – Dobras de cor e movimento: a leveza das saias plissadas no cotidiano escolar

Figura 32 – Shorts e liberdade: vestígios de mudança no vestir das estudantes

Figura 33 – Bandeiras, posturas e silêncios: coreografias da obediência em 1983

Figura 34 – Entre hinos e memórias: uma década de história em Canuanã

Figura 35 – Pequenos gestos, grandes sentidos: a escola como espaço de cuidado coletivo

Figura 36 – Rostos prontos, corações inquietos

Figura 37 – No compasso do olhar

Figura 38 – Meu primeiro baile: entre laços e raízes

Figura 39 – Visualização das memórias coletivas: eventos marcantes em nuvem de palavras

Figura 40 – Entre palavras e sentimentos: o relato de Ana Milhomem para Dona Santa, 1985

Figura 41 – Laços que atravessam o tempo (turma de 1989)

Figura 42 – Rostos e lembranças de uma trajetória coletiva

QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Mapeamento de Dissertações e Teses - Descritor “Fundação Bradesco”

Quadro 2 – Mapeamento de Dissertações e Teses - Descritor “Internato”

Quadro 3 – Mapeamento de Dissertações e Teses - Descritor “Cultura escolar”

Quadro 4 – Mapeamento de Dissertações e Teses - Descritor “Instituição Educativa”

Quadro 5 – Alunos egressos da Escola-Fazenda Canuanã

Quadro 6 – Docentes que atuaram na Unidade de Ensino

Quadro 7 – Gestores que atuaram na Unidade de Ensino

Quadro 8 – Representante de pais e/ou da comunidade

Tabela 1 – Quantitativo de alunos e turmas da Escola-Fazenda Canuanã, em 1973

Tabela 2 – Entre números e memórias: evolução do quantitativo de alunos nas primeiras décadas da escola - 1º grau

Tabela 3 – Entre números e memórias: Evolução do quantitativo de alunos nas primeiras décadas da escola - 2º grau

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Arena – Aliança Renovadora Nacional

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CEE – Conselho Estadual de Educação

CEMST – Centro de Ensino Médio Santa Terezinha

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CFIB – Companhia Ford Industrial do Brasil

CT – Colégio Tocantins

EAA – Escola de Agronomia da Amazônia

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENE – Escola Normal Evangélica

Esvam – Escola de Vila Amazonas

ETF – Escola Técnica Federal

FB – Fundação Bradesco

FIC – Formação Inicial e Continuada

Funai – Fundação Nacional do Índio

GT – Grupo de Trabalho

HC – História Cultural

HIE – História das Instituições Educativas

HO – História Oral

HOT – História Oral Temática

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Icomi – Indústria e Comércio de Minérios

IES – Instituições de Ensino Superior

IFTO – Instituto Federal do Tocantins

IFAM – Instituto Federal do Amazonas

IFRS – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

MHB – Museu Histórico Bradesco

MPF – Ministério Público Federal

PCdoB – Partido Comunista do Brasil

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação

PGEDA – Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia

ProfEPT – Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica

RIBA – *Royal Institute of British Architects*

SEDUC – Secretaria de Estado de Educação do Tocantins

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TFA – Território Federal do Amapá

UEA – Universidade do Estado do Amazonas

UFAC – Universidade Federal do Acre

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

Ufopa – Universidade Federal do Oeste do Pará

UFPA – Universidade Federal do Pará

UFRR – Universidade Federal de Roraima

UFT – Universidade Federal do Tocantins

ULBRA – Universidade Luterana do Brasil

Unifap – Universidade Federal do Amapá

UNIR – Universidade Federal de Rondônia

UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

SUMÁRIO

1	ASPECTOS INTRODUTÓRIOS	18
2	CAMINHOS TEÓRICOS, DELINEAMENTO DA PESQUISA E ESTADO DO CONHECIMENTO: TRAÇANDO TRAJETÓRIAS PARA A INVESTIGAÇÃO DA ESCOLA-FAZENDA CANUANÃ	32
	2.1 Sob diferentes olhares e saberes	33
	2.1.1 Fundação Bradesco: entre filantropia, economia e questões sociais.....	33
	2.1.2 Escola-Fazenda Canuanã: a escassez de produção científica e os desafios para pesquisadores da Amazônia.....	41
	2.1.3 Morar e estudar no mesmo lugar: reflexões e revelações das pesquisas sobre o regime de internato	45
	2.1.4 Entre mobiliários, espaços e tempos escolares: a cultura escolar na construção dos ambientes de aprendizagem	48
	2.1.5 A Região Amazônica e os caminhos da educação: pesquisas sobre instituições educativas	51
	2.2 Tramas teóricas e metodológicas: tecendo saberes e caminhos para compreender e transformar	57
	2.3 Objeto de estudo: a arte de desvendá-lo em saberes e significados	62
	2.4 Instrumentos de coleta de dados e análise: ferramentas para entender o objeto de estudo	65
	2.4.1 Conexões históricas por meio de análise documental.....	66
	2.4.2 Entrevistas semiestruturadas e questionário: meios para captar experiências e significados	72
	2.4.3 Pesquisa bibliográfica e a conexão entre textos e teorias para a construção do saber	74
	2.5 Participantes da pesquisa: sujeitos que tecem as narrativas do estudo	74
	2.6 Compromisso ético e as garantias de proteção aos participantes da pesquisa	78
	2.7 Riscos inerentes aos participantes: reflexões e cuidados éticos no processo de pesquisa	79
	2.8 Benefícios e resultados esperados: reflexões sobre os impactos da pesquisa	80
3	ENTRE ALDEIAS, ILHAS, FLORESTA AMAZÔNICA E CERRADO - HISTORIANDO A EDUCAÇÃO QUE CHEGA POR MEIO DA FUNDAÇÃO BRADESCO 81	
	3.1 Contextualizando o cenário histórico, político, social e cultural brasileiro durante a construção da Escola-Fazenda Canuanã	81
	3.1.1 Dos recantos do norte de Goiás ao município de Formoso do Araguaia: análise das condições que levaram à implantação da escola-fazenda	82
	3.1.2 Mata Azul - último refúgio dos Avá-Canoeiro do Araguaia após décadas de massacres e fuga e a Fazenda Canuanã dos Irmãos Pazzanese.....	88
	3.2 Banco Bradesco e Fundação Bradesco: trajetória e ideais	93
	3.3 Da fazenda à escola-fazenda: registros da primeira instituição educativa em regime de internato da Fundação Bradesco	100

3.3.1 Início de uma jornada: os alunos pioneiros e os desafios de adaptação ao internato.....	104
4 CULTURA ESCOLAR NA ESCOLA-FAZENDA CANUANÃ: UM OLHAR SOBRE A MATERIALIDADE, A EDUCAÇÃO E A VIDA COTIDIANA.....	113
4.1 A materialidade da educação.....	116
4.1.1 Arquitetura, mobiliário e espaços na Escola-Fazenda Canuanã: um retrato da estrutura escolar	116
4.1.2 Uniformes e identidade: a cultura escolar na Escola-Fazenda Canuanã.....	129
4.2 Cultura escolar: valores e identidades em construção	139
4.2.1 Tradições e pertencimento: a formação do sujeito na Escola-Fazenda.....	140
4.2.2 Disciplina, regras e rituais: a vida escolar como espaço de socialização.....	144
5 VOZES QUE ECOAM: MEMÓRIAS DOS SUJEITOS E A TRAJETÓRIA NA ESCOLA-FAZENDA CANUANÃ.....	152
5.1 Raízes e caminhos: estudantes, docentes, gestores e pais e/ou comunidade	161
5.2 Vida em Canuanã: a rotina e as impressões da vivência em regime de internato	169
5.3 Marcas de Canuanã: lembranças que transformaram trajetórias e construíram sonhos	173
CONSIDERAÇÕES FINAIS	180
REFERÊNCIAS	186
APÊNDICES	196
ANEXOS	206

1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

As paredes da Escola-Fazenda Canuanã sussurram as lembranças de vozes frágeis e ansiosas, dos choros abafados e gritos sufocados que revelavam o medo e a saudade de crianças tão pequenas, mas já marcadas por duras vivências.

Eu fui uma dessas crianças e cabe ressaltar que minha história de vida encontra ecos na trajetória de Fabiano e sua família, narrada por Graciliano Ramos na obra *Vidas Secas*¹. Sou a terceira filha, entre os quatro descendentes de João Batista Silva, homem forte, íntegro e trabalhador, que saiu de Balsas no Maranhão ainda criança, em direção ao norte de Goiás.

Do lado materno, procedo de Eva da Costa Silva, natural de Goiatins, que, em plena juventude, acompanhou seus pais em uma longa jornada a pé, em busca de melhores condições de vida nas proximidades da Ilha do Bananal. Assim como para a família de Fabiano, essa travessia não foi apenas um deslocamento físico, mas um ato de resistência e esperança, enfrentando os desafios impostos pela pobreza e pela desigualdade social. Ainda jovens, João Batista e Eva Costa uniram suas vidas e constituíram uma família em meio a um cenário marcado pela extrema pobreza e pela escassez de recursos.

Nasci em um dos lugares mais belos e isolados deste país, a Ilha do Bananal, onde as águas, os pássaros e a natureza exuberante convivem em harmonia. Embora a paisagem fosse de uma beleza incomparável, minha vida seria marcada por desafios que, desde cedo, testariam minha resiliência. Desde os primeiros anos de vida aprendi o valor das coisas simples, das dificuldades, da dureza do trabalho, mas também das alegrias das brincadeiras entre irmãos, primos e vizinhos.

Apesar das adversidades, meus pais dedicaram-se incansavelmente à criação dos filhos, enfrentando desafios diários que demandavam tanto esforço físico quanto força espiritual. A luta por sobrevivência os aproximava das angústias vividas por Sinhá Vitória em *Vidas Secas*, que, diante da precariedade e da incerteza, “benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas” (Ramos, 2013, p. 54). Assim como a personagem de Graciliano Ramos, Eva e João Batista encontravam na fé e na perseverança os recursos necessários para seguir adiante, sustentando a esperança de oferecer aos filhos uma vida mais digna. Esse movimento, marcado pela resistência diante das adversidades, é parte constitutiva da minha identidade e inspira a reflexão que permeia esta pesquisa.

¹ A obra *Vidas Secas*, de autoria de Graciliano Ramos, foi publicada em 1938.

A realidade da pobreza se mostrava em cada simples refeição, em cada roupa feita por nossa mãe e em cada esforço para manter a família unida. Ainda assim, havia amor, e isso nos mantinha firmes.

Tudo isso se quebrou quando eu ainda era muito pequena. Por volta dos sete anos, algo que parecia inabalável se partiu: meus pais se separaram. A separação foi um golpe duro para o meu coração infantil, incapaz de entender completamente as razões e as consequências. Logo, minha vida tomou um rumo inesperado. Minha irmã mais velha foi morar na casa de pessoas conhecidas para dar continuidade aos estudos na cidade, eu e meus outros dois irmãos fomos para o internato, pois, na década de 1970, o norte goiano, conhecido como terra de ninguém ou corredor da miséria, recebera a Escola-Fazenda Canuanã, que funcionava em regime de internato.

Ao chegarmos os três ao colégio, percebemos que as regras eram rígidas e o afeto, muitas vezes, escasso. O internato era o oposto da liberdade que eu conhecera na Ilha do Bananal. Ali, aprendi sobre disciplina, mas também sobre solidão. Longe da minha família, tive que crescer rapidamente e aprender a me adaptar. Infelizmente, meu irmão caçula não conseguiu encontrar nesse ambiente a estrutura de que precisava. A adaptação foi difícil para ele, e, com o tempo, acabou sendo expulso do internato por comportamento inadequado. A dor de vê-lo partir foi intensa, mas ao mesmo tempo reforçou em mim a determinação de seguir adiante e de me manter focada nos meus estudos. Esse sentimento me guiou, mesmo nas horas mais difíceis, quando a solidão parecia esmagadora.

Mas o internato, com todos os seus desafios, também se mostrou um lugar de superação. Encontrei na educação uma porta para novos mundos e uma chance de mudar meu destino. Cada desafio era visto como uma oportunidade de provar a mim mesma que, embora nascida em condições adversas, eu não seria definida por elas.

Após o início de uma vida de descobertas, ecoava ainda o desejo daquela menina preta, de mostrar ao mundo o imenso potencial dos negros, daqueles que a história muitas vezes destituiu e silenciou, e dos indígenas, que inspiram uma escola como Canuanã a celebrar a força dos povos originários. Naquele espaço, onde cada criança trouxe sua luta, há sempre um lembrete de que Canuanã é mais do que um internato: é um lugar onde sonhos se tornaram em caminhos, onde crianças de todas as cores e origens sonharam não só em vencer, mas também em dar voz e significado às suas histórias.

As paredes da Escola-Fazenda Canuanã guardam ecos que vão além dos medos e das ausências; nelas também ressoam sonhos tímidos, mas persistentes, como o futuro de uma menina preta e pobre que, apesar de todas as dificuldades, queria ser doutora. Há também o

futuro da menina que um dia revisaria grandes periódicos, transformando sua realidade e as de tantos outros que, como ela, ainda não haviam tido a chance de se reconhecerem histórias de conquista e protagonismo. E lá eu permaneci até concluir o Ensino Fundamental, quando falei ao meu pai que não gostaria de permanecer no internato, pois não queria ser professora. Isso porque naquela época só existia a possibilidade de cursar o Magistério ou Técnico em Agropecuária.

Quando eu estava finalizando o Ensino Médio, resolvi me inscrever no vestibular da Universidade Federal do Tocantins (UFT), em Porto Nacional, onde havia os cursos de História, Geografia, Letras e Ciências Biológicas; e eu optei por Letras. A Escola-Fazenda Canuanã faz parte das minhas narrativas, porque, como alguém das Letras, vejo-me como um sujeito histórico, entrelaçado às histórias que estudo e narro.

Passar no vestibular de uma instituição pública federal representou uma conquista significativa para uma jovem preta e de origem humilde da Ilha do Bananal. A aprovação trouxe uma sensação indescritível de vitória, marcada por alívio, orgulho e felicidade. Além disso, o ingresso em uma universidade pública reconhecida pela qualidade de ensino e pela diversidade reforçou a sensação de pertencimento e motivou a dedicação máxima aos estudos, culminando, em 1989, na formatura como a acadêmica mais jovem da turma. Para completar, formei-me também em Pedagogia, outro sonho de criança que foi realizado.

Após a conclusão da graduação, o começo da trajetória profissional foi na iniciativa privada, onde surgiram as primeiras oportunidades de aplicar os conhecimentos adquiridos. Contudo, esse período também trouxe à tona profunda insegurança, pois a adaptação ao ambiente de trabalho, às responsabilidades e às expectativas da equipe gestora inicialmente foram assustadoras para mim, mas o carinho e o afeto recebidos das crianças superavam tudo.

Apesar dos desafios, esse ambiente foi fundamental para o desenvolvimento de habilidades, compreensão do cotidiano escolar e adaptação às demandas do ensino. Com o tempo, a prática ajudou a superar as incertezas, e essa experiência foi decisiva para o acesso à rede pública de ensino, quando fui aprovada no concurso do estado do Tocantins.

Como sempre gostei de enveredar pelo mundo da pesquisa, considerando que tenho duas graduações e que atuo tanto na área de Letras quanto de Pedagogia, o sonho de fazer Mestrado era para ambas, mas cursaria o que conseguisse primeiro. Assim, iniciei como aluna especial no Mestrado em Letras, na UFT, campus de Porto Nacional, cursando duas disciplinas e, em 2017, fui aprovada na seleção.

Considero que fui ousada em investigar ensino híbrido ainda em 2017, quando aqui no Brasil ainda não havia muitos estudos, nem vivência. Outro aspecto relevante e também gratificante para mim foi o fato de retornar à escola onde estudei o Ensino Médio e trabalhei por dez anos para desenvolver a minha pesquisa de Mestrado. Aqueles corredores, após mais de dez anos distante, me trouxeram uma verdadeira nostalgia e vontade de fazer uma boa entrega, em agradecimento por todo o aprendizado naqueles anos como estudante e depois como docente. Como resultado da pesquisa de Mestrado, publiquei o livro intitulado: *Ensino híbrido em linguagens, códigos e suas tecnologias: vivências e reflexões de docentes e discentes*.

Finalizei o Mestrado em 2018 e disse a mim mesma: “chega de estudar”. Naquele mesmo ano, ao ler o Jornal do Estado do Tocantins, deparei-me com uma reportagem que destacava a conquista da Escola-Fazenda Canuanã: o prestigiado Prêmio Internacional RIBA 2018, concedido pelo *Royal Institute of British Architects* (RIBA). Realizado a cada dois anos no Reino Unido, o prêmio celebra projetos de arquitetura que demonstram excelência no design e impacto social. A escola foi reconhecida por sua arquitetura inovadora e sustentável, que promoveu um ambiente acolhedor e funcional para os alunos, destacando-se como referência mundial na integração entre arquitetura e educação.

Isso me fez lembrar da dedicatória que eu havia feito na dissertação, com destaque aos anos de estudos no colégio em regime de internato e recordei o quanto aquela instituição foi importante na minha formação pessoal e acadêmica. Considerando que eu já estava aposentada da Secretaria de Estado de Educação de Tocantins (SEDUC/TO) e atuando somente no Ensino Superior, percebi o quanto era oportuno tentar o Doutorado, principalmente porque havia vaga disponível na linha de pesquisa 1: “Educação na Amazônia: formação do educador, práxis pedagógicas e currículo”, para a temática “História da Educação e das instituições educativas”.

Sem grandes pretensões e, apesar de não possuir formação em História, um projeto foi elaborado e submetido com o incentivo, orientação e apoio de um grande amigo. Cada etapa do processo foi celebrada como uma conquista, até o resultado que aprovou o início dos estudos em 2022.

Essa nova etapa foi recebida com uma série de reflexões e questionamentos, tanto pessoais quanto de familiares, amigos e conhecidos que indagavam sobre a motivação para o Doutorado. Comentários como “Para que fazer Doutorado agora?” e “Você já está aposentada; aproveite para viajar” refletiam visões diversas sobre o significado e o propósito de se lançar em um novo desafio acadêmico após uma trajetória consolidada.

Diferente de outros pesquisadores, que relatam o início de seus interesses temáticos ainda na graduação ou no Mestrado, a minha motivação para esta pesquisa foi muito pessoal e representou um desafio que decidi enfrentar. Imergir em um ambiente novo traz aflição, tensão e angústia, mas o desejo de investigar uma instituição educativa da qual fiz parte suavizou essas incertezas. Dessa forma, uni o interesse pela pesquisa com trabalhos intelectuais e produções acadêmicas que enriqueceram minha trajetória. Assim, surgiu o projeto inicial intitulado “Uma Instituição Educativa na Região Norte do Brasil: a Escola-Fazenda Canuanã (1973-2023)”.

Como em quase todos os projetos, nesse também foi necessário fazer ajustes, principalmente quando foram iniciadas as pesquisas e as leituras mais aprofundadas e a participação em eventos científicos com apresentação dos resultados parciais. Logo, tanto o título quanto o recorte temporal desta tese foram alterados, resultando em: “Instituição educativa e memórias do internato: a história da Escola-Fazenda Canuanã e sua influência na Região Amazônica (1973-1993)”.

Canuanã não é apenas um objeto de pesquisa, é um reflexo da minha própria trajetória de vida, um eco de quem eu sou, que despertou meu olhar de pesquisadora. Esse vínculo se aprofunda ainda mais pelo meu trabalho com História Oral temática, que me permite mergulhar nas vozes que ressoam na Amazônia cheia de histórias que ainda clamam por serem contadas.

A temática explorada nesta tese encontra profunda conexão com o programa Educanorte, o pioneiro no Brasil a se dedicar exclusivamente à Amazônia. Segundo a pesquisa e professora Dra Jocyléia Santana dos Santos, que acompanhou e implantou o programa desde 2017 até 2025 no Polo Palmas, o Educanorte, como é conhecido, ou seja, o Doutorado em Educação da Amazônia representa um marco para a educação e a pesquisa no país, especialmente ao suprir uma carência histórica de doutores na Região Norte. Sua criação reflete um esforço contínuo para fortalecer as vozes e o conhecimento local, beneficiando pesquisadores e contribuindo para o desenvolvimento acadêmico de uma região frequentemente marginalizada nos cenários de formação superior.

Desde o início, os doutores e as doutoras pioneiras lutaram por um programa acessível que abrangesse cem alunos, enfrentando desafios e críticas que questionavam sua viabilidade, pois alguns insistiam que seria impossível fazer algo assim funcionar, especialmente ao contar com a internet em uma região de limitada infraestrutura tecnológica. No entanto, essa persistência foi essencial para abrir caminhos, transformando o Educanorte

em uma iniciativa ousada, que buscou enfrentar barreiras para levar ensino e pesquisa a quem mais precisava.

O Educanorte se consolidou como um marco histórico para a Região Norte, envolvendo nove universidades e simbolizando a abertura de oportunidades para as áreas mais pobres e para instituições com menos recursos. Representou uma transformação ao permitir que o Ensino Superior alcançasse quem antes não tinha acesso, fortaleceu as universidades locais e democratizou o saber. As aulas, transmitidas em tempo real e chamadas de *aulas presenciais mediadas pela tecnologia*, acontecem no mesmo horário em que são dadas, recriando a experiência da sala de aula e promovendo a integração entre alunos e professores, apesar das barreiras geográficas e estruturais.

Assim, como eu, muitas pessoas que hoje cursam o Doutorado talvez nunca tivessem alcançado essa oportunidade se não fosse pela luta incansável daqueles docentes que ergueram essa bandeira. O empenho deles não apenas transformou suas próprias trajetórias, mas também marcou profundamente a história dessa região carente. Graças a esse movimento, o doutoramento deixou de ser um sonho distante e tornou-se uma realidade possível para tantos que antes não tinham acesso. Essa conquista ressoa como um marco de resistência e de esperança e abre portas para gerações que buscam, por meio do conhecimento, reescrever suas histórias e contribuir para o desenvolvimento local.

Assim, a presente tese, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA), nível de doutoramento, e à linha de pesquisa I *Educação na Amazônia: formação do educador, práxis pedagógicas e currículo*, desenvolve uma investigação sobre a Escola-Fazenda Canuanã, situada no município de Formoso do Araguaia – TO. É uma das 40 instituições educativas concebidas e mantidas pela Fundação Bradesco e a primeira a funcionar em regime de internato, inaugurada em 1973. A escola foi idealizada por Amador Aguiar, cuja trajetória pessoal de superação e inspiração merece ser destacada.

O relatório anual da Fundação Bradesco (2024) apresenta toda a trajetória do seu fundador, Amador Aguiar, que nasceu em 1904, na cidade de Ribeirão Preto, no interior de São Paulo, em uma família humilde de lavradores. Desde jovem, ele demonstrou grande determinação e, aos 14 anos, iniciou sua trajetória profissional em uma tipografia na pequena cidade de Sertãozinho - São Paulo (SP), a fim de contribuir com o sustento do lar, pois ele possuía 12 irmãos. A experiência de trabalho desde a adolescência foi um marco em sua vida e a base para o desenvolvimento de uma visão empreendedora e educacional.

A seguir, é possível observar a fotografia da impressora tipográfica, um dos itens expostos no Museu Histórico do Bradesco, em Osasco, São Paulo, que remete a esse período fundamental da vida de Amador Aguiar.

Figura 1 – Onde tudo começou: o verbo moldado em ferro e silêncio



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2024).

O instrumento inicial de trabalho do senhor Amador Aguiar, bem como muitos outros itens importantes na trajetória do empresário compõem o Museu Histórico Bradesco. Cabe mencionar que,

[...] ali, perdeu o dedo indicador da mão direita em acidente numa máquina impressora. O trabalho seguinte foi como contínuo do banco Noroeste, onde depois de apenas dois anos já ocupava o cargo de gerente. Em seus depoimentos, ele contava que a dificuldade de dormir, em decorrência da asma, fez com que passasse as noites lendo tudo o que podia sobre operações bancárias (Schmitz, 2015, s/p).

Amador Aguiar defendia que somente o trabalho poderia gerar riquezas. Ele acreditava imensamente que o trabalho honesto, realizado com dedicação e esforço poderia ser transformador. Aos 21 anos, ele deu um importante passo em sua carreira ao conseguir emprego em uma instituição bancária, como contínuo no Banco Noroeste de Birigui (SP). Sua dedicação e capacidade logo o levaram a conquistar uma promoção: dois anos depois, tornou-se contador e, em pouco tempo, foi nomeado diretor.

Em 1942, após alcançar uma posição de destaque na instituição, Aguiar tomou uma decisão ousada, ao decidir deixar o banco. Sua saída, no entanto, tinha um propósito nobre e visionário: fundar, no ano seguinte, o Banco Brasileiro de Descontos S.A., mais conhecido como Banco Bradesco, na cidade de Marília (SP).

Anos mais tarde, o Banco Bradesco consolidou-se como uma das maiores instituições financeiras do país e o seu presidente Amador Aguiar criou a Fundação São Paulo de Piratininga, que mais tarde passaria a se chamar Fundação Bradesco (FB).

Amador Aguiar foi um autodidata que, apesar de não ter condições de se dedicar aos estudos formais, conseguiu se sobressair por sua visão e determinação. Como destacado no Relatório Anual de 2023, Aguiar “sempre soube que a educação, a dedicação e o trabalho eram ferramentas fundamentais para transformar o mundo em um lugar melhor” (Bradesco, 2023, p. 65). Sua trajetória é um exemplo de como o compromisso com a educação pode gerar impactos duradouros, especialmente em contextos de desigualdade social.

Com a inauguração de cada uma de suas escolas, Amador Aguiar buscava oferecer a milhares de jovens e crianças algo que ele próprio não teve durante sua infância e adolescência. Detalhes de sua vida encontram-se registrados na obra de Pedro Cavalcanti, *Amador Aguiar – uma história de intuição e pioneirismo*, que narra a trajetória pessoal e profissional de Amador Aguiar (1904-1991). O livro apresenta o percurso do homem que transformou o Bradesco no maior banco privado do país, destacando seu perfil ousado e empreendedor. Segundo Schmitz (2015, s/p.),

[...] com pouco tempo de estudo, Amador Aguiar começou ajudando o pai na lavoura de café de uma fazenda em Sertãozinho (SP), aos 13 anos. Mais tarde, sem ver chances de subir na vida, fugiu para Bebedouro, também em São Paulo, onde chegou a dormir num banco de praça e passou fome, até conseguir empregar-se numa tipografia da cidade. Ali, perdeu o dedo indicador da mão direita em acidente numa máquina impressora. O trabalho seguinte foi como contínuo do banco Noroeste, onde depois de apenas dois anos já ocupava o cargo de gerente. Em seus depoimentos, ele contava que a dificuldade de dormir, em decorrência da asma, fez com que passasse as noites lendo tudo o que podia sobre operações bancárias.

Em vida, ele conseguiu inaugurar 33 escolas, movido pelo sonho de levar chances educacionais para todas as regiões do Brasil. Esse desejo de alcançar cada estado brasileiro tornou-se realidade sob a liderança de sua neta Denise Aguiar, educadora e mestre em educação. Desde que ingressou na Fundação Bradesco, em 1987, Denise tem trabalhado para manter vivo o legado do avô (Fundação Bradesco, 2023). É sobre uma dessas instituições escolares, que transformam vidas, que abordaremos esta tese.

Em julho de 1973, a *Escola de 1º grau Dr. Dante Pazzanese* foi inaugurada na fazenda Canuanã, situada em uma região de características remotas, próxima à Ilha do Bananal e cercada por aldeias indígenas. A escola, que simbolizava uma iniciativa pioneira em um contexto desafiador, foi estabelecida em um local distante dos centros urbanos, na zona rural do município de Formoso do Araguaia, então pertencente ao estado de Goiás e atualmente localizado no sudoeste do Tocantins.

A proposta deste estudo é motivada pela minha vivência como ex-aluna da referida escola, instituição que desempenhou um papel fundamental na construção da minha trajetória acadêmica e pessoal. Como menina negra oriunda de classes vulneráveis, a escola foi um marco decisivo para mim e representou uma oportunidade única para que minha vida fosse transformada por meio da educação.

Minha justificativa está profundamente conectada com as relações teóricas, pois não consigo desvincular a teoria da práxis, especialmente na pesquisa de campo (entrevistas, análise documental, consulta bibliográfica, entre outros). A perspectiva de diálogo entre presente e passado concretiza-se nas percepções, nas memórias, nos fatos e nas histórias vividas pelos sujeitos da pesquisa em diferentes momentos históricos. Nessa direção, Certeau (2020, p. 29) aponta que:

A história está, pois, em jogo nessas fronteiras que articulam uma sociedade com o seu passado e o ato de distinguir-se dele; nestas linhas que traçam a imagem de uma atualidade, demarcando-a com o seu outro, mas que atenua ou modifica, continuamente, o retorno do “passado”.

Ao investigar uma instituição educativa, é fundamental que o pesquisador vá além da análise do funcionamento interno e das práticas pedagógicas. A escola deve ser compreendida como parte de uma teia complexa de relações sociais, culturais, políticas e econômicas. Assim, é necessário examinar as múltiplas dimensões que envolvem sua criação, consolidação e desenvolvimento, reconhecendo que a escola não é um fim em si mesma, mas um agente das transformações do contexto em que está inserida.

Após consultar bibliografias e fontes como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), constatou-se a escassez de pesquisas científicas sobre o objeto de estudo em questão, uma escola vinculada à Fundação Bradesco. Essa lacuna na literatura ressalta a importância de aprofundar a investigação sobre essa instituição, contribuindo para ampliar o conhecimento sobre sua história, práticas pedagógicas e impacto social.

Segundo o site da Fundação Bradesco, em 2024, a instituição atendeu 2.263 alunos na Educação Infantil, 25.841 no Ensino Fundamental, 10.334 no Ensino Médio, 398 em Cursos Técnicos de Nível Médio, optou por pausar temporariamente o fornecimento da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e 8.245 na Formação Inicial e Continuada (FIC). Esses números abrangem os estudantes das 40 escolas criadas e mantidas pela Fundação, dos quais 95% são membros da comunidade e 5% são funcionários ou filhos de funcionários da Organização Bradesco.

Nesse contexto, este estudo volta-se para a Região Norte do Brasil, onde oito escolas da Fundação Bradesco atendem, juntas, 8.212 estudantes. O foco reflete, em especial, a

Escola-Fazenda Canuanã, instituição que funciona em regime de internato. Em 2024, o colégio proporcionou a 670 alunos acesso gratuito à educação, oferecendo moradia com áreas de descanso, convivência e lazer, alimentação, atividades ao ar livre, além de assistência médica e odontológica.

Para delinear o objetivo desta pesquisa, surgiram inicialmente questões instigantes: quais motivações e cenário histórico, político, social, econômico, educacional e cultural à época possibilitaram a criação da Escola-Fazenda Canuanã? Como se configura a cultura escolar da Escola-Fazenda Canuanã? Como as experiências dos sujeitos envolvidos, associadas aos documentos históricos e ao referencial teórico, permitem compreender a história da Escola-Fazenda Canuanã, no período de 1973 a 1993? Essas questões direcionaram à questão-problema: como a Escola-Fazenda Canuanã, em seus 20 primeiros anos de funcionamento (1973-1993), contribuiu para a formação dos sujeitos e para o desenvolvimento regional de Formoso do Araguaia, considerando as motivações que fundamentaram sua criação no antigo norte goiano, atual sudoeste do Tocantins?

As perguntas acima e outras indagações produziram inquietações que, aos poucos, foram se constituindo em um argumento de tese, qual seja: *a Escola-Fazenda Canuanã, instituída pela Fundação Bradesco em 1973, revelou-se uma experiência singular de internato que combinou práticas educativas e disciplinares voltadas à formação dos sujeitos. No período de 1973 a 1993, sua atuação consolidou padrões de comportamento e trabalho e impulsionou estratégias de desenvolvimento regional. Contudo, a instituição pode ser compreendida igualmente como parte de um projeto mais amplo de intervenção social e territorial, no qual emergem tensões entre educação, disciplina e interesses socioeconômicos.*

O desafio de responder a tais questionamentos me levou ao objetivo geral: investigar a história da Escola-Fazenda Canuanã e suas motivações na formação dos sujeitos e no desenvolvimento da região de Formoso do Araguaia, antigo norte de Goiás, atual sudoeste do Tocantins, no período de 1973 a 1993.

Após a definição das perguntas e do objetivo geral, foram delineados os seguintes objetivos específicos: **contextualizar** o cenário histórico, político, social, econômico, educacional e cultural que possibilitou a criação da Escola-Fazenda Canuanã pela Fundação Bradesco, em 1973, no antigo norte de Goiás; **analisar** os elementos da cultura escolar da Escola-Fazenda Canuanã, manifestados em práticas, valores, normas, símbolos, relações sociais, objetos, espaços e rituais que constituem suas dimensões material e imaterial;

reconstituir a trajetória da Escola-Fazenda Canuanã, no período de 1973 a 1993, com base nas experiências dos sujeitos envolvidos e nas fontes documentais.

O recorte temporal desta pesquisa de tese compreende os primeiros 20 anos da instituição, estendendo-se de 1973, ano da criação da escola, até 1993. Consideramos que a análise desse período apresenta algumas particularidades associadas à criação da escola naquele período e local, com a materialização do espaço físico, o funcionamento no regime de internato, as discontinuidades ao longo desses anos, as relações entre os aspectos da instituição educativa, sua inserção no contexto histórico da região, além de fatos, percepções, vivências e narrativas dos participantes.

A escolha do ano de 1993 como marco final merece problematização. Embora a Escola-Fazenda Canuanã tenha passado por transformações significativas após esse período — como reformas estruturais, prêmios internacionais e alterações pedagógicas nas décadas seguintes — optamos por encerrar o recorte em 1993 por compreendê-lo como momento de consolidação da primeira fase do internato. Reconhecemos, entretanto, que outros recortes seriam igualmente possíveis e que a definição temporal constitui uma construção historiográfica, assumida de forma consciente, e não um ponto final absoluto da trajetória da instituição.

O estudo histórico de uma instituição exige a utilização de fontes que permitam revelar e sistematizar aspectos como sua criação, o contexto em que foi estabelecida, a dinâmica escolar, as práticas educativas, o currículo, entre outros elementos fundamentais.

Gatti Júnior (2002) ressalta que, embora as instituições educativas passem por mudanças ao longo do tempo, elas preservam uma individualidade que as distingue de outras instituições. Essa identidade é composta por uma série de fatores históricos, culturais e pedagógicos que se entrelaçam e influenciam a maneira como elas se posicionam e se relacionam com a sociedade. Diante disso, estudar a história das instituições educativas é fundamental para compreender não apenas o papel que elas desempenham na sociedade, mas também as dinâmicas que orientam suas transformações.

Ao examinar o processo de evolução dessas instituições, podemos entender como elas se ajustaram às mudanças sociais, políticas e econômicas ao longo do tempo, além de perceber como suas práticas educacionais e suas estruturas organizacionais foram moldadas para atender às necessidades da comunidade em que estavam inseridas. Esse estudo permite, assim, uma análise crítica do impacto dessas instituições na formação de indivíduos e na construção de um legado cultural e social que permanece ao longo das gerações.

Buffa e Nosella (2005) destacam que as pesquisas sobre instituições educativas têm sido tema relevante entre educadores, possibilitando estudos que vão além da análise da escola em sua materialidade. Dessa forma, é possível abordar a própria vida da escola, os alunos e suas trajetórias, os professores e os administradores enquanto agentes formadores, os saberes produzidos e transmitidos no ambiente escolar, as normas disciplinares que regulam as interações e os comportamentos, bem como os eventos que marcam o cotidiano e a história da instituição.

Ainda na compreensão de Buffa (2002, p. 27), uma pesquisa sobre instituição educativa precisa

[...] investigar o processo de criação e de instalação da escola, a caracterização e a utilização do espaço físico (elementos arquitetônicos do prédio, sua implantação no terreno, seu entorno e acabamento), o espaço do poder (diretoria, secretaria, sala dos professores), a organização e o uso do tempo, a seleção dos conteúdos escolares, a origem social da clientela escolar e seu destino provável, os professores, a legislação, as normas e a administração da escola.

Para que o estudo abranja todos esses aspectos, faz-se necessário buscar a história para recontá-la. Como destaca Pesavento (2003, p. 34), “escrever a História, ou construir um discurso sobre o passado, é sempre um ir ao encontro das questões de uma época”. Nesse sentido, a análise da Escola-Fazenda Canuanã transcende a reconstrução de sua trajetória, pois vai além da simples narração de fatos do passado; trata-se de um diálogo contínuo com as demandas do presente. Assim, a história da instituição será construída a partir das memórias de sujeitos que vivenciaram a escola no passado, mas que as narram no tempo presente, unindo temporalidades e perspectivas.

Para compreender esta pesquisa como pertencente ao campo do tempo presente, tornou-se necessário refletir sobre o que caracteriza uma investigação nessa temporalidade. A literatura revela que a história do tempo presente não se limita ao recorte cronológico, mas envolve também a posição do pesquisador diante do objeto investigado. Aqui emerge um ponto sensível: não sendo historiadora de formação, mas alguém que nutre profundo interesse pelas histórias e pelo passado, encontro-me no desafio de dialogar com um campo que, embora me seja externo academicamente, se torna próximo pela experiência de vida e pela ligação com a instituição pesquisada.

Delgado e Ferreira (2014) ajudam a iluminar esse caminho ao defenderem que a história do tempo presente mantém estreita relação com a História Oral. Essa aproximação se deve ao compartilhamento de elementos como a temporalidade recente, a pluralidade de fontes e de procedimentos metodológicos, além da diversidade temática que caracteriza a

História Oral. É nesse terreno híbrido que se move esta investigação: entre registros escritos e memórias narradas, entre documentos institucionais e lembranças pessoais.

As autoras enfatizam ainda que a escrita da história do tempo presente implica visitar o passado recente em uma dinâmica inter-relacional de temporalidades. Esse movimento é particularmente fecundo para esta pesquisa, pois permite articular memórias individuais e coletivas às marcas institucionais que atravessaram a formação da Escola-Fazenda Canuanã. Ao fazê-lo, reconhecemos que a narrativa não é neutra nem distanciada, mas construída em diálogo entre o vivido e o registrado.

Nessa perspectiva, ao reconhecer que a história do tempo presente se constrói na intersecção entre memórias, documentos e experiências, abre-se também espaço para compreender como os sistemas educativos se constituem como práticas culturais. A articulação entre história e memória não se restringe a registrar o que foi vivido, mas permite problematizar os modos como instituições e sujeitos produzem sentidos, moldam comportamentos e consolidam repertórios. É nesse ponto que o diálogo com a história cultural, especialmente a partir de Chartier e das análises de Barros (2005), se mostra fecundo para ampliar a compreensão desta pesquisa.

Ao refletir sobre as contribuições de Roger Chartier para a história cultural, Barros (2005) afirma que um sistema educativo está intimamente ligado a uma prática cultural, ao mesmo tempo em que promove, nos indivíduos que dele participam, representações destinadas a moldar padrões específicos de comportamento. Esse processo visa não apenas à formação de caráter, mas também à consolidação de um repertório linguístico e comunicativo essencial para a vida em sociedade, conforme as concepções estabelecidas pelos poderes dominantes (Barros, 2005).

A presente tese está composta por seis seções (capítulos). Na **primeira seção**, com o título *Aspectos introdutórios*, são apresentados à pesquisadora, suas origens, motivações pessoais, a justificativa para a escolha da temática, sua trajetória acadêmica até a definição do objeto de pesquisa e a vinculação do tema ao programa Educanorte, Doutorado em Educação da Amazônia (PGEDA). Também são mencionados o idealizador da escola, a justificativa da pesquisa, as questões norteadoras, o argumento central da tese, os objetivos e os fundamentos teóricos que sustentam o estudo.

A **segunda seção**, denominada *Caminhos teóricos, delineamento da pesquisa e estado do conhecimento: traçando trajetórias para a investigação da Escola-Fazenda Canuanã*, trata das etapas do percurso metodológico, tanto da pesquisa quanto da construção da tese. Nessa seção, também é apresentado o estado do conhecimento na subseção chamada

Sob diferentes olhares e saberes, que mapeia teses e dissertações relacionadas aos descritores: *Fundação Bradesco, Escola-Fazenda Canuanã, internato, cultura escolar e instituições educativas*. O levantamento se concentra em produções desenvolvidas nos Programas de Pós-Graduação da Região Norte. Em seguida, são expostos o delineamento da pesquisa e todo o percurso teórico-metodológico da investigação.

Na **terceira seção**, sob o título *Entre aldeias, ilhas, floresta amazônica e cerrado – historiando a educação que chega por meio da Fundação Bradesco*, contextualiza-se o cenário histórico, político, social e cultural brasileiro no período de construção da Escola-Fazenda Canuanã. A análise parte de uma perspectiva nacional, passando pela Região Norte e o município de Formoso do Araguaia, até chegar à primeira escola-fazenda em regime de internato da Fundação Bradesco, com foco em seus primeiros alunos e colaboradores.

A **quarta seção**, intitulada *Cultura escolar na Escola-Fazenda Canuanã: um olhar sobre a materialidade, a educação e a vida cotidiana*, reflete sobre os aspectos formativos da cultura escolar. Abordamos a dinâmica dos espaços e dos tempos escolares no cotidiano da escola-fazenda, o papel do uniforme escolar como símbolo de identidade e pertencimento no regime de internato, regras, rotinas e valores institucionais que orientavam a disciplina e a convivência, bem como as festas e os eventos que promoviam integração e construção coletiva.

Na **quinta seção**, com o título *Vozes que ecoam: memórias dos sujeitos e a trajetória na Escola-Fazenda Canuanã*, são reunidas narrativas orais de sujeitos que vivenciaram a escola. Essas memórias revelam a história vivida, a rotina e as impressões sobre o internato no período delimitado por esta tese.

Por fim, a **sexta seção** apresenta as *Considerações finais*, que encerram a proposta desta tese, sintetizando as análises e as reflexões desenvolvidas ao longo do trabalho.

2 CAMINHOS TEÓRICOS, DELINEAMENTO DA PESQUISA E ESTADO DO CONHECIMENTO: TRAÇANDO TRAJETÓRIAS PARA A INVESTIGAÇÃO DA ESCOLA-FAZENDA CANUANÃ

Esta seção resume as etapas do percurso metodológico tanto da pesquisa quanto da construção da presente tese. O processo teve início com um levantamento bibliográfico que mapeou produções acadêmicas direcionadas às categorias “instituições educativas”, “cultura escolar”, “Fundação Bradesco”, “Escola-Fazenda Canuanã” e “internato”, especialmente nas universidades da Região Norte do Brasil. Em seguida, foi apresentada uma visão geral dos fundamentos teóricos e metodológicos da pesquisa, com detalhamento do caminho trilhado, dos passos iniciais, da identificação dos sujeitos do estudo e dos desafios enfrentados ao longo do processo.

Com o objetivo de compreender o estado do conhecimento sobre as temáticas que dialogam com o objeto desta pesquisa, iniciou-se a busca pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA). O foco foi identificar, nos últimos dez anos, pesquisas que representem essas temáticas e contemplem a região. Esse programa é o primeiro Doutorado em Educação em Rede no país, aprovado pela Capes em 5 de abril de 2019, e integra as seguintes universidades da Região Norte: Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), Universidade Federal de Roraima (UFRR), Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Universidade Federal do Tocantins (UFT), Universidade Federal do Acre (Ufac), Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

A principal fonte de informações científicas sobre a evolução das pesquisas relacionadas aos descritores foi obtida em bibliotecas universitárias, revistas científicas e bancos de teses e dissertações. Para aprofundar o conhecimento sobre esses descritores, realizou-se uma busca sistematizada nos bancos de dados, com o objetivo de refinar as pesquisas. Inicialmente, o alvo eram as produções dos programas de pós-graduação da Região Norte do Brasil; no entanto, foi constatada uma escassez de estudos relacionados a essas temáticas, produzidos na região ou sobre ela. Assim, ampliou-se a busca para todo o país, mas sem desviar do foco referente, ou seja, pesquisas afins, realizadas na ou sobre a Região Norte.

2.1 Sob diferentes olhares e saberes

2.1.1 Fundação Bradesco: entre filantropia, economia e questões sociais

De acordo com o levantamento realizado, identificou-se que a Fundação Bradesco já foi objeto de pesquisa em diversas áreas. Em termos econômicos, a dissertação de Ferreira (2020) destaca o sentido e a especificidade do Programa Adolescente Aprendiz na instituição. No campo das questões filantrópicas e estruturais, Araújo (2016), em *Filantropia empresarial e educação brasileira no contexto da crise estrutural do capital: a Fundação Bradesco no centro do debate*, examina o papel da Fundação nesse contexto.

Em uma perspectiva sociológica, Lopes (2018), em *A reconstrução de trajetórias escolares e sociais como elemento para uma discussão do efeito da escola em sujeitos das camadas populares: o caso de ex-alunos da Fundação Bradesco, São João Del-Rei, MG*, investiga o impacto da escola na vida dos ex-alunos. Por fim, em um enfoque empresarial e sócio-histórico, Lapa (2023), com *O Projeto Educacional dos Banqueiros: uma análise sócio-histórica da atuação empresarial junto à proposta da Fundação Bradesco*, analisa o envolvimento empresarial na proposta educacional da fundação.

Os resultados da investigação sobre o descritor “Fundação Bradesco” evidenciaram uma grande lacuna a ser preenchida, especialmente pela escassez de pesquisas na Região Norte do Brasil. Essa ausência direciona, e até incentiva, a ampliar a busca por informações em âmbito nacional. Com o refinamento da pesquisa, cinco estudos foram selecionados para compor o estado do conhecimento sobre o descritor “Fundação Bradesco”: quatro dissertações e uma tese, como apresentado a seguir.

Quadro 1 – Mapeamento de dissertações e teses - descritor “Fundação Bradesco”

Instituição	Programa	Tipo de documento	Ano	Autor	Orientador	Título
Universidade Estadual do Ceará	Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado Acadêmico em Educação	Dissertação	2016	ARAÚJO, Stephanie Barros	Dr.ª Maria das Dores Mendes Segundo	Filantropia empresarial e educação brasileira no contexto da crise estrutural do capital: a Fundação Bradesco no centro do debate
Universidade Federal de São João Del-Rei	Programa de Pós-Graduação em Educação	Dissertação	2018	LOPES, Gisele de Cassia	Dr. Écio Antônio Portes	A reconstrução de trajetórias escolares e sociais

	Processos Socioeducativos e Práticas Escolares					como elemento para uma discussão do efeito da escola em sujeitos das camadas populares: o caso de ex-alunos da Fundação Bradesco, São João Del-Rei, MG.
Universidade Federal Fluminense	Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação	Dissertação	2020	FERREIRA, Sânia Nayara da Costa	Dr.ª Sonia Maria Rummert	A pedagogia do capital no programa adolescente aprendiz da Fundação Bradesco (2013-2018)
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares	Tese	2023	LAPA, Carlos Maurício Franklin	Dr. Rodrigo de Azevedo Cruz Lamosa	O Projeto Educacional dos Banqueiros: uma análise sócio-histórica da atuação empresarial junto à proposta da Fundação Bradesco.
Universidade Federal do Amapá	Programa de Pós-Graduação em Educação	Dissertação	2019	FERREIRA, Pollianna Pimentel	Dr. Sidney da Silva Lobato	A educação na Amazônia do “Ouro Negro”: o programa educacional da Icomi no Distrito de Santana (1960 - 1984)

Fonte: Banco de Teses e Dissertações da Capes, fevereiro de 2024.

Na dissertação *Filantropia empresarial e educação brasileira no contexto da crise estrutural do capital: a Fundação Bradesco no centro do debate*, Araújo (2016) realiza uma pesquisa teórico-bibliográfica e documental. A investigação baseia-se em relatórios de atividades disponíveis no site oficial da instituição, que fornecem dados financeiros sobre as 40 unidades escolares e a sede administrativa, na qual estivemos em setembro de 2024 para realizar pesquisa para esta tese.

A pesquisa, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará, tem como objetivo “fazer uma crítica à filantropia empresarial, especialmente a educacional, como mecanismo deformador e tendencioso de cooptação social que o sistema capitalista propõe à classe trabalhadora” (Araújo, 2016, p. 12). Observa-

se, no objetivo geral do estudo, uma tendência crítica em relação ao trabalho educacional e assistencialista realizado pela instituição ao longo de mais de seis décadas, utilizando até mesmo a metáfora do conto *João e Maria*², em que os personagens simbolizam

[...] a classe trabalhadora; o Pai, que ilustra o papel do Estado; a madrasta, que corresponde à mão do mercado; os pássaros, que podem ser compreendidos como pequenos oportunistas; e a velha bruxa seria o “terceiro setor” que, por meio de sua casa de doces, seduz e coloca armadilhas para prender os trabalhadores e depois servi-lo para que o sistema capitalista o devore (Araújo, 2016, p. 72).

Ao contrário da leitura feita por Araújo (2016), o conto *João e Maria*³ pode ser interpretado de diversas outras maneiras, abordando temas como o abandono infantil, a tentativa de canibalismo, a escravidão e até o assassinato. No entanto, também é possível enxergá-lo como uma lição de coragem e inteligência, ao mostrar que, mesmo diante de grandes dificuldades, é possível superar desafios. Além disso, destaca a importância da união familiar, evidenciada pela parceria entre os irmãos para enfrentar os perigos; o cuidado com aparências enganosas, como na casa de doces que se revelou uma armadilha mortal; e a superação de adversidades, demonstrando que, mesmo nas situações mais extremas, há caminhos para seguir em frente.

Entre as inúmeras empresas nacionais que praticam a filantropia, a escolha pela Fundação Bradesco no centro do debate foi justificada em virtude das suas ações serem reconhecidas em âmbito internacional, bem como a instituição ser vista com “bons olhos” pela população. No entanto, percebe-se um olhar contrário quando o pesquisador defende que as ações filantrópicas da FB se configuram uma “falsa ideologia praticada em nome de um assistencialismo utilitário aos trabalhadores pobres” (Araújo, 2016, p. 166).

Embora essa pesquisa não tenha uma relação direta com o objeto do presente estudo, pois aborda a Fundação Bradesco de uma perspectiva mais ampla e centrada no capital financeiro, decidiu-se incluí-la em nossa análise. Essa escolha se deve ao seu potencial para contrabalançar outra dissertação que será examinada a seguir, permitindo uma reflexão crítica sobre as diferentes visões acerca das práticas filantrópicas da instituição.

² *João e Maria* é um clássico conto de fadas escrito pelos irmãos Grimm, que se tornou famoso no mundo todo, misturando fantasias e reflexões sobre a vida real. Uma das versões do conto é que João e Maria eram filhos de um pobre lenhador. Devido à fome, os pais decidiram abandoná-los na floresta. As crianças tentaram marcar o caminho de volta com migalhas de pão, mas os pássaros comeram tudo. Perdidos, encontraram uma casa feita de doces e começaram a comer. A dona da casa, uma bruxa malvada, os aprisionou para engordá-los e comê-los. Com esperteza, Maria empurrou a bruxa para dentro do forno e a trancou. Os irmãos pegaram os tesouros da bruxa, acharam o caminho de volta e viveram felizes com o pai.

³ GRIMM, Jakob, 1784-1863. Joãozinho e Maria. In: **Os contos de Grimm** – ilustrações Janusz Grabiński. tradução Tatiana Belinky. São Paulo: Paulinas, 1989.

Sob uma perspectiva diferente, há a dissertação intitulada *A reconstrução de trajetórias escolares e sociais como elemento para uma discussão do efeito da escola em sujeitos das camadas populares: o caso de ex-alunos da Fundação Bradesco, São João Del-Rei, MG*, de autoria de Gisele de Cassia Lopes. Essa pesquisa enfoca questões sociológicas, evidenciando “as marcas da escolaridade deixadas pela Fundação Bradesco” (Lopes, 2018, p. 144). A análise das trajetórias dos ex-alunos permite uma compreensão mais profunda dos impactos educacionais e sociais que a instituição exerce sobre os indivíduos oriundos de camadas populares, contribuindo para um debate crítico sobre o papel da educação na transformação social.

O contraponto entre as pesquisas de Araújo (2016) e Lopes (2018) consiste principalmente nas abordagens adotadas por cada autor. Araújo (2016) fundamenta sua análise exclusivamente nos relatórios de atividades da Fundação Bradesco, nos quais a instituição divulga seu desempenho econômico e indicadores financeiros, com o intuito de “apresentar os resultados de seus investimentos em benefício da população brasileira” (Fundação Bradesco, 2015, p. 3). Para um entendimento mais abrangente, é fundamental considerar também as experiências dos ex-alunos, como faz Lopes (2018), que traz à tona as marcas deixadas pela educação na vida dos indivíduos, enriquecendo assim o debate sobre o impacto social da Fundação Bradesco.

Em uma abordagem distinta, Lopes (2018) realiza uma pesquisa empírica com o objetivo de compreender o impacto da escola na vida dos sujeitos. Para isso, a autora dá voz a 11 participantes que compartilharam um percurso educativo comum, convivendo na mesma sala de aula até a conclusão do Ensino Médio. Além de coletar dados por meio de entrevistas, a autora também recorre a recursos bibliográficos e virtuais para enriquecer sua análise. Essa metodologia permite uma exploração mais profunda das experiências individuais e coletivas, possibilitando uma compreensão mais abrangente das marcas que a educação deixou na trajetória dos ex-alunos da Fundação Bradesco.

O estudo, intitulado *A reconstrução de trajetórias escolares e sociais como elemento para uma discussão do efeito da escola em sujeitos das camadas populares: o caso de ex-alunos da Fundação Bradesco, São João Del-Rei, MG*, foi realizado com ex-alunos da Fundação Bradesco que residiam na cidade de Santa Cruz de Minas e que concluíram o Ensino Médio em 2002. Para atender aos objetivos propostos, Lopes (2018) estruturou a pesquisa em sete capítulos, entre os quais alguns merecem destaque por sua relevância em relação ao nosso objeto de pesquisa.

No capítulo 1, a autora apresenta a história da Fundação Bradesco, abordando seu fundador, Amador Aguiar, e a percepção dos moradores de Santa Cruz de Minas em relação à instituição. O capítulo III traz um retrato sociológico da autora, revelando sua trajetória escolar e social, além de executar a fase do pré-teste, que consiste na validação do método de investigação. Os capítulos IV e V estão dedicados aos retratos sociológicos dos participantes, oferecendo uma visão detalhada de suas experiências. Por fim, no sexto capítulo, são apresentadas as narrativas dos sujeitos entrevistados, que evidenciam aspectos como “a relação com os amigos e professores; a disciplina e as expectativas dos pais em relação à Fundação Bradesco” (Lopes, 2018, p. 16). Essa estrutura permite uma análise abrangente e rica das vivências dos ex-alunos e contribuem para a compreensão do impacto da educação em suas vidas.

O olhar atento, as vivências e o imaginário dos participantes da pesquisa de Lopes (2018, p. 24) revelam que diversos fatores contribuem para a percepção da Escola da Fundação Bradesco como uma “boa escola”. Entre os aspectos positivos mencionados, estão a oferta de material escolar, uniforme, assistência odontológica, aulas de natação no currículo de Educação Física e merenda escolar balanceada, elaborada por nutricionista. Além disso, a instituição é caracterizada por um ambiente disciplinar, o que, para muitos, é considerado um diferencial. No entanto, Lopes (2018, p. 11) também ressalta que, apesar dessas características favoráveis, essas condições não são suficientes para amenizar as

[...] dificuldades que nós tivemos para entrar no interior da Fundação Bradesco, a fim de ter acesso aos indicadores que poderiam propiciar a medida do efeito escola e até mesmo para fazer com que esta pesquisa seja algo inovador no campo da Sociologia da Educação [...], optamos por trabalhar com o efeito da escola, visto e analisado por meio das falas e manifestações dos sujeitos.

É fundamental destacar, assim como a pesquisadora Lopes (2018) faz em sua obra, os contratempos enfrentados na condução desta pesquisa, especialmente no que diz respeito à obtenção de uma carta de anuência da Fundação Bradesco. Esse documento é imprescindível para a submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP).

O processo de autorização foi significativamente demorado, levou nove meses entre o primeiro contato e o recebimento da carta, devido a mudanças no quadro de colaboradores da escola e às dificuldades de acesso aos documentos primários, assim como à necessidade de estabelecer comunicação com os representantes da matriz, em São Paulo. Essa experiência evidencia os desafios burocráticos que muitas vezes acompanham pesquisas que

envolvem instituições educacionais, ressaltando a importância de uma comunicação eficaz e a paciência necessária para navegar por esses processos.

No capítulo dedicado ao perfil sociológico dos ex-alunos da Fundação Bradesco, observa-se uma notável gratidão por parte dos participantes, mesmo entre aqueles que decidiram não dar continuidade aos estudos e, em vez disso, optaram por ingressar no mercado de trabalho para garantir o sustento de suas famílias ou por influência das tradições familiares. Essa gratidão é um reflexo das experiências vividas na instituição e dos aprendizados adquiridos, independentemente do caminho que cada um escolheu seguir.

No capítulo VI, a autora introduz o conceito de “interseção dos dados” para aprofundar a compreensão das experiências vividas pelos ex-alunos que participaram de sua pesquisa. Apesar de estarem atualmente em contextos de vida distintos, todos eles compartilham sensações e percepções comuns relacionadas à escola, como a afetividade entre professores e alunos. Para respaldar suas observações empíricas, Lopes (2018) recorre à obra de Vygotsky (1989), especificamente no que diz respeito à relação entre “afetividade e cognição”. Ela argumenta que Vygotsky buscou integrar esses dois aspectos, demonstrando uma preocupação com o funcionamento psicológico em sua totalidade. Segundo a autora, essa integração é fundamental para entender como as experiências afetivas na escola podem influenciar o aprendizado e o desenvolvimento dos alunos (Lopes, 2018).

Outro aspecto significativo mencionado pelos participantes diz respeito à formação e aos valores de natureza moral que foram cultivados na FB. Como uma instituição que prioriza sua função social, a Fundação integra esses valores às ações pedagógicas dos professores e até mesmo às regras disciplinares, contribuindo assim para a formação integral dos alunos (Zabala, 1998). Essa percepção é evidenciada quando a autora afirma que

[...] as falas dos ex-alunos da Fundação Bradesco deixaram transparecer que a disciplina foi algo muito marcante em suas vidas de maneira positiva. A introjeção da disciplina por intermédio da autoridade da escola parece ter sido o grande alvo alcançado pela instituição e que foi responsável por manter o comportamento dos alunos em um patamar aceitável dentro da escola (Lopes, 2018, p. 149).

A partir das reconstruções dos retratos sociológicos, constatou-se que a instituição não desempenhou papel determinante na escolha pela continuidade dos estudos em nível de graduação. No entanto, a Fundação contribuiu de forma significativa para a formação de hábitos como a disciplina e o incentivo à leitura. Além disso, os participantes ainda manifestam lembranças afetivas, como a “exaltação dos tempos felizes da infância escolar” e a “relação de pertencimento” que desenvolveram com a escola. Também se destaca a

“transmissão de valores morais e éticos” que, segundo a autora, são elementos fundamentais que marcaram suas trajetórias (Lopes, 2018, p. 158).

A dissertação *A pedagogia do capital no programa adolescente aprendiz da Fundação Bradesco (2013-2018)* foi apresentada, em 2020, ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado em Educação – da Universidade Federal Fluminense, pela pesquisadora Sânia Nayara da Costa Ferreira.

A pesquisa conduzida por Ferreira (2020) teve como foco a análise da “pedagogia do capital” nas estratégias voltadas para a educação profissional, com ênfase no Programa Adolescente Aprendiz da Fundação Bradesco. Para desenvolver sua investigação, a autora adotou um processo que começou com um levantamento bibliográfico, explorando as produções acadêmicas relacionadas ao tema Bradesco. Em seguida, realizou uma pesquisa histórica, utilizando uma variedade de documentos da Fundação Bradesco, incluindo Relatórios de Atividades, informações corporativas e o perfil dos diretores executivos. Além disso, a pesquisa incorporou publicações do Museu Histórico Bradesco (MHB), revistas dedicadas à Fundação Bradesco, bem como relatórios e revistas do Banco. Todas essas fontes permitiram à autora contextualizar a atuação da instituição no cenário educacional e identificar as implicações de suas práticas pedagógicas.

Em uma vertente similar, destaca-se a tese de Carlos Maurício Franklin Lapa (2023), intitulada *O Projeto Educacional dos Banqueiros: uma análise sócio-histórica da atuação empresarial junto à proposta da Fundação Bradesco*. Conforme o próprio autor ressalta, o trabalho tem como foco a identificação da atividade empresarial e busca investigar a atuação das organizações vinculadas ao banco Bradesco no contexto da educação brasileira. O autor analisa propostas, concepções e estratégias dessas instituições para transformar interesses particulares em narrativas que se apresentam como universais. Essa abordagem crítica permite uma reflexão aprofundada sobre as implicações das ações empresariais na formação educacional, questionando a real intenção por trás de suas iniciativas.

O referencial teórico-metodológico adotado pelo autor é fundamentado na “teoria do Estado Integral” produzida pelo marxista italiano Antônio Gramsci, sendo sua contribuição teórica essencial para os estudos marxistas (Lapa, 2023, p. 19). O pesquisador analisa a atuação empresarial por meio dos projetos da Fundação Bradesco e da Companhia Cidade de Deus ao abordar reflexões sobre os conceitos de dominados e dominantes, além de estudar ações coletivas empresariais e os relatórios de atividades anuais. Destaca-se um capítulo em que Lapa (2023) apresenta a história da Fundação Bradesco, especialmente o ano de 1973,

que é essencial para a pesquisa, pois marca a fundação da escola-fazenda, um ponto de partida para a análise das iniciativas educacionais da instituição e suas implicações sociais.

[...] foi instalada a unidade escolar de Canuanã, no então Tocantins (então Goiás) e inaugurada a primeira escola-fazenda. Localizada entre a Floresta Amazônica e o Cerrado, devido às características inóspitas e isoladas da área, tornou-se a primeira fazenda-escola. Os alunos chegavam à escola de barco e residiam no próprio estabelecimento escolar, sendo possível a visita à família apenas algumas vezes no ano (Lapa, 2023, p. 33).

O Colégio Dr. Dante Pazzanese, segundo construído pela Fundação Bradesco no processo de expansão da educação em todo o Brasil, continua a oferecer educação gratuita em regime de internato para crianças e jovens do interior do Tocantins, há mais de 50 anos. Essa iniciativa tem promovido profundas transformações na vida de inúmeras famílias por meio da educação que a instituição proporciona. Os discursos motivacionais da Fundação Bradesco refletem essa visão, ao se apresentarem como agentes de oportunidades para o sucesso futuro dos formados: “concretizar o prometido, porém, dependerá do esforço e dos méritos de cada um” (Ferreira; Rummert, 2021, p. 179).

O autor discute suas percepções sobre a ideologia da Fundação Bradesco, interpretando-a como uma autoimagem que a instituição divulga. Ele apresenta a trajetória de Amador Aguiar, considerado o “primeiro banqueiro” brasileiro em 1973, período que marca o surgimento dessa categoria no país. Ressalta que Aguiar, oriundo de uma família humilde e que enfrentou diversas dificuldades na juventude, valorizava a perseverança acima de tudo e desprezava a aparência e o luxo. Segundo ele, “era, sem dúvida, o coração do banco e permanece como símbolo-mor até hoje” (Lapa, 2023, p. 50-51).

A análise da tese revela uma verdadeira imersão do pesquisador em sua investigação, especialmente em um momento tão complexo como o da pandemia da Covid-19. Um aspecto que merece destaque é a “concepção de educação e formação humana da Fundação Bradesco, que se fundamenta nas competências socioemocionais e nos princípios de aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser” (Lapa, 2023, p. 221).

Por fim, é apresentada a dissertação de uma pesquisadora da Região Norte do Brasil, representando a Amazônia. A obra, intitulada *A educação na Amazônia do Ouro Negro: o programa educacional da Icomi no Distrito de Santana (1960-1984)*, de autoria de Pollianna Pimentel Ferreira, foi orientada pelo doutor Sidney da Silva Lobato. Defendida em 2019 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amapá, a pesquisa tem como objetivo “analisar – por meio de artigos, periódicos e registros escolares (boletins,

relatórios, atas, etc.) – as diretrizes e ações educativas do projeto de exploração mineral realizado pela Indústria e Comércio de Minérios S.A. (Icomi) no Território Federal do Amapá (TFA), entre 1960 e 1984” (Ferreira, 2019, p. 22).

A pesquisa de Ferreira (2019) tem como foco espacial a Escola de Vila Amazonas (Esvam), com um recorte temporal que inicia em 1960, quando a instituição começou a operar no Distrito de Santana, e encerra em 1984, ano em que a Fundação Bradesco assumiu a administração da Escola. A pesquisadora também visou compreender as concepções e as ações educacionais da empresa Indústria e Comércio de Minérios S. A. (Icomi), desenvolvidas no período mencionado, no então território federal do Amapá.

A dissertação está organizada em três capítulos e fundamenta-se em uma abordagem qualitativa. O método de análise adotado é o Materialismo Histórico-Dialético, de acordo com Frigotto (1989). Além disso, a pesquisa é classificada como documental, seguindo a perspectiva de Evangelista (2014) e Bacellar (2018).

Para compreender a relação entre educação e o mundo do trabalho no contexto da investigação, a pesquisadora analisou artigos de periódicos e registros escolares que evidenciaram uma prática de seleção e classificação escolar opressora para aqueles que apresentavam qualquer tipo de dificuldade no aprendizado.

O mapeamento e a análise de produções científicas sobre a Fundação Bradesco permitiram observar o quanto a instituição é ampla, além de uma tendência dos pesquisadores em abordar predominantemente o viés financeiro, em detrimento das contribuições para a educação. A FB destaca em seus relatórios anuais que na Fundação a aprendizagem constrói-se em torno de competências técnicas e comportamentais como responsabilidade, ética, pensamento crítico e trabalho em equipe (Fundação Bradesco, 2015).

2.1.2 Escola-Fazenda Canuanã: a escassez de produção científica e os desafios para pesquisadores da Amazônia

As escolas-fazendas são instituições educacionais localizadas em áreas rurais que integram o ensino acadêmico com práticas agrícolas, promovendo uma formação contextualizada. O lema "aprender a fazer e fazer para aprender", utilizado nas décadas de 1960 e 1970, sintetiza a essência dessa filosofia educacional, que valoriza tanto o aprendizado teórico quanto a aplicação prática. Nessas escolas, os estudantes não se limitam

ao estudo de conceitos nas salas de aula, mas os vivenciam diretamente no campo, por meio de atividades agrícolas cotidianas.

Aprender a fazer e fazer para aprender” é o lema que está intrinsecamente relacionado ao conceito das escolas-fazendas, instituições de ensino voltadas para a educação prática e o desenvolvimento de habilidades e experiências, especialmente em contextos agrícolas, pois o sistema escola-fazenda consiste numa “política de auto-sustentação, introjetando no alunado o princípio da prática como instrumento do conhecimento (Nascimento, 2005, p. 212).

Ao investigar o histórico do ensino profissional e agrícola no Brasil, observa-se que os primeiros registros datam de 1836, com a criação da “Fazenda Normal de Agricultura” no estado de São Paulo, conforme apontado por Mercúrio (2021). Esse marco inicial reflete o interesse em combinar educação e práticas agrícolas desde o início do século XIX. Entretanto, como destaca Lima (2021), o modelo de escola-fazenda começou a ser experimentado em 1956, antes mesmo de ser incorporado à rede federal. Um exemplo disso é a Escola Agrícola Estadual Presidente Prudente, também em São Paulo, que foi implantada sob a liderança do engenheiro agrônomo Shigeo Mizoguchi, pioneiro na integração entre educação e práticas agrícolas no Brasil.

Em continuidade a essa cronologia, a autora complementa que o “modelo escola-fazenda foi implantado em escolas da rede federal de ensino profissional agrícola, a partir da segunda metade da década de 1960, na modalidade de ensino médio agrícola” (2021, p. 29).

É importante relembrar a reforma educacional introduzida pela Lei nº 5.692/1971, que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino profissionalizante no segundo grau. Essa medida visava preparar os jovens diretamente para o mercado de trabalho e isso, de alguma forma, favoreceu a criação de escolas-fazendas, que visavam à formação técnica e profissional.

A tese de Aristela Arestides Lima explora as configurações do modelo de escola-fazenda no ensino profissional agrícola entre 1967 e 1986, projeto implementado pelo Ministério da Educação nas instituições federais. Ao longo de sua pesquisa, ela analisa as características e as práticas pedagógicas desse modelo, destacando suas inovações e seus desafios. Nesse sentido, a pesquisadora conclui que o

[...] princípio ou lema da escola-fazenda – “aprender para fazer e fazer para aprender” – representou a defesa de conexão de conhecimentos e aprendizagens teóricas e práticas. Todavia, nem sempre essa proposta funcionou. As disciplinas de conhecimento geral apresentavam dificuldades para realizar a integração entre a sala de aula e as práticas de campo (Lima, 2021, p. 214).

Toda essa contextualização, ao demonstrar o percurso histórico e os desafios enfrentados, aponta para a concepção de que uma escola-fazenda “deveria imitar uma ‘fazenda’ moderna e produtiva para que estes estabelecimentos servissem de modelo pedagógico para os menores internados” (Conceição, 2019, p. 46). Esse modelo de instituição visava não apenas à formação acadêmica, mas também à capacitação prática dos alunos, preparando-os para o trabalho rural e agrícola, refletindo um projeto educacional alinhado às demandas econômicas e sociais daquele período.

A origem desse tipo de escola, neste caso especialmente inspirada pela região Sudeste, revela a forte influência do ensino agrícola paulista em outras partes do país. Como afirmam Silva e Marques (2017), "o Estado de São Paulo constituiu-se em um dos grandes centros difusores do Ensino Agrícola no Brasil, deixando as marcas de seu pioneirismo" (p. 83). Essa influência não se limitava à técnica agrícola, mas também à metodologia pedagógica que buscava integrar a educação formal com a prática do campo, criando um ambiente em que aprender fazendo era fundamental para a formação dos alunos.

Essa proposta refletia o desejo de capacitar a mão de obra e oportunizar o conhecimento técnico para as práticas agrícolas no Norte de Goiás. Dada a localização em uma área pouco habitada e com escassa infraestrutura, essa implementação era particularmente desafiadora, mesmo quando destaca que,

A década de 1970 representou o período áureo do Ensino Técnico Agrícola no Estado de São Paulo, atuando na formação profissional com vistas a atender as necessidades de uma massa de trabalhadores promovida pela Revolução Verde, em meio ao processo de expansão das fronteiras agrícolas em direção às regiões centro oeste e norte, atraindo muitos alunos oriundos destas regiões (Lima, 2021, p. 41).

À vista disso, é pertinente lembrar que a Fazenda Canuanã pertencia inicialmente aos irmãos Pazzanese, originários de São Paulo. Além disso, a matriz da Fundação Bradesco, responsável pela criação da escola, está localizada em Osasco, também no estado de São Paulo. Esses fatos ajudam a explicar como a construção e a implantação do Colégio Dr. Dante Pazzanese podem ter sido fortemente influenciadas pelas tradições e pelas experiências educacionais e agrícolas do Sudeste do Brasil.

A ligação com São Paulo, um dos grandes centros difusores do ensino agrícola no país, reforça a ideia de que o modelo adotado na Escola-Fazenda Canuanã se inspirou nas histórias de sucesso e nos resultados obtidos na região Sudeste. A experiência acumulada em instituições agrícolas e o pioneirismo no campo educacional paulista certamente moldaram a visão e os objetivos da Fundação Bradesco ao implementar esse projeto em uma área tão remota e desafiadora quanto o Norte de Goiás.

Em resumo, as escolas-fazendas, por meio do lema “aprender a fazer e fazer para aprender”, visam oportunizar às crianças e aos jovens uma educação integrada e relevante, adaptada às necessidades e aos contextos de suas comunidades.

Nesses ambientes, o ensino se entrelaça com as raízes do campo, promovendo uma formação que respeita e valoriza a essência do lugar e das pessoas que ali vivem. Faço essa afirmação, com o meu olhar sensível de egressa que vivenciou não apenas o conhecimento acadêmico, mas também uma vivência prática que nos conecta à terra, às tradições e aos sonhos de construir um futuro melhor. Ou seja, um

[...] lugar que inspira o aprender e o fazer. Trata-se de uma composição estruturante do princípio pedagógico “aprender a fazer e fazer para aprender”, que integrou o conjunto de teorias e práticas, específico à formação do técnico agrícola da rede federal de ensino profissional agrícola, no início da década de 1970 (Lima, 2021, p. 79).

Nessa perspectiva, buscamos explorar a produção científica relacionada ao tema “escola-fazenda” e constatamos sua presença limitada nas produções acadêmicas dos Programas de Pós-Graduação no Brasil. Essa conclusão baseia-se em uma pesquisa realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), na qual o termo “escola-fazenda” foi identificado em apenas 48 estudos.

Ao relacionar-se com o nosso objeto de pesquisa, mesmo sem limitar ao espaço geográfico da Região Norte do país, esse cenário fica ainda mais crítico quando é alterado o descritor para “Escola-Fazenda Canuanã”. Na BDTD, há somente duas produções contemplando a palavra “Canuanã”, no entanto, como o descritor proposto foi “Escola-Fazenda Canuanã”, limita-se a apenas uma tese.

A pesquisa teve início utilizando o descritor “Escola-Fazenda Canuanã”, amplamente reconhecido para se referir ao local de estudo. Contudo, à medida que as investigações avançaram, constatou-se que o nome oficial e historicamente correto é “Colégio Dr. Dante Pazzanese”. Apesar disso, optou-se por manter o uso do termo “Escola-Fazenda Canuanã”, devido à sua relevância histórica e à ligação direta com a fazenda onde o colégio está localizado. Ambos os nomes foram cuidadosamente considerados e contextualizados ao longo da pesquisa, respeitando suas significações históricas e institucionais

A tese intitulada *Uso da programação linear como ferramenta pedagógica e gerencial na produção agropecuária: o caso da Escola-Fazenda Canuanã* é de autoria de Carina Simionato de Barros. Nesse estudo, a autora propôs “um modelo matemático aplicando a técnica de Programação Linear como ferramenta pedagógica e gerencial para

uma escola-fazenda” (Barros, 2012, p. 16). A pesquisa teve como foco a Escola-Fazenda Canuanã, pertencente à Fundação Bradesco e situada em uma área de 2.549,07 hectares, no município de Formoso do Araguaia, Tocantins. Segundo a autora,

[...] na comunidade residem 1.173 pessoas, sendo 909 alunos que estudam em regime de internato. Os alunos do Ensino Médio fazem o Curso Técnico em Agropecuária de forma concomitante e para isso a escola-fazenda precisa proporcionar um ambiente de aprendizagem com diversidade de culturas vegetais, criação de animais e produção agroindustrial (Barros, 2012, p. 16).

Na citação mencionada e em outros trechos da tese, a pesquisadora apresentou a Escola-Fazenda Canuanã, evidenciando suas particularidades funcionais, sua localização e o processo de formação técnica e pedagógica da equipe. Alinhado a essa abordagem, ela apresentou também o contexto histórico da criação das escolas-fazendas na década de 1960, as quais foram concebidas com estruturas voltadas para atender às demandas locais, promover a inserção dos alunos no mercado de trabalho e integrar teoria e prática por meio de atividades de campo.

A pesquisadora observa que, embora o regime de internato tenha sido inicialmente concebido para “incrementar o currículo com atividades práticas”, a proposta da instituição supera esse objetivo. A convivência de alunos oriundos de diferentes regiões rurais, que permanecem por muito tempo na escola, convivendo diariamente, oportuniza ao espaço uma dinâmica contínua e vibrante, mantendo-o ativo e integrado, mesmo além dos horários regulares das atividades escolares (Fundação Bradesco, 2023, p. 31).

2.1.3 Morar e estudar no mesmo lugar: reflexões e revelações das pesquisas sobre o regime de internato

A temática “internato” está alinhada ao escopo desta pesquisa, considerando que a Escola-Fazenda Canuanã opera em regime de internato desde o início de suas atividades. Em relação ao descritor “internato”, foram identificados 20 trabalhos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), dentro do recorte temporal selecionado, dos quais 15 são dissertações e cinco, teses. Após a leitura dos resumos e a análise preliminar desses estudos, 16 trabalhos foram excluídos, pois abordavam o internato sob a perspectiva da área da saúde e outras áreas não relevantes para o presente estudo.

Nesse contexto, aplicou-se o filtro “área de conhecimento”, selecionando a categoria Educação, o que resultou em quatro trabalhos, dos quais apenas um é originário da Região Norte. Assim, a seleção abrange uma tese e três dissertações, que exploram a temática do

internato na perspectiva da História de Instituições Educativas (HIE) que funcionam em regime de internato. Esses trabalhos estão organizados no Quadro 2.

Quadro 2 – Mapeamento de dissertações e teses - descritor “internato”

Instituição	Programa	Tipo de documento	Ano	Autor	Orientador	Título
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado	Dissertação	2014	IABEL, Leila de Almeida Castillo.	Dr. ^a Bettina Steren dos Santos	Ensino Médio Técnico Integrado no IFRS – Câmpus Sertão: o cuidado afetuoso nas relações do ensinar
Universidade Federal do Pará	Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado Acadêmico em Educação	Dissertação	2016	CALLOU, Maria Lucirene	Dr. ^a Laura Maria Silva Araújo Alves	Instituição Pia nossa Senhora das Graças: assistência e educação de crianças pobres, órfãs e abandonadas em Belém (1943-1975)
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos	Programa de Pós-graduação em Educação - Mestrado em Educação	Dissertação	2018	BRITO, Estela Denise Schutz.	Dr. ^a Luciane Sgarbi Santos Grazziotin	Memórias de ex-alunos(as) do internato da Escola Normal Evangélica em São Leopoldo/RS: práticas cotidianas e cultura escolar (1950-1966)
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	Programa de Pós-Graduação em Educação Doutorado	Tese	2019	ESTIVALETE, Emerson Bianchini.	Dr. ^a Miriam Pires Corrêa de Lacerda; Maria Helena Camara Bastos.	Juventudes Agrícolas: formação para além de uma profissão?

Fonte: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), fevereiro de 2024.

A dissertação *Ensino Médio Técnico Integrado no IFRS – Câmpus Sertão: o cuidado afetuoso nas relações do ensinar* investigou o papel do cuidado afetuoso nas relações de ensino nas turmas do curso de Ensino Médio Integrado – Técnico em Agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Câmpus Sertão. A pesquisa envolveu 14 professores e professoras como sujeitos. Como resultado, o estudo evidenciou “a existência e a necessidade do cuidado afetuoso nas relações de ensinar” (Iabel, 2014, p. 72).

Dando continuidade à revisão bibliográfica detalhada, com o objetivo de identificar pesquisas representativas da Região Amazônica, destaca-se o estudo *Instituição Pia Nossa Senhora das Graças: assistência e educação de crianças pobres, órfãs e abandonadas em Belém (1943-1975)*, de Maria Lucirene Callou, orientado pela professora doutora Laura Maria Silva Araújo Alves e apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará. Situado no campo da história das instituições educativas, o estudo é analisado sob a perspectiva da História Cultural (HC), conforme Roger Chartier, focalizando as relações sociais a partir das práticas e representações.

Em sua dissertação de mestrado, defendida em 2016, Callou realizou uma pesquisa documental, utilizando como fontes históricas recortes de jornais, atas da instituição, balancetes, estatutos, relatórios, fichas de admissão das crianças, fotografias e o testamento de Ilda Martins, que abordavam a instituição.

A pesquisadora analisou o perfil das crianças atendidas pela Instituição Pia Nossa Senhora das Graças por meio das fichas de matrícula. Ao investigar os critérios que legitimavam o ambiente de pobreza, percebeu-se que incluíam o fato de a criança “viver em uma moradia feita de barro, madeira, coberta de palha, com piso de terra batida ou de tábuas, sem água encanada; geralmente não própria ou doada; e a família da criança ser, em sua maioria, numerosa, com mães solteiras, órfãs ou abandonadas” (Callou, 2016, p. 136).

O estudo, realizado na maior região do país em extensão territorial, demonstra que, para manter as suas atividades e distribuir alimentos (sopa) e vestuário para as crianças, a “associação realizava campanhas, rifas, quermesses e pedidos de doações a fim de conseguir mais associados e angariar recursos” (Callou, 2016, p. 133).

Outra pesquisa que se aproxima desta tese é a dissertação *Memórias de ex-alunos(as) do internato da Escola Normal Evangélica em São Leopoldo/RS: práticas cotidianas e cultura escolar (1950-1966)*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), de autoria de Estela Denise Schutz Brito (2018), sob orientação da doutora Luciane Sgarbi Santos Grazziotin. Essa pesquisa investiga as práticas cotidianas e analisa as representações sobre a cultura escolar de um internato evangélico entre os anos de 1950 e 1966. Teve como objeto de estudo a Escola Normal Evangélica (ENE), localizada na cidade de São Leopoldo/RS nesse período. Para a construção desse estudo, a autora buscou identificar, descrever e analisar as representações da cultura escolar por meio da memória de ex-alunos que passaram pela instituição.

Enfim, a tese produzida por Emerson Bianchini Estivaletto, intitulada *Juventudes Agrícolas: formação para além de uma profissão?*, apresenta-se como um estudo de caso

do tipo etnográfico, de abordagem qualitativa, cujo método de interpretação é o hermenêutico, utilizando-se de diário de itinerância, entrevistas compreensivas e análise documental. Para aprofundar a compreensão sobre o objeto investigado, Estivalet (2019) recorre às contribuições de Michel de Certeau, no que concerne às práticas do cotidiano, e à ótica de Foucault, ao refletir sobre a hierarquia de poder disciplinadora presente na instituição.

Nessa perspectiva, dialoga ainda com Goffman (2010), para quem o internato é concebido como uma instituição isolada da sociedade, na qual os alunos residem por longos períodos, submetidos a uma rotina fixa e rigidamente controlada. Assim, é imprescindível considerar as características sociais e culturais que moldam as instituições educativas em regime de internato, uma vez que influenciam o ensino formal e contribuem para o amadurecimento dos estudantes e para a construção das relações humanas nesse ambiente.

2.1.4 Entre mobiliários, espaços e tempos escolares: a cultura escolar na construção dos ambientes de aprendizagem

A cultura escolar envolve os valores, as práticas, as crenças e os rituais presentes em uma instituição educacional, além de mobiliários, espaços e tempos escolares. Ela é constituída a partir das interações entre alunos, professores, funcionários e a comunidade, refletindo e, ao mesmo tempo, produzindo a identidade do lugar. Cada instituição, com sua história e seus contextos específicos, desenvolve uma cultura própria, que pode ser influenciada por diversos fatores, como a filosofia pedagógica adotada, as tradições locais, o perfil socioeconômico da comunidade e até mesmo as manifestações externas.

Em busca do conhecimento sobre o descritor “cultura escolar”, foi realizada uma pesquisa na BDTD com o objetivo de identificar produções de Instituições de Ensino Superior (IES) da Região Norte do país. Observou-se que algumas das pesquisas já analisadas sob o descritor “instituição educativa” também abordam a temática da cultura escolar. Assim, decidiu-se concentrar a análise em estudos realizados em ou sobre as instituições da Região Amazônica, que se aproximam do objeto de pesquisa. A seguir, são apresentadas as investigações selecionadas, compostas por três teses e uma dissertação.

Quadro 3 – Mapeamento de dissertações e teses - descritor “cultura escolar”

Instituição	Programa	Tipo de documento	Ano	Autor	Orientador	Título
Universidade Federal do Pará	Programa de Pós-Graduação em Educação	Tese	2013	MESQUITA, Amélia Maria Araújo	Dr. Genylton Odilon Rêgo da Rocha	Os elementos de inclusividade na prática curricular de uma professora: uma análise a partir da cultura escolar
Universidade do Vale do Rio dos Sinos	Programa de Pós-Graduação em Educação - Doutorado em Educação	Tese	2019	SOUSA, Ranyelle Foro de	Dr. ^a Luciane Sgarbi Santos Grazziotin	Memórias de uma instituição de ensino superior em Belém do Pará: uma história da Escola de Agronomia da Amazônia (1945-1972)
Instituto Federal do Amazonas	Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica	Dissertação	2021	CRUZ, Naasson Barbosa	Dr. ^a Ana Cláudia Ribeiro de Souza	Cultura e práticas escolares na Escola Agrotécnica Federal de Manaus-AM (1979-1993)
Universidade Federal do Pará	Programa de Pós-Graduação em Educação	Tese	2021	GUTIERRES, Damiana Valente Guimarães	Dr. César Augusto Castro	A Escola Normal do Pará na perspectiva da cultura escolar (1890-1926)

Fonte: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), fevereiro de 2024.

Os elementos de inclusividade na prática curricular de uma professora: uma análise a partir da cultura escolar é uma tese apresentada, em 2013, pela pesquisadora Amélia Maria Araújo Mesquita, sob orientação do professor doutor Genylton Odilon Rêgo da Rocha, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará – Doutorado em Educação – vinculada à Linha de Pesquisa Educação: Currículo, Epistemologia e História.

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, estruturada como um estudo de caso, e utilizou diversas técnicas para a coleta de dados, incluindo observação, entrevistas semiestruturadas e, de forma complementar, análise documental. Os resultados evidenciaram que a cultura escolar exerce uma influência significativa na prática da

professora investigada, configurando-se como uma categoria central para compreender os elementos de inclusividade integrados pela comunidade escolar.

A tese *Memórias de uma instituição de ensino superior em Belém do Pará: uma história da Escola de Agronomia da Amazônia (1945-1972)* destaca-se de forma excepcional entre as pesquisas selecionadas. Embora tenha sido produzida em uma instituição de ensino superior na Região Sul do país, seu foco está na rica história da Escola de Agronomia da Amazônia (EAA), evidenciando a relevância dessa instituição para o cenário educacional da Região Norte.

O estudo historiográfico conduzido por Ranyelle Foro de Sousa insere-se na História da Educação, fundamenta-se na História Cultural (HC) e adota a metodologia da História Oral (HO). Sua relevância para a presente tese reside na ênfase dada às memórias de homens e mulheres comuns, sujeitos anônimos que vivenciaram e construíram a história da Escola (Sousa, 2019). De acordo com a pesquisadora, a cultura escolar explorada no estudo emerge de um “conjunto de práticas partilhadas pelos sujeitos pertencentes àquela comunidade acadêmica, visibilizadas por meio das memórias que produziram representações de um tempo e lugar” (Sousa, 2019, p. 26-27).

A dissertação *Cultura e práticas escolares na Escola Agrotécnica Federal de Manaus-AM (1979-1993)*, de autoria de Naasson Barbosa Cruz e orientada pela doutora Ana Cláudia Ribeiro de Souza, foi apresentada em 2021 ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do Instituto Federal do Amazonas (IFAM). Inserida no campo da História das Instituições Escolares (HIE), a pesquisa caracteriza-se por sua abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, documental e de campo, com dados coletados por meio de entrevistas semiestruturadas. Para compreender a cultura e as práticas escolares desenvolvidas na instituição, voltada para o ensino agrícola, foi realizada uma entrevista com um docente que atuou na referida instituição.

A pesquisa fundamentou-se nas contribuições de Viñao Frago (1995) para a caracterização dos espaços e dos tempos escolares e nas definições de Julia (2001, p. 10) sobre cultura escolar, concebida como “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”. Esse estudo estabelece uma significativa conexão com o objeto de investigação da presente tese, sobretudo por oferecer subsídios para compreender as atividades internas de uma instituição escolar voltada para o ensino agrícola.

E, por fim, a tese *A Escola Normal do Pará na perspectiva da cultura escolar (1890-1926)*, de autoria de Damiana Valente Guimarães Gutierrez (2021), sob a orientação do professor doutor César Augusto Castro, analisou o prédio e seus espaços, bem como elementos como bancos, mesas e uniformes escolares da Escola Normal do Pará no período de 1890 a 1926. Além disso, a pesquisa explorou a trajetória pessoal e profissional de professores e professoras, estabelecendo conexões com a cultura escolar. A metodologia adotada foi o estudo documental, fundamentado por teóricos como Chartier (1988, 1999), Julia (2001), Felgueiras (2010), Frago (1998) e Faria Filho (2014), cujas abordagens sustentaram as concepções de História Cultural e Cultura Escolar.

2.1.5 A Região Amazônica e os caminhos da educação: pesquisas sobre instituições educativas

A expressão “instituição educativa” refere-se a espaços que vão além da dimensão estritamente escolar, abrangendo ambientes nos quais são desenvolvidas práticas formativas amplas e diversificadas. Esses estabelecimentos não apenas promovem a aquisição de conhecimentos formais, mas também funcionam como cenários onde se vivenciam formas de sociedades duradouras, marcadas pela interação social, pela construção de valores e por processos contínuos de transmissão cultural (Pinheiro, 2017).

Para o estado do conhecimento das pesquisas sobre a temática “instituição educativa”, observou-se que os estudos nesse campo são recentes no Brasil. No entanto, conforme Gatti Júnior (2007), trata-se de uma área em franca expansão. Assim, a pesquisa direcionou-se para a Região Amazônica com o objetivo de identificar estudos realizados no e/ou sobre o Norte do país relacionados à temática “instituição educativa”.

Ao realizar a busca no Programa de Pós-Graduação na Amazônia – Curso de Doutorado em Educação na Amazônia (PGEDA), constatou-se que nenhuma pesquisa abordava a temática “instituição educativa”. Diante disso e com o intuito de representar a Região Amazônica, foram consultados os repositórios das nove Instituições de Ensino Superior que compõem a rede: UFPA, Ufam, Ufopa, UFRR, UEA, UFT, Ufac, Unifap e UNIR, na busca por pesquisas sobre “instituição educativa”, conforme apresentado no Quadro 4.

Quadro 4 – Mapeamento de dissertações e teses - descritor “instituição educativa”

Instituição	Programa	Tipo de documento	Ano	Autor	Orientador	Título
Universidade Federal do Pará	Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Acadêmico em Educação	Dissertação	2017	OLIVEIRA, Camila Vanessa Chagas Peixoto de	CASTRO, César Augusto	Instituto Santa Catarina de Sena: incursões educativas na formação de meninas em Belém do Pará (1903-1960)
Universidade Federal do Pará	Programa de Pós-Graduação em Educação Doutorado Acadêmico em Educação	Tese	2017	PINHEIRO, Wellington da Costa	ALVES, Laura Maria da Silva Araújo	O Instituto Orfanológico do Outeiro: assistência, proteção e educação de meninos órfãos e desvalidos em Belém do Pará (1903-1913)
Fundação Universidade Federal do Tocantins	Programa de Pós-Graduação em Educação	Dissertação	2016	HANNISCH, Renato Luiz	SANTOS, Jocyleia Santana dos	História e memória da Instituição Educativa Universidade Luterana do Brasil – ULBRA Tocantins (1992-2004)
Universidade Federal do Tocantins	Programa de Pós-Graduação em Educação	Dissertação	2020	BARROS, Aragoneide Martins	SANTOS, Jocyleia Santana dos	Às margens do Tocantins: memórias de professores aposentados em Miracema - TO (1960-1990)
Universidade Federal do Tocantins	Programa de Pós-Graduação em Educação	Dissertação	2021	MILHOMEM, Pabla Cassiângela Silva	SANTOS, Jocyléia Santana dos	História, memórias e narrativas do Instituto Federal de Palmas/Tocantins
Pontifícia Universidade Católica de Goiás	Programa de Pós-Graduação em Educação	Tese	2021	BRESSANIN, César Evangelista Fernandes.	ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de.	O Instituto Nossa Senhora de Lourdes de Arraias (1958-1982): trajetória, memórias e cultura escolar
Universidade Federal de Mato Grosso	Programa de Pós-Graduação em Educação	Dissertação	2022	SILVA, Flaviana Faustino da.	SÁ, Elizabeth Figueiredo de.	A criação da Escola Territorial de 1º e 2º Graus Paulo de Assis Ribeiro no processo de colonização de Colorado do Oeste/RO (1974-1989)
Universidade Federal do	Programa de Pós-	Dissertação	2017	QUEIROZ, Daniela	LIMA, Elizabeth	Escola Normal Lourenço Filho (1934-

Acre	Graduação em Educação			Fernandes da Silva	Miranda de	1974): histórias e memórias da formação de professores em Rio Branco - Acre
Universidade Federal do Oeste do Pará	Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado Acadêmico em Educação	Dissertação	2017	KLUSKA, Caren Alessandra	COLARES, Anselmo Alencar	A educação escolar em Fordlândia – PA e a influência da Companhia Ford Industrial do Brasil – 1931 a 1945
Universidade Federal do Oeste do Pará	Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado Acadêmico em Educação	Dissertação	2019	COUTO, Raimundo Jorge da Cruz	COLARES, Anselmo Alencar	Os franciscanos alemães no Baixo Amazonas (1907 - 1962): o protagonismo político educacional de Dom Amando Bahlmann

Fonte: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), fevereiro de 2024.

Como se pode observar no quadro acima, as duas pesquisas da UFPA selecionadas para compor este estado do conhecimento foram escolhidas devido ao fato de ambas abordarem assistência, proteção e educação de crianças órfãs, desvalidas ou pobres, o que se aproxima do objeto deste estudo, que analisa uma instituição educativa voltada para o atendimento de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social. Outro ponto relevante é que, assim como nesta tese, os pesquisadores utilizaram narrativas orais de ex-alunos, além de acervo documental para compor o *corpus* da pesquisa.

Dessa forma, na dissertação *Instituto Santa Catarina de Sena: incursões educativas na formação de meninas em Belém do Pará (1903-1960)*, Oliveira (2017) buscou averiguar as ações socioeducativas do Instituto Santa Catarina de Sena em Belém do Pará. A pesquisadora utiliza a conceituação de História Cultural segundo Chartier (2000), ao definir os documentos da instituição como produtos de uma cultura. Para ela, “as meninas educadas pelas religiosas obtiveram a educação católica tradicional e a educação formal que permitiu acesso a um papel social que lhes proporcionou assumir certa identidade social, embora de forma prematura” (Oliveira, 2017, p. 150).

A tese de Welington da Costa Pinheiro, UFPA (2017), sob a orientação da professora doutora Laura Maria da Silva Araújo Alves, intitulada *O Instituto Orfanológico do Outeiro: assistência, proteção e educação de meninos órfãos e desvalidos em Belém do Pará (1903-1913)* e inserida no campo da História das Instituições Educativas, aborda ações de assistência, proteção e educação realizadas pelo Instituto Orfanológico do Outeiro, criado pelos governantes Antônio Lemos e Augusto Montenegro, na cidade de Belém - PA. O

estudo documental e a análise dos discursos, à luz da teoria bakhtiniana, apontaram que a assistência, a proteção e a educação no Instituto Orfanológico fundamentam-se em discursos ideológicos. Logo, para Pinheiro (2017, p. 8),

[...] a instituição foi originada para ser um estabelecimento de preparação inicial de mão de obra trabalhadora, pois intencionava inculcar nos educandos valores morais, cívicos e nacionalistas, assim como normas e condutas disciplinares e higiênicas para moldar os corpos dos meninos e se constituírem em sujeitos ordeiros, fortes e saudáveis.

O estado mais novo do Brasil, Tocantins, está representado em quatro pesquisas: três realizadas pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), que investigam instituições locais, e uma pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, cujo lócus é uma instituição escolar localizada em Arraias, antiga região norte de Goiás e atualmente pertencente ao estado do Tocantins.

A dissertação *História e memória da instituição educativa Universidade Luterana do Brasil – ULBRA Tocantins (1992-2004)*, sob a orientação da professora doutora Jocyleia Santana dos Santos, foi produzida em 2016 pelo pesquisador Renato Luiz Hannisch, que, utilizando-se da metodologia História Oral Temática, buscou conhecer como foi a implantação da instituição educativa Ulbra Tocantins nas circunstâncias da construção de Palmas, recorrendo aos registros da memória dos sujeitos que participaram naquele período.

No ano de 2020, também sob a orientação da doutora Jocyleia Santana, foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, a dissertação *Às Margens do Tocantins: memórias de professores aposentados em Miracema - TO (1960-1990)*, da pesquisadora Aragoneide Martins Barros, cujo objetivo foi “narrar as memórias dos professores aposentados que atuaram no período de 1960 a 1990 no Colégio Tocantins (CT), na Escola José Damasceno Vasconcelos e no Centro de Ensino Médio Santa Terezinha (CEMST), na cidade de Miracema do Norte” (Barros, 2020, p. 9). Para alcançar esse intento, a autora analisou métodos de ensino, normas escolares e a rotina vivenciada por alunos e professores, a partir das memórias dos docentes que vivenciaram o cotidiano das escolas primárias no interior do norte goiano.

Barros (2020) buscou, com o uso da História Oral como metodologia e método de estudo, fazer uma análise das memórias dos professores, sua identidade, as vivências e as trajetórias profissionais dos atores pesquisados. Para isso, adotou os conceitos de História Oral sob os olhares de Verena Alberti (2000), Bosi (1994), Halbwachs (2003), Michael Pollak (1992), Portelli (2006), Meihy e Holanda (2010) e outros. A análise das entrevistas baseou-se em Bardin (2011) e Jacques Le Goff (1998).

Em 2021, no âmbito do mesmo programa de pós-graduação e sob a orientação da doutora Jocyleia Santana, a pesquisadora Pabla Cassiângela Silva Milhomem desenvolveu a dissertação *História, memórias e narrativas do Instituto Federal de Palmas/Tocantins*, com o objetivo de “compreender, por meio das narrativas dos professores, a história da instituição educativa Instituto Federal do Tocantins (IFTO), Campus Palmas, e seu processo de transição da Escola Técnica Federal (ETF) para o IFTO” (Milhomem, 2021, p. 19). Para acessar as memórias e as narrativas dos entrevistados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 18 professores e professoras, além de duas pedagogas.

A tese *O Instituto Nossa Senhora de Lourdes de Arraias (1958-1982): trajetória, memórias e cultura escolar* foi apresentada em 2021 ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, por César Evangelista Fernandes Bressanin, sob a orientação da professora doutora Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida. Possui grande relevância para a História da Educação, o campo da História das Instituições Educativas e a Região Norte, especialmente para o estado do Tocantins, ao tomar como objeto de estudo o Instituto Nossa Senhora de Lourdes.

A pesquisa se propõe a compreender a trajetória histórica do Instituto Nossa Senhora de Lourdes, localizado na cidade de Arraias, região que integrava o antigo norte de Goiás, por meio de fontes documentais e orais, e embasada nos pressupostos teóricos e metodológicos da História Cultural. Para tanto, foram realizados levantamento, coleta e organização de documentos diversificados, provenientes de arquivos institucionais e privados, que permitiram a reconstituição do percurso da instituição. A metodologia da História Oral também foi aplicada, possibilitando que sujeitos envolvidos com a história do Instituto compartilhassem suas memórias.

Conclui-se que o Instituto Nossa Senhora de Lourdes se consolidou como “o colégio de Arraias”, mais do que um colégio da Congregação que o mantinha. Após o encerramento de suas atividades, a instituição foi consagrada pela memória dos ex-alunos e da comunidade local, preservando um legado significativo na história e na identidade cultural da região.

A dissertação *A criação da Escola Territorial de 1º e 2º Graus Paulo de Assis Ribeiro no processo de colonização de Colorado do Oeste/RO (1974-1989)* examina a primeira instituição oficial de ensino daquela localidade e destaca seu papel no processo de colonização da região. A escolha dessa pesquisa se justifica pelo fato de a instituição estar situada na Região Amazônica, embora a pesquisa tenha sido submetida à Universidade Federal de Mato Grosso, pela pesquisadora Flaviana Faustino da Silva, sob a orientação da professora Elizabeth Figueiredo de Sá.

A pesquisa de Silva (2022, p. 9) teve como objetivo “identificar as finalidades e intenções de instituir uma escola em meio à mata; verificar como funcionava a escola e qual era a normativa de funcionamento”. Esse foco se aproxima do objeto desta investigação, que analisa uma instituição educativa criada em 1973, em um local isolado e de difícil acesso, distante dos grandes centros urbanos, que construiu sua cultura escolar a partir das múltiplas vivências.

Em 2017, a dissertação *Escola Normal Lourenço Filho (1934-1974): histórias e memórias da formação de professores em Rio Branco - Acre* foi submetida à Universidade Federal do Acre, pela pesquisadora Daniela Fernandes da Silva Queiroz, sob a orientação da doutora Elizabeth Miranda de Lima.

A pesquisadora utilizou fontes documentais, iconográficas, jornais da época, entrevistas, análise de lugares e até atividades festivas, a fim de construir a linha histórica e cronológica da instituição educativa, envolvendo a instalação, o funcionamento e o encerramento das atividades. O seu referencial teórico baseou-se em Camargo (2000), Julia (2001), Vicentini (2009), Buffa (2002, 2007), Sanfelice (2007), Monarcha (1999), Magalhães (2007), Vidal (2007), Saviani (2007) e Horta (2012). Ela concluiu que a “instituição cumpriu seu papel de transformar vidas, de formar além de professores, cidadãos” (Queiroz, 2017, p. 102).

Da Universidade Federal do Oeste do Pará, há a dissertação intitulada *A educação escolar em Fordlândia – PA e a influência da companhia Ford Industrial do Brasil – 1931 a 1945*, da pesquisadora Caren Alessandra Kluska, sob a orientação do professor doutor Anselmo Alencar Colares, submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado Acadêmico em Educação, no ano de 2017.

A pesquisa, que teve como fontes imagens e vídeos da web, além da análise de documentos como livros de registro de matrículas e realização de entrevistas com três ex-alunos do Grupo Escolar de Fordlândia, enquadra-se na modalidade estudo de caso e baseia-se nos trabalhos de Amorim (1995), Costa (2012), Dean (1989), Grandin (2010), Jackson (2011), Lourenço (1999), Maia (2002), Santos (1980), Aranha (2006), Coelho (2008), Ribeiro (2010), Pereira (2016), Romanelli (2007) e Xavier (2004).

Com a análise documental e as entrevistas realizadas, a pesquisadora observou que a referida escola foi criada “em razão, principalmente, do marketing e propaganda da Companhia Ford Industrial do Brasil (CFIB), como fator atraente para os trabalhadores dos quais a empresa necessitava para as plantações de seringueiras iniciadas em Fordlândia” (Kluska, 2017, p. 134). As pessoas, provenientes de várias regiões do Brasil e do exterior,

eram atraídas pela expectativa de bons salários e de qualidade de vida, além da possibilidade de matricularem os filhos em uma escola que primava por civilidade, organização, asseio e patriotismo, ou seja, um modelo a ser seguido.

Ainda da Universidade Federal do Oeste do Pará, sob a orientação do doutor Anselmo Alencar Colares, a dissertação *Os franciscanos alemães no Baixo Amazonas (1907 - 1962): o protagonismo político educacional de Dom Amando Bahlmann* foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) pelo pesquisador Raimundo Jorge da Cruz Couto, em 2019.

A pesquisa aborda a educação escolar realizada por missionários franciscanos de origem germânica na região do Baixo Amazonas, abrangendo alguns municípios do Oeste do Pará. Naquele local, eles fundaram oito escolas confessionais, no início do século XX. Assim, a pesquisadora procurou entender as relações políticas entre a Igreja Católica e o novo regime republicano brasileiro (Couto, 2019).

A realização desse estado do conhecimento, com base no recorte temporal proposto, buscou compreender como os pesquisadores têm abordado temas correlatos ao objeto desta pesquisa, bem como identificar os desafios e avanços no campo. Observa-se que, na Região Norte do Brasil, alguns estudiosos mantêm o foco de pesquisa vinculado ao contexto geográfico de suas origens profissionais, o que, somado à sua formação e qualificação, contribui para a expansão de novos estudos e para a introdução de temáticas inovadoras.

Torna-se, portanto, necessário ampliar a constituição de um corpo colaborativo de pesquisadores regionais para promover a expansão da historiografia da educação na Região Norte do Brasil. Essa ampliação busca não apenas destacar as especificidades locais, mas também atender às demandas regionais de pesquisa, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada e representativa dessa área do país.

2.2 Tramas teóricas e metodológicas: tecendo saberes e caminhos para compreender e transformar

Assim como Justino Magalhães expressou em sua entrevista concedida a Belusso e Luchesi, por meio da *Revista História da Educação (Online)*, em 2020, também me vejo envolvida por uma teia de identidades que se entrelaçam e se fortalecem mutuamente: professora, investigadora e, sobretudo, aluna egressa da Escola-Fazenda Canuanã. Essas dimensões não apenas coexistem, mas se fundem, moldando meu olhar e meu percurso de maneira indissociável.

Ao traçar essas conexões, a relação próxima entre as letras e a história ganha uma nova profundidade. É nesse entrelaçamento que encontro a importância das narrativas dos sujeitos – histórias que não são apenas relatos de vidas, mas testemunhos de tempos, espaços e vivências que transformam e são transformados.

Essa jornada é, portanto, muito mais do que um exercício acadêmico. É uma travessia emocional e reflexiva, em que cada memória resgatada e cada história compartilhada revelam a grandeza das inter-relações humanas e a força do passado no entendimento do presente. Esse caminho percorrido apresentou momentos de apreensão, desânimo, tristeza, como também comemorações com os pequenos avanços a cada dia, com o encontro de um documento tão essencial, com o compartilhamento de documentos entre pesquisadores ou com o sim de um possível entrevistado, gerando narrativas sensacionais.

Essas narrativas surgem como pontos de convergência, onde se cruzam diversas fontes cuidadosamente arroladas: jornais, revistas, mapas, fotografias, revisões sistemáticas e documentos de registros pedagógicos. Cada uma dessas fontes, por si só, é um fragmento de história, mas, juntas, formam um mosaico vivo que revela a complexidade das experiências e memórias dos sujeitos envolvidos.

É nessa mistura de vozes e registros que se constrói a profundidade dessas histórias, permitindo que o passado dialogue com o presente de maneira rica e instigante, oferecendo não apenas compreensão, mas também inspiração para novas interpretações e reflexões.

Assim, neste espaço, delineamos os caminhos percorridos ao longo da pesquisa, evidenciando os documentos que serviram de norte, a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, os instrumentos de coleta de dados utilizados, os participantes envolvidos e as reflexões que permearam o processo de produção do estudo. Também destacamos os autores cujas obras oferecem as bases teóricas que sustentam esta tese, revelando um percurso cuidadosamente planejado e embasado em rigor científico e ético.

Propõe-se aqui uma pesquisa de abordagem qualitativa por defender uma visão ampla e ao mesmo tempo integrada do objeto investigado (Minayo, 2007), por meio da qual se pretende compreender o processo de implantação, desenvolvimento e consolidação da Escola-Fazenda Canuanã, uma instituição educativa em regime de internato localizada no município de Formoso do Araguaia, antigo norte de Goiás, Região Amazônica, no período de 1973 a 1993, a partir de fontes documentais e orais.

Para o desenvolvimento deste estudo, adotaremos a triangulação de dados como abordagem metodológica, integrando pesquisa documental, bibliográfica e de campo, por meio da História Oral Temática (HOT), que subsidiará as outras fontes para completar as

lacunas. Essa combinação de perspectivas permitirá uma análise mais profunda e abrangente, unindo o rigor das fontes escritas à riqueza das narrativas dos sujeitos, compondo um panorama multifacetado do objeto investigado.

Quanto à natureza, optamos por uma pesquisa aplicada; quanto à forma de abordagem do problema será qualitativa, que, segundo Minayo (2007, p. 21-22), “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Oliveira (2007, p. 37) conceitua essa abordagem como sendo “um processo de reflexão e análise da realidade por meio da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico [...]”.

Quanto aos fins da pesquisa, será explicativa na visão de demonstrar a relevância da instituição para a Região Norte do Brasil. Quanto aos procedimentos, a pesquisa será bibliográfica (fontes secundárias), de modo a gerar um aporte teórico adequado para efetuar a interpretação e a discussão dos dados. Para tanto, será utilizado material já publicado, como livros, revistas, artigos científicos, jornais, boletins, teses, material cartográfico e fontes disponíveis na internet, pois possibilitam ao pesquisador o contato direto com a produção já existente acerca do tema investigado (Prodanov, Freitas, 2013).

No que tange à pesquisa documental, Gil (2019) destaca que se baseia em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. Dessa forma, ela trará contribuições para o conhecimento acerca da história da Escola-Fazenda Canuanã. Os documentos são marcas e testemunhos que tornam visíveis as ações do homem no tempo, por meio de “documentos, registros, marcas e vestígios deixados por indivíduos, por grupos, pelas sociedades e pela natureza que representam ou expressam uma determinada forma de ser da matéria, seja ela natural, humana ou social, em seu processo de contradição e transformação” (Orso, 2013, p. 43).

A utilização da História Oral Temática contribuirá para compreender os discursos, os conflitos, os olhares e as percepções dos participantes desta pesquisa. Utilizar a metodologia da História Oral (HO) permitirá dialogar com a diversidade das visões e dos relatos acerca de vivências, fatos e narrativas sobre a Escola-Fazenda Canuanã, constituindo, assim, um pouco de sua história. Como afirma Marieta Ferreira (2002, p. 330), a HO

[...] é um método de pesquisa que produz uma fonte especial, tem-se revelado um instrumento importante no sentido de possibilitar uma melhor compreensão da construção das estratégias de ação e das representações de grupos ou indivíduos nas diferentes sociedades.

A metodologia da História Oral tem como objetivo, por meio de entrevistas, acessar as memórias e narrativas dos participantes envolvidos na pesquisa, buscando, assim, trazer à luz informações fundamentais sobre o objeto investigado. As reflexões sobre o uso de narrativas são amplamente partilhadas por autores como Alessandro Portelli (2021), que destaca que as memórias não são meros repositórios de fatos, mas construções complexas e subjetivas que revelam tanto os acontecimentos vividos quanto às significações atribuídas a eles pelos narradores.

Portelli (2021) enfatiza ainda que as narrativas não apenas descrevem a realidade, mas também a interpretam, tornando-se uma fonte rica para compreender os processos históricos e sociais, pois

[...] os personagens que atuam na composição de trabalhos feitos em história oral são como cara e coroa de uma só moeda que lastreia fenômenos decorrentes de expressões da memória provocada e manifestada por narrativas gravadas segundo projetos previamente elaborados (Portelli, 2021, p. 19).

Esta tese reconhece que a ciência, embora pautada pela racionalidade e pela objetividade, também carrega em si elementos de emoção, subjetividade e contradição. Nesse sentido, a ciência não se limita à neutralidade dos números ou à impessoalidade das teorias; ela é também um meio de dar voz a histórias e vivências que compõem nossa existência. Para captar essas nuances de forma autêntica e significativa, será adotada a metodologia da História Oral Temática (HOT), que permite o registro das memórias e das perspectivas individuais, dando lugar a narrativas carregadas de profundidade e singularidade.

Dessa forma, procuraremos valorizar as emoções, os conflitos e as contradições inerentes às trajetórias humanas, contrastando com os dados coletados. Para a coleta de dados, serão utilizados instrumentos variados como: questionários, formulários *on-line*, observação e entrevistas com a técnica da História Oral, destacando que, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens de hoje, as experiências do passado” (Fonseca, 2003, p. 43).

Diante do exposto, a escuta e o interesse desta pesquisadora para com o outro serão um impulso de revelar-se uma história a partir da narrativa oral. Assim sendo, serão resgatadas experiências vividas no âmbito pessoal, familiar ou social, indo muito além dos aspectos materiais e estruturais encontrados circunstancialmente (Macedo; Santos, 2023).

A integração entre os dados empíricos, as contribuições de autores que abordam a temática em questão e a análise de contexto surge como uma estratégia significativa para a Triangulação de Dados. Essa articulação não apenas enriquece a compreensão do fenômeno

estudado, mas também promove uma abordagem mais global e fundamentada. Tal estratégia se revela especialmente relevante para minimizar o “distanciamento entre a fundamentação teórica e a prática da pesquisa” (Gomes, 2004, p. 69), um desafio recorrente nas investigações científicas. Diante disso, Marcondes e Brisola (2014, p. 204) esclarecem que,

[...] na Análise por Triangulação de Métodos, está presente um *modus operandi* pautado na preparação do material coletado e na articulação de três aspectos para proceder à análise de fato, sendo que o primeiro aspecto se refere às informações concretas levantadas com a pesquisa, quais sejam, os dados empíricos, as narrativas dos entrevistados; o segundo aspecto compreende o diálogo com os autores que estudam a temática em questão; e o terceiro aspecto se refere à análise de conjuntura, entendendo conjuntura como o contexto mais amplo e mais abstrato da realidade.

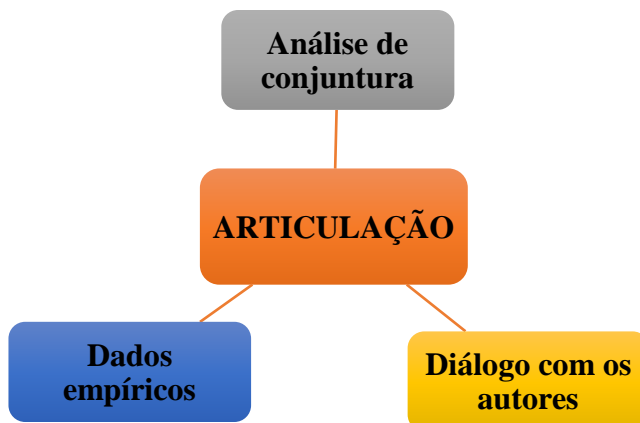
O termo “triangulação”, segundo Flick (2011), refere-se ao esforço de compreender um fenômeno por meio da integração de duas ou mais perspectivas ou abordagens metodológicas. Essa prática visa enriquecer a análise, oferecendo uma visão mais ampla e detalhada do objeto de estudo. Ao combinar diferentes fontes de dados, metodologias ou teorias, a triangulação não apenas amplia a compreensão, mas também contribui para a validação dos resultados, reduzindo possíveis vieses e limitando interpretações unilaterais.

De acordo com Sá e Henrique (2019, p. 653), a “[...] triangulação demonstra a riqueza e o entrelaçamento crítico de informações que o pesquisador pode obter por meio das várias fontes, técnicas, métodos ou estratégias, a fim de conseguir captar uma versão ampla, e cheia de detalhes, a respeito do objeto ou fenômeno estudado [...]”, ou seja, é o estudo desta tese, conforme o delineamento da pesquisa.

Ao utilizar a triangulação como estratégia de análise de dados, é possível tornar os resultados mais confiáveis, pois recorreremos a diferentes fontes de informação. Além disso, os achados ganham ainda mais consistência quando são usadas técnicas variadas na investigação. Essa abordagem é reforçada por Prodanov e Freitas (2013, p. 21), ao afirmarem que “[...] a convergência de resultados provenientes de fontes distintas oferece um excelente grau de confiabilidade ao estudo”. Assim, ao combinar diferentes métodos, fontes ou técnicas, a triangulação possibilita não apenas uma análise mais robusta, mas também amplia a credibilidade dos resultados.

A Figura 2 reflete o entendimento desta pesquisadora sobre a triangulação, fundamentando-se na contribuição de Brasileiro (2002), ao ilustrar como essa integração promove uma visão mais abrangente e significativa do objeto de estudo.

Figura 2 – Triângulo dialógico: quando os dados conversam entre si



Fonte: Elaboração própria - baseado em Brasileiro (2002).

O desenvolvimento de uma pesquisa de doutorado exige um percurso metódico e cuidadosamente estruturado, que começa com a realização de um estado do conhecimento detalhado e um levantamento bibliográfico aprofundado. Esses passos iniciais são fundamentais para embasar teoricamente o estudo e identificar as lacunas no campo investigado.

No caso específico da instituição educativa Escola-Fazenda Canuanã, o processo revelou um cenário desafiador: a ausência de estudos prévios diretamente relacionados à escola. Essa constatação não apenas destacou a originalidade e relevância da investigação, mas também evidenciou a oportunidade de contribuir significativamente para a compreensão da história e do impacto dessa escola, ampliando o debate acadêmico sobre instituições educativas.

2.3 Objeto de estudo: a arte de desvendá-lo em saberes e significados

Há 68 anos a FB tem se dedicado à promoção da educação e da assistência social para crianças e jovens em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Essa trajetória teve início em 1956, quando Amador Aguiar, fundador do Banco Bradesco, criou a Fundação São Paulo de Piratininga, uma instituição filantrópica que, em 1967, passou a ser conhecida como Fundação Bradesco, com o objetivo de oferecer educação gratuita e de qualidade e ser meio de transformação social para aqueles que mais precisam (Fundação Bradesco, 2023).

A primeira escola da fundação foi inaugurada em 1962, na cidade de Osasco, São Paulo. Seu propósito inicial era “acolher os filhos desses funcionários e as crianças que

viviam nos arredores da Cidade de Deus” (Museu Histórico Bradesco, 2016, p. 9), atendendo à carência de oferta educacional na região naquela época. Essa iniciativa pioneira marcou o início de uma missão que se consolidaria ao longo das décadas, ao oferecer oportunidades educativas transformadoras e ampliar os horizontes de milhares de crianças e jovens pelo Brasil.

Com o propósito de estabelecer uma escola em cada estado da federação, a FB expandiu sua atuação educacional para além dos limites de São Paulo, iniciando pela Região Norte do Brasil. Essa região, composta por sete estados, destaca-se como a maior em extensão territorial e abriga uma expressiva diversidade econômica, social e cultural. Nesse contexto, a primeira unidade escolar fora do estado paulista foi instalada em Conceição do Araguaia, no Pará.

Em seguida, a Fundação deu um passo ainda mais ambicioso ao inaugurar, em 5 de julho de 1973, o Colégio Dr. Dante Pazzanese – Escola-Fazenda Canuanã, localizado no município de Formoso do Araguaia, no atual estado do Tocantins. A criação dessa escola representou um marco na história da instituição, evidenciando seu compromisso com a educação em regiões remotas e desafiadoras, ao mesmo tempo em que reafirmava seu papel como agente transformador no cenário educacional brasileiro.

Localizada a aproximadamente 60 km da cidade de Formoso do Araguaia, a Escola-Fazenda Canuanã encontra-se em um cenário único e desafiador, às margens do Rio Javaé, vizinha à aldeia dos indígenas Javaé e próxima à Ilha do Bananal. Esse ambiente remoto e isolado dos grandes centros urbanos reforça o caráter especial da instituição, que funciona em regime de internato.

A escola ocupa uma extensa área de 2.549,07 hectares, dos quais 72.343,14 m² correspondem a construções que abrigam salas de aula, espaços administrativos, alojamentos e outras estruturas essenciais para seu funcionamento. Essa localização estratégica, embora distante de núcleos urbanos, é também um espaço de interação com a natureza e as culturas locais, contribuindo para uma experiência educacional diferenciada e integrada ao contexto socioambiental da região.

O projeto de implantação da escola naquela localidade distante era completamente inovador: por ser internato - a primeira nesse modelo da Fundação Bradesco -, a unidade poderia aproveitar não só os horários da sala de aula, mas outros períodos com atividades que seriam incorporadas ao currículo do aluno (Museu da pessoa, 2006, p. 67).

Voltada para crianças e jovens de baixa renda provenientes de áreas remotas do estado, a escola desempenha um papel essencial na transformação de vidas e na promoção de oportunidades educacionais em contextos historicamente marcados por vulnerabilidades.

Na Escola-Fazenda Canuanã, os estudantes têm acesso ao Ensino Fundamental, ao Ensino Médio e à Educação Profissional, em um ambiente que combina aprendizagem acadêmica com vivências práticas. Essa abordagem integrada proporciona experiências diversificadas que não apenas fortalecem o desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos, mas também ampliam suas perspectivas de inserção no mercado de trabalho, consolidando a instituição como um marco na educação inclusiva e transformadora da região.

Ao investigar uma instituição educativa, o pesquisador deve ir além da análise do funcionamento e das práticas pedagógicas da escola, abordar também as múltiplas dimensões que envolveram sua implantação, consolidação e desenvolvimento. Isso implica entender as condições históricas, sociais, políticas e culturais que deram origem à instituição e como essas influências impactaram sua evolução ao longo do tempo. Nesse sentido, a escola não pode ser tratada como um fim isolado, mas como parte de um processo mais amplo, que reflete as dinâmicas externas e as necessidades da comunidade em que está inserida. Para isso, Justino Magalhães (1996, p. 2) destaca que

[...] compreender e explicar a existência histórica de uma instituição educativa é, sem deixar de integrá-la na realidade mais ampla que é o sistema educativo, contextualizá-la, implicando-a no quadro da evolução de uma comunidade e de uma região, é por fim sistematizar e (re)escrever-lhe o itinerário de vida na sua multidimensionalidade, conferindo um sentido histórico.

Sanfelice (2007, p. 78-79) afirma que “as instituições não são recortes autônomos de uma realidade social, política, cultural, econômica e educacional”. Dessa forma, a História das Instituições Educativas deve ir além da análise documental, abranger também relatos, narrativas, fatos, organização dos espaços, equipamentos, mobiliário, decoração e materiais pedagógicos, além de fontes iconográficas. Também podem ser investigadas as formas de funcionamento desses espaços ao longo do tempo, bem como as reformas e ampliações realizadas. Esses elementos proporcionam uma visão ampla das instituições educativas e permitem compreender como elas se relacionam e refletem as dinâmicas sociais e culturais do contexto em que estão inseridas.

Para Buffa (2002), o estudo das instituições escolares é uma forma de explorar a história e a filosofia da educação brasileira, pois essas instituições refletem os valores de suas respectivas épocas. Da mesma forma, ao realizar entrevistas com pessoas que

vivenciaram diferentes períodos da Escola-Fazenda Canuanã, pode-se observar que os alunos matriculados na década de 1970 possuíam experiências e perspectivas distintas das atuais, revelando transformações nas vivências e nas mentalidades ao longo do tempo.

Assim, adotaremos como base teórica a História Cultural, conforme a perspectiva de Burke, pois, segundo ele, “a base filosófica da nova história é a ideia de que a realidade é social ou culturalmente constituída” (Burke, 2011, p. 12). Isso significa que a realidade não é determinada exclusivamente pelas estruturas econômicas e sociais, mas é construída nas relações sociais, por meio de táticas de resistência e/ou sobrevivência praticadas no cotidiano (Certeau, 2020). Nesse entendimento, torna-se impossível “distinguir o que é central ou periférico na história” (Burke, 2011, p. 12).

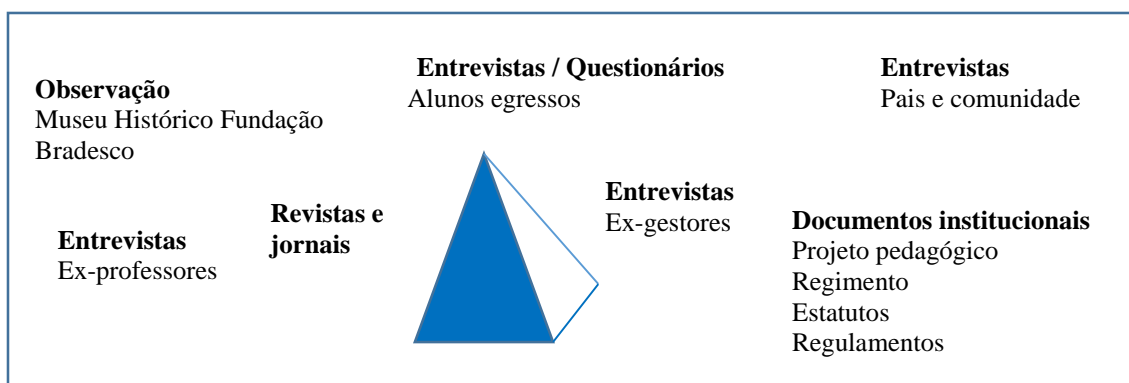
Dessa forma, a vida cotidiana e a experiência compartilhada na escola, até então desconhecidas para muitos, tornam-se o foco para a compreensão da realidade de cada período. Com essa perspectiva, a pesquisa investigará também como esse modelo institucional de internato foi implementado no sudoeste do Tocantins, como a comunidade de Formoso do Araguaia recebeu essa instituição e qual o diferencial dela na vida das famílias, da população local e dos ex-alunos.

Após a definição do objeto de estudo, foi elaborada a metodologia, com análise e seleção dos instrumentos de coleta de dados mais adequados ao tipo de pesquisa. Paralelamente, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), garantindo o cumprimento dos princípios éticos. Ao término das disciplinas, já se contava com o parecer consubstanciado do CEP, autorizando a coleta de dados.

2.4 Instrumentos de coleta de dados e análise: ferramentas para entender o objeto de estudo

A análise dos documentos e dos dados coletados será conduzida por meio da triangulação, que permite confrontar diferentes perspectivas e assegurar maior validade aos achados. Esse processo contemplará os itens apresentados na gravura a seguir, delineando os passos e os critérios utilizados para integrar as diversas fontes. A triangulação possibilita uma compreensão mais abrangente e minuciosa dos dados, visando fortalecer a interpretação final.

Figura 3 – Fragmentos em diálogo: escutar, observar e decifrar o vivido



Fonte: Dados da pesquisa (elaborados pela autora, 2024).

A triangulação metodológica, nesta tese, assume a forma de um tecido feito de fragmentos diversos: entrevistas, questionários, documentos, jornais, revistas e observações que, embora distintos em natureza, compartilham o mesmo território de sentido: o vivido. Cada fonte, ao ser mobilizada, não apenas oferece dados, mas convoca silêncios, memórias e gestos que escapam ao visível. Escutar é, aqui, mais do que ouvir: é acolher o que se revela nas entrelinhas. Observar é mais do que ver: é deixar-se afetar pelo movimento cotidiano. Decifrar o vivido é, portanto, um exercício de leitura sensível do real, em que os fragmentos dialogam não para confirmar verdades, mas para compor uma narrativa que reconhece a complexidade e a pluralidade da experiência humana.

Mais do que uma descrição técnica, a metodologia deve ser entendida como uma escolha interpretativa. O uso da História Oral Temática e da História Cultural implica reconhecer que memórias e documentos não são neutros, mas carregados de representações, silêncios e disputas. Essa perspectiva orientou a análise, permitindo que as fontes fossem compreendidas não apenas como registros factuais, mas como construções sociais que expressam relações de poder, intenções e visões de mundo.

2.4.1 Conexões históricas por meio de análise documental

A pesquisa histórica constrói-se, muitas vezes, como um percurso que alterna momentos de descobertas, avanços e de inesperadas ausências ou retrocessos. No esforço de compreender e narrar a trajetória da Escola-Fazenda estudada nesta tese, tínhamos consciência de que não bastava somente recorrer a bibliografias consolidadas ou a documentos amplamente disponíveis: era necessário buscar as fontes originais, preservadas em acervos institucionais, onde repousam vestígios de histórias não contadas.

Foi nesse movimento que, em setembro de 2024, realizei uma visita ao Museu Histórico Bradesco (MHB)⁴, localizado em Osasco (SP), com o objetivo de analisar registros visuais e documentais que pudessem ampliar o escopo desta investigação. A seguir, podemos observar a fachada do museu.

Figura 4 - Silêncios preservados: um museu entre origens e continuidades



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2024).

A fachada do Museu Histórico Bradesco, em Osasco, não guarda apenas objetos e documentos; ela resguarda os silêncios institucionais, aqueles que não foram ditos, mas que persistem como marcas no tempo. Entre muros, janelas e colunas, erguem-se as camadas de uma trajetória que liga a fundação bancária ao seu projeto educacional e filantrópico. Nesse espaço arquitetônico, o passado se apresenta não como algo encerrado, mas como matéria viva, constantemente reinterpretada. O museu, enquanto lugar de memória, torna-se também um elo entre as origens e os desdobramentos daquilo que foi sonhado, registrado e institucionalizado.

O Museu Histórico Bradesco desempenha um papel fundamental para os pesquisadores por atuar como guardião de um acervo valioso que preserva memórias, documentos e registros que vão além de dados históricos e por trazer à tona a essência das transformações sociais, culturais e educacionais ocorridas ao longo do tempo. Para

⁴ **Nota metodológica** – A lacuna documental decorrente da não disponibilização do material selecionado no Museu Histórico Bradesco foi contornada mediante a ampliação do escopo de fontes consultadas, incluindo acervos públicos, registros cedidos por ex-alunos e gestores, além de entrevistas conduzidas com base nos princípios da História Oral. A triangulação dessas fontes assegurou o rigor analítico e permitiu sustentar as interpretações apresentadas, ainda que a ausência dos documentos originalmente selecionados permaneça como parte significativa da trajetória desta pesquisa.

estudiosos, ele oferece a oportunidade de acessar fontes primárias únicas, como fotografias, relatórios, correspondências e outros materiais que permitem reconstruir narrativas, compreender contextos e dar voz a histórias muitas vezes esquecidas.

A visita, previamente agendada, foi conduzida com cordialidade pela equipe responsável. Podemos observar, na Figura 5, a pesquisadora em frente ao MHB.

Figura 5 - Entre paredes e histórias: o encontro da investigação com a lembrança



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2024).

A imagem revela a pesquisadora diante do Museu Histórico Bradesco traduz o momento em que a investigação se torna ponte entre o passado guardado e a busca pelo sentido presente. As paredes do museu não são meros alicerces físicos, mas testemunhas silenciosas de histórias que se reconstruem a cada nova leitura. A lembrança, por sua vez, não é estática; ela se renova e se expande pelo olhar atento da pesquisa. Assim, o encontro entre o gesto investigativo e a memória preservada revela a força que reside em revisitar o passado para compreender as continuidades e as rupturas que existiram.

Além disso, o museu promove um espaço de reflexão e conexão emocional, em que a história se torna palpável e íntima. Ao mergulhar em arquivos como os da Escola-Fazenda Canuanã, por exemplo, o pesquisador não apenas recolhe informações, mas também é convidado a sentir e compreender as trajetórias humanas por trás dos documentos. Esse encontro entre passado e presente transforma o trabalho acadêmico em algo vivo e profundo, evidenciando o impacto das instituições na vida das pessoas e nas comunidades.

Figura 6 - Entre papéis e fotografias: reconstruindo histórias silenciadas



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2024).

As horas transcorridas no espaço do Museu foram de intensa imersão: documentos institucionais, fotografias históricas, correspondências, registros administrativos e outros artefatos compunham um retrato capaz de lançar novas luzes sobre a instituição educativa em foco. Cada peça examinada guardava fatos e silêncios, narrativas visíveis e invisíveis, deixando emergir os rastros de uma época.

A imagem mostra a pesquisadora imersa na análise de fotografias e documentos no Museu Histórico Bradesco revela o cuidadoso esforço de resgatar narrativas muitas vezes esquecidas ou negligenciadas. Entre papéis amarelados e imagens desbotadas, são reconstruídas histórias que registram fatos e dão voz a silêncios que atravessaram o tempo. Esse gesto investigativo transforma fragmentos dispersos em um misto de sentidos, permitindo que o passado volte a falar, revelando as múltiplas camadas e complexidades das experiências humanas que delineararam o presente.

A utilização de documentos produzidos pela Fundação Bradesco exige cautela analítica. Trata-se de registros institucionais que visam legitimar práticas de filantropia empresarial e projetar uma imagem de modernidade educacional. Por esse motivo, foram lidos de forma crítica, sempre em cotejo com narrativas orais e outras fontes independentes, a fim de identificar não apenas o que revelam, mas também os silêncios e as estratégias de representação presentes em sua construção.

O dia em que estive no Museu Histórico Bradesco ficará para sempre gravado em minha memória, como um encontro entre o passado e o presente, carregado de significados profundos. Ao folhear os álbuns de fotos e analisar documentos antigos da Escola-Fazenda Canuanã, fui surpreendida por imagens que me transportaram de volta à minha infância.

A emoção tomou conta de mim; chorei ao perceber que aquelas fotografias guardam não só um pedaço da minha história, como a de tantos outros que partilharam daquele espaço e tempo. Entre lágrimas, selecionei cuidadosamente as imagens que seriam parte da minha tese, sentindo uma gratidão imensa por poder revisitar e narrar, agora como pesquisadora, uma vivência que contribuiu para quem eu seja.

Esse momento não foi apenas um processo acadêmico, foi um resgate íntimo e transformador, em que cada foto parecia sussurrar memórias que eu julgava esquecidas e cada documento um registro norteador desta pesquisa. Segundo Richardson (2011, p. 230), “a análise documental consiste em uma série de operações que visam estudar e analisar um ou vários documentos para descobrir as circunstâncias sociais e econômicas com as quais podem estar relacionadas”. Essa abordagem busca não apenas compreender o conteúdo explícito dos documentos, mas também investigar o contexto histórico, cultural e econômico em que foram produzidos, permitindo uma leitura mais profunda das implicações e das condições que influenciaram sua criação e circulação.

O acervo do Museu Histórico Bradesco revelou-se uma fonte valiosa, abrigando documentos oficiais, relatórios institucionais e diários de atividades que registram, de maneira rica e minuciosa, a história e os desafios enfrentados pela instituição ao longo de sua trajetória. Cada documento foi examinado com o cuidado de quem busca compreender os fatos, os sentimentos, as intenções e os impactos das decisões que moldaram a realidade vivida por aqueles que fizeram parte dessa história.

Nesse processo, a investigação segue o paradigma indiciário de Carlo Ginzburg (1992), em que cada detalhe, cada minúcia atua como um indício a ser decifrado. São esses vestígios que orientam o pesquisador a encontrar as rotas para sua narrativa, revelando camadas de significado que, à primeira vista, poderiam passar despercebidas.

Não imaginávamos que a busca intensa por pistas relativas à temática desta tese passaria por tantas turbulências. A ida a São Paulo, planejada com antecedência e expectativa, revelou-se um percurso marcado por imprevistos que, de certa forma, antecipavam a complexidade da própria investigação. Um episódio particularmente impactante ocorreu no hotel em que esta pesquisadora estava hospedada: no 14º andar, um princípio de incêndio despertou todos os hóspedes ao som estridente da sirene, exigindo

evacuação imediata pelas escadas. A experiência do susto, do frio na espinha e da necessidade de reorganizar pensamentos e emoções, permaneceu como um lembrete vívido da fragilidade e imprevisibilidade da vida diante de acontecimentos inesperados.

Mesmo abalada pelo incidente, tornou-se necessário recompor-se rapidamente e seguir para a Cidade de Deus (Osasco), onde a pesquisa aguardava sua realização. Esse esforço não se limitou a uma logística de deslocamento; tratava-se de sustentar a dedicação à investigação, de honrar o compromisso com o estudo e de manter a sensibilidade diante de cada documento, fotografia ou registro que pudesse ser analisado. O episódio, embora tenso e perturbador, revelou-se também simbólico: assim como na pesquisa histórica, a trajetória do pesquisador exige resiliência diante de obstáculos, atenção aos detalhes, cuidado com os elementos inesperados e a capacidade de transformar o imprevisto em parte da experiência investigativa.

Ao final do dia, havia selecionado um conjunto significativo de imagens e documentos, cujo valor residia tanto na sua raridade quanto na possibilidade de estabelecer vínculos entre memória institucional e memória social. Ficou acordado que o Museu se encarregaria da digitalização desses materiais, enviando-os posteriormente para o uso na pesquisa, após a assinatura de um termo de autorização de reprodução e citação. Essa formalização, acordada de forma clara e respeitosa, parecia garantir que as fontes integrariam o corpo final da tese.

No entanto, a etapa seguinte, que seria o envio dos arquivos digitalizados, não se concretizou. Ao longo dos meses subsequentes, foram realizadas inúmeras tentativas de contato com a matriz, utilizando diferentes meios, mas, apesar da insistência, não obtivemos retorno efetivo. Após quase um ano desde a visita, o silêncio consolidou-se como resposta. Essa ausência de acesso não se limita a uma questão de fluxo de trabalho ou de prazos institucionais; ela impacta diretamente o modo como a narrativa desta pesquisa poderia ter sido construída.⁵

Do ponto de vista da historiografia da educação brasileira, essa situação ilustra um fenômeno recorrente: a presença de lacunas documentais não apenas pela perda física das fontes, mas pela sua não disponibilização. Autores como Certeau (2020) e Le Goff (1990) já destacaram que o arquivo é, ao mesmo tempo, lugar de preservação e de poder. Poder de decidir o que será visto, interpretado e transmitido. Nesse sentido, o silêncio que aqui se

⁵ Até a data de finalização desta tese, os materiais selecionados no Museu Histórico Bradesco, em setembro de 2024, não haviam sido disponibilizados à pesquisadora, apesar das tratativas e das solicitações reiteradas.

instala não é neutro: ele é produzido por mediações institucionais, agendas administrativas e critérios de acesso nem sempre transparentes.

A impossibilidade de incorporar esses registros ao corpus documental desta pesquisa constitui, portanto, um dado empírico relevante, pois revela como a história da educação, quando escrita, é permeada por vazios construídos. Essas lacunas não representam apenas a ausência de informações, mas configuram também a presença de barreiras concretas que limitam o que se pode conhecer e, conseqüentemente, narrar.

Ainda que essa ausência não invalide a consistência metodológica desta tese, ela deixa marcas perceptíveis. As fotografias não incluídas, os documentos não transcritos, os detalhes que permaneceram guardados no interior das gavetas e dos arquivos do Museu constituem um silêncio que também fala. Eles revelam a face menos visível da pesquisa: aquela em que a história não é apenas narrada a partir do que se tem, mas também a partir daquilo que se perdeu ou permaneceu inacessível.

Dessa forma, esse episódio inscreve-se como parte da própria história desta pesquisa. Ao registrar essa experiência, não se trata de atribuir responsabilidades individuais, mas de refletir sobre a importância de que instituições preservadoras da memória assumam, de fato, o compromisso de torná-la acessível. No campo da história, tão relevante quanto proteger o passado é permitir que ele seja revivido, interpretado e, sobretudo, compartilhado.

E, talvez, o que permaneceu fechado nas gavetas do acervo se assemelhe a uma fotografia não revelada: a imagem existe, mas não pode ser vista; está ali, impressa na película do tempo, aguardando a luz que lhe dê forma. A ausência, nesse caso, não é mero vazio, é um enquadramento velado, um fragmento de memória que, mesmo invisível, continua a habitar os contornos desta tese. É uma página em branco que também conta história, não pela palavra que contém, mas pela falta que ela anuncia.

2.4.2 Entrevistas semiestruturadas e questionário: meios para captar experiências e significados

Quanto aos procedimentos técnicos, adotamos a metodologia da História Oral Temática, com ênfase na utilização da técnica de entrevista semiestruturada. De acordo com Triviños (2009), a entrevista semiestruturada distingue-se por ser composta de questionamentos básicos, elaborados a partir de teorias e hipóteses relacionadas ao tema investigado. Esses questionamentos orientam a coleta de informações e possibilitam a formulação de novas hipóteses à medida que as respostas dos informantes revelam caminhos

inesperados. Trata-se de um instrumento essencial para os encaminhamentos metodológicos na História Oral, pois permite explorar, com profundidade e flexibilidade, os relatos dos sujeitos, conferindo centralidade às suas memórias e experiências.

Assim, foi utilizada a metodologia de História Oral, a qual, segundo Alberti (2005), propõe que o vivido é lembrado de maneira distinta por cada indivíduo, que, ao relatar um acontecimento, atribui diferentes configurações de importância ou percepção. A produção deliberada do documento da História Oral possibilita recuperar informações não encontradas em outros tipos de documentos. O autor destaca também que a História Oral deve ser aplicada em investigações sobre temas contemporâneos e eventos ocorridos em um passado recente, que ainda possam ser acessados pela memória dos indivíduos, permitindo a realização de entrevistas com aqueles que participaram desses eventos, seja como atores ou testemunhas.

Nesse contexto, a narrativa assume destaque, pois, conforme Portelli (1996, p. 2), “narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar é interpretar”. Assim, a História Oral, enquanto metodologia de pesquisa, possibilita a recuperação de dados significativos do cotidiano dos entrevistados, informações que, talvez, não poderiam ser obtidas por outras fontes na mesma intensidade.

A História Oral, enquanto método, destaca a importância de considerar o local ocupado pelo entrevistado no grupo e o significado de sua experiência. Nesse sentido, defende que indivíduos que participaram, vivenciaram ou presenciaram fatos ou situações relacionadas ao tema em estudo podem fornecer depoimentos e informações relevantes, importantes e significativas para a pesquisa (Alberti, 2005).

As etapas da pesquisa estão sendo rigorosamente conduzidas em conformidade com as diretrizes estabelecidas pelo CEP, considerando que possuímos a anuência desse órgão por meio do Parecer nº 7.041.314. Todo o processo seguiu integralmente os princípios e as normas definidos pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012), que regula as diretrizes éticas aplicáveis às pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil. Essas diretrizes asseguram a proteção dos direitos, da dignidade e do bem-estar dos participantes, enfatizando a importância do consentimento livre e esclarecido, da confidencialidade dos dados e da transparência em todas as etapas do estudo.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi necessário assegurar que os procedimentos metodológicos da História Oral fossem rigorosamente seguidos, desde a seleção dos entrevistados, orientada pelos objetivos da pesquisa, até a elaboração do roteiro para as entrevistas, a transcrição, a textualização e a carta de cessão.

A entrevista semiestruturada estava composta por um roteiro com 10 questões, distribuídas em três blocos: o primeiro bloco, destinado ao conhecimento do depoente; o segundo bloco, com questões relacionadas ao objeto de estudo; e o terceiro bloco, dedicado às considerações finais da pesquisa. Além disso, foi aplicado um questionário aos alunos egressos, composto por cinco questões objetivas.

2.4.3 Pesquisa bibliográfica e a conexão entre textos e teorias para a construção do saber

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica em fontes secundárias, guiada pelo objetivo de aprofundar a compreensão do fenômeno em estudo e produzir um referencial teórico sólido que amparasse a interpretação e a discussão dos dados coletados. Essa etapa revelou-se uma imersão essencial em textos, artigos e obras sobre o objeto pesquisado. Cada leitura tornou-se uma oportunidade de conectar ideias, visitar conceitos e ampliar horizontes, permitindo que o passado se entrelaçasse com o presente na busca de respostas.

2.5 Participantes da pesquisa: sujeitos que tecem as narrativas do estudo

Quatorze vozes se reuniram nesta pesquisa, formando um coro de memórias que atravessa décadas da história da Escola-Fazenda Canuanã. Entre elas, oito ex-alunos, homens e mulheres hoje na faixa dos 50 a 59 anos, que carregam consigo lembranças vivas do tempo em que habitaram o internato, quando o aprender e o viver se confundiam nas rotinas e nos ritos escolares. Suas narrativas trazem o cheiro da terra, o som das manhãs, o peso e a leveza das regras que moldavam a vida naquele espaço.

Quadro 5 - Alunos egressos da Escola-Fazenda Canuanã

Nº	Nome	Idade	Anos de estudos na UE	Série cursada	Sexo
1	Joelma de Carvalho Silva Gama	Entre 50 e 59 anos	1985 / 1987	Magistério	Feminino
2	Cristiane Putêncio Glória	Entre 50 e 59 anos	1981 / 1988	Ensino Fundamental e Magistério	Feminino
3	Marildes Coelho de Souza Demori	Entre 50 e 59 anos	1978 / 1985	Ensino Fundamental e Magistério	Feminino

4	Ivan Sousa Carvalho	Entre 50 e 59 anos	1974 / 1984	Ensino Fundamental e Técnico em Agropecuária	Masculino
5	Ivanete Coelho de Sousa	Entre 50 e 59 anos	1981 / 1989	Ensino Fundamental e Magistério	Feminino
6	Darziler Machado Lopes Farias	Entre 50 e 59 anos	1974 / 1984	Ensino Fundamental e Magistério	Feminino
7	Antônio Reis Farias Bezerra	Entre 50 e 59 anos	1974 / 1984	Ensino Fundamental e Agropecuária	Masculino
8	Adriana da Costa Pereira Aguiar	Entre 50 e 59 anos	1980 / 1990	Ensino Fundamental e Magistério	Feminino

Fonte: dados da pesquisa, criado pela autora (2024).

Somam-se a essas vozes dois docentes aposentados, entre 70 e 79 anos, que partilham não apenas lembranças de aulas e metodologias, mas também o olhar de quem ajudou a construir, tijolo por tijolo, o projeto pedagógico e humano que sustentou a escola.

Quadro 6 - Docentes que atuaram na Unidade de Ensino

Nº	Nome	Idade	Período que atuou na escola	Graduação	Sexo
1	Ana Pinheiro Milhomem	Entre 70 e 79	1973 / 1993	Pedagogia	Feminino
2	Wilmar Alves de Souza	Entre 70 e 79	1978 / 1984	Pedagogia	Masculino

Fonte: dados da pesquisa, criado pela autora (2024).

Alia-se a eles três antigos gestores, hoje com idades entre 70 e 90 anos, cuja participação foi fundamental para compreender a Escola-Fazenda Canuanã sob a ótica de quem esteve à frente de suas decisões mais importantes. Suas narrativas revelam os bastidores da gestão e os dilemas enfrentados para conciliar as diretrizes institucionais com as necessidades concretas de alunos, professores e da comunidade local.

Ao trazerem à tona suas experiências, esses gestores refletem sobre as tensões, os limites e as negociações silenciosas que delinearão o projeto educativo. Suas memórias evidenciam que o ato de dirigir uma escola, especialmente em um contexto geográfico e social singular como o da Ilha do Bananal, exige não apenas competência técnica, mas também sensibilidade para ler o território e compreender as múltiplas dimensões que constituem a vida escolar.

Quadro 7- Gestores que atuaram na Unidade de Ensino

Nº	Nome	Idade	Período que atuou na escola	Graduação	Sexo
1	Maria de Lourdes Vieira	Entre 80 e 90 anos	1973 / 1993	Pedagogia	Feminino
2	Eva Fernandes Jácome	Entre 70 e 79 anos	1974 / 1985	Letras	Feminino
3	Renato de Sousa Jácome	Entre 70 e 79 anos	1974 / 1985	Administração	Masculino

Fonte: dados da pesquisa, criado pela autora (2024).

E, por fim, um representante de pais e também membro da comunidade local, na faixa dos 80 a 90 anos, cujas narrativas entrelaçam a história da escola à do território, lembrando que a instituição nunca esteve isolada, mas sempre dialogou, por vezes silenciosamente, com a vida social, cultural e econômica ao seu redor.

Quadro 8 - Representante de pais e/ou da comunidade

Nº	Nome	Idade	Gênero	Ano que o filho estudou	Nº de filhos na escola	Trabalhou na Fazenda Canuanã?
1	João Batista da Silva	Entre 80 e 90 anos	Masculino	1975 / 1986	3	sim

Fonte: dados da pesquisa, criados pela autora (2024).

Cabe destacar que a seleção de participantes não contemplou determinadas vozes relevantes, como funcionários administrativos, indígenas vizinhos e ex-alunos que não se adaptaram ao regime de internato. Essa ausência constitui uma limitação metodológica, mas também um dado importante: evidencia os silêncios que permanecem na memória da instituição e aponta quais narrativas tiveram maior possibilidade de registro. Reconhecer essas lacunas é essencial para situar a pesquisa dentro de seus limites e possibilidades.

A diversidade desse grupo permitiu o encontro de olhares que se complementam e, por vezes, se tensionam. As narrativas revelam não apenas o cotidiano da Escola-Fazenda Canuanã, mas também os afetos, os silêncios e as ausências que marcam a experiência humana. Ao reunir essas vozes, foi possível compor um retrato sensível de como uma instituição se inscreve na vida de quem a viveu, no imaginário de uma comunidade e na própria memória histórica.

A Figura 7 reúne, em forma de mosaico, os rostos daqueles que gentilmente compartilharam suas memórias e experiências para a realização desta pesquisa. Mais do que ilustrações, essas imagens simbolizam vidas, trajetórias e histórias que se relacionam com a própria constituição da Escola-Fazenda Canuanã. Cada olhar registrado no conjunto fotográfico traduz lembranças individuais, mas também a força coletiva de um grupo que, ao revisitar o passado, contribui para a preservação da memória e para a compreensão de uma instituição que marcou gerações.

Figura 7 – Rostos que fazem a história da Escola-Fazenda Canuanã



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Assim, cada relato colhido nesta pesquisa é mais do que uma lembrança individual, é um fragmento de um tecido maior, entrelaçado por vivências que se encontram e se afastam, como rios que correm paralelos antes de se unirem no mesmo leito. A imagem lembra o poema de João Cabral de Mello Neto, “Tecendo a manhã”⁶, quando fala do fio que “subirá pelo ar” e de outros fios que virão “de todos os lados” para que, juntos, formem a

⁶ MELLO NETO, João Cabral de. Tecendo a manhã. *In: Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p. 57.

rede. Tal como no poema, em que nenhum fio é suficiente por si só para sustentar a trama, nenhuma dessas memórias isoladamente daria conta de revelar a complexidade da Escola-Fazenda Canuanã.

É no encontro das vozes desses ex-alunos, professores, gestores e comunidade que a tessitura da história se torna visível, firme e resistente, capaz de sustentar o peso do tempo e, simultaneamente, deixar passar a luz que ilumina novas interpretações. A Escola-Fazenda Canuanã é aqui refletida como um território de experiências, aprendizagens e pertencimentos. Ao costurar essas memórias, a pesquisa não busca apenas registrar um passado, mas abrir janelas para compreender como ele reverbera no presente e projeta sentidos para o futuro.

2.6 Compromisso ético e as garantias de proteção aos participantes da pesquisa

Todos aceitaram participar voluntariamente, selando esse encontro de histórias por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Mais do que um protocolo ético, o ato simbolizou um pacto de confiança: o reconhecimento de que suas memórias, uma vez partilhadas, passariam a compor um legado coletivo.

Além disso, os participantes, que inicialmente consentiram em colaborar, tiveram garantido o direito de interromper sua participação a qualquer momento, seja antes, durante ou após a coleta de dados, sem necessidade de justificativa e sem sofrer qualquer prejuízo. Cada participante recebeu uma via do TCLE, que foi previamente lido, esclarecido e assinado por ambas as partes: o participante e a pesquisadora responsável, ficando uma via original com cada um.

Após a entrevista, foi garantida a devolutiva da transcrição para revisão e autorização por parte dos participantes, permitindo-lhes decidir sobre a utilização do material para fins acadêmicos. Todas as garantias éticas, psicológicas e sociais foram claramente comunicadas, assegurando total liberdade e transparência no processo.

Os colaboradores foram convidados antecipadamente e tiveram tempo para consultar familiares ou outras pessoas que pudessem auxiliá-los na tomada de uma decisão informada e livre. Somente após esse período de reflexão, foi solicitada a anuência daqueles que optaram por participar. Adicionalmente, ficou garantido aos participantes o direito de indenização em caso de eventuais danos comprovadamente causados pela pesquisa, sejam eles de ordem física, psíquica, moral, intelectual ou financeira. Esse cuidado ético reforçou a integridade do processo e o respeito inalienável aos direitos de todos os envolvidos.

2.7 Riscos inerentes aos participantes: reflexões e cuidados éticos no processo de pesquisa

Considerando o caráter acadêmico-científico desta pesquisa, todas as prerrogativas éticas e preventivas foram rigorosamente garantidas. Reconhecemos que os riscos associados à participação podem ter origens psicológicas, intelectuais, espirituais e/ou emocionais, e resultar em desconfortos como inibição ao uso do gravador durante a entrevista, vergonha ao responder questões específicas, sensação de invasão de privacidade ou o receio de ser identificado e/ou reviver experiências negativas.

Caso o entrevistado manifestasse qualquer desconforto ou se o uso do gravador fosse uma preocupação, seria possível substituir a gravação digital por uma transcrição manuscrita da entrevista, garantindo a privacidade e o conforto do participante. Além disso, foi assegurado que o participante tivesse a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento, sem que em nenhum momento se sentisse pressionado ou obrigado a continuar com a pesquisa. Antes de iniciar a coleta de dados, o participante teve o direito de ler a justificativa, os objetivos da pesquisa e o roteiro da entrevista, garantindo que suas decisões fossem fundamentadas e informadas.

Todo o processo de desenvolvimento da pesquisa foi claramente exposto aos participantes, com particular ênfase nos métodos de coleta de dados por meio das entrevistas e no uso das informações obtidas. Caso o participante se sentisse desconfortável em qualquer momento, sua vontade de interromper a participação seria respeitada, assegurando que sua liberdade de escolha seja sempre priorizada.

A pesquisa comprometeu-se a buscar os máximos benefícios para os envolvidos, tomando todas as precauções necessárias para evitar ou minimizar danos e riscos. Em caso de qualquer dano sofrido pelo participante, há garantida a assistência integral, seja médica, psicológica ou de qualquer outra especialidade clínica, de forma gratuita e pelo tempo necessário. Além disso, a pesquisadora responsável, caso identificasse qualquer risco ou dano significativo ao participante, seja ele previsto ou não no TCLE, se comprometeria a comunicar imediatamente o fato ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Tocantins e a avaliar a necessidade de ajustar ou suspender a pesquisa de forma emergencial. Dessa forma, a pesquisa buscou garantir a integridade, o bem-estar e os direitos dos participantes em todas as fases do estudo.

2.8 Benefícios e resultados esperados: reflexões sobre os impactos da pesquisa

Assim, os benefícios advindos deste estudo poderão desempenhar um papel significativo no esclarecimento de diversas questões que afetam a educação brasileira, frequentemente desacreditada pela ausência de um entendimento aprofundado sobre suas especificidades. Os resultados obtidos visam ampliar a compreensão sobre o tema e promover reflexões que motivem novos estudos voltados para a educação na região Norte do Brasil, com destaque especial para o estado do Tocantins. Ao lançar luz sobre essa realidade, espera-se contribuir para a valorização e o fortalecimento das práticas educacionais locais, incentivando um olhar mais atento e comprometido com os desafios e as potencialidades da educação em contextos regionais muitas vezes negligenciados.

3 ENTRE ALDEIAS, ILHAS, FLORESTA AMAZÔNICA E CERRADO - HISTORIANDO A EDUCAÇÃO QUE CHEGA POR MEIO DA FUNDAÇÃO BRADESCO

3.1 Contextualizando o cenário histórico, político, social e cultural brasileiro durante a construção da Escola-Fazenda Canuanã

Para revelar as circunstâncias da construção da Escola-Fazenda Canuanã, naquela região e no período específico definido pelo recorte temporal de 1973 a 1993, é preciso considerar alguns aspectos políticos, históricos, sociais e culturais que aconteciam no Brasil.

No contexto político, o Brasil estava sob o regime militar. Especificamente em 1973, o presidente era o general Emílio Garrastazu Médici, que comandou um dos períodos mais repressivos daquele regime. Nesse período de ditadura, os partidos políticos ficaram limitados ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), de oposição, e à Aliança Renovadora Nacional (Arena), pró-governo. Os poderes do Congresso Nacional foram limitados, e houve o aumento da repressão aos opositores políticos, movimentos de resistência e organizações de esquerda, como a guerrilha do Araguaia, reprimida brutalmente pelas forças armadas.

A censura desse regime restringia também a produção cultural no Brasil. Músicos, cineastas, escritores e jornalistas tinham suas obras censuradas, e muitos foram perseguidos ou exilados. Mesmo assim, foi possível ver o florescimento da chamada “música de protesto” e do movimento tropicalista, com artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil e Chico Buarque, que desafiavam a repressão.

O cinema brasileiro passou por um momento de destaque com o movimento do Cinema Novo, mas a censura limitava muito as produções. Alguns filmes, no entanto, como *Macunaíma* (1969)⁷, de Joaquim Pedro de Andrade, e *Toda Nudez Será Castigada* (1973)⁸, de Arnaldo Jabor, conseguiram provocar debates sociais, ainda que sob o olhar rigoroso do regime militar.

Além disso, a repressão aos movimentos sociais resultou na restrição da liberdade de expressão e na desarticulação das organizações estudantis. Professores e alunos foram duramente reprimidos, com muitos sendo presos, torturados e exilados por suas atividades

⁷ *Macunaíma* (1969), longa-metragem do diretor Joaquim Pedro de Andrade (1932-1988), baseado na obra do escritor Mário de Andrade (1893-1945), *Macunaíma, O Herói sem Nenhum Caráter* (1928), livro de referência do movimento modernista brasileiro.

⁸ *Toda nudez será castigada* (1972). Terceiro longa-metragem de Arnaldo Jabor (1940). Adaptação da peça teatral de Nelson Rodrigues (1912-1980), encenada pela primeira vez, em 1965, pelo diretor e ator Ziembski (1908-1978). <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/123296-toda-nudez-sera-castigada>

políticas. No campo econômico, o Brasil buscava atrair investimentos estrangeiros e promover grandes obras de infraestrutura, a exemplo da construção de rodovias, hidrelétricas e projetos de integração territorial, como a Transamazônica.

Apesar do impressionante crescimento, as desigualdades sociais foram acentuadas, beneficiando sobretudo as elites e os setores urbanos industrializados, enquanto a população rural e as classes mais pobres permaneciam em situação de grande vulnerabilidade.

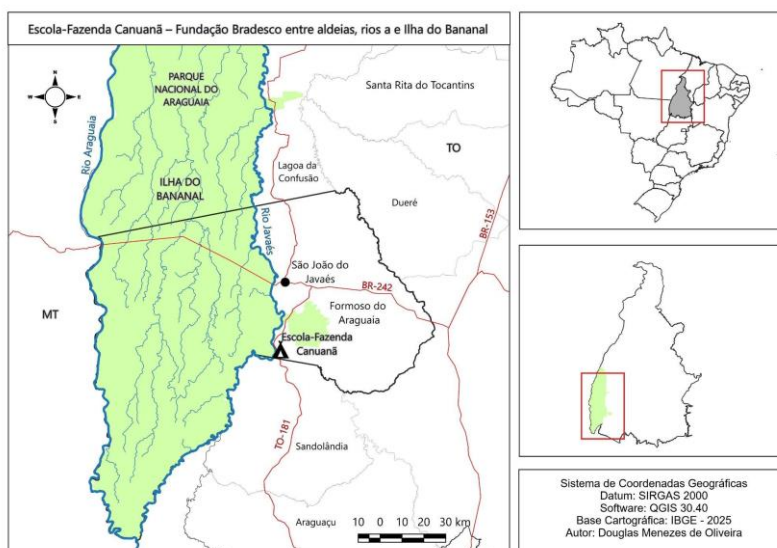
Pode-se destacar que, durante o período da ditadura militar, o governo enxergava as regiões mais distantes dos grandes centros urbanos, especialmente as zonas rurais, como áreas estratégicas para a segurança nacional, pois eram percebidas como fronteiras a serem ocupadas, com o objetivo de prevenir possíveis influências externas e movimentos revoltosos.

Esses acontecimentos revelam um Brasil marcado pela repressão política, pelo crescimento econômico desigual, pela modernização industrial e por uma cultura que, apesar da censura, buscava resistir e expressar as tensões sociais da época.

3.1.1 Dos recantos do norte de Goiás ao município de Formoso do Araguaia: análise das condições que levaram à implantação da escola-fazenda

Antes da análise das condições que levaram à implantação dessa instituição educativa, cabe observar o mapa a seguir, que apresenta a localização da Escola-Fazenda Canuanã no município de Formoso do Araguaia, estado do Tocantins, região marcada pela confluência entre a Ilha do Bananal, o rio Javaés e o Parque Nacional do Araguaia.

Figura 8 – Localização da Escola-Fazenda Canuanã⁹



Fonte: Elaborado por Douglas Menezes de Oliveira (2025), a partir de dados do IBGE (2025).

A representação cartográfica destaca a posição estratégica da instituição educativa, implantada em 1973 pela Fundação Bradesco, em um espaço geográfico de grande relevância social, cultural e ambiental.

A Ilha do Bananal, considerada a maior ilha fluvial do mundo, constitui não apenas um marco territorial, mas também um espaço de ancestralidade indígena, território de povos como os Javaé e os Karajá. A proximidade da escola com aldeias e comunidades ribeirinhas ilustra as condições singulares em que foi implantada: um espaço de difícil acesso, com deslocamentos realizados por meio dos rios e, em períodos de cheia, restritos ao uso de cavalos ou embarcações.

O mapa também evidencia a inserção da Escola-Fazenda Canuanã em uma região de fronteira entre o cerrado e a Amazônia, o que explica parte de seus desafios estruturais e, ao mesmo tempo, sua importância simbólica e política. Ao ser implantada nesse território, a instituição passou a integrar, além do espaço educacional, a dinâmica social e cultural da Ilha do Bananal e de seu entorno.

Dessa forma, a representação cartográfica cumpre a função de situar geograficamente a escola no município de Formoso do Araguaia, bem como reforçar o vínculo entre natureza, ancestralidade e educação que marca a sua trajetória histórica.

⁹ Mapa de localização da Escola-Fazenda Canuanã, no município de Formoso do Araguaia (TO), em relação à Ilha do Bananal, ao rio Javaés e ao Parque Nacional do Araguaia. A representação inclui recortes em diferentes escalas (Brasil, Tocantins e área local), indicando a posição estratégica da instituição em um território de fronteira entre aldeias indígenas, rios e áreas de conservação ambiental.

O site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) cidades¹⁰ aponta que a ocupação da região tem origem no século XVIII, quando a busca por ouro levou exploradores portugueses às margens de um rio, denominado Formoso, em razão de suas belezas naturais. À época, os habitantes originais daquele território eram os indígenas da etnia Javaé. Após esse período inicial, a área permaneceu praticamente abandonada até 1949, quando a descoberta de minas de cristal impulsionou a formação de um povoado.

Cabe mencionar a dissertação de mestrado da pesquisadora Maria Esperança Fernandes Carneiro, intitulada *A Revolta Camponesa de Formoso e Trombas* (1981). Embora tenha como recorte temporal o período de 1950 a 1964, sua contribuição permanece relevante para a compreensão da história do município de Formoso do Araguaia. O estudo analisa a luta pela legalização das terras ocupadas pelos camponeses, que denunciavam a opressão dos grileiros, além dos conflitos sociais que envolveram confrontos entre representantes do capital, trabalhadores rurais e, em muitos momentos, a própria polícia. Ainda que a presente tese delimite seu recorte entre 1973 e 1993, a pesquisa de Carneiro apresenta-se como contribuição relevante, pois fornece elementos que ajudam a compreender o contexto histórico e social que antecedeu o período aqui investigado.

Ainda segundo o IBGE, em 1963, o distrito conquistou sua emancipação político-administrativa, desmembrando-se de Cristalândia. A Lei Estadual nº 4.596, de 1º de outubro de 1963, o elevou à categoria de município, recebendo oficialmente o nome de Formoso do Araguaia. Sua instalação oficial ocorreu em 1º de janeiro de 1964.

As principais atividades econômicas eram a criação bovina e a agricultura de subsistência. Por outro lado, a infraestrutura inadequada limitava o desenvolvimento econômico, mesmo com os incentivos do governo para a ocupação e o progresso da Amazônia Legal, o que incluía o norte goiano.

A construção de rodovias, como a BR-153 (Belém-Brasília), que visava conectar o Sul ao Norte do país e impulsionar o desenvolvimento econômico de diversas regiões, foi um fator importante na “integração” do norte goiano com o restante do país. Embora com efeitos positivos em termos de mobilidade e comunicação, também provocou o deslocamento de comunidades tradicionais e pequenos agricultores, além de contribuir para o aumento de conflitos agrários.

A educação formal era limitada, pois havia poucas escolas, especialmente no meio rural, área tão remota e com poucas condições de infraestrutura. Instituições como a Escola-

¹⁰ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/formoso-do-araguaia/historico>

Fazenda Canuanã foram, em parte, uma tentativa de melhorar as condições educacionais da região, inserindo a juventude em um modelo de internato com uma abordagem prática voltada para a agricultura.

Contudo, quem não experienciou estudar na referida escola ou desconhece os resultados provenientes dela pode questionar quais as possíveis motivações da FB em inaugurar uma escola entre a Amazônica e o Cerrado, a qual “converteu-se na primeira escola-fazenda, devido ao caráter inóspito e isolado da região” (Fundação Bradesco, 2023). Seria filantropia estratégica, alinhamento com políticas governamentais, oportunidade de desenvolvimento agrícola, ampliação da base de clientes futuros ou exploração de terras baratas e disponíveis?

Acreditamos que somente após a análise de fontes primárias como documentos de criação da escola, projeto pedagógico e regimentos, será possível direcionar-se às considerações mais plausíveis sobre essas razões. Diante dessa pausa, convém uma breve reflexão sobre a história do município-sede da escola.

As condições de vida dos moradores de Formoso do Araguaia, nas décadas de 1960 e 1970, refletiam a realidade de muitas áreas rurais no interior do Brasil, especialmente na região norte de Goiás. Serviços públicos, como escolas, postos de saúde e infraestrutura para água e saneamento, eram escassos. As crianças que tinham acesso à educação, muitas vezes, precisavam caminhar longas distâncias para chegar ao seu local de estudo. A saúde era outro desafio, com poucas opções de atendimento e alta dependência de remédios caseiros ou deslocamento para cidades maiores.

Grande parte das famílias vivia em fazendas ou pequenas propriedades rurais, cujo sustento dependia da agricultura de subsistência, com o cultivo de alimentos básicos como milho, arroz e mandioca. Embora muitas propriedades fossem de pequeno porte, a pecuária também era uma atividade importante, mesmo com condições de trabalho precárias, poucas ferramentas e técnicas rudimentares, o que resultava em baixa produtividade.

Nesse contexto, no início da década de 1970, em uma região amplamente alagada, foram realizados experimentos para aproveitar as planícies ribeirinhas. Esses testes revelaram que a área era propícia para o cultivo de arroz irrigado, desde que fossem feitas obras para drenar o excesso de água durante o período chuvoso e garantir a irrigação na estação seca. Consta que o estado de Goiás foi o responsável pela elaboração do estudo técnico e pela implantação inicial do projeto, que, posteriormente, foi transferido à iniciativa privada. Esta, ao assumir a administração do empreendimento agrícola, deveria ressarcir o Estado pelos gastos realizados na fase de implantação (Rodrigues, 2013).

Dessa forma, a partir de 1979, a localidade passou a abrigar o Projeto Rio Formoso, voltado para a agricultura irrigada em terras contínuas, considerado o maior empreendimento desse tipo na América Latina (IBGE, 2024). Embora posterior aos acontecimentos descritos por Carneiro (1981), o projeto revela continuidades nas disputas por terra e nas relações de poder na região.

Rodrigues (2013) complementa essa análise ao observar que, com a execução do projeto, tanto o governo quanto os empresários excluíram deliberadamente os moradores locais de qualquer participação no empreendimento. O projeto ignorou os direitos e a presença dos posseiros e das populações indígenas, importantes sujeitos sociais da região do médio Araguaia, evidenciando uma dinâmica de poder centrada no capital e no Estado.

O município de Formoso do Araguaia abriga também a Ilha do Bananal, maior ilha fluvial do mundo. A Ilha, com uma extensão de 1.916.225 hectares, faz fronteira com cinco estados: Pará, Tocantins, Goiás e Mato Grosso. No Tocantins, ela abrange os municípios de Pium, Lagoa da Confusão, Cristalândia e Formoso do Araguaia (Mattos *et al.*, 2013), composta por vastas planícies alagáveis.

Reconhecendo a relevância das histórias de vida na compreensão dos processos de pesquisa, apresentamos a seguir um relato pessoal em que a trajetória desta pesquisadora se entrelaça com o tema investigado. Essa perspectiva amplia a compreensão do objeto de estudo e destaca as influências recíprocas entre as experiências vividas e o desenvolvimento da pesquisa. Justificamos, assim, a alteração da pessoa do discurso nos parágrafos seguintes, uma vez que a inserção da primeira pessoa do singular torna possível uma abordagem mais reflexiva e contextualizada, revelando nuances e motivações que enriquecem a análise.

Quando nas minhas origens, inúmeras memórias surgem. Algumas parecem distantes e nebulosas, enquanto outras são nítidas e vívidas. Isso porque nasci na maior ilha fluvial do mundo: a Ilha do Bananal. Para muitos, pode soar estranho imaginar alguém nascendo em uma ilha, em casa, com a ajuda de uma parteira, que, além de vizinha, era amiga da família. Será que, naquela situação, o parto em casa foi uma escolha para a mulher? Provavelmente não. Naquele contexto, o parto natural não era apenas uma expressão de sabedoria ancestral, cuidado comunitário ou respeito aos ciclos da vida. Nesse caso, foi a única alternativa devido à dificuldade de acesso aos serviços médicos formais, pois as distâncias até hospitais e clínicas eram enormes, e o transporte, limitado. Assim, vim ao mundo em um dia chuvoso, quando meu pai teve que buscar a parteira a cavalo.

O que significa nascer nessas circunstâncias? Para mim, o nascimento é sempre uma ocasião para celebração. No meu caso, esse momento uniu vida, natureza, acolhimento e um profundo apoio emocional.

Na minha infância, eu não compreendia a grandiosidade e a importância daquele lugar. Sentia-me pequena diante daquele imenso mar de água doce, mas, ainda assim, enxergava a Ilha como o meu mundo inteiro, um território íntimo onde cabiam meus passos curtos e minhas perguntas sem resposta, sem perceber o quanto ela representava para uma comunidade inteira.

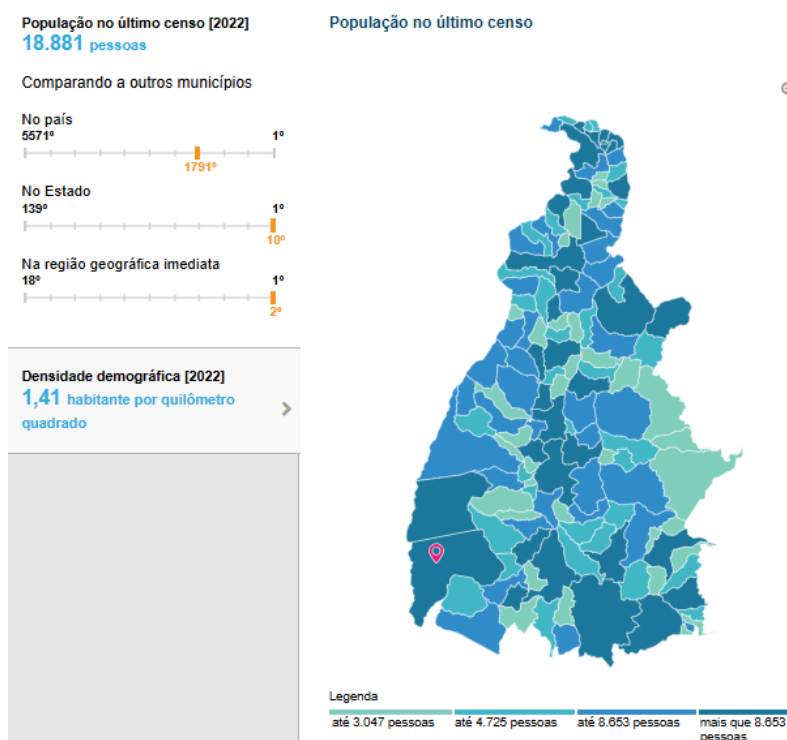
Recordo-me das vezes em que precisávamos deixar a Ilha e o cavalo era o único meio de transporte possível. Ele nos levava a lugares onde carros não podiam chegar e, quando a água tomava conta de tudo, nadava conosco como se fosse parte natural daquele cenário. Na ingenuidade da infância, eu me perguntava por que eles não afundavam, por que havia tantas vitórias-régias, do que elas se alimentavam. Hoje sei que uma das respostas era simples: não tínhamos carros porque não podíamos comprá-los.

O tempo passou, mas aquelas cenas singelas, feitas de travessias e descobertas, de alguma forma me acompanham e me sustentam. Os desafios surgiram, é verdade, mas também deixaram cicatrizes doces, gravadas na memória como quem guarda um cheiro ou um canto distante. Vejo, ainda hoje, os animais que me fascinavam, sinto a água fria das lagoas e do rio em que mergulhava, saboreio as frutas da estação colhidas com pressa, corro descalça até a casa da minha avó, escuto o barulho do balde ao cair dentro da cacimba e o canto dos pássaros atravessando o silêncio da manhã.

Água, sempre água, cercando e dando vida a tudo. A Ilha do Bananal permanece como o chão das minhas raízes, o lugar que me moldou e onde sinto, com toda a intensidade, que pertencço de verdade.

Segundo dados do IBGE, em 2024, a área do município de Formoso do Araguaia era de 13.431,861 km², o que o coloca na posição 1 de 139 entre os municípios do estado do Tocantins e 89 de 5570 entre todos os municípios do país, como podemos observar no mapa a seguir.

Figura 9 – Mapa do estado do Tocantins com a localização de Formoso do Araguaia - TO



Fonte: IBGE (2024)¹¹.

Com características próprias que refletem sua evolução ao longo dos anos, a economia local é predominantemente voltada para a agropecuária, com destaque para a produção de arroz irrigado, atividade que se beneficia dos recursos hídricos da região.

Essas informações atuais permitem articular memória afetiva e histórico-cultural com dados concretos, oferecendo uma visão integrada do lugar que moldou minha experiência e continua a sustentar a vida local.

3.1.2 Mata Azul - último refúgio dos Avá-Canoeiro do Araguaia após décadas de massacres e fuga e a Fazenda Canuanã dos Irmãos Pazzanese

Para situar a implantação da Escola-Fazenda Canuanã, foi percorrido um longo caminho entre leituras, pesquisas, descobertas e até mesmo mudanças no trajeto. Inicialmente, contextualizamos o cenário nacional durante o regime militar, cuja atenção foi para o norte de Goiás e, por fim, a Formoso do Araguaia. Parecia que o próximo passo seria apenas concentrarmos na criação da escola. No entanto, os achados conduziram a um

¹¹ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/formoso-do-araguaia/panorama>

território totalmente inesperado, repleto de narrativas perturbadoras, daquelas que podem causar mal-estar até nos mais fortes.

Para compreender essa mudança na narrativa da instituição, é imprescindível investigar as circunstâncias locais que antecederam a criação da escola, pois aquela região foi palco de acontecimentos inimagináveis, especialmente para um lugar aparentemente tão pacato. Dessa forma, para assimilar esse cenário, é fundamental revisitar a história de resistência e resiliência dos Avá-Canoeiro, povo indígena “cujo contato com os não indígenas se deu no contexto do regime militar, mais precisamente em 1973” (Ãwa, 2021, s.p.). Os Avá-Canoeiro receberam essa denominação “devido à habilidade e à agilidade com que se retiravam das águas utilizando canoas para defender o seu território” (Ãwa, 2021).

Segundo Povos Indígenas do Brasil, o povo Avá-Canoeiro “começou” a partir da mistura mítico-histórica entre três grupos diferentes: os Avá-Canoeiro (Ãwa), os “outros índios” (bairãpagawai) e os “negros” (tapanha). A história desses povos indígenas é marcada por lutas, resistências e desafios.

Mas qual é a relação entre esses enfrentamentos, a expulsão dos Avá-Canoeiro da Mata Azul e a implantação da Escola-Fazenda Canuanã? Ao longo de sua existência, esses povos indígenas, dispersos em pequenos grupos, conseguiram resistir e escapar de inúmeras tentativas de contato e controle por parte dos colonizadores. Durante décadas, a trajetória dos Avá-Canoeiro do Vale do Rio Araguaia permaneceu oculta. Seus últimos representantes sobreviviam à sombra da invisibilidade, subjugados tanto pelo poder do Estado quanto pelos indígenas Javaé da aldeia Canoanã, antigos inimigos, nas terras onde foram forçados a se estabelecer.

Embora não caiba aqui revisitar toda a história dos Avá-Canoeiro, já que não faz parte do escopo central desta pesquisa, é importante destacar que esse povo enfrentou “intensos conflitos com os portugueses e seus descendentes, o que resultou na extinção de vários grupos indígenas e provocou movimentos migratórios em várias direções” (Silva, 2005, p. 17).

No acervo virtual “Armazém Memória – um resgate coletivo da memória”, na série especial Território e Resistência, há uma página dedicada à história de luta dos povos indígenas pela preservação de suas terras tradicionais. Entre os destaques, encontramos uma retrospectiva marcando os 50 anos do contato forçado entre os Avá-Canoeiro e o homem branco, ocorrido em 1973. Esse evento representa um marco na história de resistência desses indígenas e os esforços para proteger seus territórios ancestrais frente à crescente pressão externa. Na narrativa, a autora afirma que

O grupo do Araguaia foi caçado como animais selvagens pela sociedade regional até ser capturado em 1973 por uma equipe da FUNAI na Mata Azul, no vale do Rio Javaés. A Frente de Atração entrou atirando no acampamento indígena do Rio Caracol, onde se refugiavam 11 sobreviventes de uma família, e matou a menina Typyire. O contato forçado na ditadura militar beneficiou a grande Fazenda Canuanã, que recebeu incentivos fiscais da SUDAM como parte do projeto de “desenvolvimento” da Amazônia (Rodrigues, 2013, s.p.).

A Fundação Nacional do Índio (Funai), criada em 1967, desenvolveu a política de “frentes de atração”, que visava localizar e estabelecer contato com grupos indígenas isolados. Essa política era parte de um movimento de integração nacional, que via os povos indígenas como “obstáculos” ao desenvolvimento econômico, especialmente em regiões estratégicas como a Amazônia. Ao mesmo tempo, a Funai alegava que esse contato era necessário para proteger esses grupos de ameaças externas, como invasores, fazendeiros e grandes empreendimentos.

Esse processo de captura, sob o pretexto de “proteção”, muitas vezes provocava profundas transformações culturais e sociais nos grupos indígenas, que viam seu modo de vida ser drasticamente alterado pelo contato com o mundo externo.

No Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Taego ãwa, a antropóloga doutora Patrícia Mendonça de Rodrigues (2013) apresenta registros, documentações históricas e relatos orais dos Avá-Canoeiro, que evidenciam a perseguição implacável enfrentada por esse povo ao longo da sua existência. O relatório detalha as inúmeras tentativas de aprisionamento que se sucederam ao longo dos anos, com os Avá-Canoeiro sendo forçados a fugir constantemente de tiroteios, incêndios e cães de caça, a fim de preservar suas vidas.

Consta ainda que, em 1973, os ãwa acampavam no Capão de Areia, situado dentro da Mata Azul.

Na época, a Mata Azul, que se situa entre o Rio Javaés e o Rio Formoso do Araguaia, estava dentro da Fazenda Canuanã e da Fazenda Lago Bonito, na vizinhança da aldeia Canoanã, dos Javaé. A imensa Fazenda Canuanã, que havia se tornado a maior fazenda do vale do Rio Javaés, havia sido adquirida pelos irmãos Pazzanese, família rica de São Paulo, no início dos anos 60. A luxuosa sede da fazenda foi instalada no sítio da primeira aldeia Canoanã, cujo cemitério foi destruído pelos tratores dos Pazzanese (MPF - Tocantins, 2012, p. 5).

O trecho evidencia o impacto da expansão agropecuária sobre os povos indígenas e o território daquela região. A localização da Mata Azul revela a proximidade física e simbólica entre as grandes propriedades privadas, como a Fazenda Canuanã e a Fazenda Lago Bonito, e as aldeias indígenas, nesse caso, a Canoanã, habitada pelos Javaé.

A aquisição da Fazenda Canuanã pelos irmãos Pazzanese, uma influente família paulista com fortes conexões políticas e empresariais, ilustra o processo de concentração de terras e a presença de capitais externos na Amazônia, com forte repercussão sobre os modos de vida locais. A destruição do cemitério da primeira aldeia Canoanã para a instalação da sede da fazenda evidencia não apenas a violência física, mas também a simbólica, ao apagar memórias, rituais e a ancestralidade do povo indígena, reforçando a subjugação de suas terras frente aos interesses econômicos privados. Conforme o DOU nº 76 (2012, p. 24)¹², a fazenda tornou-se a maior do vale do Rio Javaés.

No ensaio intitulado “Em memória de Tutawa”, sua neta Kamutaja Silva ãwa narra o dramático episódio de contato forçado ocorrido em dezembro de 1973. Naquele momento, um pequeno grupo de sobreviventes Avá-Canoeiro, que se refugiava na densa Mata Azul, foi surpreendido pela equipe do sertanista Apoena Meirelles. Sem qualquer possibilidade de fuga ou resistência, foram rendidos, capturados e levados à força, marcando o fim de sua autonomia. O que eles sempre lutaram para não acontecer, aconteceu: finalmente, o contato.

Figura 10 – Rostos marcados pelo silêncio: memória e violência no encontro de mundos



Fonte:¹³ Boletim Informativo FUNAI 2 (1973).

Essa imagem nos confronta com a dura realidade vivida pelos indígenas Avá-Canoeiro, cujos rostos guardam o peso de uma história marcada pela violência e pelo silêncio

¹² DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Seção 1 - nº 76. Resumo do relatório circunstanciado de identificação e delimitação da terra indígena Taego ãwa. 19 de abril de 2012.

¹³ Boletim Informativo FUNAI 2, III Trimestre: 3- 10. Brasília: FUNAI, 1973. (<https://armazemmemoria.com.br/ava-canoeiro/>).

imposto. O encontro entre mundos distintos não foi apenas um choque cultural, mas também um processo de dominação e apagamento. No silêncio desses rostos, ecoam histórias não contadas, resistências que permanecem ocultas sob camadas de dor e esquecimento. Resgatar essa memória é um ato de justiça, um convite a ouvir as vozes silenciadas e a reconhecer a complexidade e a humanidade de um povo que persiste apesar da adversidade.

Na página 6 do Inquérito Civil Público nº 1.36.000.000779/2011-16, a Procuradoria da República do Estado do Tocantins, baseada no Relatório de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Taego ãiva, produzido pelo Grupo de Trabalho (GT) da FUNAI coordenado pela antropóloga Patrícia de Mendonça Rodrigues, destaca a cena em que os “Avá-Canoeiro foram colocados dentro de um quintal cercado de uma das casas da fazenda por algumas semanas, atraindo a visitação pública de pessoas de toda a região, fato testemunhado pessoalmente pelos Javaé e por muitos regionais ainda vivos” (Tocantins – Procuradoria da República no Estado do Tocantins, 2012, p. 6).

Kamutaja, integrante do povo ãwa, recorda com precisão esse episódio, relatando que seu povo foi exposto em uma casa cercada de arame farpado e que, ao tomarem conhecimento da captura, os moradores locais deslocaram-se à fazenda para observar os “temidos ‘caras-pretas’” (ãwa, 2021). A narrativa de Kamutaja é ilustrada na imagem a seguir, que reforça a dimensão de humilhação e curiosidade pública enfrentada pelo povo Avá-Canoeiro.

Figura 11 – Entre o espetáculo e o silêncio: corpos e histórias à mercê do olhar alheio



Fonte: Brasil de Fato (2022).

A exibição pública dos Avá-Canoeiro recém-capturados, em 1973, revela um episódio doloroso, em que a violência simbólica se materializa na exposição de corpos

submetidos ao olhar distante e muitas vezes indiferente da sociedade. Esse momento histórico carrega o peso de uma instrumentalização que reduz vidas complexas a objetos de espetáculo, silenciando as histórias, as culturas e as resistências desses povos. Entre o espetáculo imposto e o silêncio forçado, reside a urgência de revisitar essas narrativas para desvelar as camadas de dor, luta e persistência que desafiam o apagamento e clamam por reconhecimento.

Essa cronologia histórica, marcada pela expulsão dos Avá-Canoeiro, se entrecruza com a implantação da escola, ocupando uma área carregada de significados e traumas.

A Escola-Fazenda Canuanã, que passou a ser administrada na sua totalidade pela Fundação Bradesco, foi implantada em um território que, antes de ser dedicado à educação, foi palco de violência e resistência indígena, pois a Mata Azul, território onde os Avá-Canoeiro, também conhecidos regionalmente como “Cara Preta” foram capturados, localizava-se na Fazenda Canuanã. Portanto, para compreender plenamente o processo de criação dessa escola-fazenda, é necessário reconhecer que sua fundação também faz parte de uma dinâmica maior de colonização e subjugação, que impactou profundamente os povos indígenas da região. A Mata Azul foi o último refúgio dos sobreviventes Avá-Canoeiro, que aguardam há mais de 50 anos pela delimitação de sua terra.

3.2 Banco Bradesco e Fundação Bradesco: trajetória e ideais

Com a intenção de alinhar esses pensamentos, será abordado um pouco da história do Bradesco, fundado em 1943, com o nome de Banco Brasileiro de Descontos, na cidade de Marília, interior de São Paulo. Em 1946, sua matriz foi transferida para o centro da capital paulista. Com o crescimento acelerado da instituição, que se consolidou como o maior banco privado do Brasil já na década de 1950, seus dirigentes identificaram a necessidade de uma sede maior e mais adequada para abrigar suas operações. Assim, deu-se início à construção da nova sede do Bradesco, em Osasco.

A chegada do banco atraiu diversas indústrias, empresas comerciais e prestadoras de serviços para a região, o que provocou um aumento expressivo na população local, especialmente de crianças em idade escolar. No entanto, como ocorre em muitas cidades em processo de expansão, Osasco enfrentava desafios relacionados à oferta de serviços básicos para a população, como saúde, educação, saneamento e segurança, que ainda eram insuficientes.

Diante desse cenário, em 1956, o senhor Amador Aguiar criou a Fundação São Paulo de Piratininga, como é possível observar na escritura a seguir.

Figura 12 – O marco inaugural: nascimento de um projeto no papel e na história



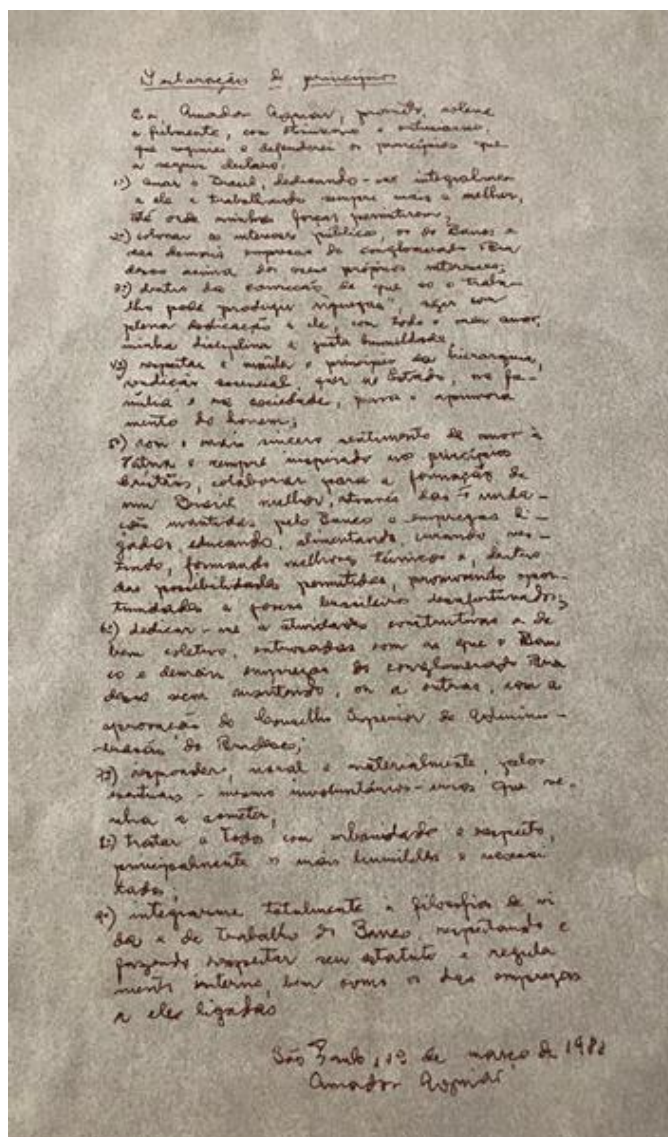
Fonte: <https://fundacao.bradesco/>.

A escritura de criação da Fundação São Paulo de Piratininga, documento inaugural que deu forma jurídica ao projeto educacional e social idealizado por Amador Aguiar, já revelava o desejo de instituir uma obra voltada ao bem coletivo.

Quando o fundador do Banco Brasileiro de Descontos S.A., senhor Amador Aguiar, chegou ao 11º Cartório de Notas da capital paulista, no dia 22 de novembro de 1956, talvez ainda não tivesse plena consciência de que estava dando início a uma jornada transformadora, voltada para o impacto social na vida de crianças em situação de fragilidade socioeconômica. De acordo com o Museu Histórico Bradesco (2016, p. 5), “a entidade foi criada para promover assistência social a crianças e jovens vulneráveis, sem qualquer distinção, por meio da oferta educacional”.

Na concepção de busca por novos documentos, durante a visita ao Museu Histórico Bradesco (2024), esta pesquisadora teve acesso a documentos, fotografias e revistas e registrou, também, a imagem da *Declaração de Princípios*, documento escrito de próprio punho por Amador Aguiar, como podemos observar na figura 13 a seguir.

Figura 13 – Declaração de Princípios de Amador Aguiar: as palavras que projetam futuro



Fonte: Registro da pesquisadora feito no Museu Histórico Bradesco (2024).

Nela, o fundador manifesta, com entusiasmo e convicção, os valores que orientam sua atuação à frente da instituição. No artigo 5º, declara que, inspirado nos princípios cristãos, buscaria

[...] colaborar para a formação de um Brasil melhor, através das instituições mantidas pelo banco e empresas ligadas, educando, alimentando, curando, vestindo, formando melhores técnicos e, dentro das possibilidades permitidas, promovendo oportunidades a jovens brasileiros desafortunados” (Bradesco - Declaração de Princípios, 1985, artigo 5º).

Essas palavras escritas com tinta e convicção, há décadas, floresceram na vida de muitos jovens que passaram pela Escola-Fazenda Canuanã. Nos relatos colhidos por meio da História Oral, percebemos que não foram poucos os que, após concluírem os estudos,

escolheram permanecer sob o abrigo da Fundação Bradesco, pois, como afirma um participante desta pesquisa, a

Fundação ainda continuou nos dando força, dando oportunidade de trabalho. Então da minha turma que terminou em 84, boa parte a própria Fundação conseguiu encaixar em fazendas do banco, né? Aqui na Fundação, aqui na Fazenda Pastoril, Fazenda do Pará, Fazenda na Bahia, alguns foram pro banco, outros pra outras escolas da Fundação. E aí ficamos de 85 até julho de 92, quando o banco vendeu as fazendas (Bezerra, 2023¹⁴).

Como é possível depreender por meio da fala do ex-aluno e atualmente funcionário aposentado da Fundação Bradesco, ali, eles encontraram emprego, um caminho de vida e uma possibilidade de continuidade que se transformou em carreira sólida. Para eles, a escola foi mais do que um espaço de aprendizagem: foi um porto seguro, onde a promessa de oportunidades se converteu em realidade.

O gesto de Amador Aguiar, registrado em sua declaração, ganha forma nas histórias desses ex-alunos, que reconhecem na educação recebida a chance de escrever um destino diferente. O ideal institucional, assim, saiu do papel e se consolidou nas trajetórias individuais, revelando que princípios, quando enraizados na experiência humana, têm o poder de moldar vidas e de persistir por gerações.

Ambos os documentos se complementam: enquanto a escritura garante a existência institucional, a declaração exprime o espírito que lhe confere sentido, delineando valores e compromissos que orientariam as práticas da Fundação. Assim, a passagem de um documento a outro sinaliza a continuidade de uma visão que buscava, em bases concretas e simbólicas, articular educação, trabalho e cidadania.

Retornando à narrativa sobre a história do Bradesco, em fevereiro de 1962, Osasco conquistou sua emancipação da capital paulista e a Fundação São Paulo de Piratininga criou a “sua primeira unidade batizada de Grupo Escolar Embaixador Assis Chateaubriand, com 7 professores e 289 alunos” (Araújo, 2016, p. 129), situado na Cidade de Deus, local que abrigava a sede do banco, os seus diversos departamentos e as residências dos funcionários.

Na escola criada com o propósito de “acolher os filhos desses funcionários e as crianças que viviam nos arredores da Cidade de Deus” (Museu Histórico Bradesco, 2016, p. 9), além da educação, os alunos recebiam alimentação, uniformes e assistência médica e odontológica.

¹⁴ Entrevista de Antônio Reis Farias Bezerra, concedida à autora em 04 jul. 2023, na Escola-Fazenda Canuanã –TO.

Em 1967, antes mesmo da popularização das expressões e das práticas de “responsabilidade social” no Brasil, a instituição, agora denominada Fundação Bradesco, ampliou sua missão educativa com um propósito ambicioso: implantar uma unidade escolar em cada estado brasileiro. Esse novo direcionamento visava não apenas democratizar o acesso à educação, mas também criar oportunidades para comunidades com poucas alternativas educacionais.

Nesse cenário, surge a Unidade Escolar de Conceição do Araguaia, no Pará, a segunda escola da Fundação. Inicialmente dedicada ao ensino primário, essa unidade pioneira buscava atender às necessidades educacionais de populações que muitas vezes careciam de serviços básicos, uma característica que marcou a expansão educacional da Fundação em todo o país.

A terceira escola criada pela Fundação Bradesco foi inaugurada em um período marcado por grandes acontecimentos. Como mencionado anteriormente, 1973 foi um ano de intensa repressão política, com o regime militar no auge de seu poder, visando à eliminação dos grupos de oposição de esquerda, medida legitimada pela narrativa da existência de uma ameaça comunista e pela pretensão de assegurar o restabelecimento da ordem interna (Bernardi, 2017).

Nesse contexto, o governo atuava fortemente para extinguir os movimentos de oposição, como

[...] o conjunto das três campanhas militares contra a guerrilha do Araguaia na região limítrofe entre os estados do Pará, do Tocantins e do Maranhão –, ao menos 70 pessoas perderam suas vidas entre 1972 e 1975, e até hoje somente foram localizados os restos mortais de dois guerrilheiros então ligados ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB) (Bernardi, 2017, p. 49-50).

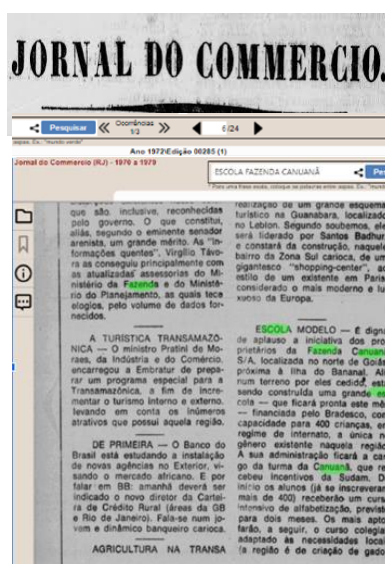
A repressão no Araguaia, com suas marcas de violência e silenciamento, não se restringiu ao enfrentamento militar com os guerrilheiros, pois alcançou também populações locais. Esse cenário de controle social e de reorganização do espaço amazônico coincidiu com a expansão do projeto inicial da Fundação Bradesco que, mesmo antes da concretização de algumas ações, notícias sobre a inauguração das novas escolas já circulavam na imprensa.

Os registros em jornais antigos cumprem um papel determinante para preservar e entender a história e o contexto social da época. Como fontes primárias, esses periódicos não apenas evidenciam marcos e transformações significativas, mas também permitem a comparação com outros documentos, narrativas e relatos orais. Dessa forma, eles oferecem uma perspectiva mais ampla e detalhada, essencial para a reconstrução de um panorama histórico que abarca as complexidades de diferentes períodos e contextos.

Esses jornais podem revelar informações preciosas sobre acontecimentos políticos, econômicos, sociais e culturais que, muitas vezes, não estão disponíveis em outros tipos de registros. Além disso, proporcionam diferentes visões de como os eventos foram interpretados e debatidos pela sociedade da época, ajudando a compreender o contexto e as percepções dos indivíduos e dos grupos envolvidos.

Outra contribuição relevante é a possibilidade de acompanhar a evolução de determinados acontecimentos ao longo do tempo, observando como certas questões se desenvolveram e como as reações públicas e políticas mudaram. Por isso, jornais antigos são frequentemente utilizados como fontes valiosas para pesquisas acadêmicas, auxiliando na construção de análises históricas, sociológicas e culturais, como é o caso do Jornal do Commercio (RJ), Edição 0285, de 1972.

Figura 14 – Reflexos públicos: a escola-modelo sob o olhar da imprensa



Fonte: Jornal do Commercio - RJ, (1972).

A matéria veiculada no Jornal do Commercio (RJ) sobre a Escola Modelo revela a forma como a imprensa contribui para a construção da imagem pública de instituições educacionais. Essa visibilidade mediada não apenas informa, mas também interpreta e posiciona a escola dentro de um imaginário coletivo, refletindo expectativas, valores e tensões sociais da época. Assim, a cobertura jornalística torna-se parte integrante da memória institucional, influenciando a percepção e a recepção da escola junto à comunidade e ao público mais amplo.

O Jornal do Commercio surgiu como uma fonte importante para contrastar as notícias publicadas à época com as memórias e as vivências dos participantes da pesquisa, que presenciaram os primeiros anos do Colégio Dr. Dante Pazzanese. As reportagens do jornal

indicam, por exemplo, uma grande expectativa pela inauguração do colégio, com números expressivos: mais de 400 alunos inscritos antes mesmo de sua abertura oficial.

Essa projeção se contrapõe com o relato da primeira diretora do colégio, que descreve uma realidade bem distinta. Ela relembra o início modesto da instituição: “nós começamos o primeiro ano com 80 alunos. Tivemos que ir de casa em casa, na beira do rio, lá dentro da ilha, naqueles lugarejos, pedindo para os pais deixar o aluno estudar” (Vieira, 2023)¹⁵. Essa diferença evidencia não apenas a disparidade entre as expectativas formais e a realidade local, mas também os desafios enfrentados pela equipe na tentativa de consolidar a presença escolar e educacional em um território de difícil acesso.

Ao examinar essa duplicidade de perspectivas – a institucional e a comunitária –, é possível perceber como a construção de uma educação acessível foi um processo complexo, exigindo dedicação e um entendimento profundo das condições sociais e geográficas da época.

Além das expectativas sobre a quantidade de alunos, o *Jornal do Commercio* elogiava a iniciativa dos proprietários da Fazenda Canuanã, em ceder o terreno para a construção do colégio. Financiado pelo Bradesco, com apoio da Sudam, o empreendimento visava estabelecer uma escola modelo no então norte de Goiás, hoje estado do Tocantins. A reportagem elogiava a parceria entre a iniciativa privada e órgãos de desenvolvimento regional e reconhecia que a implantação de uma instituição educacional de alto padrão em uma área tão isolada representava um esforço digno de aplausos.

Aquela região, pouco habitada e marcada por uma história de conflitos, lutas e perseguições aos indígenas Avá-Canoeiro, é rica em contrastes e singularidades. Localizada entre os rios Javaés e Formoso, ao lado da maior ilha fluvial do mundo, a área revela uma geografia única, onde a exuberância da Floresta Amazônica encontra a diversidade do Cerrado. Esse cenário natural, de biodiversidade intensa, é também o lar dos povos indígenas Javaé e Karajá, que mantêm vivas tradições e modos de vida que se entrelaçam com o ambiente e resistem às pressões externas.

Foi nesse contexto, cheio de controvérsias, que surgiu essa instituição educativa que atende, até os dias atuais, a uma necessidade imediata da comunidade local: a oferta de uma formação gratuita e integral a crianças e jovens de baixa renda provenientes de áreas remotas do estado. Para alguns, pode ser a resposta ao questionamento de Araújo (2016), que

¹⁵ Entrevista de Maria de Lourdes Vieira, concedida à autora em 10 maio 2023, em Palmas TO.

pergunta “como criticar uma instituição que se apresentou para a classe trabalhadora como fornecedora de oportunidades para sair do estado de miserabilidade?” (Araújo, 2016, p. 130).

Em um ambiente que, à primeira vista, poderia parecer inóspito, o colégio se transformou em um verdadeiro farol de esperança e oportunidade. Funcionando em regime de internato, a escola proporciona àqueles estudantes mais do que um aprendizado formal, os alunos encontravam um sentido de pertencimento e novas perspectivas para o futuro, em um lugar onde as oportunidades educacionais eram escassas.

3.3 Da fazenda à escola-fazenda: registros da primeira instituição educativa em regime de internato da Fundação Bradesco

A instituição educativa foco desta pesquisa pertence à esfera administrativa privada, de caráter filantrópico, sem fins lucrativos, está instalada em uma fazenda com área de 2.549,77 hectares e possui as seguintes identificações:

Razão social: Fundação Bradesco

Nome fantasia: Colégio Dr. Dante Pazzanese

CNPJ: 60701521/0007-93

Endereço: Rodovia TO-181, KM 26, Zona Rural – Formoso do Araguaia/TO, CEP - 77470-000

Telefone: (63) 3339-1000

E-mail: canuana@fundacao.bradesco

Site da unidade: www.fb.org.br

A transformação de uma fazenda em espaço educativo marca uma transição simbólica na história da região e da própria Fundação Bradesco. O que antes era território voltado somente à produção agropecuária passou a abrigar um projeto pedagógico que unia trabalho e aprendizagem, efetivando um regime de internato como modelo formativo. Os registros que documentam esse processo revelam mais do que dados administrativos, pois carregam as marcas de um tempo de fundação, de expectativas e de experiências que moldaram a primeira escola-fazenda da instituição.

Examinar esses documentos é adentrar o campo das memórias institucionais, onde há registros da vida dos sujeitos que ali viveram, estudaram e trabalharam. Nesse movimento, é possível compreender como a Fazenda Canuanã se converteu em Escola-Fazenda Canuanã, inaugurando uma forma de escolarização que se pretendia inovadora para a época, ao mesmo tempo em que dialogava com desafios locais e nacionais.

Durante a visita à Cidade de Deus - SP, foi possível perceber que os documentos relativos à criação da escola não se encontravam no acervo do MHB. Diante disso, ao retornar ao Tocantins, encaminhamos uma solicitação, via e-mail, à secretaria escolar da Escola-Fazenda Canuanã, a qual, por sua vez, remeteu o pedido à matriz, localizada em Osasco - SP. Importa destacar que se trata de documentos oficiais, distintos das fontes iconográficas selecionadas durante a visita ao museu, realizada em setembro de 2024.

Posteriormente, por meio da secretaria da Escola-Fazenda Canuanã, recebemos os materiais liberados para consulta pela matriz: a autorização de funcionamento da instituição, o regimento escolar, o quantitativo de alunos dos anos de 1973, 1983 e 1993, bem como algumas atas de resultados finais desses mesmos anos. Em continuidade ao processo de investigação, foi solicitada ainda uma ata que registrasse o nome da pesquisadora e ex-aluna, Mariana da Silva Neta, prontamente enviada pela própria secretaria da Escola-Fazenda Canuanã.

Nesta seção, portanto, nos deteremos à análise desses documentos, compreendendo-os como registros administrativos e como marcas de uma história institucional que se construiu entre a formalidade burocrática e as memórias vividas. Dentre eles, merece destaque o Regimento Escolar¹⁶, documento que vai além da formalidade burocrática, pois expressa a filosofia e a prática de uma instituição comprometida com a inclusão social.

A missão declarada de "promover a inclusão social por meio da educação" (Art. 2º, p. 8, 2023) e atuar como multiplicadora de boas práticas evidencia o papel da escola como um agente de transformação, que visa beneficiar uma população socioeconomicamente desfavorecida. A forma como a escola se organiza para alcançar esse objetivo é oferecer diversas modalidades de ensino (regular, EJA, Educação Especial, profissionalizante) e funcionar em regime de tempo parcial e integral, o que demonstra sua adaptabilidade e seu compromisso em atender a um público diverso e com necessidades complexas.

A estrutura organizacional da escola, que inclui núcleos de direção, administrativo e técnico-pedagógico, além do corpo docente e discente, revela a existência de um sistema de apoio integral ao aluno. O Artigo 83, ao definir a organização pedagógica como um conjunto de "decisões coletivas", reforça a ideia de que a escola é uma comunidade, onde a colaboração entre todos os setores visa garantir o processo de aprendizado. Essa abordagem sugere que o colégio não se limita a um ambiente de ensino formal, mas funciona como um

¹⁶ O Regimento Escolar analisado refere-se ao ano de 2023.

lugar de apoio, onde a assistência odontológica e outros serviços de suporte são tão importantes quanto o conteúdo curricular.

No que se refere ao currículo, o regimento mostra alinhamento com as diretrizes educacionais nacionais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao prever a Formação Geral Básica e uma Parte Diversificada. O currículo do Ensino Médio, com a oferta de cursos técnicos como a Educação Profissional, reforça o desejo da instituição em preparar o estudante para o trabalho e cidadania. Essa organização curricular não é apenas um formalismo; é a ligação entre o conhecimento acadêmico e as atividades da fazenda.

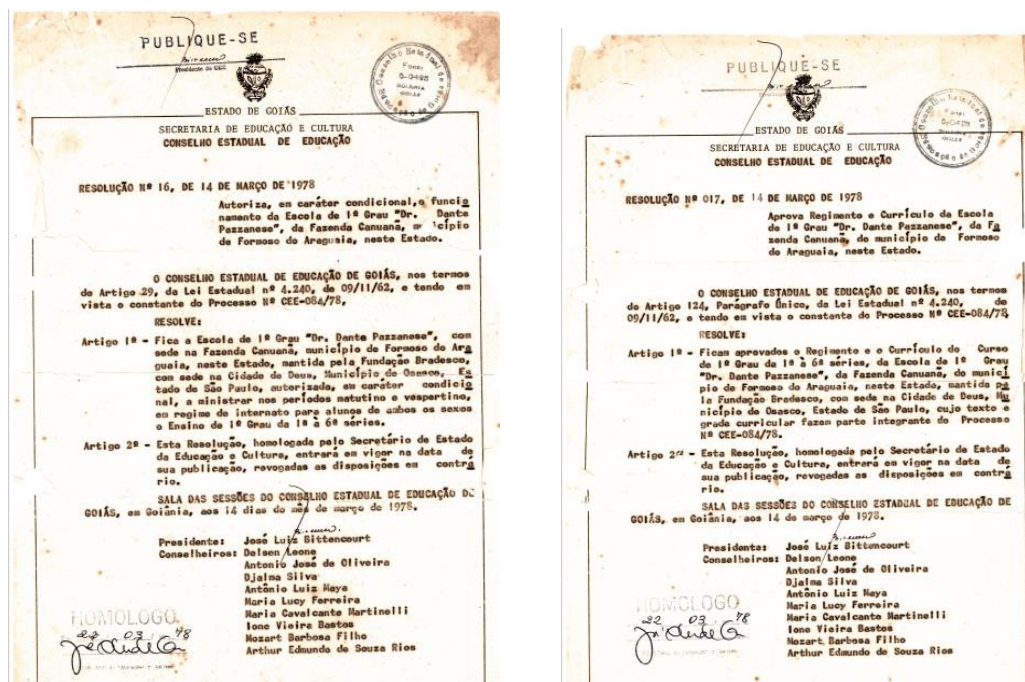
A avaliação contínua do desempenho dos alunos, baseada em observações e registros, reflete uma abordagem formativa, que valoriza a trajetória de aprendizado em vez de considerar resultados pontuais. A coerência entre o que o regimento propõe e a realidade de uma escola-fazenda permite que os alunos apliquem na prática os conhecimentos teóricos, consolidando uma educação que é ao mesmo tempo rigorosa e relevante para suas vidas, o que podemos comprovar por meio das narrativas dos ex-alunos. Acreditamos que, mesmo tendo analisado o Regimento Escolar de 2023, é possível correlacionar com a missão da escola desde o seu princípio.

Outro documento que tivemos acesso foi a autorização de funcionamento, formalizada pela Resolução nº 16, de 14 de março de 1978, do Conselho Estadual de Educação (CEE) de Goiás. O Artigo 1º dessa Resolução estabelece que:

fica a Escola de 1º grau “Dr. Dante Pazzanese”, com sede na Fazenda Canuanã, município de Formoso do Araguaia, neste Estado, mantida pela Fundação Bradesco, com sede na Cidade de Deus, Município de Osasco, Estado de São Paulo, autorizada, em caráter condicional, a ministrar nos períodos matutino e vespertino, em regime de internato para alunos de ambos os sexos o Ensino de 1º grau da 1ª à 6ª séries (CEE-GO, 1978).

Ao longo do processo de historicização dessa instituição educativa, observa-se que a escola iniciou suas atividades em 1973, oferecendo somente a 1ª e a 2ª séries do primeiro grau. Com o passar dos anos, no entanto, a expansão gradual de seu atendimento foi sendo autorizada, permitindo que a escola atendesse até a 6ª série em 1978. Esse desenvolvimento foi formalizado com a aprovação do Regimento e do Currículo do curso, regulamentados, respectivamente, pelas Resoluções nº 16 e nº 17, ambas datadas de 14 de março de 1978, conforme detalhado a seguir.

Figura 15 – Quando a norma desenha o caminho: diretrizes para um projeto educacional



Fonte: Secretaria do Colégio Dr. Dante Pazzanese (2024).

As Resoluções 16 e 17, de 14 de março de 1978, constituem marcos regulatórios fundamentais na trajetória da Escola-Fazenda Canuanã, por estabelecer parâmetros para sua organização pedagógica, administrativa e curricular. Esses documentos não apenas formalizam procedimentos e estruturas, mas também refletem concepções de educação, desenvolvimento regional e gestão institucional presentes naquele contexto histórico. Ao institucionalizar práticas e consolidar um modelo de funcionamento, as Resoluções contribuíram para desenhar o caminho que a escola percorreria nas décadas seguintes, revelando a estreita relação entre norma e projeto educativo.

Explorar os caminhos percorridos por uma instituição educativa exige uma análise profunda das fontes documentais e orais, que abrangem tempos e contextos variados. Como destaca Pinheiro (2017, p. 16), “empreender incursões investigativas sobre uma instituição não é permanecer na ‘presencialidade’, isto é, no hoje da instituição, mas descrever, compor narrativas de seus diferentes momentos de existência”. Esse olhar retrospectivo permite reconstruir os diferentes momentos que compõem a trajetória institucional e proporciona uma compreensão mais rica e contextualizada de suas transformações ao longo do tempo.

Assim, ao longo desse percurso, foram combinadas narrativas orais, referências documentais e outros registros históricos e iconográficos, pois cada fonte oferece uma perspectiva única que, em conjunto, permite uma reconstrução mais completa da história. Como afirma Ferreira (2002, p. 328), “um depoimento oral só ganha sua plena significação

em confronto com o documento escrito”. A combinação dessas fontes possibilita uma análise que transcende os limites de uma única narrativa e revela camadas e significados mais profundos na trajetória da instituição.

Nesse contexto, destacamos a narrativa de Ana Milhomem¹⁷, a primeira professora a chegar à localidade em 1973. Ela revela que a concepção da escola-fazenda surgiu por iniciativa do cardiologista doutor Dante Pazzanese, membro da Academia de Medicina de São Paulo e amigo próximo de Amador Aguiar, fundador do Banco Bradesco. Segundo Milhomem, foi o doutor Dante quem sugeriu a criação da escola, ideia que encontrou forte apoio em Aguiar.

Essa relação de confiança entre os dois é corroborada por depoimentos de dirigentes da instituição, como observa a primeira diretora da escola, que afirma:

Doutor Dante foi o cardiologista do seu Amador Aguiar, e eles tinham uma amizade profunda. Foi a pedido dele que o Banco construiu a escola e, posteriormente, a transferiu para a Fundação Bradesco. Em homenagem à amizade entre eles, seu Amador Aguiar decidiu que a escola se chamaria Dante Pazzanese (Vieira, 2023).

Com o propósito de atender aos filhos dos empregados da Fazenda Canuanã e aos moradores da Ilha do Bananal, a construção da escola teve início em 1971. A obra foi concluída em 1972, e a escola foi oficialmente inaugurada em 5 de julho de 1973. Desde o início, a instituição buscava oferecer uma educação que integrasse as especificidades da vida rural da região, atendesse às necessidades das comunidades locais e consolidasse a visão de um ensino voltado para o contexto agrário e social da época.

3.3.1 Início de uma jornada: os alunos pioneiros e os desafios de adaptação ao internato

“Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta”. Esse fragmento marca o início da obra *O Ateneu*¹⁸, de Raul Pompéia (1990). A narrativa se passa no Rio de Janeiro do século XIX e tem como protagonista Sérgio, que compartilha suas experiências como interno do Colégio Ateneu. Com um caráter memorialístico, a obra retrata a trajetória de Sérgio, que, aos 11 anos, inicia sua vida no regime de internato, repleta

¹⁷ Entrevista de Ana Pinheiro Milhomem, concedida à autora em 21 fev. 2024, em Formoso do Araguaia - TO.

¹⁸ Lançado em folhetins da Gazeta de Notícias em 1888, *O Ateneu*, escrito por Raul Pompeia, conta a história de Sérgio, o narrador-protagonista que recompõe o passado como forma de entender as próprias angústias.

de novas vivências e desafios. Ao longo da história, Sérgio, já na fase adulta, relembra suas experiências no Ateneu.

Essa relação com “O Ateneu” traz uma perspectiva favorável para compreender o impacto do internato sobre os primeiros alunos que chegavam em Canuanã, em 1973. Assim como o jovem Sérgio, esses estudantes pioneiros também estavam às portas de um mundo desconhecido, onde o internato representava uma fase de adaptação, desafios e o confronto com uma realidade diferente. O conselho do pai de Sérgio – “Coragem para a luta” – pode simbolizar a determinação que os alunos de Canuanã precisavam para enfrentar o regime de internato, deixando para trás a família e a vida familiar em busca de educação e novas oportunidades.

Normalmente, as crianças sentem-se seguras e confortáveis no ambiente familiar, pois o cuidado e a proteção dos pais contribuem para o crescimento dos filhos em um ambiente, em tese, seguro e que atenda às suas necessidades básicas. No entanto, nem sempre esse cenário hipotético e, às vezes utópico, acontece. Assim, em busca de melhores condições para seus filhos, muitos pais reconhecem a necessidade de buscar apoio. Quando a oportunidade surge, uma parte significativa deles decide aceitá-la.

E foi literalmente “batendo às portas” dos pequenos casebres localizados às margens do Rio Javaé, da Ilha do Bananal e de aldeias indígenas, que a gestão pioneira da Escola-Fazenda Canuanã conseguiu os primeiros alunos. Foi necessário se deslocar em barcos pelo Rio Javaé, em busca de crianças em idade escolar, cujos pais aceitassem que fossem matriculados em um colégio em regime de internato. Segundo a primeira diretora, eles tiveram que “ir de casa em casa, na beira do rio, lá dentro da ilha, naqueles lugarejos ali, pedindo para os pais deixar o aluno estudar”.

Em contrapartida, outros alunos souberam que a Fundação estava procurando crianças para estudar. Segundo nosso entrevistado Bezerra (2023), seus “pais não pensaram duas vezes. Fui aqui na escola, fiz a nossa matrícula em meados, não sei precisar se foi maio ou junho. Sei que, em julho de 74, a gente veio pra cá. Era uma época difícil. Inclusive, vinha de barco, vinha a cavalo”.

Por outro lado, é importante salientar que, no fragmento do Jornal do Commercio (Figura 14), se noticia que, ainda em 1972, já havia mais de 400 alunos inscritos, o que contrapõe às declarações da gestora e da primeira professora. Esse quantitativo de alunos pode ser considerado fidedigno ou estaria relacionado apenas à concepção e à missão da escola que ainda estava em implantação?

De acordo com a primeira diretora, o senhor Amador Aguiar, desde o início, afirmava que a “escola era para atender somente filhos de moradores de zona rural, especialmente da ilha” Vieira (2023). Com essa fala, constata-se que a FB, desde o início, se preocupou em levar melhorias às pessoas que viviam naquela localidade, distante dos grandes centros, sem perspectivas de que chegasse àquele local uma escola onde os filhos não só estudassem, mas também tivessem alimentação adequada e acomodação.

Para iniciar o ano letivo da Escola-Fazenda Canuanã, estavam regularmente matriculados 83 alunos, conforme exposto no Quadro 9.

Tabela 1 – Quantitativo de alunos e turmas da Escola-Fazenda Canuanã, em 1973

1973			Subtotal
Turmas	A	B	
1ª série	33	26	59
2ª série	24	-	24
Total de alunos - 83			

Fonte: Secretaria da Escola-Fazenda Canuanã (2024).

Observamos, por meio do quadro, que a escola iniciou com três turmas, das quais duas eram de 1ª série e uma de 2ª série. O primeiro ano contou com 83 alunos, sendo 59 da primeira série e 24 da segunda série.

Complementando esse panorama, a professora Ana Milhomem, em entrevista concedida em 2024, informou que a maioria dos alunos do primeiro ano da escola eram meninos, uma vez que muitos pais ainda tinham receio em relação à instituição e relutavam em enviar suas filhas para estudar. Essa hesitação era compreensível para a época, especialmente na década de 1970, quando muitos pais temiam que seus filhos pudessem desaparecer devido a uma série de mitos urbanos que circulavam, além do clima de repressão e insegurança gerado pela ditadura militar.

No dia 5 de julho de 1973, foi a aula inaugural e o começo do ano letivo para aquelas crianças. No início das atividades, como a escola estava em organização, “os alunos sentavam-se em jornais por não terem carteiras ainda, mas mesmo assim eles ouviam com atenção o que as professoras falavam” (Milhomem, 2024).

A partir daquele momento, eles passariam a viver e estudar no regime de internato. Como seria o dia a dia desses estudantes? Viver em um internato é um grande desafio para uma criança, principalmente no que se refere à adaptação à vida distante dos pais e à convivência com pessoas desconhecidas. A saudade e a insegurança podem tornar

Entre os registros, emergem memórias vivas de trajetórias individuais e coletivas, marcando o início de novas jornadas. Assim, essa ata é um marco que sintetiza conquistas acadêmicas e histórias pessoais, elementos fundamentais para compreender a formação dos sujeitos que construíram a história da instituição. Essa informação reforça a declaração da professora que atuou como regente da referida turma.

Segundo a diretora Dona Santa, “no segundo ano matriculou-se 150, mas uns 20 fugiram, que depois a família, no ano seguinte, veio pedir para trazer de volta” (Vieira, 2023). A fuga dessas crianças de uma escola em regime de internato, levando em conta sua faixa etária e o contexto histórico em que o fato ocorreu, pode representar mais do que um simples desejo de liberdade. Ela revela, possivelmente, uma tentativa de amenizar sentimentos de solidão, ansiedade e saudade da família, especialmente dos pais. Para muitas delas, adaptar-se a um novo ambiente marcado por uma rígida rotina de regras, onde conviviam diariamente com pessoas estranhas em um espaço desconhecido, era um desafio complexo. A ausência de apoio familiar e de figuras conhecidas podia intensificar o sentimento de desamparo, tornando o internato um lugar de difícil adaptação.

Nesse contexto, a fuga surge como uma alternativa de escape emocional, uma forma de lidar com o ambiente desfavorável que não atendia às suas necessidades emocionais e afetivas. Assim, para alguns alunos, fugir não era apenas uma decisão impulsiva, mas uma resposta à pressão de viver em um local que parecia não oferecer outra solução para o sofrimento que experimentavam.

Embora os relatórios institucionais descrevam os alunos pioneiros como exemplos de adaptação e sucesso, as memórias orais indicam experiências marcadas por dificuldades, saudade e até expulsões. Essa tensão entre o discurso oficial e a vivência dos sujeitos revela a complexidade da experiência em Canuanã: ao mesmo tempo em que representava oportunidade de acesso à educação, também impunha rígidas regras de conduta e disciplinamento. Tal contradição reforça a necessidade de confrontar fontes oficiais com as narrativas de memória.

Alguns daqueles estudantes que resistiram à dureza da rotina escolar, permanecendo no internato, ou mesmo aqueles que em algum momento tentaram escapar, mas retornaram e encontraram no espaço da escola a continuidade de sua formação, deixaram seus nomes inscritos na Ata de Resultados Finais da 6ª série de 1982. Entre eles, também está o desta pesquisadora, lembrança que atravessa o tempo como um testemunho de pertencimento e sobrevivência. A lista de nomes, aparentemente simples e burocrática, carrega em si uma

vista frios e objetivos, tornam-se expressivos quando compreendidos como vestígios das histórias individuais e coletivas que compuseram o cotidiano do internato.

Tabela 2 – Entre números e memórias: Evolução do quantitativo de alunos nas primeiras décadas da escola - 1º grau

		1973		1983							1993				
1º Grau	Turmas	A	B	A	B	C	D	E	F	G	A	B	C	D	
	1ª Série	33	26	38	37	39	41	40	39	-	-	41	41	43	-
	2ª Série	24	-	43	44	44	44	43	44	46	-	40	42	40	-
	3ª Série	-	-	41	41	41	40	39	-	-	-	40	42	41	-
	4ª Série	-	-	48	47	-	-	-	-	-	-	40	42	41	-
	5ª Série	-	-	28	29	-	-	-	-	-	-	42	42	42	42
	6ª Série	-	-	38	-	-	-	-	-	-	-	35	34	34	34
			57	26	236	198	124	125	122	83	46	238	243	241	76
		83		934							798				

Fonte: Secretaria do Colégio Dr. Dante Pazzanese (2024).

Tabela 3 – Entre números e memórias: Evolução do quantitativo de alunos nas primeiras décadas da escola - 2º grau

		1973		1983		1993		
2º Grau	Turmas	MAG ¹⁹	AGRO ²⁰	MAG	AGRO	MAG	AGRO A	AGRO B
	1ª Série	-	-	22	25	57	46	46
	2ª Série	-	-	15	19	37	38	38

¹⁹ MAG - Magistério

²⁰ AGRO - Técnico em Agropecuária

	3ª Série	-	-	-	-	32	36	37
		-	-	37	44	126	120	121
		-	-	81		367		

Fonte: Secretaria do Colégio Dr. Dante Pazzanese (2024).

A análise do quantitativo de alunos do Colégio Dr. Dante Pazzanese entre 1973 e 1993 revela uma notável trajetória de crescimento e transformação. O documento, estruturado em uma tabela comparativa, oferece um panorama detalhado da evolução da instituição em seus dois níveis de ensino, o 1º e 2º Grau, conforme nomenclatura adotada na época.

O primeiro ponto que se destaca é a expansão do colégio. Em 1973, a instituição atendia a um número reduzido de 83 alunos, concentrados exclusivamente no 1º Grau. Uma década depois, em 1983, a escola experimentou um enorme crescimento, com o número de alunos saltando para 1.015, um aumento de mais de 1100%. Essa expansão sugere uma forte demanda por educação na região de Formoso do Araguaia e um aumento significativo da infraestrutura da escola. O crescimento continuou, embora em um ritmo mais lento, e em 1993 a escola já atendia 1.165 alunos, consolidando sua posição como um grande centro educacional. Além do crescimento quantitativo, o colégio passou por mudanças em seu perfil educacional. A análise do 1º Grau mostra que, em 1973, o ensino era incipiente, com apenas duas turmas. Em 1983, a consolidação do ensino fundamental se tornou evidente, com um número massivo de turmas, algumas séries chegando a ter até sete.

No entanto, a principal transformação ocorreu no 2º Grau. Inexistente em 1973, esse nível de ensino foi implantado entre 1973 e 1983, com a introdução dos cursos de Magistério e Técnico em Agropecuária. Enquanto o Magistério visava à formação de professores, a área de Agropecuária, alinhada com a economia regional, se tornou um grande potencial. Entre 1983 e 1993, o número de alunos do 2º Grau aumentou de 81 para 367, impulsionado, em grande parte, pela expansão do curso de Agropecuária, que em 1993 já contava com turmas duplas.

Em suma, os dados apresentados traçam a evolução do Colégio Dr. Dante Pazzanese de uma pequena escola para uma instituição robusta, que expandiu sua capacidade de atendimento e diversificou sua oferta educacional. A criação de cursos técnicos, como o de

Agropecuária, evidencia o compromisso do colégio em atender às necessidades de sua comunidade.

4 CULTURA ESCOLAR NA ESCOLA-FAZENDA CANUANÃ: UM OLHAR SOBRE A MATERIALIDADE, A EDUCAÇÃO E A VIDA COTIDIANA

[...] são imensas as dificuldades para nomearmos a complexidade e a riqueza que estão mais próximas de nós, impregnadas da aparente banalidade do cotidiano (Del Priori, 1997, p. 376).

Compreender o universo escolar é um desafio constante, pois a cultura escolar de cada instituição se constrói a partir da interação entre diferentes agentes. Del Priori (1997) nos lembra que, embora o cotidiano pareça corriqueiro, ele possui uma riqueza de significados que, muitas vezes, nos escapam. Por estarmos imersos nessa realidade, nem sempre conseguimos nomear ou traduzir em palavras a profundidade das vivências e das relações que nos cercam. No entanto, é justamente nesses detalhes, aparentemente banais, que se encontram os elementos fundamentais para a construção de identidades, pertencimentos e sentidos compartilhados.

Nesta seção, analisaremos os elementos da cultura escolar da Escola-Fazenda Canuanã, manifestados em práticas, valores, normas, símbolos, relações sociais, objetos, espaços e rituais que constituem suas dimensões material e imaterial. A partir dessa perspectiva, analisaremos a materialidade da educação, por meio da arquitetura, uniformes, mobiliários e espaços da Escola-Fazenda Canuanã. Refletiremos também sobre os valores e as identidades produzidas, considerando disciplina, regras, rituais e tradições como elementos contribuintes para a sensação de pertencimento e formação dos sujeitos.

Desde que foi criada em 1973, a Escola-Fazenda Canuanã vai além do aprendizado tradicional. A rotina dos alunos, caracterizada por horários estritos, rituais institucionais e uma convivência profunda no ambiente escolar, é composta por partes que influenciam suas vivências. A materialidade da escola – incluindo uniformes, dormitórios, configurações dos espaços escolares, mobiliários, áreas de aprendizado e lazer – manifesta e fortalece os valores da instituição, ao mesmo tempo em que estabelece limites entre o espaço escolar e o mundo exterior.

Dessa forma, ao investigar a cultura escolar de Canuanã, podemos entender de que maneira as práticas pedagógicas e os modos de vida dos alunos egressos vêm sendo influenciados por essa estrutura, assim como as repercussões dessa vivência nas trajetórias individuais dos que frequentaram a instituição. Esse olhar sobre a materialidade, a educação e o cotidiano proporciona uma reflexão acerca dos significados da escola como um ambiente de formação e socialização, especialmente no contexto de um internato na Amazônia Legal.

Essas reflexões demandam um esforço significativo por parte da pessoa egressa e pesquisadora, pois exigem a difícil tarefa de realizar uma análise isenta, equilibrada e justa de toda uma cultura vivenciada. Esse processo implica revisitar memórias, confrontar experiências pessoais e coletivas e interpretar registros e narrativas com rigor crítico, evitando distorções ou vieses subjetivos.

Nesse sentido, torna-se fundamental adotar uma postura investigativa sensível e aprofundada, como sugere o professor César Bressanin em sua tese. Para ele, o pesquisador deve se assemelhar a um verdadeiro “pescador de pérolas”, alguém que se lança em um mergulho profundo no passado em busca de vestígios e indícios que revelem aspectos ocultos ou esquecidos da história. Como afirma o autor, é preciso “fazer um achado, mergulhar no passado em busca de pistas [...] trazer à superfície ‘pérolas e corais’ de memórias que quase se esvaneceram e foram à ruína com o tempo” (Bressanin, 2021, p. 37). Essa metáfora ressalta a importância da pesquisa como um exercício de resgate e valorização das lembranças e das experiências.

A cultura escolar, enquanto categoria de análise, constitui um eixo fundamental para investigações no campo da história da educação, despertando o interesse de pesquisadores que buscam compreender as práticas, os rituais, os valores e as normas que estão no cotidiano das instituições educativas. No contexto da Escola-Fazenda Canuanã, a cultura escolar assume um papel central na análise das relações estabelecidas entre alunos, professores e gestores, bem como na compreensão das dinâmicas institucionais que moldaram a trajetória da escola ao longo do tempo.

Considerando a diversidade e as distintas regiões do Brasil, concordamos com Castro (2011, p. 13), ao afirmar que a cultura material escolar

[...] pode abranger uma série de elementos que constituem o universo escolar, como os objetos de leitura e escrita (lápiz, caneta, livros etc.), materiais de limpeza (panos, vassouras, tapetes etc.), mobiliários (cadeiras, carteiras, bancos, mesas etc.), indumentárias (fardamentos, chapéus, calçados etc.), dentre outros, os quais podem ser estudados sob perspectivas e ângulos teóricos e metodológicos diversos.

Entendemos que a “ampliação do repertório dos estudos sobre a escola e o seu processo de institucionalização na realidade brasileira” (Gonçalves; Faria Filho, 2005, p. 33) vêm direcionando novos olhares para a cultura escolar por estudiosos de múltiplos campos disciplinares. A exemplo disso, podemos destacar Gonçalves e Faria Filho, André Chervel, Jean-Claude Forquin, Antonio Viñao Frago, Dominique Julia, Antônio Nóvoa, Bernard Lahire, Philippe Perrenoud, entre outros. Nesse sentido, ao considerar a cultura escolar como

um elemento essencial da identidade da instituição, recorremos ao aporte teórico de Antônio Viñao Frago (1995) e Dominique Julia (2001).

Para absorver a definição de cultura escolar, reportamo-nos, principalmente, a Juliá (2001, p. 9), que a conceitua “como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”. Nessa mesma linha de pensamento, Viñao Frago (1995, p. 100) argumenta que “a cultura escolar pode ser definida como um conjunto de ideias, princípios, critérios, normas e práticas sedimentadas ao longo do tempo das instituições educativas”.

Ainda sobre a cultura escolar e a investigação das práticas, Diana Vidal (2005) destaca a importância da análise de diversas fontes documentais e testemunhais que permitem compreender a dinâmica cotidiana das escolas. Entre essas fontes, incluem-se registros pedagógicos, como exercícios, cadernos, provas, diários de classe, cartazes e quadros, que oferecem indícios sobre os métodos de ensino, a organização curricular e a interação entre docentes e alunos. Esses indícios e pistas, como definidos por Ginzburg (1992), contribuem para identificação dos instrumentos de produção de fontes.

Além desses documentos, Vidal (2005) enfatiza a importância de outras fontes que contribuem para a construção de narrativas. Entre elas, destacam-se as fotografias, as autobiografias, os relatos orais e as histórias de vida, que oferecem perspectivas subjetivas e contextuais fundamentais para o escopo da análise historiográfica, permitindo o acesso a dimensões da experiência humana que muitas vezes são negligenciadas pelos registros oficiais. Quando valorizamos essas formas de testemunho, propomos uma abordagem mais plural e sensível às múltiplas vozes que compõem a tessitura do passado.

Somado a isso, é possível constituir uma reflexão aprofundada sobre as práticas pedagógicas, os modelos disciplinares, os hábitos construídos no espaço escolar e os significados atribuídos às experiências vividas por aqueles que passaram pela escola. Assim, acreditamos que a cultura escolar em Canuanã não se limita à dimensão pedagógica, mas se estende para além da sala de aula, influenciando comportamentos, valores e formas de socialização.

Julia (2001, p. 13) utiliza uma metáfora sugestiva ao afirmar que “a cultura escolar é a caixa preta da escola”. O autor estabelece uma analogia com o equipamento presente em aeronaves que registra informações importantes sobre seu funcionamento. Nesse sentido, podemos afirmar que a cultura escolar guarda em si características que definem a instituição, revelando as práticas, os valores, os saberes e as dinâmicas que a tornam única.

Diante dessa correspondência entre a “caixa preta” e a cultura escolar, direcionamos o nosso olhar atento, a fim de tentar desvendar os múltiplos elementos que a constituem e compreender como alguns aspectos são preservados, reproduzidos ou transformados ao longo do tempo. Esse processo permite não somente identificarmos as tradições que perpassam a escola, mas também analisarmos os movimentos disruptivos e inovadores que reconfiguram sua estrutura e modo de funcionamento. Dessa forma, ao analisarmos a cultura escolar da Escola-Fazenda Canuanã, identificamos os mecanismos que sustentam a sua identidade, bem como a relação com o contexto histórico, social e pedagógico em que está inserida.

4.1 A materialidade da educação

No primeiro capítulo de *A Memória Coletiva*, Maurice Halbwachs (2006) apresenta algumas confrontações indispensáveis para ativarmos as memórias individuais e coletivas. Segundo o autor, ao relembrar o passado, buscamos testemunhos que podem tanto fortalecer quanto enfraquecer nossas lembranças, além de preenchê-las com novos significados. Esse movimento se torna necessário, sobretudo, quando determinados acontecimentos, fatos ou lugares nos parecem obscuros ou incompletos. Nesse contexto, Halbwachs (2006) ressalta que a primeira e mais imediata testemunha à qual podemos apelar somos nós mesmos, pois nossa memória, embora pessoal, está sempre em confronto com as referências sociais que a estruturam e lhe conferem sentido.

4.1.1 Arquitetura, mobiliário e espaços na Escola-Fazenda Canuanã: um retrato da estrutura escolar

No mesmo contexto de confrontações, considero fundamental compartilhar um momento marcante desta pesquisa. Em julho de 2023, após um longo período de negociações, finalmente conseguimos a autorização para visitar a escola objeto desta pesquisa. Retornar àquele espaço depois de 40 anos foi uma experiência indescritível. Quando saí de lá, era uma jovem de 15 anos, cheia de incertezas e sonhos ainda em formação. Agora, regressava uma mulher, profissional, mãe, professora e pesquisadora. Esse reencontro provocou um turbilhão de sentimentos. Como revisitar um passado que, por tanto tempo, parecia adormecido na memória? O que buscar para resgatar, reviver, sentir novamente o que um dia foi tão intenso?

Ao cruzar os portões da escola, percorri com o olhar cada canto, tentando reconhecer o que, um dia, foi meu lar. Mas, a princípio, tudo me parecia estranho, distante, quase irreconhecível. Por um instante, tive a sensação de que minha memória havia me traído, como se aquele espaço, que um dia conheci tão bem, pertencesse a outra realidade, a outro tempo.

Foi então que, ao chegar ao Colégio 1, deparei-me com um grande mapa fixado na parede, detalhando as dependências da escola-fazenda. O mapa da escola não é apenas uma representação espacial, mas um documento que revela a configuração física onde se desenrolam múltiplas histórias e vivências. Cada sala, cada espaço aberto ou fechado, torna-se cenário de experiências educativas, relações sociais e construções de identidade. Ao observar o mapa, compreende-se que a escola é também um lugar simbólico, onde o ambiente material se entrelaça com as memórias e narrativas daqueles que o habitam.

Diante dele, um impulso: a necessidade de me reencontrar naquele espaço. Apontei para um dos locais no mapa e, ao ver um professor passando, perguntei:

— Como faço para chegar aqui?

Figura 18 – Mapa e lugar: a configuração do ambiente que abriga histórias



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Apontei o local indicado pela seta vermelha, pois ali reconheci de imediato as malocas que fizeram parte da minha infância. Foram anos vividos naquele espaço, marcados por memórias que permanecem vivas e intensas. Cada detalhe da imagem despertou lembranças de um tempo em que o cotidiano se misturava com a simplicidade da vida comunitária, com os sons, os cheiros e as experiências que moldaram minha formação.

Na sequência, utilizamos como figura o mapa interativo disponibilizado no site da Fundação Bradesco, que reproduz a mesma imagem em que se destacam as malocas reconhecidas pela memória. Essa sobreposição entre o registro institucional e a lembrança

pessoal possibilita compreender o espaço como referência geográfica e também como um lugar de memória, no sentido atribuído por Halbwachs (2006), em que o território ganha significado a partir das experiências coletivas e individuais nele vividas.

Ao mesmo tempo, o mapa assume um caráter de representação (Chartier, 1990), pois traduz uma visão institucional que busca fixar o espaço em determinada narrativa histórica. Assim, o documento cartográfico cumpre dupla função: de um lado, legitima a presença da Fundação na região ao inscrevê-la simbolicamente em seu patrimônio educativo; de outro, dialoga com as lembranças daqueles que habitaram esse território, revelando como diferentes camadas de memória e representação se fundem na constituição da história da Escola-Fazenda Canuanã.

Figura 19 – Entre cliques e caminhos: o mapa que revela novas perspectivas



Fonte: <https://fundacao.bradesco/pt-BR/Escolas?ID=9>.

Com gentileza, ele explicou e nos mostrou o caminho. Seguimos em direção ao lugar indicado e, ao chegar lá, algo mágico aconteceu. De repente, o passado se sobrepôs ao presente. Era como se um portal se abrisse e eu fosse transportada no tempo. E o que despertou essa avalanche de lembranças foram as “malocas²¹”. Elas estavam ali, ainda erguidas, apesar das transformações pelas quais passaram ao longo dos anos. Olhá-las foi como reencontrar um pedaço de mim mesma. Foi ali que, ainda menina, dormia em redes, compartilhava choros, saudades, risadas e confidências, além de sentir o vento noturno entrando pelas frestas nas paredes. Era ali que as crianças se agrupavam, cada uma com sua história, seus medos e sonhos. Mesmo reformadas, adaptadas ao presente, as malocas não

²¹ Como nomeamos os primeiros dormitórios em virtude do formato de ocas indígenas.

havam perdido sua essência e, ao vê-las, compreendi que a minha também permanecia ali, guardada naqueles corredores de tempo e memória.

Esse breve hiato na narrativa e na análise da cultura escolar da Escola-Fazenda Canuanã teve como propósito contextualizar a materialidade da educação, com ênfase na estrutura física da escola. Do passado das malocas às transformações que deram origem aos dormitórios coletivos, essa evolução reflete não apenas mudanças arquitetônicas, mas também as dinâmicas e os sentidos que o espaço escolar foi assumindo ao longo do tempo.

Em 1973, quando a escola iniciou as atividades, sua estrutura ainda era bastante simples e rudimentar. Os poucos dormitórios disponíveis seguiam o estilo de construção sestavada, amplamente conhecido como “maloca”, um termo tradicionalmente utilizado nas aldeias indígenas da região (Vieira, 2023). No centro de cada maloca, erguia-se um robusto mourão de madeira, do qual partiam os armadores de redes, interligando-se aos ganchos fixados nas paredes. Esse arranjo formava um grande redário coletivo, onde os alunos descansavam, imersos em uma rotina marcada pelo convívio intenso e pela adaptação a um espaço que, embora simples, carregava traços de uma cultura profundamente enraizada na história local.

No interior das malocas, a organização do espaço para as crianças incluía um único banheiro, dois grandes armários, cada um com dez portas, destinados a acomodar suas poucas peças de vestuário. Com o passar do tempo, a estrutura foi modernizada, sendo substituída por quatro armários menores, com cinco portas cada. A nova mobília recebeu a cor vinho, escolhida em referência à tonalidade predominante na fachada da escola, criando uma identidade visual conveniente com o ambiente institucional.

As imagens a seguir revelam diferentes perspectivas dos aspectos externos das malocas ao longo do tempo, captando sua essência sob distintas lentes e em momentos variados. Podemos perceber a continuidade estrutural e simbólica, desde os primeiros registros iconográficos até aqueles realizados em julho de 2023, quando a escola celebrava meio século de existência.

O dia 5 de julho, marco dos 50 anos da instituição, coincidiu com nosso acesso às suas dependências, um acontecimento que, talvez, tenha intensificado a emoção do momento. A união entre a materialidade daquelas construções e a carga histórica que elas carregam despertou uma reação intensa, fruto não apenas da memória preservada nesses espaços, mas também do significado que eles assumem para aqueles que os vivenciaram.

Figura 20 – Sombras, histórias e infância: as malocas e a memória viva

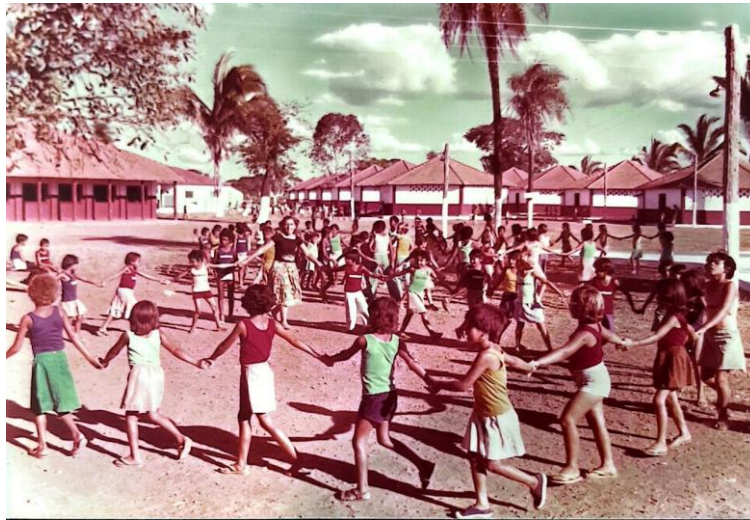


Fonte: Acervo pessoal Joelma Gama - via grupo de Egressos (2025).

As imagens acima resgatam vestígios da minha memória enquanto aluna egressa, como também de muitos outros que estiveram na Escola-Fazenda Canuanã nas primeiras duas décadas da instituição. Nessas recordações, as malocas surgem como símbolos de uma vivência singular: estruturas de seis lados, com paredes brancas e azuis, dotadas de uma única porta para entrada e saída. Para amenizar o calor intenso da região, pequenas aberturas no alto das paredes permitiam a circulação do ar, proporcionando algum alívio em meio ao clima tropical.

Posteriormente, com a finalidade de alinhar com as cores da fachada da instituição educativa, o tom azul das malocas foi substituído pelos tons avermelhados, conforme podemos observar na imagem a seguir.

Figura 21 – Brincar à sombra das malocas: infâncias que giram onde o tempo repousa



Fonte: Acervo pessoal de Ana Milhomem (2024).

Sob o abrigo das malocas, o tempo parece desacelerar para acompanhar o compasso da roda infantil. As crianças, de mãos dadas, giram em círculos diante daquelas construções, como se tecessem com os corpos a continuidade de histórias que antecedem a própria escola. Nesse gesto simples de brincar, revelam-se saberes que escapam ao currículo formal, mas que permanecem vivos na memória do lugar. As malocas, testemunhas silenciosas de outras infâncias, outras pedagogias e outros modos de habitar o mundo, acolhem os risos como ecos de uma educação que se faz também no chão, no corpo e no gesto.

Cada maloca abrigava cerca de 20 crianças e havia uma separação rígida: as malocas destinadas às meninas ficavam distantes das dos meninos, reforçando a organização e a disciplina do internato. Naquela rotina, eles compartilhavam o espaço, a coletividade e o aprendizado mútuo. Claro que também havia desavenças, brigas e conflitos: atitudes comuns no universo infantil.

No espaço externo, o pátio de chão batido evidenciava a modesta estrutura do ambiente escolar. No entanto, essa simplicidade não restringia as vivências infantis, ao contrário, transformava-se em um cenário imaginativo para a expressão lúdica e a sociabilidade entre as crianças. Ali, jogos tradicionais como pega-pega, pique-esconde, queimada, “salva a latinha”, entre tantas outras brincadeiras, constituíam práticas recorrentes que não apenas promoviam a interação, mas também consolidavam vínculos afetivos e memórias coletivas.

Na simplicidade terrosa das malocas, crianças brincam sob o céu amplo, onde sombras dançam lentamente com o passar do dia. Esses espaços rústicos guardam muito mais que paredes e telhados, são refúgios vivos de histórias e memórias que se entrelaçam

com o riso inocente e o chão batido que acolhe passos pequenos. As malocas são testemunhas silenciosas de uma infância entrelaçada à terra, onde a identidade se tece nas pequenas coisas e nos gestos cotidianos. Ali, entre sombras e histórias, pulsa a vida de um povo que resiste, preservando a essência de seus ancestrais no simples encanto do presente.

Essa convivência diária fortalecia laços de amizade, estimulava o companheirismo e fomentava um senso de cuidado coletivo, como relembra Joelma²², ex-aluna, ao destacar, em sua entrevista que um

[...] grupo de alunas adotava uma maloquinha. Isso era pra evitar das crianças ficarem correndo à noite, se machucando, brigando. Então a gente acolhia essa maloquinha à noite pra rezar com eles, pra colocar eles na rede, né? Que era a rede. Colocar eles pra dormir na rede. Então a gente rezava, colocava eles pra tomar banho, pra dormir, escovar os dentes. Rezava e colocava pra dormir. A gente saía de lá e deixava eles deitados (Gama, 2024).

O pioneirismo dessa turma, ao participar de um projeto de acolhimento destinado às crianças mais novas, evidencia, de forma significativa, a construção de vínculos solidários no dia a dia da instituição. Essa iniciativa vai além do simples gesto de cuidado, pois demonstra o pertencimento e a responsabilidade coletiva presentes entre os estudantes, que assumiam um papel ativo na mediação das experiências escolares, contribuindo para a adaptação dos novos colegas ao ambiente do internato e, simultaneamente, fortalecendo suas próprias trajetórias formativas. A experiência compartilhada, nesse contexto, faz parte da memória individual e coletiva dos sujeitos envolvidos e contribui para a compreensão da escola enquanto espaço de formação integral.

Neste momento de reflexão, é pertinente mencionar e problematizar a visão de autores como Werle, Britto e Colau (2007). Eles argumentam que as mudanças estruturais em instituições escolares, sejam elas decorrentes de ampliação, reforma ou modernização, são frequentemente percebidas como uma traição ao espaço conhecido. Segundo essa perspectiva, as modificações introduzem elementos estranhos que interferem na memória dos sujeitos, impondo um novo mapa de usos e, conseqüentemente, corrompendo as lembranças construídas no ambiente original.

As transformações físicas da instituição não necessariamente apagam ou invalidam as experiências vividas por aqueles que passaram por seus espaços. Pelo contrário, podem ser ressignificadas à luz das narrativas dos sujeitos que ali construíram suas histórias, ou até mesmo um novo olhar atribuído ao espaço, como podemos observar na Figura 22, que apresenta uma versão atualizada das malocas, versão 2023.

²² Entrevista de Joelma de Carvalho Silva Gama, concedida à autora em 21 fev. 2024, em Gurupi - TO.

Embora o recorte temporal desta pesquisa esteja delimitado aos anos de 1973 a 1993, ou seja, às duas primeiras décadas da instituição, consideramos relevante trazer também algumas referências ao presente. Isso se justifica, sobretudo, pela oportunidade de acesso à escola em 2023, possibilitando não apenas a observação direta do espaço, mas também a coleta de registros orais e iconográficos desse período. Entre esses registros, destacam-se as imagens das malocas, apresentadas na sequência, que ilustram as transformações pelas quais passaram ao longo dos anos, reconstituindo sua função na dinâmica escolar.

Atualmente, essas construções continuam a fazer parte do cotidiano institucional, preservando sua essência coletiva, mas com novos significados e usos. Agora denominadas “moradas”, elas acolhem as crianças matriculadas do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental, consolidando-se como espaços de aprendizagem e convivência.

Figura 22 – Morada dos Pássaros - 2023: cores que anunciam outros voos no território



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2023).

É possível observar que o cenário se transformou. As antigas malocas deram lugar a um conjunto arquitetônico que, embora ainda preserve a ideia de moradias compartilhadas, apresenta uma nova configuração visual e simbólica. Agora, há janelas que permitem a entrada da luz natural, portas mais largas que convidam ao acolhimento e pequenos jardins floridos que emolduram a entrada. O espaço tornou-se uma vila colorida, onde cercas feitas de lápis gigantes relembram um universo lúdico e criativo. Internamente, as mudanças também são significativas: as redes deram lugar a camas, oferecendo maior conforto aos alunos, e o número de crianças por maloca foi reduzido para seis, proporcionando mais privacidade e um ambiente mais organizado. Nessa nova versão, as cores vivas contrastam com o passado e anunciam uma continuidade em transformação. As paredes agora evocam

leveza, liberdade e esperança, como se cada tonalidade carregasse consigo a promessa de outros voos possíveis para aqueles que habitam o espaço.

Além da aparência renovada, a nomenclatura das moradias também passou a carregar significados afetivos. A ala masculina recebeu o nome de “Morada dos Pássaros” e cada quarto tem o nome de uma ave. A escolha desse nome carrega uma metáfora potente: os pássaros precisam de abrigo, mas também de céu. Assim são os sujeitos que crescem ali, entre o chão firme da coletividade e o desejo de alçar voo. Nesse cenário, a escola torna-se ninho e impulso, lar e horizonte.

Para nomear a ala feminina, foi utilizada a mesma dinâmica de nomes, mas com título de “Morada das Flores”. Essa designação vai além da simples nomeação de um espaço físico: ela evoca delicadeza, força e renascimento. Assim como as flores, que desabrocham mesmo em terrenos áridos, as meninas que ali vivem crescem em meio a desafios, cultivando seus próprios sentidos de pertencimento, identidade e futuro. A metáfora floral carrega a potência do cuidado e da resistência: as flores precisam de atenção, mas também enfrentam ventos e tempestades. Essas mudanças não apenas ressignificam o espaço físico, mas também sugerem uma nova relação com o ambiente escolar: um lugar que busca ser, cada vez mais, uma extensão do lar, sem deixar de carregar as marcas de sua história.

Dessa forma, partilhamos da opinião de que a linguagem arquitetônica expressa “uma ordem construtiva, um sistema de intenções, valores e discursos, um jogo de simbolismos que atribuem a uma tradição cultural” (Frago; Escolano, 2001, p. 39). Isso nos possibilita ainda mais a certeza de que esses simbolismos possuem estreita relação com a missão e os valores da instituição FB. Assim, a memória escolar pode coincidir com a modernização, criando um diálogo entre o antigo e o novo, entre o que foi vivido e o que continua a ser construído. E a continuidade dessa construção pode ser percebida nas figuras a seguir.

Figura 23 – Onde o corpo descansa e a disciplina vigia: retrato íntimo dos alojamentos



Fonte: Acervo pessoal grupo de Egressos (2025).

Os alojamentos representam um espaço contraditório, onde o corpo busca repouso após longos dias, mas a disciplina permanece constante e quase palpável. Esse interior revela as tensões próprias de um internato, onde o silêncio e a ordem são impostas para moldar não apenas rotinas, mas também comportamentos e subjetividades. Nesse ambiente, a intimidade se mescla à vigilância, e o alojamento torna-se palco silencioso das experiências individuais que compõem a vida coletiva da escola.

Os estudantes a partir do 6º ano eram acomodados nos alojamentos, que abrigavam até 40 alunos em um mesmo espaço. O mobiliário era composto por beliches, organizados de forma a otimizar a capacidade do ambiente. Cada estudante dispunha de um lado do armário compartilhado, que incluía uma gaveta para guardar seus pertences pessoais. O distanciamento entre as camas era reduzido, refletindo a necessidade de acomodação em larga escala.

Os banheiros eram coletivos, atendendo simultaneamente a todos, o que exigia organização e disciplina no uso daqueles espaços. Além disso, alguns estudantes se incomodavam em tomar banho com portas abertas, pois tiravam a liberdade. Acerca da coletividade dos banheiros, uma aluna egressa afirmou: “me incomodava muito o banho coletivo, é uma coisa que me incomodava demais, assim, aquele banheiro aberto para todo mundo tomar banho junto, então isso me incomodava demais” (Aguiar, 2024)²³.

Ao longo dos anos, foi necessário repensar a delimitação entre os espaços públicos e privados dentro dos alojamentos estudantis. A convivência em ambientes compartilhados exigia uma reorganização que garantisse maior conforto, privacidade e qualidade de vida para os estudantes. Diante desse cenário, foi preciso reavaliar a quantidade de estudantes por alojamento, o que levou à implementação de mudanças estruturais significativas.

Dessa reflexão, surgiu um novo modelo de organização dos espaços, baseado na distribuição de quartos em conjunto. Segundo o “Instituto A Gente Transforma²⁴”, esse processo resultou na construção das moradas, configuradas na forma em que se encontram atualmente. O projeto nasceu como uma resposta às demandas do cotidiano escolar, valorizando a participação ativa das crianças, que, com suas vozes criativas, contribuíram para o desenho de um ambiente mais acolhedor e funcional (Instituto A Gente Transforma, 2025²⁵).

²³ Entrevista de Adriana da Costa Pereira Aguiar, concedida à autora em 15 out. 2024, em Palmas - TO.

²⁴ Instituto responsável pela execução do projeto de construção das moradas.

²⁵ O Instituto A Gente Transforma desenvolve tecnologia social e sua aplicação em projetos de arquitetura e design como ferramentas para transformação social, importantes para o diminuir as desigualdades sociais, e para enfrentamento das questões do êxodo rural – êxodo que é na verdade uma forma de expulsão, tanto pela

Ainda segundo os idealizadores do projeto, a iniciativa incorporou conhecimento e tecnologia, transformando a experiência dos estudantes. Esse aprimoramento não se limitou à infraestrutura, mas também impactou o aprendizado, possibilitando uma vivência mais integrada e humanizada no espaço escolar.

São duas construções amplas e bem estruturadas, divididas em um edifício masculino e outro feminino, cada um com 45 dormitórios, acomodando até seis alunos por unidade. No total, cada prédio abriga até 270 estudantes, proporcionando um ambiente que busca equilibrar privacidade e convivência (Fundação Bradesco, 2024).

Na figura 24, apresentamos uma composição de imagens referentes às novas moradas dos estudantes da Escola-Fazenda Canuanã, registradas em julho de 2023.

Figura 24 – Morada das Meninas: cotidiano tecido entre flores, gestos e silêncios (2023)



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

A Morada das Meninas, em sua composição estrutural renovada, revela os contornos de um espaço pensado para acolher e significar o cotidiano escolar sob uma nova ótica: a da escuta ativa das infâncias. As imagens exibem diferentes ângulos e cenários dessa morada, evidenciando um projeto que nasceu não apenas da necessidade de reformar, mas de reimaginar o habitar. O ambiente, agora mais colorido, funcional e sensível, foi moldado a

expansão da fronteira agrícola e garimpo, com a falta de oportunidades e o empobrecimento dos territórios, mas também ligado ao aquecimento global, um êxodo climático, atuando no enfrentamento do colapso em diferentes dimensões: – A favor da permanência dos povos em seus territórios; - Contra o esgotamento das grandes cidades; – Adiar as mudanças climáticas; – Manutenção dos recursos naturais; – Contra a desigualdade social; – Geração de emprego e oportunidades; – Para manter as florestas em pé. Disponível em: <https://agentetransforma.org.br/o-instituto/sobre/>. Acesso em: 21 fev. 2025.

partir das vozes criativas das meninas que ali vivem, tornando-se reflexo de uma pedagogia do cuidado e da escuta.

Mais do que simples alojamentos, essas estruturas foram concebidas para criar um espaço acolhedor, permitindo “traçar um retrato da escola com seus atores, aspectos de sua organização, seu cotidiano, seus rituais, sua cultura e seu significado” (Buffa, 2002, p. 27).

Como podemos observar na Figura 24, além das áreas de descanso, os edifícios contam com espaços voltados ao lazer e à convivência, como jardins cuidadosamente planejados, um mini palco de teatro, salas de televisão e ambientes dedicados aos estudos. Esses recursos oferecem aos alunos múltiplas possibilidades de vivência escolar, promove momentos de aprendizado, cultura e troca de experiências que transcendem a sala de aula.

A fim de demonstrarmos mais detalhadamente todo esse ambiente inovador, aconchegante e moderno das moradas, temos, a seguir, outro mosaico de imagens registradas exatamente no dia em que a escola completava meio século de existência.

Figura 25 – Entre o abrigo e a rotina: a intimidade silenciosa das moradas escolares



Fonte: Acervo da pesquisadora (2023).

Os registros internos das moradas estudantis revelam uma dimensão sensível do cotidiano escolar: aquela que se constrói longe dos olhares públicos, entre paredes que abrigam silêncios, afetos e hábitos partilhados. No interior desses espaços, o dia a dia se organiza em ritmos quase coreografados, com a arrumação dos pertences, o despertar coletivo, o retorno ao fim da jornada. Mais do que dormitórios, as moradas escolares funcionam como territórios de adaptação e aprendizado sobre a convivência, o cuidado e os limites do viver em grupo.

Conforme ilustrado na Figura 25, as portas dos quartos apresentam identificações que vão além da simples enumeração. Cada uma delas recebe o nome de um animal ou planta da região, ilustrados em grafismos sobre a palha, confeccionados pelos indígenas Javaés, valorizando, assim, a expressão artística e reafirmando a presença das culturas originárias no cotidiano escolar. O mobiliário foi todo desenvolvido para criar privacidade e também coletividade, assim, cada quarto possui três camas-beliche, com lavanderia e banheiro (Instituto A Gente Transforma, 2025).

Nos primeiros anos de funcionamento da Escola-Fazenda Canuanã, o acesso a conteúdos audiovisuais era bastante limitado. Havia apenas um aparelho de televisão, instalado em uma área aberta da escola, posicionado em um local elevado. Para assistir aos programas transmitidos, os alunos precisavam permanecer de pé, enfrentando não apenas a falta de conforto, mas também as dificuldades técnicas da época, como falhas na recepção do sinal e restrições na programação disponível.

Há cerca de dez anos, Jocyleia Santana dos Santos publicou sua tese de doutorado sobre a sedução da imagem, fundamentada em uma abordagem histórico-cultural e apoiada em diversas fontes, como jornais, entrevistas de História Oral, mapas e fotografias. A seção intitulada “*Ver ao longe: televisão*” traz elementos que dialogam diretamente com as memórias evocadas nesta pesquisa.

Enquanto crianças que estudavam em uma escola da zona rural, no interior do norte de Goiás, vivíamos, de forma muito concreta, a experiência de “ver ao longe”. Não apenas pelas dificuldades de transmissão do período, mas também porque o aparelho de televisão ficava instalado em um local elevado, exigindo esforço dos nossos olhos para alcançar as imagens. Esse gesto de mirar para cima, coletivo e carregado de expectativa, simbolizava o fascínio diante de uma tecnologia que aproximava e, ao mesmo tempo, mantinha distância.

Ao estabelecer esse paralelo, a tese de Santos (2015) contribui também para compreender o contexto do norte goiano entre as décadas de 1970 e 1990, período que se alinha ao recorte temporal desta investigação, permitindo reconhecer intersecções entre memória, cultura e educação.

Com o passar dos anos, a infraestrutura da instituição passou por transformações significativas, refletindo maior preocupação com o bem-estar e a qualidade de vida dos estudantes. Atualmente, cada edifício residencial (as novas moradas) conta com um espaço próprio para exibição de filmes e programas televisivos. Essas salas são equipadas com poltronas confortáveis e almofadas coloridas, proporcionando um ambiente acolhedor e

adequado para momentos de lazer e socialização. Vale destacar que experimentamos e aprovamos o conforto do lugar, como é possível observar na imagem anterior (Figura 25).

A criação desses espaços evidencia não apenas a modernização das instalações da escola, mas também a valorização do audiovisual como ferramenta de entretenimento e formação cultural. O acesso facilitado a filmes, documentários e demais produções midiáticas amplia as possibilidades de aprendizado e interação entre os estudantes, consolidando-se como um elemento importante na rotina escolar.

A arquitetura inovadora desses edifícios não passou despercebida no cenário internacional. Em 2018, a escola recebeu o Prêmio Internacional RIBA, concedido pelo *Royal Institute of British Architects*, sendo reconhecida como o melhor edifício do mundo naquele ano. Essa distinção reafirma o impacto do projeto arquitetônico na experiência dos alunos, ao aliar estética, funcionalidade e sustentabilidade em um espaço que valoriza o bem-estar e a formação integral dos estudantes.

4.1.2 Uniformes e identidade: a cultura escolar na Escola-Fazenda Canuanã

O uniforme escolar, mais do que um simples vestuário padronizado, desempenha um importante papel na construção da identidade coletiva dos estudantes e na organização da cultura escolar.

Quem vestiu algum tipo de uniforme [...] saia azul-marinho, camisa branca, cinto e gravata vermelhos; jardineira azul ou laranja do pré; o pretinho básico das noites de embalo; o jeans, a camiseta e o tênis [...], etc. – e deixou de experimentar uma sensação agradável de pertencimento? Quem ao vestir um uniforme, nunca experimentou a gostosura de pertencer a uma comunidade, a um grupo, a um gueto, a uma tribo de não estar fora, mas de estar dentro, de ser aceito, de estar integrado, de fazer parte, de estar incluído? (Corazza, 2004, p. 54).

Historicamente, a origem do uniforme se inspira no contexto do exército, uma das primeiras instituições a adotar uma vestimenta única para todos os seus integrantes. A padronização da vestimenta visava consolidar a disciplina, o senso de coletividade e a submissão à hierarquia, aspectos fundamentais para o funcionamento das organizações militares.

Ao conceituar o uniforme escolar como *farda* ou *fardamento*, Corazza (2004) compreende-o como uma vestimenta padronizada, destinada ao uso regular por membros de uma instituição, classe ou corporação. Trata-se de um traje que foi desenvolvido a fim de tornar homogênea a aparência dos sujeitos que o utilizam, conferindo-lhes semelhança ou mesmo identidade visual (Corazza, 2004).

Com o passar do tempo, outras instituições, mesmo não sendo tão rigorosas quanto à exigência do uso de uniformes, começaram a adotá-los. Isso aconteceu em hospitais, asilos e hospícios, onde a padronização das roupas ajudava a controlar e identificar as pessoas que estavam nesses locais (Silva, 2006).

No ambiente escolar, o uso do uniforme tornou-se parte da cultura das instituições de ensino, com o objetivo de promover ordem, pertencimento e distinção. Além de ser uma peça de roupa prática, ele reflete a identidade da escola e serve como um símbolo de conexão com aquele espaço. Dessa forma, a vestimenta padronizada ajuda a reforçar valores como disciplina, igualdade e compromisso em grupo, contribui para a atmosfera da escola e impacta as relações entre os alunos e professores.

Na Escola-Fazenda Canuanã, o uniforme escolar ²⁶sempre desempenhou um papel simbólico central, consolidando-se como expressão de disciplina, igualdade e integração entre os estudantes, ao mesmo tempo em que era algo natural. Ao longo das décadas, a vestimenta padronizada não apenas reforçou os valores institucionais, mas também contribuiu para a construção de uma identidade coletiva no interior da cultura escolar.

Nos primeiros anos de funcionamento da instituição, um número significativo de crianças era oriundo de contextos marcados por elevada vulnerabilidade social, muitas delas não tinham roupas adequadas ou em quantidade suficiente para o dia a dia. Diante desse contexto, o uniforme escolar ultrapassava sua função normativa ou estética e assumia um caráter social e simbólico de grande importância. Para esses estudantes, vestir-se com o uniforme da escola significava não apenas atender a uma exigência institucional, mas também resgatar a dignidade e garantir a inserção naquele ambiente de forma igualitária.

Além de representar valores como pertencimento, igualdade e identidade institucional, o uniforme utilizado na Escola-Fazenda Canuanã sempre foi configurado de forma completa, incluindo não apenas camisetas e shorts, mas também calçados e outras peças necessárias à rotina dos alunos em regime de internato, visando à promoção do bem-estar físico e emocional dos estudantes.

A oferta do uniforme completo sinalizava uma preocupação com as condições materiais básicas de permanência e aprendizagem no internato, especialmente se considerada a origem social de grande parte dos alunos. Ao garantir que todos tivessem acesso às mesmas

²⁶ Nesta pesquisa, opta-se pela utilização do termo *uniforme*, ainda que as peças apresentassem variações de cores. Tal escolha justifica-se pelo fato de a instituição funcionar em regime de internato e acolher crianças em situação de vulnerabilidade social, muitas das quais dispunham de poucas vestimentas. Nesse contexto, a própria escola providenciava as roupas utilizadas pelos estudantes, todas identificadas com o timbre institucional, embora confeccionadas em cores distintas.

vestimentas, a instituição assegurava condições justas de inserção e participação no espaço escolar, minimizando as diferenças e prevenindo possíveis constrangimentos relacionados à aparência ou à falta de recursos.

Mais do que um elemento funcional, o uniforme completo servia como um dispositivo de cuidado e proteção, reafirmando o compromisso da escola com a formação integral dos sujeitos. Mas, como organizar as roupas dessas crianças, que viviam em regime de internato?

Considerando a existência de uma lavanderia e de profissionais responsáveis pela higienização dos uniformes, instituiu-se um sistema de numeração individual para os estudantes. Tal medida visava facilitar a identificação e a devolução das peças após a lavagem, permitindo que cada aluno localizasse suas roupas e as organizasse adequadamente em seus armários, como relembra a aluna egressa Joelma, durante entrevista realizada para esta pesquisa:

Todos tinham um número, né? Eu lembro o meu até hoje, era 691 [...], era o meu número. E as crianças tinham que ir buscar a roupa já lavadinha lá e era colocada nas prateleiras lá, né? Conforme o número. Eles só iam pra buscar e falavam o número e as meninas que trabalhavam lá pegavam a roupinha pra eles, limpinha (Gama, 2024).

Nas imagens a seguir, podemos verificar a evolução dos uniformes escolares ao longo das duas primeiras décadas da Escola-Fazenda Canuanã.

Figura 26 – Primeiras fileiras da história: o 3º ano e os rostos de 1974



A imagem dos alunos do 3º ano, registrada em 1974, não é apenas um retrato de época, mas um marco simbólico do início da experiência educativa vivida naquele território.

São rostos jovens, alguns ainda tímidos, alinhados em fileiras que simbolizam mais do que organização: anunciam o início de uma trajetória coletiva marcada por descobertas, adaptações e silêncios.

Esses primeiros estudantes inscrevem-se como protagonistas anônimos de um projeto que ainda explorava seus próprios contornos. Ao mesmo tempo em que aprendiam a ler e escrever, também ensaiavam formas de existir em comunidade, de habitar a escola como casa e campo de formação. Cada olhar registrado ali carrega o ineditismo de um tempo inaugural, o tempo em que a escola ainda se construía com os passos daqueles que, literalmente, se sentaram nas primeiras fileiras da história.

Figura 27 – Depois do começo, o caminhar: os passos firmes do 4º ano em 1975



Fonte: Acervo pessoal de Eva Jácome (2025).

A fotografia dos alunos do 4º ano, em 1975, carrega em si a força da continuidade. São crianças que vieram após o primeiro grupo, mas que igualmente compõem os alicerces de uma história em construção. Seus rostos, levemente mais maduros, anunciam não apenas a passagem do tempo, mas a sedimentação de uma experiência educativa que começa a ganhar forma, ritmo e identidade. Depois do começo, vem o caminhar, e é isso que essa imagem revela: passos firmes, ainda que pequenos, de quem já aprendeu a ocupar o espaço da escola com mais familiaridade. Esses alunos caminham por trilhas abertas no ano anterior, mas também imprimem seus próprios sentidos ao cotidiano escolar. Em cada olhar, o registro silencioso de uma infância que aprende, convive e resiste em um tempo de fundação.

As imagens analisadas, datadas respectivamente de 1974 e 1975, compõem um registro iconográfico valioso da cultura escolar nos primeiros anos de funcionamento da Escola-Fazenda Canuanã. A primeira, de 1974, mostra um grupo de crianças recém-

chegadas à instituição, ainda sem o uso de uniforme. Elas estão em uma sala de aula, sentadas em carteiras duplas, organizadas em fileiras. As roupas simples e os chinelos de dedo evidenciam a origem social dos alunos, majoritariamente provenientes de contextos rurais e em situação de vulnerabilidade. A escolha por registrar esse momento, mesmo sem a presença do uniforme institucional, é significativa, pois permite visualizar o ponto de partida das crianças em um espaço que, ao longo do tempo, buscaria moldar subjetividades por meio de rotinas, símbolos e práticas normativas.

Na segunda imagem, de 1975, as crianças aparecem já uniformizadas, agora em pé e posando para a fotografia em um ambiente aberto, ao ar livre. Os estudantes vestem camisetas brancas com o timbre do colégio, meninos com calça marrom e meninas com saias da mesma cor. O cenário externo, contrastando com a rigidez espacial da sala de aula anterior, destaca um momento de visibilidade institucional, em que o uniforme assume papel central como marca de identidade coletiva. A mudança entre as duas imagens, ocorrida em curto intervalo de tempo, revela o processo de formação visual do aluno conforme os padrões institucionais.

Com o decorrer dos anos, os uniformes passaram por algumas transformações, mas mantiveram uma estrutura padronizada que preservava elementos essenciais da identidade visual da instituição, como podemos observar nas imagens a seguir.

Figura 28 – Entre o azul da ordem e o branco da pureza: os significados que vestem o corpo



Fonte: Acervo pessoal de Ana Milhomem (2024).



Fonte: Acervo pessoal de Joelma Gama (2025).

Os uniformes nas cores azul e branco ultrapassam a função prática de padronizar a aparência dos estudantes, assumindo um papel simbólico profundo no ambiente escolar. O

azul, frequentemente associado à ordem, à disciplina e à serenidade, contrasta e complementa o branco, que remete à pureza, à renovação e a potencialidades em aberto. Juntos, esses tons vestem não apenas os corpos, mas também as expectativas e os valores que permeiam a instituição educativa.

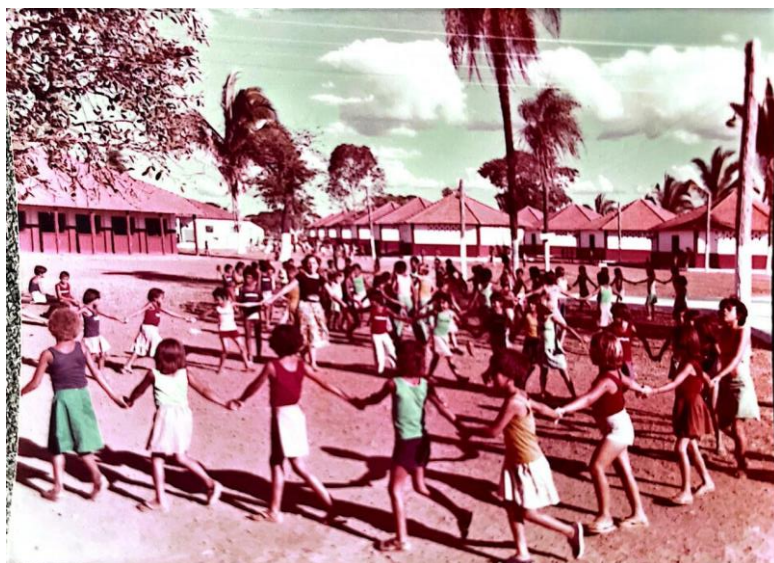
A camiseta branca com o timbre da Fundação Bradesco permaneceu como peça central do vestuário escolar e funciona como um marcador de pertencimento e continuidade institucional. As variações introduzidas ao longo do tempo dialogavam com mudanças culturais e práticas do cotidiano escolar, sem, no entanto, romper com os valores da escola.

Entre as alterações mais significativas, destacam-se as saias azuis de alfaiataria, utilizadas pelas meninas, com pregas na parte frontal, conferindo ao uniforme uma aparência mais formal e alinhada com o ideal de ordem e compostura associado à cultura do internato. Para as atividades físicas ou situações mais informais, passou-se a adotar também o short de malha, em que se inscrevia, na parte inferior, o nome da Fundação Bradesco. Ambos os trajes eram acompanhados por meias brancas e pelo tradicional tênis conga, muito comum na época e amplamente utilizado pelos estudantes como símbolo de simplicidade, praticidade e acessibilidade.

A permanência de elementos simbólicos ao longo das décadas, como o uso da camiseta branca com o timbre e a padronização dos calçados, reforça a continuidade de uma cultura institucional baseada na disciplina e na construção de uma identidade coletiva. Tais escolhas estéticas, longe de serem neutras, compõem o repertório material da escola e se articulam com a lógica do internato, em que o corpo do aluno é também um corpo institucionalizado, orientado por normas visíveis e incorporadas no cotidiano.

Em períodos posteriores, a escola passou a adotar novas variações nos uniformes, refletindo mudanças tanto nos aspectos estéticos quanto nas práticas institucionais. Uma dessas transformações foi a introdução de camisetas multicoloridas, com ou sem mangas, que conferem maior leveza visual e certa flexibilização da rigidez inicial associada à padronização, como podemos observar nas imagens a seguir.

Figura 29 – Uniformes que dançam: roda de cores e movimentos coloridos



Fonte: Acervo pessoal de Ana Milhomem (2024).

A imagem dos estudantes com uniformes coloridos, sem mangas, brincando de roda captura a vitalidade e a liberdade da infância em plena expressão. Os movimentos circulares da roda se entrelaçam com as cores que vestem cada criança, como se o corpo e a roupa se fundissem em uma dança coletiva que vai além da mera brincadeira. Os uniformes, antes símbolos de padronização, aqui ganham vida e ritmo, mostrando que a infância resiste e se reinventa mesmo dentro dos espaços institucionais. Essa roda colorida é um manifesto silencioso de pertencimento, alegria e conexão, em que o movimento corporal e a diversidade visual se unem para celebrar o tempo passageiro e precioso do brincar.

Figura 30 – Entre regras e brincadeiras: o uniforme como palco da liberdade infantil



Fonte: Acervo pessoal de Ana Milhomem (2024).

Embora o uniforme remeta inicialmente à disciplina e à padronização, ele também se revela, nas cenas de lazer, como um palco para a expressão da liberdade e da alegria infantil. Vestidos com seus uniformes coloridos, os estudantes se envolvem em jogos como dominó, boliche e tênis, em que as regras das brincadeiras convivem com o improviso e a espontaneidade típicos da infância. O corpo, mesmo nos limites visuais impostos pelo uniforme, encontra maneiras de se movimentar, interagir e criar vínculos afetivos. Assim, ele deixa de ser apenas um símbolo de controle para se tornar um elemento que acompanha a diversidade dos momentos vividos, mostrando que a liberdade e a disciplina coexistem, tecendo a experiência complexa do internato.

As camisetas, também vinculadas à identidade da Fundação Bradesco por meio da presença do timbre, marcaram um momento em que a instituição parece ter incorporado elementos de maior diversidade e descontração ao vestuário escolar, acompanhando transformações mais amplas na sociedade e nas concepções de infância e juventude.

As saias plissadas também compuseram o uniforme feminino por um período, como se observa nas imagens, mantendo a formalidade característica da vestimenta escolar.

Figura 31 – Dobras de cor e movimento: a leveza das saias plissadas no cotidiano escolar



Fonte: Acervo pessoal de Eva Jácome (2025).

As saias plissadas dos uniformes coloridos carregam uma leveza que vai além do tecido: elas desdobram-se em movimentos que acompanham o ritmo do cotidiano escolar, traduzindo uma dança silenciosa entre ordem e liberdade. Cada dobra é como uma pequena onda de cor que acompanha os passos das estudantes, conferindo-lhes um espaço de expressão mesmo na rigidez do uniforme. Essa leveza articulada revela como o corpo feminino, embora envolto em um código visual imposto, encontra nuances para manifestar sua presença e identidade.

Posteriormente, houve a introdução do short jeans como peça opcional, especialmente entre as meninas, indicando uma flexibilização nas normas de vestuário e uma adaptação às demandas do cotidiano escolar.

Figura 32 – Shorts e liberdade: vestígios de mudança no vestir das estudantes



Fonte: Acervo pessoal de Ana Milhomem (2024).

A presença do short jeans como parte do uniforme feminino representa mais do que uma alteração estética: simboliza uma abertura sutil, mas significativa, para a ressignificação dos corpos e da liberdade no espaço escolar. Diferente das saias plissadas que por anos marcaram o vestir das meninas, o short sugere praticidade, mobilidade e uma nova relação com o próprio corpo. Essa mudança no uniforme reflete transformações mais amplas no tempo, nos discursos sobre gênero, nos modos de ocupação do espaço por meninas que, ao vestirem o jeans, reivindicam também o direito ao conforto, ao movimento e à autonomia.

A utilização dessas imagens como fontes históricas dialoga com uma abordagem que valoriza os vestígios visuais como elementos constitutivos da memória institucional. Em pesquisas que tratam da cultura escolar, especialmente em espaços de internato e formação disciplinar, os registros fotográficos permitem acessar dimensões que nem sempre estão explicitadas em documentos escritos, como a materialidade do cotidiano, os gestos, a organização dos corpos no espaço e os códigos visuais de pertencimento.

A fotografia deixa de ser apenas um registro do passado e passa a atuar como artefato cultural que comunica valores, estratégias de normatização e modos de constituição da infância escolarizada naquele contexto histórico.

Ao longo do tempo, o uniforme escolar em Canuanã se constituiu como mais do que um conjunto de peças padronizadas: tornou-se expressão visível da cultura institucional e

um dos dispositivos centrais na conformação da experiência escolar vivida pelos alunos e alunas no internato. Por meio dele, a escola projetava externamente seus valores: disciplina, pertencimento e organização, ao mesmo tempo em que internalizava normas e expectativas nos corpos discentes.

As transformações nas peças e nos estilos adotados ao longo das décadas não significaram a perda do caráter regulador do uniforme, mas sua ressignificação conforme as dinâmicas sociais, pedagógicas e culturais que atravessavam a instituição. Camisetas coloridas, shorts jeans e a permanência da camiseta branca com o timbre da Fundação Bradesco indicam que, mesmo diante de ajustes estéticos e funcionais, a lógica da escolarização como processo de produção de sujeitos adaptados à coletividade e aos valores institucionais permaneceu presente.

A análise histórica dos uniformes permite, assim, lançar luz sobre a formação visual do aluno. No caso de Canuanã, essas expectativas foram sendo negociadas entre controle e autonomia, entre tradição e renovação, compondo uma memória escolar em que o vestuário se inscreve não apenas nos registros fotográficos e nos relatos orais, mas também nas marcas duradouras da experiência educativa vivida no regime de internato.

4.2 Cultura escolar: valores e identidades em construção

A vida escolar em instituições que funcionam em regime de internato é marcada por um cotidiano intensamente regulado, em que cada gesto, palavra e deslocamento parece responder a uma lógica previamente estabelecida. Mais do que um espaço de aprendizagem formal, a escola torna-se um ambiente onde os sujeitos são socializados a partir de práticas reiteradas, que envolvem desde o cumprimento de horários e normas até a participação em rituais coletivos que atravessam os corpos e moldam as subjetividades.

Assim, a cultura escolar manifesta-se nos detalhes: no toque do sino que marca o ritmo dos dias, na rigidez dos uniformes que iguala os corpos, nas palavras de ordem e silêncio que organizam os espaços e as emoções. Em Canuanã, esses elementos não apenas regulavam a vida coletiva, mas também educavam sentimentos, moldavam comportamentos e construía modos de existir. A escola, como lugar de formação integral, sustentava uma pedagogia implícita feita de gestos, ritos, símbolos e regras, que ultrapassa os conteúdos formais das disciplinas.

Os valores partilhados, como obediência, solidariedade, respeito e pertencimento, constituem-se como marcas da experiência vivida. Nesse ambiente, identidades iam sendo

lentamente esculpidas, não como peças prontas, mas como barro que se amolda aos contornos da convivência e das exigências institucionais. Compreender a cultura escolar de Canuanã é perceber como a escola ensina e como o cotidiano se transforma em território de aprendizagens profundas.

Os espaços escolares ensinam, mesmo quando silenciosos. Em Canuanã, o refeitório sempre organizado; as redes ou beliches dos dormitórios em fileiras; a horta, a granja e os silos que exigiam cuidado diário carregavam em si uma pedagogia não dita, mas sentida.

A arquitetura da escola, planejada para acolher e controlar, produzia rotinas que, ao serem repetidas, transformavam-se em hábitos. Não era apenas o professor quem ensinava; também ensinava a sirene que tocava informando que o motor gerador de energia ia ser desligado e era hora de dormir, a fila para o almoço, o momento coletivo de oração, a limpeza rigorosa dos ambientes. Esses rituais cotidianos formavam uma coreografia disciplinada, em que o corpo aprendia a ocupar o tempo e o espaço com respeito, prontidão e silêncio.

A repetição desses gestos, tão presentes e ao mesmo tempo invisíveis, sedimentava valores como responsabilidade, coletividade e obediência. Os rituais, muitos herdados de uma tradição escolar militarizada, outros reinventados pela própria vivência dos alunos, organizavam não apenas o cotidiano, mas também a subjetividade dos que ali viviam. Aprendia-se, pouco a pouco, que pertencer àquele espaço implicava corresponder a ele: sentar ereto, não falar alto, ajudar o colega, cumprir tarefas sem questionar. Era nesse aprendizado do corpo e do comportamento que a escola cumpria sua função formadora: não apenas transmitindo conhecimento, mas modelando maneiras de ser no mundo.

A análise iconográfica não pode se restringir à descrição das imagens, mas deve compreendê-las como documentos históricos e discursos sociais (Burke, 2004; Kossoy, 2012). Os uniformes, por exemplo, não apenas simbolizavam disciplina, mas produziam identidades de gênero e reforçavam padrões de obediência. Do mesmo modo, a arquitetura escolar expressava não apenas funcionalidade, mas também estratégias de vigilância e ordenamento do espaço educativo. Assim, imagens e objetos atuavam como instrumentos de controle simbólico e cultural.

4.2.1 Tradições e pertencimento: a formação do sujeito na Escola-Fazenda

Entre as veredas de terra vermelha e o som das aves ao entardecer, a Escola-Fazenda Canuanã foi, para muitos, o lugar onde aprenderam não apenas as letras, mas também os modos de ser no mundo para aquele período. Ali, onde o tempo parecia correr em ritmo

próprio, formavam-se não apenas estudantes, mas sujeitos marcados por experiências profundas, tecidos por tradições que se entranharam como o cheiro da terra molhada depois da chuva.

Vale lembrar que este estudo se refere aos primeiros vinte anos da instituição e que, naquela época, o governo militar orientava as políticas educacionais no Brasil. Nesse contexto, era comum encontrar nas escolas, hinos entoados e alunos enfileirados nos pátios, sob o olhar atento dos professores, como podemos observar nas imagens a seguir.

Figura 33 – Bandeiras, posturas e silêncios: coreografias da obediência em 1983



Fonte: Acervo pessoal de Ana Milhomem (2024).

A imagem do momento cívico realizado em 1983 revela muito mais do que uma cerimônia de hasteamento da bandeira. Trata-se de uma prática institucionalizada que ensina, por meio de gestos repetidos e silêncios ritualizados, a disciplina coletiva. As fileiras organizadas de estudantes, a atenção voltada à bandeira e a imobilidade dos corpos constituem uma verdadeira coreografia da obediência, expressão de uma pedagogia que vai além do conteúdo formal e adentra o campo simbólico.

Entre tantas memórias narradas, houve uma que se impôs com a força de quem não envelhece no tempo. Ivan Sousa Carvalho²⁷ lembra que “há coisas que não se esquecem até hoje” e, ao pronunciar essas palavras, parecia sentir novamente o vento no rosto e o peso simbólico do momento. Era 7 de setembro, e ele estava montado a cavalo, representando Dom Pedro I. Não era apenas uma encenação: havia, em sua postura e no brilho do olhar, a convicção de que aquilo era amor à pátria.

Enquanto ouvia, foi possível perceber que sua lembrança não era feita apenas de imagens, mas de sensações... o compasso dos cascos no chão, a expectativa silenciosa da

²⁷ Entrevista de Ivan Sousa Carvalho, concedida à autora em 21 fev. 2024, em Formoso do Araguaia - TO.

plateia, o orgulho que transbordava no peito. Naquele gesto, havia mais do que celebração cívica, percebia-se um encontro íntimo entre a história oficial e a vivida, entre o personagem e o jovem que o interpretava. Talvez seja justamente aí que se manifeste a força das memórias: a capacidade de conservar um instante, mesmo após décadas, com a mesma intensidade e vitalidade de quando foi vivido.

O momento cívico, nesse contexto, funciona como dispositivo de formação moral, moldando condutas, impondo valores e marcando o tempo escolar com ritos que reiteram o pertencimento e o respeito à ordem instituída.

Figura 34 – Entre hinos e memórias: uma década de história em Canuanã



Fonte: Acervo pessoal de Ana Milhomem (2024).

As imagens que eternizam a comemoração dos dez anos da Escola-Fazenda Canuanã, no espaço cerimonial Obelisco, revelam um momento que vai além da exterioridade das celebrações. Ali, os alunos, enfileirados com rigor, uniformizados sob o sol do Cerrado, entoam os hinos com fervor e as vozes refletem não apenas o orgulho de uma escola em festa, mas os ecos de um tempo em que o silêncio e a ordem eram aprendidos tanto quanto a leitura e a escrita. As fileiras, mais que organização física, desenhavam um modo de ser no mundo: o corpo contido, o olhar atento, a disciplina incorporada.

O hasteamento da bandeira, gesto solene e reiterado no cotidiano escolar, funcionava como um dos rituais mais simbólicos de formação cívica. Repetido dia após dia, determinava aos estudantes uma pedagogia do gesto e da contenção, moldando comportamentos para o respeito, a ordem e a obediência. Era um momento em que o tempo parecia suspenso, tendo em vista que entre o início da manhã e o som dos primeiros acordes do Hino Nacional, pairava uma espécie de silêncio reverente que demarcava o território da escola como extensão da pátria.

Nesse cenário, não posso deixar de evocar a memória da menina que fui naquela escola. Sempre que era chamada para hastear a bandeira, um medo visceral tomava conta de mim. Tinha pavor de que o hino terminasse antes que eu conseguisse alcançar o topo com o estandarte, como se, naquele pequeno intervalo de tempo, toda a expectativa de disciplina e perfeição recaísse sobre minhas mãos ainda pequenas. Era uma vergonha silenciosa, uma sensação de fracasso que ecoava por dentro, mesmo que por fora tudo seguisse conforme o protocolo.

E, entre tantas lembranças que retornam no curso desta escrita, uma, em especial, me visita fortemente, pois o meu aniversário coincide com as comemorações da Independência do Brasil, assim, além de algumas vezes ser escolhida para hastear a bandeira, ainda me viam como símbolo de celebração. Cantavam parabéns diante de todos, e o embaraço era inevitável. A vergonha se misturava à solenidade, o constrangimento ao dever, e, naquele palco a céu aberto, eu aprendia mais do que sobre a pátria, sobre os limites entre o individual e o coletivo, entre o íntimo e o institucional.

Essa sobreposição entre o espaço público e o íntimo, entre o corpo exposto e o sentimento velado, revela a potência simbólica que os rituais escolares possuem na constituição das subjetividades. Aquilo que, à primeira vista, poderia parecer apenas um gesto singelo – erguer a bandeira e receber os cumprimentos, na vivência de uma criança –, ganhava a densidade de um rito, deixando gravada a presença sutil da norma e a constância do olhar alheio. Como afirma Foucault (1987), o corpo escolarizado é um corpo docilizado: ele aprende a se mover, a calar, a obedecer a ritmos impostos, tornando-se o lugar por excelência da interiorização da disciplina.

Nesse contexto, os rituais cívicos funcionavam como estratégias eficazes de produção de subjetividades alinhadas ao ideal de nação, sobretudo em tempos nos quais a escola era atravessada pelas diretrizes do regime militar. As cerimônias não eram apenas celebrações formais, eram dispositivos de controle e pertencimento, como nos lembra Dominique Julia (2001), ao apontar que a cultura escolar é composta por práticas, códigos e rituais que, reiterados no tempo, estruturam a vida dentro da escola e, por extensão, a formação dos sujeitos.

Hoje, ao revisitar essas cenas, já adulta e na posição de pesquisadora, percebo que aquilo que à primeira vista parecia apenas solenidade e até certo constrangimento são, na verdade, fragmentos vivos de uma experiência maior. Uma pedagogia que se desenhava nos gestos, nos símbolos e nas repetições não apenas transmitindo conteúdos, mas ensinando o jeito certo de o corpo se posicionar diante da autoridade, da coletividade e dos símbolos

nacionais. As lembranças que surgem enquanto escrevo não são memórias dispersas, soltas no tempo, mas fios entrelaçados em uma trama mais ampla.

Como nos adverte Nóvoa (1995), a história da educação não se escreve apenas com documentos e leis, mas com vozes, silêncios e emoções daqueles que viveram a escola em sua concretude cotidiana. É nesse sentido que esta tese busca não apenas narrar os fatos históricos de uma instituição, mas escutar os ecos daquilo que se viveu entre fileiras, bandeiras e canções. Afinal, é entre o oficial e o vivido que a história se humaniza.

4.2.2 Disciplina, regras e rituais: a vida escolar como espaço de socialização

A escola, sobretudo quando organizada em regime de internato, ultrapassa a função de ensinar conteúdos curriculares: ela educa gestos, ritmos, silêncios e modos de estar no mundo. Entre regras explícitas e rituais silenciosos, constrói-se um cotidiano que socializa os sujeitos, moldando identidades e subjetividades.

A convivência diária entre estudantes de diferentes regiões, culturas e valores, que frequentemente compartilham quartos, áreas de convivência, refeitório, biblioteca, salas de aula, pátios e corredores por períodos prolongados, nem sempre é pacífica e harmoniosa. Essa realidade na escola reflete a perspectiva de Julia (2001, p. 9) sobre a cultura escolar, definida como “o conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”.

O ensino para crianças e jovens vindos do interior, muitas vezes com modos rudes e sem a familiaridade com as normas de comportamento esperadas pela sociedade, representava um grande desafio para a instituição educativa. Era necessário inculcar valores morais e estabelecer hábitos de higiene, disciplina, boas maneiras, respeito e presteza, como é possível verificar na Figura 35 a seguir.

Figura 35 – Pequenos gestos, grandes sentidos: a escola como espaço de cuidado coletivo



Fonte: Acervo pessoal de Ana Milhomem (2024).

A fotografia acima representa uma ação da campanha do piolho e do corte de cabelos. A manutenção de hábitos de higiene entre as crianças que viviam no internato era uma prioridade constante da instituição, especialmente em relação à prevenção de problemas como a infestação de piolhos. Naquelas condições de muitas crianças diariamente juntas, as campanhas contra piolhos eram conduzidas de forma sistemática e educativa, com corte de cabelos, aplicação de remédios a fim de acabar com a infestação, que por ventura houvesse, e depois a lavação das redes de dormir, no Rio Javaé.

A campanha do piolho e o corte de cabelo na Escola-Fazenda Canuanã representam mais do que simples ações de higiene, configuram rituais que atravessam o cotidiano escolar e refletem o cuidado coletivo entre alunos e educadores. Esses pequenos gestos assumem um significado maior ao promoverem saúde, disciplina e o sentimento de pertencimento a uma comunidade que se responsabiliza pelo bem-estar de seus membros. Nesse espaço educativo, o cuidado corporal se entrelaça à formação social, revelando a escola como um lugar onde se constroem vínculos e práticas que vão além do ensino formal.

Além disso, as crianças eram orientadas a lavar regularmente o cabelo e a compartilhar objetos pessoais, como pentes e toalhas, somente quando devidamente higienizados. Esse enfoque prático e educativo visava oportunizar um ambiente mais saudável e consolidar hábitos de higiene que as crianças preservariam tanto no internato quanto fora dele.

No entanto, durante as primeiras décadas de existência da escola, alguns objetivos nem sempre eram alcançados de maneira completa, advindo daí o que poderiam ser descritas como técnicas de domesticação. Essas práticas consistiam em métodos variados de

subordinação e controle, com o intuito de manter a ordem e moldar o comportamento dos alunos segundo os padrões da instituição. Cabe destacar que, na análise das entrevistas realizadas por meio da História Oral Temática, serão apresentados mais detalhes acerca dessas técnicas.

Nesse espaço de domesticação, para que a obediência se sobressaia, é fundamental um ambiente escolar rigorosamente organizado, capaz de evitar ou mediar os confrontos e os conflitos que surgem além dos limites da sala de aula. No regime de internato, as crianças convivem diariamente, não apenas nas atividades estudantis, mas também nas brincadeiras e nas interações cotidianas. Essa convivência intensa, que abrange desde os momentos de aprendizado até as horas de lazer, acrescenta uma camada significativa aos desafios enfrentados na adaptação ao internato.

As relações entre os alunos, a formação de laços de amizade e as tensões inerentes a esse tipo de vida coletiva exigem um gerenciamento cuidadoso por parte da instituição. Assim, a organização do ambiente escolar não se limita somente à disciplina acadêmica, mas também se estende ao desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, fundamentais para a formação integral dos estudantes.

Podemos observar o poder educacional nos detalhes como o toque da sirene, a disposição dos estudantes em fila, o uniforme alinhado, o canto dos hinos, a festa organizada. Como espaço de socialização, a vida escolar impõe regras, mas também oferece pertencimento; exige disciplina, mas, em alguma medida, ampara; celebra, mas também normatiza. Dessa forma, precisamos lançar um olhar atento sobre esses elementos formadores a fim de compreender como a disciplina, as normas e os rituais escolares participaram da formação dos estudantes.

Entre os rituais marcantes da cultura escolar da Escola-Fazenda Canuanã, a festa de debutante oferecida às meninas que completavam quinze anos despontava como um dos momentos mais aguardados e, ao mesmo tempo, mais ambíguos. Para muitas de nós, o primeiro baile era o ápice de uma espera silenciosa. Durante meses, sussurravam-se curiosidades nos corredores e nos dormitórios: como seria o vestido? Com quem dançaríamos a valsa?

A expectativa se misturava ao receio de não corresponder à imagem idealizada que se projetava sobre aquela noite. Não raro, meninas mais tímidas tinham vontade de desaparecer no dia, com medo da exposição, do sapato apertado, do batom forte demais. Quase tudo era superado, porque na ocasião, cada aniversariante recebia roupas novas, calçados, acessórios e maquiagem conforme observamos na imagem a seguir.

Figura 36 – Rostos prontos, corações inquietos



Fonte: Acervo pessoal de Ana Milhomem (2024).

A imagem representa o momento que antecede a festa dos quinze anos: meninas sentadas lado a lado, penteadas, maquiadas, vestidas com o que a escola lhes oferecia para a ocasião. À primeira vista, parecem tranquilas, preparadas para o ritual que se aproxima, mas, por trás dos rostos prontos, havia a inquietação dos corações adolescentes. A imagem revela mais do que um grupo de meninas em preparação: mostra um instante em que o tempo hesita, em que o corpo é moldado e o sentir é contido. Naquele momento, o olhar atento da instituição celebrava, mas também ensinava. Ensinava a ser menina, moça, futura mulher, nos moldes de um ideal cuidadosamente construído.

Enquanto umas tentavam se esconder, outras, ainda que relutantes, se deixavam envolver pelo ritual, conscientes de que aquele momento marcava, simbolicamente, a transição da infância para a juventude. Era um rito de passagem cuidadosamente encenado: dançar a valsa, usar maquiagem, desfilar sob os aplausos. Tudo isso compunha um roteiro de feminilidade que parecia natural, mas era meticulosamente ensinado.

Figura 37 – No compasso do olhar



Figura 38 – Meu primeiro baile: entre laços e raízes



Fonte: Acervo pessoal de Ana Milhomem (2024).

A imagem “No compasso do olhar” captura o instante preciso em que os olhos se encontram durante a dança. Não há palavras, apenas o movimento coordenado dos corpos e o elo silencioso que se estabelece no olhar. A debutante, conduzida por seu par, desliza pela valsa deixando a menina que foi e abraçando a mulher que espera vir a ser. O salão, os aplausos, os sorrisos ao redor se distanciam diante da intensidade daquele gesto: olhar nos olhos. Nesse breve contato, há nervosismo, cumplicidade, receio e encantamento.

Na imagem “Meu primeiro baile: entre laços e raízes”, as debutantes posam ao lado de familiares, diante do banner com os dizeres “Meu primeiro baile”. O registro vai além da pose: revela o rito de passagem cuidadosamente preparado pela escola. Os trajes formais e os olhares e os sorrisos contidos compõem uma cena que mistura orgulho e cerimônia. A presença dos pais imprime à imagem a marca da origem, do pertencimento, da história que sustenta o gesto. Assim, o primeiro baile torna-se não apenas um evento escolar, mas também um momento em que raízes afetivas e memórias se entrelaçam.

Vestidas de cor semelhante e modelos diferenciados, maquiadas com cuidado, conduzidas à dança como em um ensaio de entrada simbólica na vida social adulta, éramos, por um instante, princesas de um baile que misturava sonho e norma. Havia beleza, sim, mas também havia roteiro. O corpo da menina era apresentado ao olhar do outro com suavidade, mas também com marcação: a escola cuidava, mas também moldava.

Aquela noite, entre brilhos e sorrisos tímidos, deixava entrever que crescer ali era também corresponder a um modelo. A cultura escolar, como nos lembra Viñao Frago (1995), está repleta desses pequenos gestos e grandes rituais, que educam os corpos e os desejos em

consonância com os valores vigentes. Assim, as festas dos quinze anos, mais do que um presente, eram um espelho, um reflexo cuidadosamente construído daquilo que deveríamos nos tornar.

Ainda hoje, ao revisitar essas lembranças, percebo que o brilho da noite, o cuidado das professoras, o ensaio da valsa, tudo isso carregava um duplo sentido: afeto e moldura. A escola cuidava, sim. Mas, ao cuidar, ensinava também o que deveríamos ser. E o que não deveríamos ser. A festa, por mais singela, funcionava como um dispositivo silencioso de formação.

A fim de encerrar esta seção, trazemos os resultados da solicitação feita aos participantes desta pesquisa para que enumerassem os eventos mais marcantes da vivência na Escola-Fazenda Canuanã e destacamos que foram mencionados tanto momentos de celebração coletiva quanto os de dor e restrição, como podemos observar na figura 39.

Figura 39 – Visualização das memórias coletivas: eventos marcantes em nuvem de palavras



Fonte: elaborado pela autora (2025).

A figura n. 39 apresenta uma nuvem de palavras²⁸ construída a partir dos eventos citados pelos participantes desta pesquisa como os mais marcantes durante o período em que

²⁸ Elaborada a partir do <https://wordart.com/>.

viveram na Escola-Fazenda Canuanã. O recurso permite visualizar, de maneira simbólica e estética, a intensidade das memórias compartilhadas.

Os eventos aparecem em diferentes dimensões tipográficas, o que reforça sua importância relativa na memória do grupo. O arranjo em forma de casal de mãos dadas também sugere uma dimensão relacional e afetiva, remetendo à ideia de que a vida no internato foi marcada por vínculos comunitários e experiências partilhadas, ao mesmo tempo em que expôs os estudantes a normas rígidas e momentos de ruptura. Assim, a nuvem de palavras, mais do que um recurso gráfico, é a representação visual da memória coletiva, onde está representada a multiplicidade de vozes dos participantes desta pesquisa.

A recorrência com que a enchente de 1980 foi mencionada, lembrada por quatro diferentes entrevistados, evidencia a intensidade de um acontecimento que ultrapassou o caráter individual para se consolidar como memória coletiva, inscrita na história da instituição e no imaginário de seus sujeitos.

Entre as lembranças, também se destacam episódios de caráter festivo e social, como o casamento da professora Beth com Pedro Ivo, as atividades cívicas, as apresentações artísticas, a festa dos 15 anos e a comemoração dos dez anos da escola. Esses momentos, ainda que pontuais, assumem relevância porque representam ocasiões em que a rotina disciplinada e marcada por exigências tinha também celebrações capazes de gerar pertencimento e reforçar vínculos comunitários.

Por outro lado, algumas memórias revelam a face dura das experiências vividas em regime de internato. O relato da gravidez de uma aluna e a sua consequente expulsão, remete às normas rígidas que regulavam a vida escolar, indicando os limites impostos à permanência dos estudantes, sobretudo em situações consideradas inadequadas pela instituição. Da mesma forma, a recordação de que uma turma foi impedida de realizar sua festa de formatura, em virtude de episódios de indisciplina, explicita o caráter punitivo de determinadas decisões, que marcaram profundamente a trajetória estudantil.

Outra lembrança significativa refere-se à exigência de Amador Aguiar de que apenas filhos de moradores da zona rural, especialmente da Ilha do Bananal, fossem admitidos. Esse dado evidencia a intencionalidade do projeto educativo, voltado à formação de sujeitos vinculados ao campo, o que reforça a função social atribuída à escola em seu contexto de criação.

Dessa forma, o conjunto de memórias resgatado nas entrevistas demonstra que na Escola-Fazenda Canuanã houve experiências contrastantes: de um lado, momentos de festa, integração e coletividade; de outro, episódios de rigidez disciplinar, restrições e perdas que

deixaram marcas profundas. Tudo isso corrobora para que as lembranças não sejam compreendidas isoladamente, mas como parte de um todo, no qual os sujeitos reelaboram suas vivências em diálogo com as instituições e com a memória social de seu grupo.

5 VOZES QUE ECOAM: MEMÓRIAS DOS SUJEITOS E A TRAJETÓRIA NA ESCOLA-FAZENDA CANUANÃ

A história de uma instituição educativa não se faz somente por decretos, registros oficiais ou datas marcantes. Ela ganha vida, forma e sentido também por meio das experiências daqueles que a habitaram: alunos, professores, funcionários, gestores e membros da comunidade local. São essas vozes, muitas vezes silenciadas nos relatos institucionais, que revelam as camadas mais profundas da vivência escolar e permitem compreender, de modo mais sensível, os processos formativos e as transformações ocorridas ao longo do tempo. É nesse contexto de memórias individuais e coletivas que pretendemos reconstituir a trajetória da Escola-Fazenda Canuanã.

Ao ouvir os sujeitos que passaram por Canuanã nas décadas iniciais de sua existência, observamos que o cotidiano escolar se mistura às paisagens do Araguaia, às regras do internato e às descobertas da infância e também da adolescência. As narrativas revelam tanto a dureza da rotina disciplinada quanto os afetos, os vínculos formados e a potência do encontro com o conhecimento. Longe de uma visão romantizada, os depoimentos revelam contradições entre proteção e controle, entre oportunidades e ausências, entre pertencimento e saudade.

A escuta ativa e acolhedora dessas memórias torna-se, assim, uma forma de resgatar o que os documentos muitas vezes não capturam: as emoções, as impressões, os silêncios e as marcas deixadas por uma educação vivida em regime de internato, em um contexto rural e periférico. Os relatos reunidos nesta pesquisa, sejam eles de alunos egressos, funcionários ou familiares, revelam vozes que atribuem à Escola-Fazenda Canuanã sentidos que ultrapassam sua função institucional. O pesquisador Cesar Bressanin (2021, p. 36) afirma que as

[...] memórias dadas pelos depoimentos de pessoas que viveram e tiveram suas vidas marcadas por diversos acontecimentos trazem à tona contribuições significativas para a reconstrução de fatos e acontecimentos que, muitas vezes, o documento escrito não consegue responder, especialmente quando essas memórias não são tidas como oficiais e possibilitam outra interpretação do acontecido.

Dessa forma, ao mobilizarem dimensões da memória e da identidade, as narrativas evidenciam que a escola foi um espaço de transição marcado por lacunas, descobertas e processos de crescimento, ainda que, em alguns contextos, também tenha sido permeado por experiências de dor. Para muitos, representou a possibilidade de ruptura com trajetórias marcadas por vulnerabilidades sociais e o início de um percurso de descobertas e

desenvolvimento pessoal; para outros, contudo, também se configurou como cenário de experiências marcadas por saudade, disciplina rígida e distanciamento afetivo.

Logo, esta seção busca apresentar e analisar fragmentos dessas memórias, compreendendo-os não como relatos isolados, mas como partes de uma história maior, que reconstituirá a trajetória da Escola-Fazenda Canuanã. As narrativas aqui reunidas revelam não apenas o passado de Canuanã, mas também seus impactos duradouros nas vidas dessas pessoas, especialmente daquelas que enfrentaram distâncias territoriais, afetivas e simbólicas para acessar a educação formal. Ouvi-los é, portanto, uma escolha metodológica e ética, que valoriza o saber da experiência e amplia a compreensão da escola como espaço de vida e de formação integral.

Ao iluminar essas vozes que ecoam do passado, reconstituímos não apenas a história de uma instituição educativa, mas também o modo como ela foi apropriada, vivenciada e significada por aqueles que dela fizeram parte. Nesse processo, a memória deixa de ser mera lembrança para tornar-se instrumento de análise e de valorização das trajetórias humanas. Assim, a escola se revela como um projeto pedagógico inovador para a época e como território de encontros, de resistências e de afetos, ou seja, uma escola que formou sujeitos ao mesmo tempo em que foi moldada por eles.

A compreensão da trajetória institucional da Escola-Fazenda Canuanã exige o reconhecimento daqueles que estiveram diretamente envolvidos em sua constituição e funcionamento ao longo das décadas. Assim, apresentamos o perfil dos ex-funcionários entrevistados, cuja atuação na escola se deu em seu período inaugural e de consolidação, entre os anos de 1973 e 1993. A partir de dados de identificação como sexo, estado civil, cor/raça, formação acadêmica, função exercida, tempo de residência e contexto familiar, buscamos não apenas caracterizar esses sujeitos, mas, sobretudo, refletir sobre as implicações sociais, históricas e simbólicas de suas presenças na instituição.

A escolha por ex-funcionários com longa permanência na escola e em cargos estratégicos justifica-se pela relevância de suas experiências para a compreensão das lógicas de funcionamento, das dificuldades enfrentadas no contexto amazônico e das práticas institucionais que marcaram a história de Canuanã. Assim, a análise dos dados de identificação aqui sistematizados constitui uma etapa fundamental para a escuta qualificada das memórias que ecoam ao longo desta pesquisa.

Os três ex-funcionários entrevistados, todos atualmente residentes em Palmas (TO) há mais de uma década, representam uma geração de profissionais que participou ativamente da constituição e da consolidação da Escola-Fazenda Canuanã em seu período inaugural.

Com idades entre 70 e 79 anos à época das entrevistas, realizadas entre 2023 e 2025, trazem em suas memórias as marcas de uma atuação que atravessou décadas e se deu em um contexto de desafios logísticos, educacionais e sociopolíticos significativos.

A composição do grupo entrevistado revela diversidades acadêmicas e de experiências profissionais, com formação em Letras, Serviço Social e Administração. Tal variedade reflete uma pluralidade de olhares e práticas que, somadas, contribuíram para a complexa dinâmica institucional da escola. Cada formação trouxe subsídios importantes para o cotidiano escolar: do trabalho pedagógico e da organização administrativa à mediação social com as famílias e comunidades do entorno.

As funções desempenhadas por esses profissionais foram de grande relevância para a estrutura organizacional da Escola-Fazenda Canuanã. Uma das entrevistadas atuou como diretora geral entre 1973 e 1992, cargo de liderança responsável não apenas por decisões pedagógicas e administrativas, mas também pela mediação entre a instituição e a Fundação Mantenedora. Outro entrevistado ocupou o cargo de diretor administrativo de 1974 a 1985, sendo responsável por zelar pela gestão dos recursos, infraestrutura e suporte operacional da escola. A terceira entrevistada exerceu a função de secretária da instituição, assumindo uma posição estratégica na organização e sistematização dos documentos escolares. Coube a ela a tarefa minuciosa de registrar a entrada de todos os alunos da escola. O depoimento concedido por ela a esta pesquisa, em maio de 2025, permite vislumbrar aspectos relevantes desse trabalho invisível, porém decisivo, para a consolidação da identidade institucional da Escola:

Eu comecei a documentar tudo. Pegar o que tinha de diário, mal feito, e aí pegar nome de menino, e aí pegava, tinha menino que não tinha documento lá, pedia os pais para trazer o documento, e eu registrar tudo na mão. Eu tinha que fazer o registro, era um livro de registro, de matrícula, aí eu fui matricular todas as crianças, a partir do ano de 73. Aí veio uma pessoa de São Paulo, trouxe todos os livros, todos os formulários que eu deveria preencher, e eu mandei o braço, que era eu sozinha, sabe? (Fernandes Jácome, 2025).²⁹

No que se refere aos dados pessoais, todos os entrevistados se autodeclararam pardos e relataram estar aposentados no momento da entrevista. Quanto à vida familiar, todos são casados e possuem filhos, um deles com dois filhos e os outros dois com quatro. Esses aspectos biográficos indicam vínculos familiares estabelecidos e uma segurança que pode ter contribuído para a longevidade e a dedicação às funções exercidas durante os anos em que estiveram em Canuanã.

²⁹ Entrevista de Eva Fernandes Jácome, concedida à autora em 04 jun. 2025, em Palmas - TO.

A escuta atenta a esses sujeitos, com seus percursos de vida ligados à história institucional da Escola-Fazenda Canuanã, permite não apenas reconstruir uma narrativa administrativa e pedagógica, mas também acessar sentidos subjetivos que ajudam a compreender o papel social da escola naquele contexto. Suas vozes revelam pensamentos que merecem ser rememorados.

Continuando com as histórias de perseverança, coragem e dedicação, temos os ex-professores, sendo que uma delas chegou para trabalhar na Escola-Fazenda Canuanã em 1973, ano de inauguração da escola.

Os ex-professores entrevistados residem em Formoso do Araguaia (TO) há mais de uma década e representam uma geração de educadores cuja atuação possui estreita relação com os marcos fundadores da Escola-Fazenda Canuanã. À época das entrevistas, ambos se encontravam na faixa etária entre 70 e 79 anos, o que os posiciona como testemunhas privilegiadas de um período formativo da instituição, marcado por esforços pioneiros para a oferta de educação formal em regime de internato no interior do norte goiano.

Com formação em Pedagogia, os dois professores construíram suas trajetórias profissionais em um tempo em que o exercício docente exigia, além do domínio dos conteúdos, disposição para o enfrentamento de desafios estruturais e logísticos daquela região.

A professora atuou na instituição durante vinte anos, de 1973 a 1993, acompanhando diferentes fases do desenvolvimento da escola, desde a chegada dos primeiros alunos até a consolidação do projeto pedagógico. Já o professor lecionou entre os anos de 1978 e 1984, período em que a escola expandia suas ações e consolidava práticas educativas voltadas à formação integral dos estudantes.

Revelando vínculos familiares estáveis, construídos paralelamente ao exercício profissional, ambos os entrevistados possuem filhos, um é casado, e o outro, viúvo. No que se refere à autodeclaração étnico-racial, um dos entrevistados se identifica como branco e o outro como pardo. Ambos estão atualmente aposentados, mas suas falas revelam um forte senso de pertencimento à história de Canuanã. A experiência docente narrada por eles está carregada de significados afetivos e profissionais, evidenciando o papel central que a escola desempenhou na vida dos estudantes e de seus trabalhadores.

A análise dos dados de identificação desses professores permite perceber que, mais do que agentes executores de um currículo, foram sujeitos históricos que contribuíram para a materialização de um projeto pedagógico específico, alinhado aos ideais de formação integral, disciplina e trabalho coletivo.

O exercício da docência na Escola-Fazenda Canuanã, especialmente nas décadas de 1970 e 1980, exigiu dos professores muito mais do que domínio pedagógico; exigiu coragem para enfrentar uma realidade marcada por carências estruturais severas, como relata a primeira professora ao afirmar que na época “não tinha estrada, né? E tudo que a Santa comprava, que ela ia fazer compra, ela comprava aqui pelo São Miguel, hoje em dia. Eu lembro que quando saímos, as primeiras férias nossa, nós saímos de gaiola, de caminhão, de pau de arara, de caçamba” (Milhomem, 2024). Esse isolamento significava que, para muitos educadores, a jornada até a escola era longa e exaustiva, muitas vezes atravessando rios e áreas de difícil navegação.

Outro grande desafio era a adaptação ao contexto cultural e social da região. Os professores, em sua maioria vindos de áreas urbanas ou com uma formação distante das realidades locais, precisaram lidar com um ambiente culturalmente distinto, onde muitos alunos pertenciam a comunidades indígenas e rurais, com tradições e modos de vida próprios. Como acontece ainda hoje em muitas instituições, as metodologias de ensino convencionais nem sempre eram adequadas para atender às necessidades desses estudantes, mas os docentes ainda as realizavam como no dia em que o professor fez “um provão de 50 questões, incluindo capitais do Brasil e da América do Sul”.

Apesar das dificuldades, esses pioneiros desempenharam um papel fundamental na consolidação dessa instituição educativa. Sua dedicação foi essencial para enfrentar as adversidades do isolamento e contribuir para a educação de uma população que, até então, vivia distante das oportunidades oferecidas por um sistema formal de ensino. A experiência desses professores exemplifica o esforço para levar educação a áreas remotas do Brasil, onde a escola se tornou um espaço de transformação social e cultural, mesmo diante dos maiores desafios.

Após 10 anos, ou seja, em 1983, já havia 128 funcionários, sendo 31 regentes de salas de aula, duas professoras de recreação, dois professores de Educação Física, uma professora de Educação para o lar e um professor de Artes Industriais. Além desses, havia os técnicos agrícolas que atuavam nas aulas práticas no curso técnico em agropecuária.

A identificação dos entrevistados como sujeitos que, após serem alunos da Escola-Fazenda Canuanã, tornaram-se profissionais da própria instituição, revela percursos profundamente relacionados à história da escola. Trata-se de três pessoas com idades entre 50 e 59 anos, todas residentes naquele espaço escolar há mais de três décadas. Suas trajetórias de permanência e evolução contribuem para compreender a escola como lugar de

passagem e também como território de pertencimento e transformação mútua entre indivíduos e instituição.

Essa longa permanência como estudantes, professores e gestores não apenas evidencia um vínculo institucional duradouro, mas também aponta para um processo de pertencimento construído no cotidiano e reforçado pelas experiências vividas desde a infância. A escola não foi apenas o lugar de formação educacional, tornou-se também espaço de vida, trabalho, afeto e continuidade.

Dois dos entrevistados chegaram à Escola-Fazenda Canuanã ainda crianças, em 1974, e, entre corredores, estudos e vivências compartilhadas, construíram uma história que ultrapassou os limites do espaço escolar: estreitaram as relações, casaram-se, constituíram família e criaram os filhos no mesmo lugar que os formou. Esse percurso evidencia a força simbólica e concreta que a instituição exerceu na vida de seus alunos, e também revela a continuidade de vínculos que resistem ao tempo e às mudanças sociais.

A reportagem do G1 (2018)³⁰ destacou que “ex-alunos que namoraram escondido em escola viraram funcionários e vivem no local há mais de 40 anos”. Mais do que um dado curioso, esse relato torna visível como a experiência educativa em Canuanã se transformou em pertencimento e continuidade, transformando-se em memória viva e em elo entre o individual e o coletivo, entre a escola e a comunidade que dela emergiu.

A terceira entrevistada, também egressa da instituição, seguiu trajetória semelhante: estudou entre 1974 e 1984, formou-se posteriormente em Pedagogia e, à época da entrevista, atuava como docente da própria escola, com mais de 30 anos de serviço prestado.

Do ponto de vista da formação acadêmica, todos os entrevistados são licenciados em Pedagogia, o que reforça a centralidade da escola como promotora de trajetórias educacionais que se transformaram em itinerários profissionais. Dois exercem a docência e um ocupa cargo de gestão, evidenciando que os saberes aprendidos enquanto estudantes foram, ao longo do tempo, ressignificados no exercício cotidiano de ensinar e administrar, agora sob a perspectiva de quem já esteve no lugar dos alunos. Essa inversão de posição gera, inevitavelmente, uma sensibilidade ampliada diante das demandas, dos desafios e das histórias que atravessam os novos estudantes de Canuanã.

Ao serem questionados sobre a avaliação do ensino recebido durante sua formação na Fundação Bradesco, todos os entrevistados destacaram sua relevância e importância para a construção de seus caminhos pessoais e profissionais. Essa resposta, ainda que esperada,

³⁰ <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2018/11/24/ex-alunos-que-namoraram-escondido-em-escola- viraram-funcionarios-e-vivem-no-local-ha-mais-de-40-anos.ghtml>

carrega densidade simbólica, pois vem de sujeitos que não apenas foram formados pela escola, mas que também permanecem contribuindo com sua continuidade e evolução. Ao escolher permanecer e atuar no mesmo espaço que os formou, esses profissionais constituem uma memória viva, preservando e ao mesmo tempo renovando os sentidos da instituição.

Essas trajetórias evidenciam uma dimensão rara em instituições educativas: a circularidade entre formação, pertencimento e atuação. Ser ex-aluno e professor ou gestor da mesma escola implica habitar a fronteira entre memória e reinvenção, tradição e mudança. Ao mesmo tempo em que guardam lembranças de uma escola que os acolheu na infância, esses sujeitos são também protagonistas de sua reinvenção cotidiana, enfrentando novos desafios e contribuindo para que outros jovens, assim como eles um dia foram, possam vislumbrar possibilidades de vida por meio da educação.

Os entrevistados são ex-alunos da Escola-Fazenda Canuanã e foram contemporâneos desta pesquisadora durante o período em que viveram e estudaram na instituição. A realização da entrevista só foi possível em virtude da confiança construída ao longo do tempo e da vivência compartilhada na mesma época, marcada pelas rotinas e pelas experiências do internato. O momento da entrevista revelou-se especialmente significativo: mais do que um procedimento metodológico, tornou-se um reencontro carregado de afetos, reconhecimentos e lembranças que pareciam adormecidas, mas prontamente reacenderam diante da presença mútua.

Entre memórias de vozes, paisagens, sons e hábitos escolares, os relatos emergiram com espontaneidade e emoção, entre sorrisos, pausas silenciosas e olhares cúmplices. Esse encontro proporcionou o resgate de experiências pessoais e reafirmou a força dos laços construídos naquele espaço educativo e preservados no tempo pelas vias da memória. As narrativas compartilhadas revelam nuances subjetivas que só se tornam acessíveis quando há pertencimento e escuta sensível. Assim, o ato de narrar a própria história, diante de alguém que também a vivenciou, adquire profundidade e autenticidade, possibilitando o acesso a memórias que, em outros contextos, talvez permanecessem silenciadas.

Com base nos dados consolidados dos alunos egressos da Escola-Fazenda Canuanã, é possível traçar um perfil que vai além das estatísticas e se insere na complexa teia de memórias, identidades e percursos formativos que a instituição ajudou a construir.

A maioria dos entrevistados é do sexo feminino (cinco mulheres e um homem), revelando, ainda que em uma amostra reduzida, a presença significativa de mulheres entre os egressos que aceitaram compartilhar suas vivências. Quanto à autodeclaração racial, todos se identificam como pardos, o que evidencia a predominância de sujeitos historicamente

marcados por processos de invisibilização social e educacional. Esse dado, quando relacionado ao contexto da Escola-Fazenda Canuanã, reforça o papel da instituição como uma das poucas possibilidades concretas de acesso à escolarização formal e à mobilidade social para sujeitos oriundos das camadas populares.

Em relação ao estado civil, observa-se um predomínio de pessoas divorciadas (quatro dos seis entrevistados), além de uma viúva e uma casada. Tal distribuição pode ser analisada à luz de diferentes influências subjetivas e sociais que impactam a constituição das trajetórias pessoais, incluindo os efeitos emocionais e sociais da vivência em regime de internato desde a infância ou juventude, bem como as escolhas profissionais e afetivas ao longo da vida adulta.

A faixa etária dos egressos, compreendida entre 50 e 59 anos no período de 2023 a 2025, remete a um grupo de sujeitos que frequentou a escola entre as décadas de 1970 e 1990, uma fase marcada por transformações significativas no cenário político brasileiro, inclusive no campo educacional. Os períodos de estudo informados vão de 1974 a 1990, distribuídos em torno de dez anos para cada, o que reforça a continuidade da atuação da escola como internato educativo voltado à formação de jovens em tempo integral, em uma lógica que integrava trabalho, disciplina e escolarização.

Os locais de residência atuais dos egressos – 3 em Gurupi, 2 em Palmas e 1 em Formoso do Araguaia – indicam uma permanência ou retorno ao território tocantinense, o que pode sugerir um enraizamento afetivo ou social com a região, mesmo após a saída da escola. Esse dado também permite problematizar até que ponto a formação oferecida pela Escola-Fazenda contribuiu para a fixação de seus ex-alunos na região ou para a construção de um sentimento de pertencimento.

Em síntese, os dados de identificação analisados não apenas delineiam um perfil sociodemográfico, mas também suscitam reflexões mais amplas sobre os impactos da experiência educativa vivida em Canuanã. Podemos observar que as marcas deixadas pela escola ultrapassam o tempo de permanência no internato e seguem reverberando nas trajetórias de vida desses sujeitos.

Com base nos dados da entrevista com o representante de pais e comunidade da Escola-Fazenda Canuanã, é possível vislumbrar não apenas o perfil de um sujeito diretamente envolvido com a trajetória da instituição, mas também o significado atribuído à escola a partir de sua experiência vivida, tanto como funcionário quanto como pai de alunos. Trata-se de um homem negro, casado, residente em Porto Nacional – TO há mais de dez anos, que atuou como trabalhador na Fazenda Canuanã por um longo período. Sua trajetória

confunde-se com a própria história da escola, especialmente por ter confiado à instituição a educação de seus três filhos, dois meninos e uma menina.

A forma como esse entrevistado teve conhecimento da Escola-Fazenda revela a dinâmica de mobilização social que marcou o início da instituição. Segundo seu relato, foi um gerente da fazenda que, ao passar por sua casa no Porto do Piauí, região situada na Ilha do Bananal, o informou sobre a escola. Esse dado vem ratificar os depoimentos dos primeiros funcionários, pois aponta para as estratégias locais de aproximação entre a Escola-Fazenda e as comunidades ribeirinhas e indígenas da região. A presença da escola naquele espaço, conforme aponta o entrevistado, representou uma verdadeira transformação: “Aquele local não tinha quase nada, difícil acesso, e a escola veio para mudar aquela realidade” (Bezerra, 2023).

Sua fala sintetiza uma percepção compartilhada por muitos sujeitos envolvidos com Canuanã: a ideia de que a instituição rompeu com um ciclo de abandono e isolamento que historicamente caracterizava a Ilha do Bananal e seus arredores. Nesse contexto, a escola assume um papel de mediadora entre o poder público ausente e os direitos básicos da população, como o acesso à educação, à alimentação e à moradia. Como afirma Arroyo (2004), a escola do campo não pode ser pensada apenas como um prédio ou um currículo, mas como um espaço onde os sujeitos produzem sentidos sobre si, sobre sua comunidade e sobre o futuro.

Quando o entrevistado define o acesso à escola como “uma grande bênção”, sua fala está carregada de significados afetivos e espirituais, que evidenciam o valor atribuído à educação como possibilidade concreta de mudança de vida e de inserção social.

Tal avaliação não se restringe à esfera individual ou familiar, mas se estende à dimensão coletiva, ao reconhecer a Escola-Fazenda Canuanã como agente de desenvolvimento social não apenas da comunidade local, mas de toda a região e, em sua visão, até mesmo do estado do Tocantins. Essa percepção revela um processo de construção da memória coletiva, na qual a escola é rememorada como símbolo de esperança e progresso. Como destaca Halbwachs (2006), a memória individual está sempre ancorada em estruturas sociais, e, nesse caso, a lembrança da escola enquanto “bênção” e “mudança de realidade” emerge como narrativa compartilhada por sujeitos historicamente excluídos dos direitos fundamentais.

A partir dessa breve, mas densa narrativa, é possível refletir sobre a escola não apenas como um espaço de transmissão de conhecimentos, mas também como instância de acolhimento, pertencimento e transformação social. A fala do entrevistado revela que a

experiência em Canuanã está fortemente ligada à possibilidade de romper com ciclos de exclusão, especialmente para populações negras e periféricas da região do Araguaia.

Esse testemunho, colhido por meio da História Oral, permite compreender como as representações sociais acerca da escola são constituídas a partir de vivências concretas, e não apenas de políticas institucionais. Como observa Bosi (1994), ao narrar suas lembranças, os sujeitos reconstróem não apenas o passado, mas também o sentido de sua existência no presente, dando forma àquilo que a memória escolheu conservar. Em suma, a fala desse representante da comunidade expressa um reconhecimento coletivo da função social da Escola-Fazenda Canuanã como promotora de dignidade, educação e esperança em um território historicamente marcado por ausências.

Com base nas entrevistas realizadas por meio da metodologia da História Oral Temática, foram identificadas categorias que traduzem os sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas experiências vividas na escola. Trata-se, portanto, de um exercício de escuta, interpretação e valorização da memória social e individual como fonte legítima de produção de conhecimento histórico e educativo, como podemos observar a seguir.

As memórias reunidas, muitas vezes contraditórias, demonstram que a história da Escola-Fazenda Canuanã não pode ser compreendida apenas pelo discurso institucional. Enquanto os documentos da Fundação enfatizam oportunidades e êxitos, os relatos orais destacam solidão, rigidez disciplinar e estratégias de resistência cotidiana. Essa dialética entre documento e memória confirma a relevância da História Oral como contraponto ao discurso oficial, permitindo compreender a instituição a partir da experiência vivida pelos sujeitos.

5.1 Raízes e caminhos: estudantes, docentes, gestores e pais e/ou comunidade

A seção “Raízes e caminhos” propõe compreender as trajetórias de chegada e vinculação, destacando os motivos que conduziram os sujeitos à escola, os processos de acolhimento e a relação entre a comunidade educativa e o território. As vozes aqui reunidas trazem elementos que ajudam a entender como se formou a comunidade de Canuanã, entre memórias de deslocamentos, encontros e escolhas que ecoam no presente.

A trajetória dos sujeitos que passaram pela Escola-Fazenda Canuanã revela que a escola se constituiu como um divisor de águas na vida de crianças, adolescentes e famílias vindas de diferentes localidades, especialmente da região Norte do Brasil. Em comum, esses sujeitos partilham experiências marcadas por vulnerabilidade social, deslocamentos

geográficos e a expectativa de um futuro melhor. Conforme Candau (2016), a memória individual entrelaça-se com a memória coletiva na medida em que os sujeitos constroem seus relatos a partir das experiências vividas em determinados espaços sociais. Em Canuanã, a memória dos sujeitos é carregada de afetos, tensões e conquistas.

A história da Escola-Fazenda Canuanã é indissociável dos percursos daqueles que a constituíram: estudantes, docentes, gestores, funcionários e famílias, cujas vivências dão contorno ao que se pode compreender como comunidade educativa alicerçada naquele território. São trajetórias marcadas por deslocamentos, escolhas, esperanças e, por vezes, temores, que ajudam a compreender os sentidos atribuídos à escola e a complexa rede de relações que se consolidou ao longo do tempo.

Iniciamos com as narrativas sobre a primeira diretora da escola: Dona Santa, que teve uma vida inteira dedicada à educação e ao cuidado com gerações. Com a construção da escola finalizada em 1972, em março de 1973, por meio de uma amiga, a recém-formada em Serviço Social, Senhora Maria de Lourdes Vieira (Dona Santa), teve conhecimento da referida escola, que funcionaria em regime de internato com capacidade para 300 crianças e que os sócios da fazenda buscavam um profissional que assumisse a gestão. Mas, para que ela chegasse a ser a “Dona Santa”, uma grande caminhada teve que percorrer.

Vindo de terras longínquas para doar a juventude e grande parte da sua vida dedicada à educação, Dona Santa nasceu em Inhumas-GO, no dia 26 de maio de 1945. De família carente, desde jovem ajudava os pais nas atividades de casa e se dedicava aos estudos, pois acreditava que seria uma grande colaboradora deste país. Estudou o 1º grau em Inhumas, e depois foi para Brasília, onde, com muita luta e sacrifício, conseguiu concluir o 2º grau e depois tornou-se assistente social.

Ao fazer o contato com o senhor Nelson Pazzanese, um dos sócios da fazenda onde a escola estava sendo construída, recebeu o convite mais desafiador e que mudaria a sua vida: assumir a gestão da primeira escola-fazenda da FB. Ao chegar à escola, em maio de 1973, o entusiasmo de outrora foi tomado pelo grande receio de assumir o trabalho, considerou o medo de deixar a família, o isolamento e a falta de experiência. Apesar do seu drama interior, o ideal falou mais alto.

Em junho de 1973, juntamente com sua auxiliar Darlene, Dona Santa chegou à escola para realizar as primeiras matrículas, mas, para isso, precisavam envidar esforços a fim de conseguir alunos. Nessa empreitada, elas percorreram vários quilômetros de barco, parando em todas as choupanas tentando conseguir alunos. Além dos barcos, foram utilizados cavalos, caminhão, avião e até a pé. Uma das grandes dificuldades foi a desconfiança dos

pais, sendo que, com medo de que os filhos não voltassem mais, poucos tiveram coragem de matriculá-los e alguns chegaram a matricular, mas, com receio, não levaram os filhos na data acordada.

Outro grande desafio vivenciado por Dona Santa na implantação da escola foi em relação à formação da primeira equipe, pois poucos se aventuravam a adentrar naquele cenário despovoado, enfrentando a desconfiança da região, a inexistência de estradas trafegáveis, a falta de comunicação e o total desconhecimento daquela localidade. Viver em um local isolado e de difícil acesso apresenta uma série de desafios que vão além das questões práticas do dia a dia. A escassez de recursos, a dificuldade de transporte e a comunicação limitada com o mundo exterior podem impactar o bem-estar das pessoas.

Provavelmente, em virtude das questões acima, alguns membros da equipe inicial nem chegaram a começar os trabalhos, sendo necessária uma nova busca de profissionais para consolidar a equipe. Após os desencontros, a equipe foi formada por: Messias, Aldenir, Mirtes, Elenir, Sandra, Brisida, Maria Lúcia, Ana Pinheiro, Rosilmar e Maria da Cruz. Com essa equipe, no dia 5 de julho de 1973, realizou-se a aula inaugural da escola, com 105 alunos distribuídos em três turmas, sendo duas de primeira série e uma de segunda série.

E foram mais de 20 anos dedicados a essa escola, ao que Dona Santa conclui: “nós educamos a região”. Com essa afirmação, observa-se que a missão foi cumprida, pelo menos na perspectiva da FB e da primeira gestora da escola.

A força simbólica dessa trajetória também se inscreve nas memórias afetivas preservadas em documentos pessoais, como revela a carta escrita há quatro décadas, em 26 de maio de 1985, data de seu aniversário. Nela, sua amiga e primeira professora da escola lhe presta uma homenagem comovente, que vai além do vínculo pessoal e evidencia traços marcantes de sua atuação como diretora: resiliência, firmeza, generosidade e visão de futuro.

Figura 40 – Entre palavras e sentimentos: o relato de Ana Milhomem para Dona Santa, 1985

do Pananal. Ela comó desde pequena foi lutadora, veio com muita garra, muita vontade de trabalhar e conseguiu, com lutas, desgostos, alegrias, mas chegou onde queria. Pois esta escola que hoje se chama "Colégio Dr. Dante Pazzanese", foi construída não pela Fundação e sim pela força de vontade, autonomia, inteligência de D. Santa, que lutou, ^{chorei} passou noites de preocupações pela resolução dos problemas. Porque só a construção em si, não tem valor nenhum, e sim o companheirismo, o amor e carinho que ela tem por todos os alunos e funcionários. Foi através destas qualidades que ela construiu e contribuiu para o ^{que} bom desenvolvimento de nossa comunidade.

Santa, hoje é o seu dia seja feliz!

Sua amiga
Ana Pinheiro

26 de maio de 1985.

Fonte: Acervo pessoal de Ana Milhomem (2024).

A carta escrita por Ana Milhomem para Dona Santa em 1985 oferece um recorte íntimo e revelador das experiências vividas na Escola-Fazenda Canuanã. Entre palavras que carregam sentimentos profundos, o relato traz à tona as nuances do cotidiano escolar, as relações interpessoais e os desafios enfrentados no internato. Essa correspondência não se limita a um simples relato; ela é um testemunho afetivo, que traduz as memórias em uma narrativa viva e pulsante. Por meio dessa escrita, Ana estabelece uma ponte entre o passado e o presente, revelando a dimensão humana por trás da instituição e consolidando a importância da oralidade e da escrita como formas de preservação da história pessoal e coletiva.

Esse registro, ao mesmo tempo íntimo e institucional, ilumina aspectos frequentemente invisibilizados da liderança feminina em espaços educativos, reconhecendo na figura da diretora não apenas uma gestora comprometida com a consolidação da Escola-Fazenda Canuanã, mas também uma mulher que soube exercer sua autoridade com afeto e humanidade.

À frente de seu tempo, em um cenário marcado por limitações materiais e por normas sociais rígidas, ela ousou construir sua própria história familiar de forma autônoma: adotou dois filhos e os criou sozinha, conciliando a maternidade com as exigências intensas da gestão escolar. Em um contexto rural e conservador, essa escolha revelava coragem e projetava-se como prática ética, política e amorosa. Ao afirmar a possibilidade de ser mulher,

diretora, educadora e mãe por escolha, ela desestabilizava os papéis tradicionalmente impostos ao feminino e deixava inscrita, na história da escola, uma marca de resistência silenciosa, mas profundamente transformadora.

Outra profissional que se destacou foi Ana Milhomem – a primeira professora a aceitar o desafio de iniciar a carreira naquela distante escola em regime de internato. Normalmente, as pessoas recém-formadas sentem o desejo natural pela conquista do primeiro emprego e com essa jovem professora não foi diferente. Após concluir o curso de magistério em Tocantinópolis, em 1973, ela retornou para Porto Nacional, determinada a iniciar sua carreira docente.

Cheia de expectativas e pronta para transformar seu aprendizado em prática, passou a buscar ativamente uma vaga na rede municipal ou estadual de ensino. Para isso, procurou estabelecer contatos profissionais e se apresentar aos gestores e a colegas da área, com a esperança de concretizar o sonho de lecionar e contribuir com a educação local. Foi quando, no “mês de junho mais ou menos, mais junho, surgiu essa vaga na Fundação Bradesco, na Ilha do Bananal” (Milhomem, 2024).

Ao partir para aquele cenário isolado e desafiador, a jovem professora ia cheia de sonhos. A escola, criada com o propósito de atender às necessidades educacionais de uma comunidade rural, tinha como objetivo central oferecer uma educação de qualidade. Implantada em uma região isolada e carente de serviços públicos essenciais, buscava não apenas garantir o acesso à escolarização formal, mas também promover condições mínimas de aprendizagem e desenvolvimento, mesmo diante das limitações materiais, tecnológicas e logísticas que caracterizavam o território em que se inseria.

Ana, mesmo com sua inexperiência, já imaginava que a adaptação das crianças ao regime de internato seria uma jornada complexa, pois a maioria deixava suas famílias pela primeira vez, experimentando a separação e a solidão que a distância trazia. Ela também se identificava com esse sentimento, pois estaria distante dos seus familiares.

No momento em que nos concedeu entrevista, a professora relembra que, no dia da inscrição para a seleção da FB, estavam presentes uma variedade de candidatos para funções diversas: costureiras, cozinheiras, inspetores, guardas, enfermeiras e lavadeiras, todos reunidos com o mesmo objetivo de conquistar uma vaga. “Eu era a única professora, lá de Porto Nacional”, contou ela, destacando a particularidade de sua formação em meio aos outros concorrentes.

Quando alguns inscritos desistiram ao descobrirem a localização remota da escola, as gestoras precisaram estender o processo de recrutamento e seleção para atender a todas as

necessidades da escola, antes do início das atividades escolares. Isso levou à escolha de duas novas professoras, Maria da Cruz e Rosimar, que vieram da cidade de Gurupi para completar a equipe docente. Elas assumiram as duas turmas de primeira série, enquanto a segunda série ficou sob a responsabilidade da professora Ana.

No início do ano letivo, em 5 de julho de 1973, a professora Ana assumiu sua turma, composta por crianças que, em sua maioria, jamais haviam saído de casa e agora precisavam se adaptar a novas rotinas e regras. Nos primeiros dias, ela observava as expressões de insegurança e, muitas vezes, até de medo, estampadas nos rostos de seus pequenos alunos, que, sentados no chão, observavam atentamente a jovem professora. Como estava recém-formada e principiante, ela compreendia o peso da responsabilidade: sua presença representava mais que uma aula, ela sentia que precisava ser o rosto acolhedor que os ajudaria a vencer aquela transição.

Na Escola-Fazenda Canuanã, a professora Ana continuou cheia de entusiasmo e sonhos durante toda a sua carreira. Foi ali que constituiu sua família, onde teve seus três filhos, adotou mais um filho e ampliou seu lar ao lado dos alunos e colegas de trabalho. A dedicação e o vínculo com a escola eram tão profundos, que ela permaneceu lá por 20 anos, acompanhando o crescimento e a formação de inúmeras gerações e deixando um legado que marcou a história do colégio e da comunidade. Ao ser questionada a respeito do que significaram aqueles anos em sua vida, ela respondeu:

Eu toda vida falei. Eu falei pra todos que a Fundação Bradesco foi uma escola pra mim. De vida. Profissional. De vida e tudo. Porque tudo que eu aprendi na minha vida profissional foi lá. Quando eu vim pra cá em 93, quando eu saí de lá que vim pra cá, eu vim mais com a bagagem muito grande. E aqui só fiz a profissional. Nos conhecimentos, nas experiências, nas coisas novas, né? E cursos que eu fazia tudo. Treinamento, tudo. Foi só profissional. Mas a bagagem meio foi de lá pra cá. Porque a matriz ensinou muita gente a ser profissional. Era tudo, né? Tudo, tudo. Tudo, tudo, tudo. Eu agradeço demais (Milhomem, 2024).

Como foi possível observar, o verdadeiro desafio do trabalho da professora Ana estava em ajudar seus alunos a compreenderem o valor de pertencer a algo maior do que eles mesmos. Essa primeira turma, inicialmente marcada pela insegurança, logo se tornou uma família escolar, unida pela experiência de viver e aprender, todos juntos. A história da primeira professora no internato de Canuanã é um testemunho de coragem e comprometimento, que plantou as sementes de um futuro promissor para a escola e para as gerações que se seguiram.

Ao acolher sujeitos de diferentes localidades, a Escola-Fazenda Canuanã constituiu-se como um ponto de convergência de múltiplos caminhos, como expressa o relato da ex-

aluna que chegou à escola aos 14 anos, vindo de Porto Franco, no Maranhão, por meio do vínculo familiar com uma tia que atuava como professora: “Eu já conhecia a história da escola e tinha uma tia que era professora lá. Aí, através dela, a gente foi, eu e minha prima. E, depois disso, mais alunos vieram de lá” (Gama, 2024). A presença da tia como figura mediadora legitima a escola como um lugar confiável e evidencia o papel das redes familiares na construção das primeiras conexões entre diferentes regiões e a instituição.

Outros percursos apontam para vínculos indiretos, mediados pelo trabalho dos pais, como o de Aguiar, que rememora: “Meu pai foi trabalhar lá na fazenda, ele não era funcionário na escola, ele era funcionário da Fazenda Canuanã” (Aguiar, 2025). A distinção entre escola e fazenda revela a sobreposição de funções e espaços naquele contexto educativo, onde o território da produção e o da formação coexistiam. Como nos lembra Michel de Certeau (2011), é na prática cotidiana que os sujeitos criam seus próprios caminhos, apropriando-se dos espaços institucionais a partir de suas experiências vividas. Canuanã, nesse sentido, foi sendo construída não apenas por seus idealizadores, mas também pelos que a habitaram com seus passos, suas rotinas e suas memórias.

Em meio aos relatos, emergem também os receios e as incertezas que marcaram os primeiros contatos com a proposta escolar. Outro egresso da primeira década da escola, relembra: “falavam até que eram os comunistas que estavam pegando os filhos, teve até essa história” (Carvalho, 2024). Sua memória revela que, para além da travessia física feita a cavalo, de canoa ou a pé, desde uma localidade próxima ao Porto do Piauí, havia também a necessidade de transpor o medo e o desconhecimento. Essa dimensão simbólica da chegada revela o quanto a escola, como construção social, é também constituída por discursos, ideologias e disputas de sentido (Candau, 2012).

Outras narrativas reforçam o papel da escola como presença atuante no território, como no relato da ex-aluna que residia na Ilha do Bananal: “quando a Dona Santa, na época diretora, foi nas nossas casas convidar pra estudar, falar com os pais, os pais vieram, meu pai também. Nós somos oito irmãos, e na época dois vieram estudar” (Farias, 2023)³¹. A atuação da diretora ultrapassa a dimensão administrativa e se insere na perspectiva de uma liderança que se aproxima da comunidade, que escuta e convida.

A prontidão dos pais diante da notícia de que a Fundação recrutava crianças para estudar, como narra Bezerra (2023), sinaliza o quanto a escola era percebida como possibilidade de futuro. “Meus pais não pensaram duas vezes”: essa frase resume o

³¹ Entrevista de Darziler Machado Lopes Farias, concedida à autora em 4 jul. 2023, na Escola-Fazenda Canuanã - TO.

sentimento de urgência e esperança que a proposta educativa despertava. No mesmo sentido, a trajetória da diretora revela o quanto o projeto Canuanã mobilizou pessoas para além dos muros escolares: “Soube através de uma amiga. Aí fui à Goiânia, conversei com o então proprietário da Fazenda, o senhor Nelson Pazzanese. Não sabia que a Fundação Bradesco iria assumir” (Vieira, 2023). Seu testemunho destaca a atuação de sujeitos que, mesmo sem garantias institucionais claras, decidiram se engajar no projeto, compondo o que Nóvoa (2009) descreve como “comunidades educativas em construção”.

A memória sensível da secretária também revela os impactos emocionais do deslocamento: “Chegamos lá em 74. Eu com uma criança pequena e grávida. Para um lugar daquele. Eu me senti perdida. Longe da minha família... Eu penso assim: que essas crianças devem ter sofrido muito. Porque eu sofri como adulta” (Fernandes Jácome, 2025). Sua narrativa rompe com as idealizações e nos convida a refletir sobre os efeitos subjetivos da separação, do isolamento e do desafio de habitar um novo espaço. Como lembra Charlot (2001), a relação com a escola é sempre marcada por um encontro entre histórias de vida e promessas de sentido, nem sempre fáceis ou lineares.

Por outro lado, a escola também se apresentou como espaço de acolhimento e confiança para moradores da região. Um morador da Ilha do Bananal, assim expressa sua escolha: “O gerente da fazenda saiu avisando que iam começar uma escola lá para todos os alunos, com a meninada da região de perto. Principalmente os que moravam na fazenda, que trabalhavam na fazenda. Eu não trabalhava, mas levei meus três filhos” (Silva, 2025).³² Essa entrega carrega um gesto de reconhecimento: a escola era vista como espaço de cuidado, educação e proteção, capaz de ofertar à infância da comunidade algo que ultrapassava o cotidiano da roça e da fazenda.

Por fim, a fala da professora Milhomem (2024), recém-formada em magistério, mostra que Canuanã também foi, para muitos profissionais, o lugar da primeira experiência docente: “Eu estava à procura de emprego, recém-formada”. Sua trajetória, como a de tantos outros professores que se deslocaram para atuar na escola, confirma que Canuanã não apenas acolheu alunos, mas também constituiu espaços formativos para os educadores.

Assim, os fragmentos de memória aqui reunidos revelam que os caminhos até a Escola-Fazenda Canuanã foram múltiplos e singulares, movidos por diferentes razões, desejos e afetos. As motivações, embora distintas, convergem na aposta de que a escola poderia ser uma alternativa possível de futuro. Cada chegada, cada nome, cada rosto marca

³² Entrevista de João Batista da Silva, concedida à autora em 15 jun. 2024, em Porto Nacional - TO.

um capítulo dessa história coletiva, ao lado da Ilha do Bananal e às margens do Araguaia, entre a realidade de um Brasil desigual e o sonho silencioso de que a educação poderia redesenhar destinos. Como nos lembra Certeau (1994), os caminhos são feitos por aqueles que andam, e, em Canuanã, cada passo contou.

5.2 Vida em Canuanã: a rotina e as impressões da vivência em regime de internato

Compreender o cotidiano vivenciado na Escola-Fazenda Canuanã implica adentrar em um universo de práticas, ritmos e interações singulares, que marcaram profundamente a experiência daqueles que viveram sob o regime de internato. Localizada no coração do Brasil, em uma região de vastas distâncias e silêncios naturais, Canuanã ofereceu ensino formal e instituiu uma forma de vida compartilhada, com regras, afetos, ausências e descobertas que ultrapassavam os muros da escola.

O internato, como estrutura educativa, impunha uma organização do tempo e do espaço que regulava desde o despertar ao adormecer, da alimentação ao lazer, dos estudos às tarefas comunitárias. A rotina, marcada por horários rígidos e práticas disciplinadas, era ao mesmo tempo um território de convivência intensa, de aprendizagens informais e de vínculos que se entrelaçavam nas pequenas frestas do dia a dia: nas filas, nos dormitórios, nas refeições coletivas, nos banhos de rio e nas brincadeiras entre turnos.

Nesta seção, buscamos evidenciar as dinâmicas cotidianas em Canuanã, a partir das narrativas de ex-alunos, funcionários e familiares, com o intuito de compreender como esses sujeitos experimentaram a escola como um espaço que absorve não apenas o tempo de estudo, mas também os modos de ser, sentir e relacionar-se. As vozes ressoam em torno dos espaços partilhados, das normas e das exigências institucionais, dos ritos de passagem e dos momentos de respiro, revelando tanto o acolhimento quanto as tensões que atravessaram a vivência no internato.

Ao lançar luz sobre essas experiências, não se busca uma descrição neutra ou linear do cotidiano, mas captar, por meio da memória, os sentidos atribuídos a esse tempo-espaço. A vivência em regime de internato emerge nas falas como experiência formadora e, por vezes, ambígua, carregada de sentimentos de pertencimento, solidão, amizade, saudade, rigidez e superação. Como afirma Certeau (1994), as práticas cotidianas, mesmo sob estruturas normativas, produzem táticas de resistência, reinvenções silenciosas e micro-liberdades que podem escapar ao controle.

É nesse conjunto de rotinas e subjetividades que se tece o pano de fundo desta seção, cuja proposta é narrar, com escuta sensível e olhar atento, a complexidade da vida em Canuanã. Não pretendemos aqui construir uma narrativa rígida nem linear, pois a memória, ao emergir, revela-se fragmentada, marcada por silêncios, retomadas e lacunas. Esse movimento sinuoso, feito de avanços e recuos, faz parte da própria natureza do recordar, em que a experiência vivida não se apresenta de forma cronológica, mas como um misto de lembranças que se entrelaçam. Nesse sentido, as idas e vindas, as variações ou as improvisações da caminhada privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos fundamentais daquele espaço escolar (Certeau, 1994).

A vivência em regime de internato na Escola-Fazenda Canuanã constituiu-se como uma experiência marcada por múltiplas dimensões: disciplina, trabalho, afetividade, privações e crescimento.

O cotidiano era organizado de forma rigorosa, com horários bem definidos e tarefas sistemáticas que iam muito além da sala de aula. Os estudantes eram inseridos em múltiplas atividades, compondo uma rotina que associava ensino formal, práticas profissionais e obrigações de manutenção dos espaços coletivos. Como rememora uma ex-aluna ao afirmar que, “a gente recebia ano a ano as aulas e participava de todas [...] era cobrado da gente, precisava cumprir horário, fazer bem feito [...] a gente tinha aula de culinária, trabalhava como auxiliar de dentista, farmácia, refeitório, lavanderia” (Demori, 2024)³³.

Essa pedagogia da prática, centrada na máxima “aprender a fazer e fazer para aprender”, estruturava não apenas o currículo formal, mas toda a vida em Canuanã. Escalas de limpeza, cuidados com os alojamentos e participação na produção de alimentos e serviços da escola eram parte indissociável da formação. Joelma lembra que “a gente trabalhava muito ali: lavar bandeja, tratar frangos [...] tudo era manual. [...] Deixava o frango pronto para ir pra panela” (Gama, 2024). Outra aluna egressa também compartilhou suas memórias:

Eu trabalhei e a aula prática, como auxiliar de dentista, eu trabalhei com uma auxiliar de farmácia, eu trabalhei com uma auxiliar de refeitório servindo a comida, eu trabalhei com uma auxiliar de lavanderia, onde eram lavadas as roupas de todos os alunos. A gente recolhia as roupas, dobrava por numeração, colocava nos nichos, eram tipo nichos, um armário. Nos cômodos da lavanderia, tinham bastante armários com nichos, com o número de cada aluna, onde era colocada as roupinhas de cada um nos nichos e cada um ia lá buscar sua roupa já lavada (Aguiar, 2025).

³³ Entrevista de Marildes Coelho de Souza, concedida à autora em 21 fev. 2024, em Gurupi - TO.

A experiência do trabalho, embora reconhecida por alguns como pesada, também era interpretada, em muitos relatos, como parte do aprendizado e da construção da própria identidade: “Passei por todos os setores: colheita do feijão, estábulo, horta, refeitório [...] criei vínculo com a responsável pela biblioteca, como mãe e filha”, destaca (Aguiar, 2025).

Embora muitos ex-alunos rememorem com orgulho e afeto as atividades realizadas durante o tempo em que viveram na Escola-Fazenda Canuanã, é necessário reconhecer que parte dessas práticas configura, à luz da legislação vigente e dos direitos da infância, formas de trabalho infantil. Crianças e adolescentes eram inseridos em rotinas produtivas intensas, muitas vezes sem distinção clara entre o que se compreendia como atividade educativa e o que, de fato, representava exploração do trabalho infantojuvenil.

Setores como horta, estábulo, lavanderia, cozinha, refeitório, padaria, entre outros, mobilizavam os estudantes em tarefas que exigiam esforço físico, disciplina e responsabilidades incompatíveis com a idade. Essas ações, embora frequentemente naturalizadas no discurso dos sujeitos, e até vistas como parte da formação, demandam análise crítica no contexto atual.

Há uma linha tênue entre “formação pelo trabalho” e exploração, e isso torna-se ainda mais sensível quando recordamos que, em muitos casos, tais tarefas se sobrepunham ao tempo de estudo e lazer, sendo realizadas sob supervisão rígida e com pouca margem de escolha. Tais práticas, embora justificadas à época como elementos pedagógicos ou compensatórios à vulnerabilidade social dos alunos, precisam hoje ser revisadas criticamente à luz dos princípios do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)³⁴, instituído em 1990, que assegura proteção integral, direito ao não trabalho precoce e ao pleno desenvolvimento pessoal, físico e intelectual.

Nos alojamentos, a convivência era intensa. O cotidiano coletivo expunha tanto os vínculos de solidariedade quanto as tensões relativas à vida em comum. Divididos entre centenas de alunos, alguns espaços eram compostos por dinâmicas de afeto, saudade e adaptação. Gama (2024) descreve com emoção: “eram 80 pessoas divididas com os banheiros [...] muita coisa aconteceu ali dentro daquele alojamento: muito choro, saudade da família, paixão”. Ao mencionar “aquele banheiro aberto para todo mundo tomar banho junto”, Aguiar (2024) relata o quanto o banho coletivo era algo profundamente incômodo.³⁵

³⁴ O Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece, em seu artigo 4º, o direito à proteção integral, e em seu artigo 60, a proibição do trabalho para menores de 14 anos, salvo na condição de aprendiz.

³⁵ Certeau (1994) analisa o modo como os sujeitos, mesmo em espaços normativos, reinventam práticas cotidianas em função de seus desejos e resistências. No banho coletivo, o incômodo narrado pelas alunas aponta para uma experiência de subjetivação forçada e adaptação.

Tudo isso revela as limitações de privacidade e os desafios enfrentados pelas meninas e pelos meninos em fase de crescimento, em um ambiente onde os limites entre o público e o privado eram tênues.

Apesar das dificuldades, a experiência em Canuanã era também narrada como espaço de vínculos duradouros, acolhimento e pertencimento. Para muitos, a escola era mais do que um lugar de estudo: era lar, era família, era mundo. “A convivência lá na escola era muito real [...] era como se fosse família”, afirma Aguiar (2024). Por sua vez, Carvalho (2024) reforça esse sentimento: “A escola foi meu segundo lar. Gostava mais de estar lá do que da casa dos meus pais”.

Os vínculos afetivos se estendiam para além dos colegas. Muitos estudantes construíram laços de amizade com funcionários da escola, participando de suas rotinas familiares. “Ali eu construí muitas belas amizades [...] amizade com vários casais de funcionários, de jantar, de participar do aniversário, de almoçar, de limpar a casa pra eles”, relembra uma das entrevistadas. Essas relações evidenciam que, apesar da institucionalização da vida escolar, os sujeitos reconfiguravam os espaços e as experiências, criando redes de afeto e apoio.³⁶

As atividades lúdicas e os momentos de lazer, embora mais escassos frente à rigidez da rotina, também aparecem como memórias marcantes. A piscina, o parquinho, os banhos noturnos escondidos, os encontros para partilhar comida trazida pelas famílias, tudo isso representa as vivências que davam sabor e cor à experiência do internato. “A piscina que a gente fugia pra tomar banho à noite [...] o parquinho [...] comia as farofas que o pai levava [...] todo mundo conhecia todo mundo”, evoca com nostalgia uma das participantes.

A convivência em Canuanã também era marcada por códigos próprios de linguagem, apelidos, brincadeiras e modos de interação que reforçavam o sentimento de pertencimento ao grupo. “As relações interpessoais [...] de muito carinho, respeito e amizade [...] muito apelido [...] que não se via como bullying. Cada um aceitava aquilo com naturalidade”, observa Aguiar (2024). Mesmo práticas potencialmente violentas, como mencionadas em casos de “grupos que batiam”, eram silenciadas ou relativizadas, apontando para um pacto tácito de adaptação e sobrevivência dentro do coletivo³⁷.

³⁶ Bosi (1994) evidencia que os vínculos afetivos produzidos na memória são articulados por redes simbólicas, em que o vivido se torna valor. Os laços com os funcionários ultrapassavam as fronteiras institucionais, sendo ressignificados como relações familiares.

³⁷ Halbwachs (2006) defende que a memória coletiva é construída socialmente. A aceitação de práticas como apelidos e até violências leves pode ser compreendida como forma de pertencimento a um grupo, mas também de silenciamento das tensões.

Essas narrativas revelam a complexidade de viver em um internato, especialmente em uma região marcada por desigualdades históricas e sociais. A disciplina era exigente, o trabalho árduo, a saudade constante. Mas, ao mesmo tempo, os depoimentos trazem à tona o valor simbólico daquele espaço: um lugar de oportunidades, de encontros e de transformações. Como sintetiza Carvalho (2024), “o trabalho era pesado, mas eu não reclamo. [...] A escola oferecia muito mais conforto e oportunidade do que eu tinha em casa”.

A rotina em Canuanã, portanto, não pode ser compreendida apenas pelos regulamentos e horários, mas pelo vivido e o sentido, o instituído e o praticado. As memórias narradas por ex-alunos dão vida a um internato que foi, para muitos, o cenário de sua formação como sujeitos. Entre tensões e ternuras, entre regras e reinvenções, pulsa ali uma pedagogia da existência³⁸, que se construiu tanto nas salas de aula quanto nos corredores dos alojamentos, nas tarefas cotidianas e nas amizades que, até hoje, ecoam nas memórias dos que por lá passaram e cresceram.

O crescimento dos estudantes na Escola-Fazenda Canuanã desenhava-se como o curso de um rio: às vezes lento, outras vezes impetuoso, mas sempre em direção ao desconhecido. Cada criança que ali chegava era como uma semente lançada à terra fértil da Ilha do Bananal: carregava em si o silêncio da origem e o rumor de futuros possíveis.

No convívio diário, entre o despertar com o sol que incendiava o Cerrado e as noites embaladas pelo canto dos insetos, aprendiam que a vida era feita de disciplina, mas também de partilha e afeto. Cresciam não apenas nos cadernos, mas nos gestos solidários, na coragem de enfrentar ausências, no descobrimento de si mesmos refletidos no olhar dos companheiros. Em Canuanã, amadurecer significava transformar raízes em asas: raízes que os ligavam às memórias familiares e asas que os faziam pressentir horizontes antes invisíveis, como quem aprende a enxergar o mundo pela primeira vez no reflexo das águas do Javaés.

5.3 Marcas de Canuanã: lembranças que transformaram trajetórias e construíram sonhos

As experiências vividas na Escola-Fazenda Canuanã reverberam para além do tempo de permanência na instituição. O que ali foi aprendido nas salas de aula, nos campos, nos

³⁸ A noção de “pedagogia da existência”, aqui evocada, inspira-se em Arroyo (2012), ao pensar as trajetórias formativas para além da dimensão curricular, incorporando os sentidos, afetos e experiências vividas.

corredores, ou até mesmo nas relações, seguiu pulsando nas vidas que dali partiram, marcando trajetórias, escolhas e sonhos. Canuanã tornou-se uma espécie de território simbólico de memória e referência, onde se conjugam afetos, superações e conquistas.

Neste subtema, as vozes dos sujeitos revelam como a experiência escolar em Canuanã foi capaz de transformar vidas, despertando vocações, construindo identidades e inspirando futuros. As lembranças compartilhadas mostram que a escola foi mais que um espaço físico: foi campo de afeto, de projetos e de resistências. Aqui, memória e formação se entrelaçam como elementos indissociáveis das histórias que seguem ecoando.

As memórias construídas em torno da vivência em Canuanã representam marcas duradouras que transformaram trajetórias pessoais, profissionais e afetivas. A maioria dos entrevistados reconhece que a escola deixou raízes profundas em seus modos de agir, pensar e sentir. Tal como aponta Halbwachs (2006), a memória é socialmente moldada e mantém uma relação com os grupos que lhe dão forma. Nesse caso, o grupo dos “ex-alunos da Fundação Bradesco”, que, mesmo após décadas, reconhecem-se mutuamente como irmãos e irmãs de uma mesma experiência fundante.

Ao revisitar a memória de quem viveu intensamente a experiência da Escola-Fazenda Canuanã, é possível perceber como esse espaço educativo foi além de sua função institucional, constituindo-se como um território formativo onde valores, afetos, responsabilidades e sonhos foram tecidos no dia a dia da convivência. As lembranças, mesmo após décadas, permanecem vívidas, não como saudade inerte, mas como parte viva da identidade daqueles que ali habitaram uma etapa muito importante da vida. Para muitos, Canuanã tornou-se memória de origem e ponto de partida.

A escola não foi apenas um lugar de aprendizagem formal, mas também de significativas experiências afetivas, sendo que muitas foram guardadas como relíquias da juventude. Amizades que perduram, vínculos com professores e funcionários, primeiros amores, festas, gestos de cuidado e reconhecimento compõem um repertório emocional profundo. “Ali foi o lugar onde construí amizades que perduram até hoje. [...] Amigos que, na hora que eu preciso de uma palavra, estão lá”, relata Gama (2024), reafirmando a importância dos laços formados no cotidiano do internato. Esses vínculos não se perderam com o tempo, mas se renovam em redes de solidariedade entre ex-alunos que, hoje adultos, seguem se apoiando mutuamente: “É uma irmandade. Ninguém solta a mão de ninguém”, reafirma.

Esse sentimento de pertencimento coletivo aparece também na forma como os sujeitos descrevem Canuanã como um lugar que permanece dentro deles, apesar da distância

física e do tempo decorrido. “Canuanã é impossível de esquecer, porque ela fica dentro da gente”, afirma um ex-aluno, sintetizando o que muitos expressam com emoção contida: a escola permanece como referência de vida, como território afetivo onde parte do que são, foi cultivado.

Para ilustrar as relações de pertencimento e afeto que persistem entre os ex-alunos e a Escola-Fazenda Canuanã, apresentamos registros do sexto encontro da turma de 1989, realizado em julho de 2024. Esse encontro foi um retorno às memórias vivas do internato e da vida estudantil, marcado por risos, histórias compartilhadas e recordações que atravessam o tempo.

Figura 41 – Laços que atravessam o tempo (turma de 1989)



Fonte: Acervo pessoal de Ivanete Coelho (2024).

Para evidenciar a diversidade e a unidade da turma de 1989, formada por homens e mulheres que viveram juntos a experiência da Escola-Fazenda Canuanã, apresentamos a seguir uma fotografia com todos os presentes no encontro. O registro fotográfico reforça que, apesar das diferentes histórias individuais, todos partilham sentimentos semelhantes de nostalgia, gratidão e pertencimento, transformando o reencontro em um espaço de celebração e reafirmação da identidade coletiva da turma.

Figura 42 – Rostos e lembranças de uma trajetória coletiva



Fonte: Acervo pessoal de Ivanete Coelho (2024).

Cada abraço, cada olhar e cada relato revelam a força dos vínculos construídos naquele território educativo, mostrando que a história da escola continua viva na trajetória de seus egressos. É nessa comunhão de memórias individuais e coletivas que se percebe a dimensão afetiva e duradoura da experiência educativa, transformando a lembrança em uma grande celebração.

Assim como nessas imagens, a repetição das lembranças, o brilho nos olhos, a emoção nas pausas... todos esses elementos foram observados durante as entrevistas, revelando que não se trata de uma memória qualquer, mas de um tempo inesquecível.

Entre os aspectos mais marcantes, está a forma como a escola despertou afetos. Aguiar (2024), por exemplo, narra um namoro que começou ali e seguiu por sete anos, dentro e fora da escola: “Foi o grande amor da minha vida mesmo”. Há também o encantamento com cenas singelas, mas memoráveis: “O casamento da professora Beth e do Pedro Ivo [...] a noiva foi de charrete [...] parecia uma cena de filme”. Esses eventos funcionam como marcos afetivos da experiência escolar, pois representam momentos de encantamento que, embora simples, foram carregados de beleza e emoção, configurando um outro tipo de aprendizado: aquele que se inscreve na sensibilidade, na empatia, no afeto.

A escola também foi, para muitos, um lugar de escuta, de cuidado e de acolhimento emocional, ainda que envolto em disciplina rígida e exigências cotidianas. A fala de Aguiar (2024) sobre o pai: “ele me entendeu no momento em que eu mais temia ser punida”, revela como os afetos também transbordavam para além dos muros da escola, impactando relações familiares e subjetivas. Em um tempo marcado por regras e hierarquias, a experiência de ser

compreendida e acolhida emocionalmente ganha dimensão simbólica. Nesse sentido, Canuanã não apenas impunha normas: também era espaço de construção de respeito, confiança e admiração.

E é mesclando o rigor da formação e a densidade das relações humanas que se pode compreender a singularidade da escola. A convivência diária, o compartilhamento dos espaços, as tarefas coletivas e o enfrentamento de desafios comuns geraram um senso de pertencimento difícil de ser explicado fora da experiência vivida. Como disse Gama (2024), “mesmo que tenha tido trabalho, cansaço, disciplina rígida..., a gente era feliz”. Essa felicidade não está idealizada: ela se funda na construção de vínculos significativos, no sentimento de pertencimento a algo maior, na possibilidade de sonhar, mesmo em meio à escassez.

Além disso, a experiência afetiva em Canuanã aparece relacionada com os projetos de vida e o sentimento de realização. O orgulho em dizer-se ex-aluno da Fundação Bradesco é reiterado nos relatos como um selo simbólico de competência, disciplina e integridade. “A Fundação Bradesco me ajudou a chegar onde eu cheguei. [...] Eu falo com muito orgulho da Fundação no meu currículo”, declara Aguiar (2024). A escola, nesse sentido, funcionou como referência moral e profissional, e isso é algo que ultrapassa a escolarização e alcança dimensões mais amplas da constituição do sujeito.

Mesmo os que chegaram com dificuldades, como Carvalho (2024), que não era alfabetizado ao ingressar na escola aos 10 anos, guardam a experiência com gratidão. “A escola foi meu segundo lar”, afirma ele, ressaltando o acolhimento, a chance de recomeço e a confiança que lhe foi depositada. Canuanã aparece, assim, como lugar de reconstrução, como ponto de inflexão na vida de quem pouco tinha e ali encontrou possibilidades de ser mais.

Assim, os testemunhos reunidos nesta seção mostram que Canuanã não foi apenas uma instituição escolar: foi, para muitos, a própria metáfora da transformação. Um lugar de pertencimento afetivo, de superação silenciosa, de amizade genuína e de sonhos possíveis. As marcas deixadas pela escola habitam ainda hoje o cotidiano dos sujeitos, manifestando-se em gestos, memórias, modos de ver o mundo e formas de amar. Canuanã segue viva: não apenas na lembrança, mas no que esses homens e mulheres tornaram.

Candau (2012, p. 16) destaca que a memória possui uma natureza dialética, pois, “ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada”. Essa afirmação evidencia o caráter dinâmico da memória: ela não se limita a ser um depósito estático de lembranças, mas constitui-se como um processo em constante movimento, capaz de influenciar

identidades individuais e coletivas enquanto, simultaneamente, é moldada por elas. Ao rememorar, selecionamos, reinterpretamos e ressignificamos o passado à luz do presente, revelando que recordar é também um ato de criação e reconstrução.

Ao longo desta pesquisa, percorri memórias, narrativas e documentos que revelam a complexidade da história da Escola-Fazenda Canuanã e seu impacto na vida de muitos jovens da região.

Mesmo nos dias de maior cansaço, eu tentava fazer pequenas pausas, mas não permitia que os ciclos permanecessem incompletos. Sempre dizia para mim mesma: “aprendi no internato a ser disciplinada”. Sonhara que o caminho até a qualificação seria tranquilo, desejando que o percurso não se transformasse em um fardo pesado demais. No entanto, a trajetória se revelou entrecortada por angústias silenciosas, lágrimas contidas, momentos de desencanto e conflitos internos que testavam minha força e determinação.

Ainda assim, cada pequena conquista surgia como um raio de luz no horizonte: a finalização de uma disciplina, a aprovação nos Exames de Proficiência, a tão aguardada carta de anuência da Fundação Bradesco, e, por fim, a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Tocantins. Cada vitória era celebrada, não apenas pelo resultado em si, mas pelo caminho percorrido, pelas noites de esforço, pelas dúvidas vencidas e pelo coração que se fortalecia a cada passo dado.

No entanto, ao chegar a este momento de encerramento, sinto que não seria justo me afastar daquilo que vivi e que, de diversas formas, me constitui.

Peço licença para utilizar a primeira pessoa do singular neste momento de fechamento, pois não posso concluir esta seção sem me reconhecer como parte dessa história. Oriunda da Ilha do Bananal, carrego comigo os caminhos trilhados por tantas meninas e meninos que deixaram suas casas rumo ao desconhecido, levando na bagagem o medo, a esperança e um punhado de sonhos ainda sem forma.

Foi em Canuanã que encontrei um espaço de acolhimento e exigência, vínculos e despedidas, limites e possibilidades. Entre os corredores da escola e os silêncios do internato, comecei a desenhar o que hoje se transforma em palavra escrita. Produzir esta tese representa, para mim, um gesto de superação, mas também de profunda gratidão. Retornar como pesquisadora é revisitar dores e conquistas, costurar memórias que ainda ecoam no corpo e na alma.

Em breve, serei doutora em Educação na Amazônia – uma conquista que transcende o título acadêmico, pois carrega consigo a força do chão onde cresci e as marcas profundas

que Canuanã deixou em minha trajetória. Porque, afinal, algumas lembranças não apenas permanecem: elas nos transformam em nossa essência mais profunda.

Esta caminhada que trilhei rumo ao Doutorado revelou-se mais complexa do que havia imaginado, entrecortada por angústias, incertezas e desafios que testavam minha força e resiliência. E, ainda assim, cada conquista, por menor que pudesse parecer, trouxe consigo a sensação de avanço, iluminando trechos do caminho e reforçando o sentido do esforço empreendido.

A trajetória mostrou que crescer e amadurecer envolve enfrentar obstáculos, revisitar dúvidas, celebrar pequenos progressos e aprender a seguir adiante, mesmo quando o futuro parece distante. Assim, o percurso vivido torna-se um aprendizado profundo sobre perseverança, sobre a relação com o próprio tempo e sobre a capacidade de transformar desafios em passos que conduzem a horizontes novos e inesperados. Afinal, como afirma Fernando Pessoa no poema “Mar Português³⁹”: “tudo vale a pena se a alma não é pequena”.

Conhecido no mundo inteiro, o poema de Fernando Pessoa inicia a segunda estrofe com a pergunta “Valeu a pena?” e responde com a assertiva afirmação “Tudo vale a pena se a alma não é pequena”. Essa frase é uma das reflexões mais belas, emocionantes e inspiradoras que já encontrei, pois me faz ter consciência de que, se cheguei até aqui, foi porque ousei, tive alma, esforço, coragem e me entreguei à experiência. O percurso vivido ensinou, transformou e me fez amadurecer.

³⁹ *Mar Português*, de Fernando Pessoa, celebra os feitos do povo português durante a era dos Descobrimientos. O poema evoca os sacrifícios e desafios enfrentados pelos navegadores, ao mesmo tempo em que exalta a coragem e a grandeza das conquistas marítimas. Considerado um dos textos mais expressivos do poeta, revela com sensibilidade o orgulho patriótico e a conexão profunda entre Portugal e o mar que o projetou pelo mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese nasceu de uma memória. Uma memória que, embora individual, se mostrou coletiva ao longo do caminho percorrido nesta pesquisa. Investigar a história da Escola-Fazenda Canuanã e suas motivações na formação dos sujeitos e no desenvolvimento da região, entre 1973 e 1993, foi também reencontrar os silêncios e os sons da infância, os passos tímidos nos corredores do internato e os olhares de tantas crianças que, como esta pesquisadora, deixaram para trás a paisagem da Ilha do Bananal para encontrar, na escola, um novo caminho.

A escrita representou mais que um exercício acadêmico; foi uma travessia por momentos de lembrança, pertencimento e resistência. Ao investigar a Escola-Fazenda Canuanã, resgatamos não apenas os marcos institucionais de sua criação e consolidação, mas também os afetos, os silêncios, as dores e as potências que constituíram a experiência vivida naquele internato amazônico. A escola, localizada no antigo norte de Goiás e implantada em uma região marcada pela ausência do Estado e pelas vulnerabilidades sociais, surgiu como espaço de oportunidades e desafios, de acolhimento e disciplina, de formação e transformação.

No que se refere à contextualização do cenário histórico, político, social, econômico, educacional e cultural à época da criação da escola, percebemos que a Fundação Bradesco foi estratégica. A pesquisa evidenciou que a implantação da escola não foi um ato isolado ou apenas filantrópico, mas parte de um contexto de intensas transformações na região, em um período de grandes obras de integração nacional, deslocamentos forçados e redefinições territoriais. A escolha de instalar uma escola em regime de internato naquela região revela também a presença de interesses vinculados à ocupação e ao controle do território. Ainda assim, essa ação se transformou, para muitas famílias, em possibilidade real de escolarização e melhoria de vida, mesmo que permeada por tensões, ausências e deslocamentos afetivos.

Quando nos propusemos analisar os elementos da cultura escolar da Escola-Fazenda Canuanã, manifestados em práticas, valores, normas, símbolos, relações sociais, objetos, espaços e rituais que constituem suas dimensões material e imaterial, foi perceptível o quanto há de cultura presente até os dias atuais na vida dos egressos. Nesse sentido, percebemos como a cultura escolar se expressava na rigidez dos horários, no uso do uniforme, nas rotinas de higiene e cuidado com o corpo, nas regras de comportamento e no funcionamento do internato como totalidade. Esses elementos materializavam uma pedagogia que formava sujeitos disciplinados, mas também criava redes de pertencimento e solidariedade entre os

internos. A escola contribuía com a formação de identidades, e, ao mesmo tempo, os sujeitos ali construía suas próprias formas de existir e resistir naquele espaço coletivo.

Quanto à reconstituição da trajetória da Escola-Fazenda Canuanã, no período de 1973 a 1993, com base nas experiências dos sujeitos envolvidos e nas fontes documentais, a História Oral mostrou-se fundamental para dar vida à instituição. Os relatos de alunos egressos, professores, gestores e familiares revelaram memórias ora saudosas, ora críticas, mas sempre intensas. Essa abordagem permitiu que a história da escola fosse contada a partir de dentro, com as marcas e as vozes de quem a viveu. Documentos, fotografias e registros oficiais foram entrelaçados às narrativas dos sujeitos, permitindo reconstruir a cronologia dos fatos e também a complexidade das vivências e os impactos da instituição em cada trajetória individual e coletiva.

Esses três objetivos, articulados ao objetivo geral da tese, permitiram compreender que a Escola-Fazenda Canuanã foi e continua sendo um projeto educacional singular, cujos efeitos ultrapassaram os limites do campo pedagógico. Canuanã impactou famílias inteiras, influenciou dinâmicas sociais da região e deixou marcas profundas nos sujeitos que por ela passaram. Ao funcionar como internato, a escola torna-se morada e mundo; lugar de aprendizagens múltiplas, como também de rupturas emocionais, de encontros e desencontros que ecoam até hoje nas memórias de seus ex-alunos.

Dessa forma, podemos afirmar que, a partir da triangulação entre análise documental, entrevistas realizadas com base na História Oral Temática e o referencial teórico correlato, a tese desta pesquisa sustenta que a Escola-Fazenda Canuanã, instituída pela Fundação Bradesco em 1973, revelou-se uma experiência singular de internato que combinou práticas educativas e disciplinares voltadas à formação dos sujeitos.

No período de 1973 a 1993, sua atuação consolidou padrões de comportamento e trabalho e também impulsionou estratégias de desenvolvimento regional. Contudo, a instituição pode ser compreendida igualmente como parte de um projeto mais amplo de intervenção social e territorial, no qual emergem tensões entre povos originários, educação e interesses socioeconômicos.

Em nossa proposta de pesquisa, estabelecemos como objetivo secundário analisar as descontinuidades que marcaram a trajetória da Escola-Fazenda Canuanã ao longo dos anos. Tal exercício só se tornou possível a partir do diálogo entre a análise documental e as narrativas dos sujeitos que vivenciaram a instituição. Dessa forma, a compreensão das permanências e rupturas não se restringe a registros oficiais, mas se amplia pela memória viva, capaz de demonstrar aspectos muitas vezes silenciados pela escrita institucional.

Nos corredores de Canuanã, as memórias guardam marcas de rotinas que já não existem mais. Quem viveu os primeiros vinte anos do internato lembra bem de como o trabalho na roça fazia parte do dia a dia: plantar, colher, cuidar dos animais, manter a fazenda viva. Muitos recordam o cansaço das mãos calejadas, mas também o aprendizado silencioso que vinha da terra. Com o tempo, esse ritmo foi se alterando.

Entre as atividades que sofreram descontinuidades ao longo da história da Escola-Fazenda Canuanã, destacam-se os trabalhos agrícolas e os serviços realizados em grande escala por todos os alunos. Nos primeiros anos, o envolvimento dos estudantes com as tarefas manuais fazia parte da rotina escolar, abrangendo desde a infância.

As memórias trazidas pelos participantes da pesquisa evidenciam essa dimensão do cotidiano: para Gama (2024), o “primeiro trabalho lá foi no salão de costura com a Tia Enedina”; já Demori (2024) relembra que “iam para a lavanderia e lavavam suas próprias roupas”; enquanto Aguiar (2024) associa suas lembranças às atividades “na colheita do feijão, no estábulo, na horta, no refeitório, em vários setores”. Essas narrativas revelam a multiplicidade de funções atribuídas aos alunos, mas também o caráter pedagógico atribuído ao trabalho, entendido como parte do processo formativo. Com o passar do tempo, entretanto, tais práticas foram se transformando, cedendo espaço a outras formas de organização escolar, em que o trabalho manual deixou de ocupar lugar central na rotina educativa.

As mudanças podem ser compreendidas a partir de diferentes fatores: a reestruturação pedagógica da instituição, que progressivamente passou a priorizar a formação acadêmica em detrimento das atividades manuais; a adequação às legislações brasileiras, que proibem a exploração de trabalho infantil e reforçam a centralidade do estudo; além da modernização estrutural da escola, que reduziu a dependência da mão de obra estudantil para manter seu funcionamento.

Na sala de aula, o cenário também se transformava. Nos primeiros anos, predominava um ensino rígido, baseado em cópias e repetições. Aos poucos, no entanto, a chegada de novas metodologias e o investimento na formação docente trouxeram mudanças, rompendo com práticas que já não respondiam às necessidades da realidade escolar. Esse movimento, ainda que cheio de idas e vindas, representava a busca por uma educação mais significativa.

A narrativa de um professor que atuou no início das atividades da escola revela a simplicidade e as limitações metodológicas daquele período:

[...] na época as metodologias eram muito poucas, né? Era quadro giz, né? Aquele giz branco, né? Eu era professor de geografia e geografia para mim, sem mapa não

tinha jeito. Então eu usava muito os mapas e os alunos, eu pegava no pé dos alunos, olha, vocês vão ter que aprender as capitais. Do Brasil todo mundo tem que estar decorado, todas as capitais do Brasil e da América do Sul (Souza, 2025).

Esse relato evidencia a centralidade do professor como figura de autoridade e transmissor de conteúdos e também traduz um contexto em que os recursos didáticos eram restritos e a aprendizagem se apoiava, sobretudo, na memorização e no esforço individual dos estudantes.

Ao confrontarmos esse cenário inicial com os dados recentes apresentados no *Relatório Anual Bradesco 2024*, percebemos avanços significativos no campo pedagógico e formativo. O documento aponta que “ao longo do ano, foram registradas 40.660 horas de capacitação, com média geral de 11 horas por colaborador” (Bradesco, 2024, p. 100), sinalizando um investimento contínuo na formação docente e na qualificação dos profissionais envolvidos no processo educativo.

A distância temporal entre as duas realidades revela mudanças estruturais e metodológicas, mas também a transformação de uma cultura escolar que passou de práticas simples e quase artesanais para estratégias sistematizadas, apoiadas em formação contínua e em recursos diversificados, capazes de ampliar as possibilidades de ensino e aprendizagem.

Percebemos que a Fundação Bradesco consolidou seu modelo de atuação, focando em três eixos: Currículo, Avaliação e Formação, visando “aprimorar a qualidade educacional das escolas, garantindo o alinhamento com as diretrizes educacionais e atendendo às especificidades regionais, sociais e culturais das comunidades atendidas” (Bradesco, 2024, p. 62).

Essas discontinuidades, vistas hoje, não são apenas falhas ou ausências: são rastros de um processo de adaptação. A escola, como os próprios alunos, precisou aprender a lidar com as dificuldades, reinventar caminhos e equilibrar tradição e mudança. O que ficou foi a memória de um tempo em que cada prática, mesmo quando interrompida, deixou lições que ajudaram a moldar a identidade de Canuanã e de todos que por ali passaram.

Ao longo do trabalho, ficou evidente que Canuanã não pode ser compreendida apenas como um projeto da Fundação Bradesco. Canuanã é feita de pessoas. De histórias. De enfrentamentos e descobertas. Nos relatos colhidos, vemos a memória da escola e a escola como memória. Os muros, as roupas padronizadas, os rituais cotidianos: tudo se inscreve no corpo e na fala dos sujeitos que ali viveram.

As marcas do internato, ao mesmo tempo em que trazem lembranças de saudade e rigidez, também evocam resiliência, superação e, em muitos casos, gratidão. Esta pesquisa demonstrou que a vida em Canuanã era formada por afetos contraditórios: medo e coragem,

solidão e pertencimento, silêncio e voz. Foi nesse espaço de ambivalência que se constituiu uma forma peculiar de escolarização, profundamente ligada às realidades sociais da Amazônia, ao abandono histórico do norte goiano e às ausências do Estado.

Ao registrar as vozes desses estudantes, professores, gestores e familiares, foi possível perceber que a escola, mais do que transmitir conteúdos, oferecia estruturas físicas e simbólicas para sonhar. Sonhar, inclusive, em ser doutora. Essa foi, talvez, a maior lição que Canuanã ensinou à menina preta e pobre da Ilha do Bananal, e que hoje se coloca como pesquisadora deste trabalho. As histórias ouvidas e recontadas ao longo da tese revelam que o internato foi, para muitos, a única possibilidade concreta de um futuro diferente daquele previsto por suas origens.

Essa escuta sensível às vozes que ecoam permitiu compreender Canuanã como uma instituição cuja trajetória se inscreve na memória coletiva de seus sujeitos. O que ali se viveu não apenas formou estudantes, mas também moldou modos de ver o mundo, de sonhar com o futuro e de se posicionar frente à vida. As falas reconstróem a história da escola em suas múltiplas camadas – afetiva, política, pedagógica e social – e evidenciam que sua importância ultrapassa os limites físicos e temporais do internato.

Vale destacar aqui que a Escola-Fazenda Canuanã, ao funcionar em regime de internato, alcançou comunidades inteiras. Seus efeitos ultrapassaram os limites do espaço escolar e se inscreveram no território, contribuindo para a transformação de dinâmicas locais e para o fortalecimento de trajetórias que, de outro modo, talvez não tivessem florescido. Nesse processo, a escola também se transformou. O que começou como uma experiência pioneira, marcada pela escassez e pelo imprevisto, consolidou-se, ao longo dos anos, como referência educacional e humana, sem deixar de carregar em si as marcas do tempo e as contradições de sua própria existência.

Ao reconstituir a trajetória da Escola-Fazenda Canuanã, esta pesquisa reconhece os impactos sociais positivos de um projeto que garantiu acesso gratuito à educação em regime de internato para centenas de crianças da Amazônia. No entanto, torna-se necessário problematizar os limites dessa experiência. O internato funcionou como parte de um projeto filantrópico da Fundação Bradesco, que, ao mesmo tempo em que promovia inclusão educacional, também reforçava padrões de disciplinamento, controle e afastamento familiar. A comparação entre documentos oficiais e memórias dos sujeitos evidencia contradições profundas: de um lado, a imagem institucional de escola-modelo; de outro, lembranças de solidão, regras rígidas e adaptação forçada. Essa ambivalência revela que Canuanã deve ser compreendida não apenas como êxito pedagógico, mas também como estratégia de

intervenção social e territorial na Amazônia, marcada por tensões entre discurso e experiência.

Ao dar centralidade às memórias, este estudo reafirma a importância de se produzir uma história da educação que escuta, acolhe e reconhece os sujeitos que constroem cotidianamente os espaços escolares. Mais do que uma reconstrução factual, esta pesquisa foi uma tentativa de honrar essas vidas, de transformar os relatos em registros. Os silêncios em narrativas. As lembranças em legado.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. **Manual da História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.
- ARAÚJO, Stephanie Barros. **Filantropia empresarial e educação brasileira no contexto da crise estrutural do capital**: a Fundação Bradesco no Centro do Debate. 2016. 178 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional em Educação) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.
- ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre**: imagens e autoimagens. Petrópolis: Vozes, 2012.
- ARROYO, Miguel. Escola e território indígena, quilombola e camponês: rupturas e construções. *In*: ARROYO, Miguel (org.). **Ofício de mestre**: imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2004.
- ÃWA, Kamutaja Silva. História pós contato e protagonismo do povo Ãwa. **Revista Antígona**, v. 1, n. 2, p. 100-122, 2021.
- ÃWA, Kamutaja Silva. Em memória de Tutawa. A luta do povo Ãwa. **Revista Internacional de Direitos Humanos**, ed. 31, dez. 2021. Disponível em: https://sur.conectas.org/em-memoria-de-tutawa/?_ga=2.128593423.2081451762.1728842068-668791435.1728842068. Acesso em: 17 ago. 2025.
- BARROS, José D'Assunção. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.
- BARROS, Carina Simionato de. **Uso da programação linear como ferramenta pedagógica e gerencial na produção agropecuária**: o caso da Escola-fazenda Canuanã. 2012. 176 f. Tese (Doutorado em Nutrição e Produção Animal) – Universidade de São Paulo, Pirassununga, 2012.
- BARROS, Aragoneide Martins. **Às margens do Tocantins**: memórias de professores aposentados em Miracema – TO (1960-1990). 2020. 215 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2020.
- BELUSSO, Gisele; LUCHESE, Terciane Ângela. Entrevista com o catedrático Justino Magalhães: os municípios na educação em pauta. **Revista História da Educação** (Online), v. 24, e96723, 2020.
- BERNARDI, Bruno Boti. O Sistema Interamericano de Direitos Humanos e o caso da guerrilha do Araguaia: impactos no Brasil. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 22, p. 49-92 jan./abr. 2017.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRADESCO. **Declaração de princípios**. São Paulo: Fundação Bradesco, 1985. Documento manuscrito. Acervo do Museu Histórico Bradesco.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2019.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: Presidência da República, 2016.

BRASIL. **Lei nº 5.692/71**, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências.

BRASILEIRO, Tânia S. A. **La Formacion Superior de Magistério: una experiencia piloto en la Amazonia brasiliana**. 2002. 914 f. Tese (Doutorado) – Universidade Rovira i Vigil, Espanha, 2002.

BRESSANIN, César Evangelista Fernandes. **O Instituto Nossa Senhora de Lourdes de Arraias (1958-1982): trajetória, memórias e cultura escolar**. 2020. 260 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021.

BRITO, Estela Denise Schutz. **Memórias de ex-alunos(as) do internato da Escola Normal Evangélica em São Leopoldo/RS: práticas cotidianas e cultura escolar (1950-1966)**. 2018. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.

BUFFA, Ester; NOSELLA, Paolo. **Instituições escolares: por que e como pesquisar**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2005.

BUFFA, Ester. História e filosofia das instituições escolares. *In*: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JUNIOR, Décio (org.). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2002. p. 25-38.

BURKE, Peter (org.). **A escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 2011.

CALLOU, Maria Lucirene. **Instituição Pia Nossa Senhora das Graças: assistência e educação de crianças pobres, órfãs e abandonadas em Belém (1943-1975)**. 2016. 149 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

CANDAUI, Vera Maria. Memória, história e formação docente. *In*: CANDAUI, Vera Maria (org.). **Didática em questão**. Petrópolis: Vozes, 2016.

CARNEIRO, Maria Esperança Fernandes. **A Revolta Camponesa de Formoso e Trombas**. 1981. 200 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1981.

CASTRO, César Augusto. A presença dos materiais escolares no Maranhão Oitocentista. *In*: CURY, Cláudia Engler (org.). **Objetos, práticas e sujeitos escolares no Norte e Nordeste**. São Luís: EDUFMA, UFPB, Café & Lápis, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes, revisão técnica de Arno Vogel. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2020.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. Princípio do internato escolar: primórdios, práticas e permanências no Brasil. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 7, n. 2, p. 107-120, fev. 2019.

CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE GOIÁS. **Resolução nº 16**, de 14 de março de 1978.

CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE GOIÁS. **Resolução nº 17**, de 14 de março de 1978.

CORAZZA, Sandra Mara. **Revista pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, Ano VII, n. 28 nov. 2003/jan. 2004.

COUTO, Raimundo Jorge da Cruz. **Os franciscanos alemães no Baixo Amazonas (1907 - 1962): o protagonismo político educacional de Dom Amando Bahlmann**. Dissertação. 2019. 145 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.

DEL PRIORI, Mary. História do cotidiano e da vida privada. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 376-398.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. (org.). **História do tempo presente**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Seção 1 - nº 76. **Resumo do relatório circunstanciado de identificação e delimitação da terra indígena Taego Áwa**. 19 de abril de 2012.

CRUZ, Naasson Barbosa. **Cultura e práticas escolares na Escola Agrotécnica Federal de Manaus - AM (1979-1993)**. 2021. 176 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Manaus, 2021.

ESTIVALETE, Emerson Bianchini. **Juventudes Agrícolas: formação para além de uma profissão?** 2019. 278 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi**, Rio de Janeiro, p. 314-332, dez. 2002.

FERREIRA, Pollianna Pimentel. **A educação na amazônia do “ouro negro”**: o programa educacional da Icomi no Distrito de Santana/AP (1960-1984). 2019. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2019.

FERREIRA, Sânia Nayara da Costa. **A pedagogia do capital no Programa Adolescente Aprendiz da Fundação Bradesco (2013-2018)**. 2020. 207 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

FERREIRA, Sânia Nayara da Costa; RUMMERT, Sonia. O jovem aprendiz da Fundação Bradesco “educado” para um futuro subalterno. **Humanidades & Inovação**. Educação Profissional e Tecnológica: práticas pedagógicas e cenários históricos, v. 8 n. 53, 2021.

FLICK, U. **Triangulation**. Oelerich G, Otto H-U, editors. Empirische Forschung und Soziale Arbeit Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2011. p. 323-328.

FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil**: história oral de vida. Campinas: Papirus, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRAGO, Antonio Viñao. História de la educación e história cultural. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, n. 0, p. 63-82, set./dez. 1995.

FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Austín. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FUNDAÇÃO BRADESCO. **Relatório de atividades 2015**. Osasco, 2015.

FUNDAÇÃO BRADESCO. **Relatório Anual 2023**. Osasco, 2023.

FUNDAÇÃO BRADESCO. **Relatório Anual 2024**. Osasco, 2024.

FUNDAÇÃO BRADESCO. **Regimento Escolar da Escola-Fazenda Canuanã**, 2023.

GATTI JÚNIOR, Décio. História e historiografia das instituições escolares: percursos de pesquisa e questões teóricos- metodológicos. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 28 p. 172-191, jan./jun. 2007.

GATTI JUNIOR, Décio. A história das instituições educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. *In*: ARAUJO, José Carlos Souza; GATTI JUNIOR, Décio (org.). **Novos temas em história da educação brasileira**: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas: Autores Associados; Uberlândia MG: EDUFU, 2002. p. 3-24.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais, morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Sousa (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 67-80.

GONÇALVES, Irlen Antônio; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História das culturas e das práticas escolares: perspectivas e desafios teórico-metodológicos. *In*: SOUZA, Rosa

Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa (org.). **A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2005.

GUTIERRES, Damiana Valente Guimarães. **A Escola Normal do Pará na perspectiva da cultura escolar (1890-1926)**. 2021. 227 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 2006.

HANNISCH, Renato Luiz. **História e memória da instituição educativa Universidade Luterana do Brasil- ULBRA Tocantins (1992-2004)**. 2016. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2016.

IABEL, Leila de Almeida Castillo. **Ensino Médio Técnico Integrado no IFRS – Câmpus Sertão: o cuidado afetoso nas relações do ensinar**. 2014. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Formoso do Araguaia (TO) – Histórico**. Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/formoso-do-araguaia/historico>. Acesso em: 8 set. 2025.

JORNAL DO COMMERCIO (RJ). **Escola Modelo**. Edição 0285, 1972.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto historiográfico. Tradução de Gizele de Souza. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, n. 1, 2001.

KLUSKA, Caren Alessandra. **A educação escolar em Fordlândia-PA e a influência da Companhia Ford Industrial do Brasil - 1931 a 1945**. 2017. 140 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2017.

LAPA, Carlos Maurício Franklin. **O projeto educacional dos banqueiros: uma análise sócio-histórica da atuação empresarial junto à proposta da Fundação Bradesco**. 2023. 249 f. Tese (Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, 2023.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, Aristela Arestides. **Aprender a fazer e fazer para aprender: configurações do modelo escola-fazenda no ensino profissional agrícola (1967-1986)**. 263 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.

LOPES, Gisele de Cássia. **A reconstrução de trajetórias escolares e sociais como elemento para uma discussão do efeito da escola em sujeitos das camadas populares: o caso de ex-alunos da Fundação Bradesco, São João Del-Rei, MG**. 2018. 179 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2018.

MACEDO, Maria de Lourdes Leoncio; SANTOS, Jocyleia Santana dos. As pesquisas em história oral: o percurso metodológico de uma trajetória acadêmica. **IOSR Journal Of Humanities And Social Science (IOSR-JHSS)**, v. 28, Issue 1, Series 5, jan. 2023.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo nexos**: história das instituições educativas. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Contributo para a história das instituições educativas**: entre a memória e o arquivo. Braga (Portugal): Universidade do Minho, 1996.

MARCONDES, Nilsen Aparecida Vieira; BRISOLA, Elisa Maria Andrade. Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas. **Revista Univap**, São José dos Campos, v. 20, n. 35, jul. 2014.

MATTOS, Maria Leci de Bessa *et al.* O povo indígena Javaé da Ilha do Bananal - TO: uma análise sobre o desenvolvimento dessas comunidades. **Rev. Cereus**, UnirG, Gurupi, v. 5, n. 3, p. 101-116, set./dez. 2013.

MELLO NETO, João Cabral de. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

MERCÚRIO, Bruno Michel da Costa. **Dez anos de integração do ensino técnico ao médio no Centro Paula Souza**: um estudo a respeito da habilitação profissional em agropecuária. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021.

MESQUITA, Amélia Maria Araújo. **Os elementos de inclusividade na prática curricular de uma professora**: uma análise a partir da cultura escolar. 2013. 173 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

MILHOMEM, Pabla Cassiângela Silva. **História, memórias e narrativas do Instituto Federal de Palmas/Tocantins**. 2021. 313 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2007.

MPF TOCANTINS – Procuradoria da República no Estado do Tocantins. **Inquérito Civil Público nº 1.36.000.000779/2011-16**, 2012.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Educar, curar, salvar**: uma ilha de civilização no Brasil tropical. 2005. 260 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

NÓVOA, António. História da educação: tempo de memória, tempo de história. **Revista Brasileira de Educação**, n. 1, 1995.

OLIVEIRA, Camilla Vanessa Chagas Peixoto de. **Instituto Santa Catarina de Sena**: incursões educativas na formação de meninas em Belém do Pará (1903 - 1960). 2017. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Recife: Ed. Bagaço, 2007.

ORSO, Paulino José. História, instituições, arquivos e fontes na pesquisa e na história da educação. *In*: SILVA, João Carlos da; ORSO, José Paulino; CASTANHA, André Paulo; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha (org.). **História da educação**: arquivos, instituições escolares e memória histórica. Campinas: Alínea, 2013.

- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- PINHEIRO, Welington da Costa. **O Instituto Orfanológico do Outeiro**: assistência, proteção e educação de meninos órfãos e desvalidos em Belém do Pará (1903-1913). 2017. 229 f. Tese (Doutorado Acadêmico em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.
- POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. São Paulo: Ática, 1990.
- PORTELLI, Alessandro. **A filosofia e os fatos**. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Rio de Janeiro: Tempo, 1996. v. 1, n. 02.
- PORTELLI, Alessandro. Espaços e definições. *In*: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro (org.). **Memória e narrativas**: história oral aplicada. São Paulo: Contexto, 2021.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- QUEIROZ, Daniela Fernandes da Silva. **Escola Normal Lourenço Filho (1934-1974)**: histórias e memórias da formação de professores em Rio Branco – Acre. 2017. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2017.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 120. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- RICHARDSON, Roberto Jarry *et al.* **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- RODRIGUES, Daniel Bartkus. **O projeto Rio Formoso e a reprodução ampliada do capital no entorno da Ilha do Bananal**: concentração da riqueza, exclusão e resistência. 2013. 146 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2013.
- RODRIGUES, Patrícia de Mendonça. Os Avá-canoeiro do Araguaia e o tempo do cativo. **Anuário Antropológico**, p. 83-114, 2013.
- RODRIGUES, Patrícia de Mendonça. **Avá-canoeiro/povos indígenas no Brasil**. 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Av%C3%A1-Canoeiro>. Acesso em: 18 out. 2024.
- RODRIGUES, Patrícia de Mendonça. Os Avá-canoeiro do Araguaia e o tempo do cativo. **OpenEdition Journals**, 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aa/402?lang=en>. Acesso em: 28 out. 2024.
- SÁ, Lanuzia Tércia Freire de; HENRIQUE, Ana Lúcia Sarmento. A triangulação na pesquisa científica em educação. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 15, n. 36, p. 645-660, 2019. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/5941>. Acesso em: 2 nov. 2024.
- SANFELICE, José Luís. História das instituições escolares. *In*: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura; SANDANO, Wilson; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval.

(org.). **Instituições escolares no Brasil**: conceito e reconstrução histórica. Campinas: Autores Associados, 2007.

SANTOS, Jocyleia Santana dos. **A sedução da imagem**: a televisão no limiar do Tocantins. Universidade Federal do Tocantins, EDUFT, 2015.

SCHMITZ, Paulo Clóvis. Biografia do banqueiro Amador Aguiar será lançada nesta quarta-feira. **ND+**, 2015. Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/a-trajetoria-de-um-icone-do-sistema-financeiro/>. Acesso em: 14 set. 2025.

SILVA, Marta Leandro da; MARQUES, Waldemar. A trajetória política e histórico-normativa do ensino técnico da área de agropecuária no estado de São Paulo: a história política de transição por decretos (de 1882 a 2001). **Revista Eletrônica de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, n. 16, 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/9362>. Acesso em: 24 out. 2024.

SILVA, Flaviana Faustino da. **A criação da Escola Territorial de 1º e 2º Graus Paulo de Assis Ribeiro no processo de colonização de Colorado do Oeste/RO (1974-1989)**. 2022. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2022.

SILVA, Katiene Nogueira da. **Criança calçada, criança sadia!** Sobre os uniformes escolares na escola pública paulista entre os anos de 1950 e 1970. 2006. 312 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SOUSA, Ranyelle Foro de. **Memórias de uma instituição de ensino superior em Belém do Pará**: uma história da Escola de Agronomia da Amazônia (1945-1972). 2019. 254 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2009.

VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e práticas escolares: a escola como objeto de pesquisa. *In*: VIDAL, Diana Gonçalves (org.). **Culturas escolares**: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Campinas: Autores Associados, 2005.

WERLE, Flávia Obino Corrêa; BRITTO, Lenir Marina Trindade de Sá; COLAU, Cinthia Merlo. Espaço escolar e história das instituições escolares. **Rev. Diálogo Educ.** [online]. v. 7, n. 22, p. 147-163, 2007.

ZABALA, Ântoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Sites

Conectas Direitos Humanos. Disponível em: <https://www.conectas.org/noticias/entrevista-memorias-e-lutas-do-povo-awa>. Acesso em: 13 out. 2024.

Ex-alunos que namoraram escondido em escola viraram funcionários e vivem no local há mais de 40 anos.

<https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2018/11/24/ex-alunos-que-namoraram-escondido-em-escola- viraram-funcionarios-e-vivem-no-local-ha-mais-de-40-anos.ghtml>. Acesso em: 14 set. 2025.

Indígenas pela terra e pela vida. Disponível em: <https://armazemmemoria.com.br/ava-canoeiro/> Acesso em: 12 set. 2025.

Instituto A gente transforma. <https://agentetransforma.org.br/o-instituto/sobre/>

MUSEU DA PESSOA. Educar para o Futuro - **Fundação Bradesco 50 Anos 1956-2006**. São Paulo, 2006. Disponível em: <https://museudapessoa.org/wp-content/uploads/2021/08/bradesco.pdf> . Acesso em: 2 nov. 2021.

MUSEU HISTÓRICO BRADESCO. **Fundação Bradesco: 60 Anos de Educação em Favor da Transformação Social**. Disponível em: <http://museubradesco.org.br/sources/pdf/60anosFB.pdf> . Acesso em: 2 nov. 2024.

<https://ndmais.com.br/>. Acesso em: 14 set. 2025.

Povos Indígenas no Brasil - Avá-Canoeiros Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Av%C3%A1-Canoeiro>. Acesso em: 13 out. 2024.

TERRAS DEMARCADAS - AVA CANOEIROS. Terras Demarcadas - Processos\Tocantins\TI Taego Awá\2010 - Processo\SEI_08620.026137_2012_41 - TI Taego Awá v. 4, v. 5 e v. 6. Disponível em: https://www.docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=crv_terras&id=2998404031602&pagfis=11134. Acesso em: 29 out. 2024.

Vídeos

<https://www.youtube.com/watch?v=dYD3sx7OkYk>. Acesso em: 12 set. 2025.

Macunaíma (1969). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mGTfTUR6BdY>. Acesso em: 12 set. 2025

Toda Nudez Será Castigada. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gxmHArPb6QA>. Acesso em: 12 set. 2025

Entrevistas

AGUIAR, Adriana da Costa Pereira. **Entrevista concedida a M.S.N.** Palmas (TO), 15 out. 2024.

BEZERRA, Antônio Reis Farias. **Entrevista concedida a M.S.N.** Escola-Fazenda Canuanã -Formoso do Araguaia (TO), 04 jul. 2023.

CARVALHO, Ivan Sousa. **Entrevista concedida a M.S.N.** Formoso do Araguaia (TO), 21 fev. 2024.

DEMORI, Marildes Coelho de Souza. **Entrevista concedida a M.S.N.** Gurupi (TO), 21 fev. 2024.

FARIAS, Darziler Machado Lopes. **Entrevista concedida a M.S.N.** Escola-Fazenda Canuanã -Formoso do Araguaia (TO), 04 jul. 2023.

GAMA, Joelma de Carvalho Silva. **Entrevista concedida a M.S.N.** Gurupi (TO), 21 fev. 2024.

GLÓRIA, Cristiane Putêncio. **Entrevista concedida a M.C.S.D.** Gurupi (TO), 22 fev. 2024.

JÁCOME, Eva Fernandes. **Entrevista concedida a M.S.N.** Palmas (TO), 04 jun. 2025.

JÁCOME, Renato de Souza. **Entrevista concedida a M.S.N.** Palmas (TO), 04 jun. 2025.

MILHOMEM, Ana Pinheiro. **Entrevista concedida a M.S.N.** Formoso do Araguaia (TO), 21 fev. 2024.

SILVA, João Batista da. **Entrevista concedida a M.S.N.** Porto Nacional (TO), 15 jun. 2024.

SOUSA, Ivanete Coelho de. **Entrevista concedida a M.S.N.** Gurupi (TO), 20 fev. 2024.

SOUZA, Wilmar Alves de. **Entrevista concedida a M.S.N.** (Via whatsApp). 03 jun. 2025.

VIEIRA, Maria de Lourdes. **Entrevista concedida a M.S.N.** Palmas (TO), 10 maio 2023.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS DESTINADO AOS ALUNOS
EGRESSOS



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS CÂMPUS DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA - PGEDA**

**ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA EM HISTÓRIA ORAL
TEMÁTICA**

TÍTULO: INSTITUIÇÃO EDUCATIVA E MEMÓRIAS DO INTERNATO: A
HISTÓRIA DA ESCOLA-FAZENDA CANUANÃ E SUA INFLUÊNCIA NA REGIÃO
AMAZÔNICA (1973-1993)

OBJETIVO GERAL: investigar a história da Escola-Fazenda Canuanã e suas motivações na formação dos sujeitos e no desenvolvimento da região de Formoso do Araguaia, antigo norte de Goiás, atual sudoeste do Tocantins, no período de 1973 a 1993.

Material utilizado: gravador de voz, bloco de notas.

BLOCO 1 - APRESENTAÇÃO

- 1.1 Apresentação e exposição do objetivo da entrevista.
- 1.2 Explicações do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com respectivas autorizações e procedimentos: antes, durante e após o encerramento da pesquisa, com entrega de uma via para o entrevistado.
- 1.3 Esclarecimento da não obrigatoriedade das respostas, a liberdade para não responder qualquer questão ou não permitir a gravação da entrevista.

BLOCO 2 - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

2.1 Sexo: () Masculino () Feminino () Outro: _____;

2.2 Estado Civil: () solteiro () casado () divorciado () viúvo () união estável;

2.3 Autodeclara: () Branco () Preto () Pardo () Amarelo () Indígena () Outro:

_____;

2.4 Residente em _____ Há quanto tempo?

() menos de 1 ano () entre 1 e 5 anos () entre 5 e 10 anos () mais de 10 anos;

2.5 Idade:

() entre 19 e 29 anos; () entre 30 e 39; () entre 40 e 49; () entre 50 e 59; () entre 60 e 69; () entre 70 e 79; () acima de 80 anos;

BLOCO 3 – SOBRE VOCÊ E O COLÉGIO DR. DANTE PAZZANESE - (HISTÓRIA ORAL)

3.1 Qual o período que você estudou/estuda no Colégio Dr. Dante Pazzanese?

3.2 Descreva como era o colégio neste período (estrutura física).

3.3 Quais eventos/fatos mais marcaram sua vida no período em que está (ou esteve) nesta instituição?

3.4 Você acha que houve contribuição da instituição para o desenvolvimento social da região e até mesmo do estado do Tocantins? Comente.

3.5 Sintetize a sua história no Colégio Dr. Dante Pazzanese.

BLOCO 4 - CONCLUSÃO DA ENTREVISTA

4.1 Agradecimento pela disponibilidade.

4.2 Verificar se ficou alguma dúvida ou colocação a ser reconsiderada.

4.3 Em caso afirmativo, retomar e abrir espaço para complementações.

4.4 Encerramento da entrevista.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS DESTINADO AOS PROFESSORES,
GESTORES E DEMAIS FUNCIONÁRIOS



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS CÂMPUS DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA - PGEDA**

**ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA EM HISTÓRIA ORAL
TEMÁTICA**

TÍTULO: INSTITUIÇÃO EDUCATIVA E MEMÓRIAS DO INTERNATO: A HISTÓRIA DA ESCOLA-FAZENDA CANUANÃ E SUA INFLUÊNCIA NA REGIÃO AMAZÔNICA (1973-1993)

OBJETIVO GERAL: investigar a história da Escola-Fazenda Canuanã e suas motivações na formação dos sujeitos e no desenvolvimento da região de Formoso do Araguaia, antigo norte de Goiás, atual sudoeste do Tocantins, no período de 1973 a 1993.

Material utilizado: gravador de voz, bloco de notas.

Bloco 1 - APRESENTAÇÃO

1.1 Apresentação e exposição do objetivo da entrevista.

1.2 Explicações do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com respectivas autorizações e procedimentos: antes, durante e após o encerramento da pesquisa, com entrega de uma via para o entrevistado.

1.3 Esclarecimento da não obrigatoriedade das respostas, a liberdade para não responder qualquer questão ou não permitir a gravação da entrevista.

Bloco 2 - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

2.1 Sexo: () Masculino () Feminino () Outro: _____;

2.2 Estado Civil: () solteiro () casado () divorciado () viúvo () união estável;

2.3 Autodeclara: () Branco () Preto () Pardo () Amarelo () Indígena () Outro:
_____;

2.4 Residente em _____ Há quanto tempo? ()
menos de 1 ano () entre 1 e 5 anos () entre 5 e 10 anos () mais de 10 anos;

2.5 Idade: () entre 19 e 29 anos; () entre 30 e 39; () entre 40 e 49; () entre 50 e 59;
() entre 60 e 69; () entre 70 e 79; () acima de 80 anos;

2.6 Filhos: () sim Quantos? _____ () não

2.7 O senhor/senhora foi aluno da Fundação Bradesco (Escola Dr. Dante Pazzanese)?

() Sim - Período _____ () não

2.8 Por gentileza, identifique a sua formação.

2.9 Onde o senhor/senhora trabalha atualmente?

2.10 Há quanto tempo o senhor/senhora está na atual função? Indique em número de meses ou ano (s). Função _____ () meses ou () anos

BLOCO 3 – SOBRE VOCÊ E O COLÉGIO DR. DANTE PAZZANESE - (HISTÓRIA ORAL)

3.1 Qual o período que você trabalhou/trabalha no Colégio Dr. Dante Pazzanese?

3.2 Descreva como era o colégio neste período (estrutura física).

3.3 Quais eventos/fatos mais marcaram sua vida no período em que está (ou esteve) nesta instituição?

3.4 O senhor(a) acha que houve contribuição da instituição para o desenvolvimento social da região e até mesmo do estado do Tocantins? Comente.

3.5 Sintetize a sua história no Colégio Dr. Dante Pazzanese.

BLOCO 4 - CONCLUSÃO DA ENTREVISTA

4.1 Agradecimento pela disponibilidade.

4.2 Verificar se ficou alguma dúvida ou colocação a ser reconsiderada.

4.3 Em caso afirmativo, retomar e abrir espaço para complementações.

4.4 Encerramento da entrevista.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS DESTINADO AOS PAIS DE ALUNOS
E COMUNIDADE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS CÂMPUS DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA - PGEDA**

**ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA EM HISTÓRIA ORAL
TEMÁTICA**

TÍTULO: INSTITUIÇÃO EDUCATIVA E MEMÓRIAS DO INTERNATO: A
HISTÓRIA DA ESCOLA-FAZENDA CANUANÃ E SUA INFLUÊNCIA NA REGIÃO
AMAZÔNICA (1973-1993)

OBJETIVO GERAL: investigar a história da Escola-Fazenda Canuanã e suas motivações na formação dos sujeitos e no desenvolvimento da região de Formoso do Araguaia, antigo norte de Goiás, atual sudoeste do Tocantins, no período de 1973 a 1993.

Material utilizado: gravador de voz, bloco de notas.

BLOCO 1 - APRESENTAÇÃO

1.1 Apresentação e exposição do objetivo da entrevista.

1.2 Explicações do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido com respectivas autorizações e procedimentos: antes, durante e após o encerramento da pesquisa, com entrega de uma via para o entrevistado.

1.3 Esclarecimento da não obrigatoriedade das respostas, a liberdade para não responder qualquer questão ou não permitir a gravação da entrevista.

BLOCO 2 - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

2.1 Sexo: () Masculino () Feminino () Outro: _____;

2.2 Estado Civil: () solteiro () casado () divorciado () viúvo () união estável;

2.3 Autodeclara: () Branco () Preto () Pardo () Amarelo () Indígena () Outro:
_____;

2.4 Residente em _____ Há quanto tempo? () menos de 1 ano () entre 1 e 5 anos () entre 5 e 10 anos () mais de 10 anos;

2.5 Idade:

() entre 19 e 29 anos; () entre 30 e 39; () entre 40 e 49; () entre 50 e 59; () entre 60 e 69; () entre 70 e 79; () acima de 80 anos;

BLOCO 3 – SOBRE O(A) SENHOR(A) E O COLÉGIO DR. DANTE PAZZANESE - (HISTÓRIA ORAL)

3.1 Como e quando o(a) senhor(a) teve conhecimento sobre o Colégio Dr. Dante Pazzanese?

3.2 O (a) senhor(a) tem/teve filho(a)s estudando no Colégio Dr. Dante Pazzanese?

3.3 O que representou para sua família ou comunidade o acesso a esta instituição?

3.4 O(a) senhor(a) acha que houve contribuição da instituição para o desenvolvimento social da região e até mesmo do estado do Tocantins? Comente.

3.5 Sintetize a sua história com o Colégio Dr. Dante Pazzanese.

BLOCO 4 - CONCLUSÃO DA ENTREVISTA

4.1 Agradecimento pela disponibilidade.

4.2 Verificar se ficou alguma dúvida ou colocação a ser reconsiderada.

4.3 Em caso afirmativo, retomar e abrir espaço para complementações.

4.4 Encerramento da entrevista.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS CÂMPUS DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA - PGEDA****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE PARA OS
PARTICIPANTES DA PESQUISA - ORIENTAÇÕES**

Convidamos o (a) Sr (a) _____ para participar da pesquisa: **INSTITUIÇÃO EDUCATIVA E MEMÓRIAS DO INTERNATO: A HISTÓRIA DA ESCOLA-FAZENDA CANUANÃ E SUA INFLUÊNCIA NA REGIÃO AMAZÔNICA (1973-1993)**, sob a responsabilidade da pesquisadora Mariana da Silva Neta, a qual pretende compreender o processo de implantação, desenvolvimento e consolidação da Escola-Fazenda Canuanã, uma instituição educativa em regime de internato localizada no município de Formoso do Araguaia, antigo norte de Goiás, Região Amazônica, no período de 1973 a 1993, a partir de fontes documentais e orais. Justifica-se a realização deste estudo devido à necessidade de entender a importância dessa instituição educativa para a região, bem como narrar a sua história, por meio das vivências relatadas pelos participantes. Sua participação é voluntária e se dará por meio do seguinte procedimento metodológico: Entrevista individual orientada por um roteiro semiestruturado dividido em quatro blocos: apresentação; dados de identificação; sobre o(a) senhor(a) e o Colégio Dr. Dante Pazzanese e a conclusão da entrevista, ambas por meio da técnica da História Oral Temática. Caso esse procedimento venha gerar algum tipo de constrangimento, o (a) Sr (a) não precisará realizá-lo. Aceitando participar, o (a) Sr (a) contribuirá com a ampliação dos trabalhos acadêmicos na área da educação e instituições escolares. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa podem ser: constrangimento, estresse, mal-estar, nervosismo, tristeza, ansiedade, medo de exposição e/ou vergonha. Contudo, em qualquer momento, se o (a) Sr (a) sofrer algum dano e/ou retaliação causados por esta pesquisa, terá o direito à assistência integral médica, psicológica ou de qualquer outra especialidade clínica gratuitamente pelo tempo que for necessário. E o fato será imediatamente comunicado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Tocantins – Unitins, para adequação ou mesmo suspensão desta pesquisa. Sendo comprovado qualquer tipo de dano, seja ele de cunho físico, psíquico, moral, intelectual ou financeiro será garantido a imediata indenização, mesmo que esta tenha retirado seu consentimento, independente do motivo. Para a divulgação e ciência dos participantes dos resultados alcançados, uma cópia integral da tese, que será fruto desta pesquisa, vai ser entregue aos participantes, juntamente com um resumo sucinto com linguagem clara e objetiva de forma que facilite a compreensão dos resultados obtidos. A sua participação é

voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou perda de benefícios. Se, depois de consentir em sua participação o (a) Sr (a) desistir de continuar participando, terá o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta de dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não obterá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração ou qualquer outro tipo de benefício. Será devolvida a transcrição de sua entrevista para que o (a) Sr (a) possa autorizar sua utilização. Os resultados da pesquisa serão analisados e usados estritamente para fins acadêmicos, sendo que sua identidade ou qualquer informação que o(a) identifique não será divulgada e ficará guardada em sigilo. Para obtenção de qualquer tipo de informação sobre os seus dados, esclarecimentos, ou críticas, em qualquer fase do estudo, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável no endereço: ARNE 14, Alameda 25, nº 19 – Plano Diretor Norte, Palmas – TO, CEP: 77.006-148, e-mail: marianasneta@gmail.com. Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos da pesquisa, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/Unitins. O Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) é composto por um grupo de pessoas que trabalha para garantir que seus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados. Eles têm a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética. Se o (a) Sr(a) achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como imaginou, ou que está sendo prejudicado (a) de alguma forma, poderá entrar em contato com o CEP da Universidade Federal do Tocantins, pelo telefone 63 3229 4023, pelo e-mail: cep_uft@uft.edu.br, ou Quadra 109 Norte, Av. Ns 15, ALCNO 14, Prédio do Almoxarifado, CEP-UFT 77001-090 - Palmas/TO. O (A) Sr(a) pode, inclusive, fazer a reclamação sem se identificar, se preferir. O horário de atendimento do CEP é às segundas e terças-feiras, das 14h às 17h e quartas e quintas-feiras, das 9h às 12 horas. Este documento é emitido em duas vias que serão assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós. Eu, _____, fui informado(a) sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração e entendi a explicação. Por isso, concordo em participar do projeto, sabendo que não receberei nenhum tipo de compensação financeira pela minha participação neste estudo e que posso sair quando quiser.

_____, _____, de _____ de 2024.

Assinatura da participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE C - TERMO DE APROVAÇÃO DA ENTREVISTA DEGRAVADA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS CÂMPUS DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA –
PGEDA**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO, APROVAÇÃO DE TRANSCRIÇÃO DA
ENTREVISTA E USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS**

Eu, _____ depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como, de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), APROVO a transcrição da entrevista, e AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora MARIANA DA SILVA NETA, autora do projeto de pesquisa intitulado **INSTITUIÇÃO EDUCATIVA E MEMÓRIAS DO INTERNATO: A HISTÓRIA DA ESCOLA-FAZENDA CANUANÃ E SUA INFLUÊNCIA NA REGIÃO AMAZÔNICA (1973-1993)**, a realizar as gravações e imagens que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização das imagens e vídeos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, vídeos, slides e capítulos), em favor da pesquisadora, acima especificada, obedecendo ao que está previsto nas leis: Artigo 5º, inciso X da Constituição Federal (1988), e no artigo 20 da Lei nº 10.406, de 2002 do Código Civil Brasileiro, bem como, o que rege a Lei 13.709 de 14 de agosto de 2018 (LGPD).

Palmas - TO.

Participante da pesquisa

Pesquisadora responsável pelo projeto

ANEXOS

ANEXO A - MEMORIAL - MARIANA DA SILVA NETA

1. Um breve autorretrato

Quero iniciar este memorial destacando o orgulho que tenho das minhas origens. Sou a terceira filha, dentre os quatro descendentes de João Batista Silva, homem forte, íntegro e trabalhador, que saiu de Balsas no Maranhão ainda criança, em direção ao Norte de Goiás. Do lado materno, procedo de Eva da Costa Silva, natural de Goiatins, que, em plena juventude, precisou vir acompanhando seus pais, fazendo um longo percurso a pé, em busca de melhores condições de vida nas proximidades da Ilha do Bananal. Ainda jovens, João Batista e Eva Costa constituíram uma família num contexto de extrema pobreza. Nasci em um dos lugares mais belos e isolados deste país, a Ilha do Bananal, onde as águas, os pássaros e a natureza exuberante convivem em harmonia. No entanto, embora a paisagem fosse de uma beleza incomparável, minha vida seria marcada por desafios que, desde cedo, testariam minha resiliência. Filha de pais que viviam com poucos recursos, desde os primeiros anos de vida aprendi o valor das coisas simples, das dificuldades, da dureza do trabalho, mas também das alegrias das brincadeiras entre irmãos, primos e vizinhos. Meus pais se esforçavam para oferecer o básico, mas a vida nos mostrava que, muitas vezes, isso não era suficiente. A realidade da pobreza se mostrava em cada simples refeição, em cada roupa feita por nossa mãe e em cada esforço para manter a família unida. Ainda assim, havia amor, e isso nos mantinha firmes. Contudo, quando eu ainda era muito pequena, por volta dos sete anos, algo que parecia inabalável se partiu: meus pais se separaram. A separação foi um golpe duro para o meu coração infantil, incapaz de entender completamente as razões e as consequências, minha vida tomou um rumo inesperado. Minha irmã mais velha foi morar na casa de pessoas conhecidas para dar continuidade aos estudos na cidade, eu e meus outros dois irmãos fomos para o internato.

2. A vida na escola

Ao chegarmos os três no colégio em regime de internato, percebemos que as regras eram rígidas e o afeto, muitas vezes, escasso. O internato era o oposto da liberdade que eu conhecera na Ilha do Bananal. Ali, aprendi sobre disciplina, mas também sobre solidão. Longe da minha família, tive que crescer rapidamente e aprender a me adaptar. Infelizmente, meu irmão caçula não conseguiu encontrar nesse ambiente a estrutura de que precisava. A adaptação foi difícil para ele, e, com o tempo, acabou sendo expulso do internato por comportamento inadequado. A dor de vê-lo partir foi intensa, mas ao mesmo tempo reforçou

em mim a determinação de seguir adiante e de me manter focada nos meus estudos. Esse sentimento me guiou, mesmo nas horas mais difíceis, quando a solidão parecia esmagadora. Mas o internato, com todos os seus desafios, também se mostrou um lugar de superação. Encontrei na educação uma porta para novos mundos e uma chance de mudar meu destino. Cada desafio era visto como uma oportunidade de provar a mim mesma que, embora nascida em condições adversas, eu não seria definida por elas. E lá permaneci até concluir o Ensino Fundamental, quando falei ao meu pai que não gostaria de permanecer no internato, pois não queria ser professora. Isso porque naquela época só existia a possibilidade de cursar o Magistério. Eis que a minha irmã mais velha se casou e com ela eu fui morar para estudar em Porto Nacional, matriculando-me no curso Científico (Obs.: continuava sem querer ser professora). Naquela época, a jovem e inexperiente Mariana Neta, recém-saída de um internato, sem conhecimento de mundo fora dos muros da escola, continuaria a superar seus limites e vencer os obstáculos que surgiam. Assim, de 1982 a 1985, eu estudei o Ensino Médio no CEM Professor Florêncio Aires, em Porto Nacional, para onde eu voltaria 10 anos depois como docente. Foram tempos de descobertas, de juventude, de aprendizados.

3. As graduações – Letras e Pedagogia

Quando eu estava finalizando o ensino médio, resolvi me inscrever no vestibular da Universidade Federal do Tocantins (UFT), em Porto Nacional, onde existiam os cursos de História, Geografia, Letras e Ciências Biológicas; e eu optei por Letras. Passar no vestibular de uma instituição pública é uma conquista marcante e repleta de alegrias. Lembro quando uma amiga que morava perto da universidade chegou em minha residência de bicicleta para me avisar que eu havia passado. Fomos correndo para ver meu nome na lista que estava afixada na parede do Colégio Sagrado Coração de Jesus (CSCJ). A sensação de vitória ao ver o nome na lista de aprovados foi indescritível, trazendo um misto de alívio, orgulho e felicidade. Além disso, ser aceito em uma universidade pública, conhecida pela qualidade de ensino e pela diversidade, reforça a sensação de pertencimento e a certeza de estar trilhando um caminho promissor. As oportunidades que se abrem a partir desse momento, tanto acadêmicas quanto pessoais, são imensas, alimentando sonhos e novas perspectivas. No período de 1986 a 1989, cursei Letras e me formei como a acadêmica mais jovem da turma, mas ainda não pretendia ser professora, pois eu trabalhava no comércio e, se não fosse o salário tão baixo, teria ficado por mais tempo. Ah! Casei-me no último ano da faculdade. Após estar a alguns anos atuando na docência, em sua maioria na área de Língua Portuguesa,

tive o desejo de cursar Pedagogia. Dessa forma, nos anos de 2005 a 2007, fiz as disciplinas de Pedagogia na Universidade Luterana de Palmas (Ulbra).

4. Experiência profissional

Como mencionei antes, relutei muito em assumir a docência, talvez pela insegurança ou pela inexperiência na área. Assim, quando comecei, foi como o primeiro emprego, repleto de desafios que marcariam o início de uma nova fase na minha vida profissional. Na Escola Evangélica Luz e Vida, em Porto Nacional, iniciei em 1992, atuando nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A adaptação ao ambiente de trabalho, às responsabilidades e às expectativas da equipe gestora inicialmente foram assustadoras para mim, mas o carinho e o afeto recebidos das crianças superavam tudo. Em 1994, fui aprovada no concurso da Secretaria Estadual de Educação e, ao tomar posse, iniciei minhas atividades da docência na Escola Estadual Custódia da Silva Pedreira, onde fiquei por pouco tempo, em virtude da distância. Nesse período, eu atuava tanto na rede estadual quanto na escola particular, mas foi ficando muito complicado conciliar as atividades profissionais com a vida familiar, pois nessa época eu já tinha minha primeira filha, que precisava muito de mim. Dessa forma, solicitei remoção para uma escola mais próxima da minha residência e fui para a instituição em que eu havia estudado durante todo o ensino médio. Lá eu passei, naqueles dez anos, bons momentos da minha vida profissional, ao trabalhar com os jovens do ensino médio, ensaiar poesias e dramatizar peças teatrais, tentando encantar meus alunos com o que há de melhor na literatura do nosso país. Uma parte desse período eu estava no CEM Florêncio Aires e também no CSCJ, sempre lecionando Língua Portuguesa e Literatura. No segundo semestre de 2005 e durante o ano de 2006, estive na Diretoria Regional de Ensino de Porto Nacional, na função de Coordenadora de Projetos. Sempre buscando possibilidades de desenvolver habilidades de comunicação, organização e gestão, a partir de 2007 estive na Secretaria Estadual de Educação do Tocantins, em Palmas, onde atuei em diversos setores, até 2021, quando me aposentei. Paralelamente, estive como professora substituta nas disciplinas pedagógicas dos cursos de Letras, Educação Física, Física e Matemática, do Instituto Federal do Tocantins, nos anos de 2017 e 2018. A partir de 2020, iniciei como docente na Universidade Estadual do Tocantins (Unitins), atuando nos cursos de Pedagogia, Direito e Ciências Contábeis. De 2023 a setembro de 2024, atuei como assessora pedagógica da empresa Soluções Moderna, na região Norte do Brasil. Atualmente, atuo como coordenadora do curso de pedagogia Universidade Aberta do Brasil (UAB)/Unitins.

5. Mestrado

Considerando que tenho duas graduações e que atuo tanto na área de Letras quanto de Pedagogia, o sonho de Mestrado era para ambas, mas cursaria o que conseguisse primeiro. Assim, iniciei como aluna especial no Mestrado em Letras, na UFT, Câmpus Porto Nacional, cursando duas disciplinas e, em 2017, fui aprovada na seleção, logo, aproveitei as disciplinas que já havia cursado. Considero que fui ousada em investigar Ensino híbrido ainda em 2017, quando aqui no Brasil ainda não havia muitos estudos, nem vivência. Outro aspecto relevante, e também gratificante para mim, foi o fato de retornar à escola onde estudei o ensino médio e trabalhei por 10 anos para desenvolver a minha pesquisa de Mestrado. Aqueles corredores, após mais de dez anos distante, me trouxeram uma verdadeira nostalgia e vontade de fazer uma boa entrega, em agradecimento por todo o aprendizado naqueles anos como estudante e depois como docente. Como resultado da pesquisa de mestrado, publiquei o livro intitulado: *Ensino híbrido em linguagens, códigos e suas tecnologias: vivências e reflexões de docentes e discentes*.

6. Doutorado - Meu contato com as instituições educativas

Concluí o Mestrado em 2018 e, naquela ocasião, disse a mim mesma: *“chega de estudar”*. Três anos depois, ao reler a dedicatória escrita na dissertação, recordei os anos vividos em regime de internato e reconheci o quanto o Colégio Dr. Dante Pazzanese foi decisivo para minha formação pessoal e acadêmica. Esse exercício de memória reacendeu em mim a reflexão sobre a importância das instituições educativas e abriu espaço para novas possibilidades.

Já aposentada da Seduc-TO e atuando exclusivamente no Ensino Superior, percebi que era oportuno tentar o Doutorado, especialmente porque havia vaga disponível na Linha de Pesquisa 1: *“Educação na Amazônia: formação do educador, práxis pedagógicas e currículo”*, com foco na temática *“História da Educação e das Instituições Educativas”*. Sem grandes pretensões — afinal, não sou historiadora de formação —, mas movida pelo incentivo do amigo Prof. Fabian Serejo (Unitins) e pelas orientações telefônicas da Dra. Jocyléia, que me ajudou a amadurecer a escolha do tema, escrevi o projeto e decidi submetê-lo. Cada etapa superada foi vivida como uma vitória, até que, no resultado, veio a aprovação para iniciar o doutorado em 2022.

A partir daí, vieram também as indagações: muitas pessoas me perguntavam “*Para que você vai fazer doutorado?*”. Outras aconselhavam: “*Você já é aposentada, vá viajar, passear*”. Apesar dessas vozes, permaneci firme, guiada pelo desejo de aprender, pelo apoio recebido e pela convicção de que o doutorado poderia ser não apenas uma etapa acadêmica, mas também um caminho de realização pessoal e intelectual.

Acontece que, mesmo quando estou cansada, faço pausas, mas tento finalizar ciclos, não costumo deixar algo inacabado, como sempre digo: “aprendi no internato a ser disciplinada”. Sempre imaginei que o trajeto a que me propus até a qualificação seria tranquilo, até porque eu dizia a mim mesma: “não quero que este caminho seja um fardo muito grande”. Entretanto, houve momentos de angústias, choros, sofrimentos, conflitos e desencantamentos. Por outro lado, cada conquista foi celebrada, desde a finalização das disciplinas, aprovação nos Exames de Proficiência, a tão esperada carta de anuência da Fundação Bradesco e a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Tocantins.

7. Mariana por Mariana

Hoje, ao olhar para trás, vejo que cada passo, cada dor e cada luta me moldaram. A criança pobre da Ilha do Bananal, que enfrentou a separação dos pais e o regime duro do internato, se transformou em alguém que valoriza cada vitória, por menor que seja. A superação aconteceu pelas escolhas que fiz e pela minha capacidade de seguir em frente, não importando o quão difícil o caminho possa parecer. Sou uma mulher que aprecia a caminhada da vida, mãe de dois filhos, casada e que, mesmo aposentada, não quer deixar de estudar. Finalizo este memorial em que relatei um pouco da minha história, das minhas lembranças e vivências, acreditando que a defesa desta Tese será importante para mim, mas também contribuirá com a ciência na perspectiva das instituições educativas e com todas as pessoas que tiveram suas vidas impactadas por meio da instituição pesquisada.

ANEXO B – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UFT



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS -
UFT**

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: UMA INSTITUIÇÃO EDUCATIVA NA REGIÃO NORTE DO BRASIL: A ESCOLA-FAZENDA CANUANÃ (1973-2023)

Pesquisador: Mariana da Silva Neta

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 81348224.7.0000.5519

Instituição Proponente: Fundação Universidade Federal do Tocantins

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.041.314

Apresentação do Projeto:

Este projeto tem como objetivo investigar a implantação, desenvolvimento e consolidação da Escola-fazenda Canuanã, no município de Formoso do Araguaia, antigo Norte de Goiás, no período de 1973 a 2023, a partir de fontes documentais e orais. Para realizar tal intento, faremos uma revisão da literatura sobre os autores que tratam da temática instituições educativas como Justino Magalhães, Décio Gatti, Demerval Saviani e outros. Em seguida, realizaremos a pesquisa em fontes primárias como jornais da época, Revistas da Fundação Bradesco e reportagens sobre a Instituição Bradesco em Osasco/SP e Escola-fazenda Canuanã. A metodologia será História Oral Temática, com entrevistas com roteiro de perguntas semiestruturado. Os autores serão: Verena Alberti, Marieta Moraes, José Carlos Sebe Bom Meihy e outros. Os sujeitos da pesquisa serão professores, gestores, funcionários, alunos e pais de alunos do período supramencionado.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar a implantação, desenvolvimento e consolidação da Escola-fazenda Canuanã, no município de Formoso do Araguaia, antigo Norte de Goiás, no período de 1973 a 2023, a partir de fontes documentais e orais.

Objetivo Secundário:

Analisar o contexto histórico e social para a construção e implementação do Colégio Dr. Dante Pazzanese no município de Formoso do Araguaia - TO; Investigar a história documental da escola que atende crianças e jovens em situação de vulnerabilidade socioeconômica; Caracterizar a educação proposta pelo colégio por meio das rotinas pedagógicas adotadas no regime de internato para as crianças e jovens da região, analisando as discontinuidades ao longo dos anos; Relatar a história da instituição por meio de fatos, percepções e narrativas vivenciadas por alunos matriculados e egressos, docentes, gestores da instituição, pais de alunos / comunidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Seguindo um caráter acadêmico-científico desta proposta de pesquisa, todas as prerrogativas éticas e preventivas serão asseguradas. Os riscos decorrentes da participação na pesquisa podem ser de origem psicológica, intelectual, espiritual e/ou emocional ocasionando sintomas como: inibição pelo uso do gravador durante a entrevista, vergonha de responder alguma questão, sentimento de invasão de privacidade ou ainda o medo de ser identificado e/ou mesmo reviver experiências negativas. Caso o entrevistado manifeste-se contrário à utilização das informações fornecidas ou mesmo ao uso do gravador digital, este poderá ser substituído imediatamente pela transcrição manuscrita da entrevista e a qualquer momento o participante pode optar por retirar completamente o seu consentimento tendo em vista que, em momento algum, o mesmo será obrigado ou pressionado a conceder entrevistas e relatar suas experiências. O colaborador terá a liberdade de ler tanto a justificativa como os objetivos da pesquisa e o roteiro da entrevista antes de iniciar o processo de coleta de dados. Todo o processo de desenvolvimento da pesquisa será claramente exposto, dando importância à parte relacionada ao método de coleta de dados por meio das entrevistas e à utilização das informações obtidas. Caso o/a participante sintasse desconfortável, em qualquer situação, durante o processo de coleta de dados será respeitada a vontade e indisponibilidade para continuar colaborando com o estudo. Nesta pesquisa, comprometemo-nos com o máximo de benefícios buscando evitar e/ou minimizar

danos e riscos. A qualquer momento, se o participante sofrer algum dano, será garantida a assistência integral médica, psicológica ou de qualquer outra especialidade clínica gratuitamente pelo tempo que for necessário. A pesquisadora responsável, ao perceber qualquer risco ou danos significativos ao participante, previstos ou não no TCLE, compromete-se a comunicar o fato imediatamente ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Tocantins e avaliar, em caráter emergencial, a necessidade de adequar ou suspender a pesquisa.

Ao ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Tocantins, este projeto busca contribuir para a ampliação dos estudos na área da história da educação e de instituições educativas no Tocantins. As memórias e experiências vividas pelos depoentes poderão subsidiar pesquisas a posteriori no intuito de ampliar estudos mais aprofundados sobre a educação no norte da Amazônia Brasileira. Assim, os benefícios oriundos deste estudo poderão contribuir principalmente para o esclarecimento de diversas questões que assolam a educação brasileira que, por vezes, é vista com descrédito devido à falta de conhecimento a respeito do assunto. Assim, espera-se que os resultados deste trabalho contribuam para fomentar o número de pesquisas sobre a educação no Norte do Brasil, mais especificamente no Tocantins.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta grande relevância científica e social. Está vinculada ao Programa de Pós-Graduação Doutorado em Educação na Amazônia - Educante - Associação Plena em Rede - PGEDA - Polo: Universidade Federal do Tocantins.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto apresenta todos os itens obrigatórios de acordo com a Norma Operacional 001/2013, item 3.4.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há.

Considerações Finais a critério do CEP:

Conforme Resolução CNS 466/2012, itens X.1.- 3.b. e XI.2.d, e Resolução CNS 510/2016, Art. 28, inc. V, o pesquisador deve apresentar relatórios parcial semestral e final do projeto de pesquisa, contados a partir da data de aprovação do Conforme Resolução CNS 466/2012, itens X.1.- 3.b. e XI.2.d, e Resolução CNS 510/2016, Art. 28, inc. V, o pesquisador deve apresentar relatórios parcial, semestral e final do projeto de pesquisa, contados a partir da data de aprovação do protocolo de pesquisa protocolo de pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2346541.pdf	11/08/2024 19:17:46		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_CEP_MARIANA_NETA_2.docx	11/08/2024 19:14:45	MARIANA DA SILVA NETA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_2.docx	11/08/2024 19:13:00	MARIANA DA SILVA NETA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_CEP_MARIANA_NETA.docx	22/05/2024 17:29:39	MARIANA DA SILVA NETA	Aceito
Outros	ROTEIRO_ENTREVISTA_PROFISSIONAIS.docx	22/05/2024 16:00:30	MARIANA DA SILVA NETA	Aceito
Outros	ROTEIRO_ENTREVISTA_PAIS_E_COMUNIDADE.docx	22/05/2024 16:00:13	MARIANA DA SILVA NETA	Aceito
Outros	ROTEIRO_ENTREVISTA_ALUNOS.docx	22/05/2024 15:59:11	MARIANA DA SILVA NETA	Aceito
Outros	Declaracao_Orientacao.pdf	22/05/2024 15:51:44	MARIANA DA SILVA NETA	Aceito
Orçamento	Orcamento.docx	22/05/2024 15:44:50	MARIANA DA SILVA NETA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_PESQUISA.docx	22/05/2024 15:41:43	MARIANA DA SILVA NETA	Aceito
Declaração de concordância	Declaracao.pdf	22/05/2024 15:38:55	MARIANA DA SILVA NETA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_Pesquisador_Responsavel.pdf	22/05/2024 15:28:55	MARIANA DA SILVA NETA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Carta_de_Anuencia_FB.pdf	22/05/2024 15:24:40	MARIANA DA SILVA NETA	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderostoassinada.pdf	22/05/2024 15:18:24	MARIANA DA SILVA NETA	Aceito

Situação do Parecer: Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP: Não

PALMAS, 29 de agosto de 2024.

Assinado por:

MARCELO GONZALEZ BRASIL FAGUNDES

(Coordenador(a))

